

O desafio de

VIVER



guia do catequista

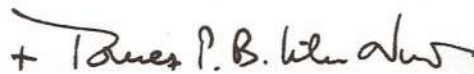
O desafio de

VIVER

CATEQUESE DA ADOLESCÊNCIA

A Comissão Episcopal da Educação Cristã, por delegação da Conferência Episcopal Portuguesa, aprova *ad experimentum* o Catecismo O DESAFIO DE VIVER, correspondente ao 9º Ano do Programa de Catequese da Infância e Adolescência.

Lisboa, 20 de Julho de 2005



Bispo Auxiliar de Lisboa
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã

Elaboração

Equipa do Secretariado Diocesano da Educação Cristã do Porto,
sob orientação de João Manuel de Oliveira Ribeiro

Capa

Anabela Dias

Paginação

Angela Baptista

Revisão geral da edição

Equipa do Secretariado Nacional da Educação Cristã,
coordenada por José Cardoso de Almeida

SBN: 972-8690-11-8

Depósito Legal: 232 955/05

1ª Edição – Setembro 2005

© Todos os direitos reservados para o SNEC

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ
Campo Mártires da Pátria, 40 1150-225 LISBOA
Telef.: 21 885 12 85 Fax: 21 885 13 55 E-mail: educacao-crista@sapo.pt
www.snec-portugal.com

SIGLAS

| | |
|-------|--|
| ATV | CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA - <i>Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual</i> (2005) |
| ChL | JOÃO PAULO II – Exortação Apostólica Pós-sinodal <i>Christifidelis Laici</i> (1988) |
| CIC | <i>Catecismo da Igreja Católica</i> (1992) |
| DGC | CONGREGAÇÃO PARA O CLERO – <i>Directório Geral da Catequese</i> (1997) |
| DD | JOÃO PAULO II – Exortação Apostólica <i>Dies Domini</i> (1996) |
| DH | CONC. ECUM. VATICANO II – <i>Dignitatis Humanae</i> , Declaração sobre a liberdade religiosa (1965) |
| EN | PAULO VI- Exortação apostólica <i>Evangelii nuntiandi</i> (1975) |
| E.Eur | JOÃO PAULO II - Exortação Apostólica Pós-sinodal <i>Ecclesia in Europa</i> (2003) |
| GS | CONC. ECUM. VATICANO II – <i>Gaudium et spes</i> , Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (1965) |
| LG | CONC. ECUM. VATICANO II – <i>Constituição dogmática sobre a Igreja</i> (1964) |
| NMI | JOÃO PAULO II - Exortação apostólica <i>Novo Millenio Ineunte</i> (2001) |

Assim, a catequese, como consequência da fidelidade a Deus, deve manter também uma atenção constante ao ser humano, auscultando “as suas experiências mais profundas” (DGC 78); deve respeitar a mensagem e a pessoa concreta “por uma diligente adaptação” (DGC 112) e, num esforço constante de inculturação que respeite a integridade da fé, deve tornar o Evangelho “acontecimento verdadeiramente significativo para a pessoa humana” (DGC 97).

(ATV - Orientações 6)

APRESENTAÇÃO

Caros amigos Catequistas / Caras amigas Catequistas,

Todos temos consciência de como as mudanças no mundo actual são rápidas e constantes. A catequese, dirigindo-se a pessoas em crescimento inseridas em ambientes que se transformam, também ela está sujeita a adaptações que justificam, de tempos a tempos, repensar finalidades e elaborar novos catecismos, tendo em conta, simultaneamente, os documentos da Igreja entretanto publicados. O Catecismo do 9º ano e o respectivo Guia do Catequista são as primeiras publicações desta nova série de catecismos para 10 anos, que a pouco e pouco irão saindo a público.

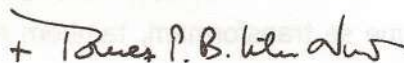
O Guia para o 9º ano é um instrumento de apoio e orientação para os encontros de catequese "O desafio de viver". Para enquadrar o Guia e o Catecismo, torna-se indispensável estudar o documento da Conferência Episcopal Portuguesa "Para que acreditem e tenham a vida. Orientações para a catequese actual" (Fátima, 23 de Junho de 2005), dedicado sobretudo aos catequistas, "como manifestação do apoio pela nobre e bela missão da educação da fé que lhes foi confiada" (n. 7). Nele se apresenta uma visão global sobre a catequese no contexto das transformações culturais que marcam a actualidade, do pensamento do Magistério da Igreja e da relação da catequese com a comunidade cristã, e se sistematizam os principais critérios a ter em conta na revisão dos catecismos.

O 9º e o 10º anos constituem a IV Etapa do Itinerário de Catequese de Iniciação da Infância e Adolescência, intitulada "O compromisso cristão". Pretende-se que os catequizandos assumam a fé e se comprometam na comunidade cristã e na transformação do mundo com o fermento do Evangelho, e que se introduzam dinamismos promissores de continuidade da educação da fé nas etapas seguintes das suas vidas. São razões acrescidas para que nesta etapa o catequista se assumira como testemunha da fé e a catequese se desenvolva na globalidade e complementaridade das suas dimensões. Valorizar a pedagogia em detrimento da transmissão fiel e clara dos conteúdos do mistério cristão, ou transformar a catequese em ensino, desprezando a experiência de vida cristã dos catequizandos expressa e alimentada na oração, na participação na Eucaristia, no compromisso na comunidade cristã e no testemunho do amor, seria uma grave deturpação e uma ameaça aos bons resultados da acção catequética.

"Os catecismos são textos escritos de apoio que precisam de vida. É a comunidade cristã e o catequista quem dá vida ao catecismo" (Para que acreditem e tenham a vida, 7). Os catequistas constituem o primeiro dos meios para a catequese em cada Diocese e, com a ajuda de uma adequada "formação tanto de base como permanente", devem ser "eles mesmos uma catequese viva" (Congregação para os Bispos, Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos, 128).

Bom trabalho!

Lisboa, 29 de Agosto de 2005



D. Tomaz Pedro Barbosa Silva Nunes

Bispo Auxiliar de Lisboa

Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã

ITINERÁRIO DE CATEQUESE DE INICIAÇÃO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (6-16 ANOS)

INFÂNCIA

I ETAPA – Inserção na comunidade

| | | |
|--------|--------------------|----------------------|
| 1º Ano | TEMOS UM AMIGO | Festa do Acolhimento |
| 2º Ano | ENSINA-NOS A REZAR | Festa do Pai-Nosso |
| 3º Ano | EM TI, VIVEMOS | Festa da Eucaristia |

II ETAPA – A vida da fé

| | | |
|--------|-------------------------|-------------------|
| 4º Ano | AO ENCONTRO... de JESUS | Entrega da Bíblia |
| 5º Ano | À DESCOBERTA... do PAI | Entrega do Credo |
| 6º Ano | NA FORÇA... do ESPÍRITO | Festa da Fé |

ADOLESCÊNCIA

III ETAPA – Sentido cristão da vida

| | | |
|--------|---------------|------------------|
| 7º Ano | PROJECTO MAIS | Bem-aventuranças |
| 8º Ano | SOMOS MAIS | Festa da Vida |

IV ETAPA – Compromisso cristão

| | | |
|---------|--------------------|---------------------------|
| 9º Ano | O DESAFIO DE VIVER | Celebração de Compromisso |
| 10º Ano | A ALEGRIA DE CRER | Festa do Envio |

DEZ ANOS DE CATEQUESE – QUATRO ETAPAS

O Programa de Catequese da Infância e Adolescência foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em Abril de 1988. A mesma Conferência Episcopal aprovou a renovação deste Programa, que procura ter como grande referência o Catecismo da Igreja Católica, em Abril de 2005. Em Junho do mesmo ano, publica o documento com o título: *“Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual”*, que apresenta a fundamentação teológica, catequética e pastoral do itinerário de 10 anos, tal como é apresentado nos catecismos publicados no ano de 2005 e seguintes.

Assim, pode-se dizer dos 10 Catecismos (e respectivos guias) que apresentam “a fé da Igreja que nos gloriamos de professar”. A docilidade a este programa é, pois, um concreto sinal de autêntica comunhão eclesial.

1ª Etapa – Inserção na Comunidade

É uma fase de acolhimento por parte de toda a Comunidade Cristã, que visa a progressiva inserção na vida da fé da Igreja.

2ª Etapa – A vida da fé

Esta etapa é dedicada à primeira síntese da fé cristã. Ser cristão é seguir Jesus e viver à maneira da comunhão trinitária.

3ª Etapa – O sentido cristão da vida

É uma fase de descoberta de Jesus Cristo como o amigo, a grande referência para o sentido da vida e para a resolução das grandes questões existenciais.

4ª Etapa – O Compromisso cristão

Esta última etapa do itinerário de dez anos quer ajudar os adolescentes a realizarem o seu compromisso comunitário e eclesial. Tem ainda em conta a necessidade de uma nova síntese da fé, agora no horizonte adolescente e juvenil.

INTRODUÇÃO

O COMPROMISSO CRISTÃO

I. O COMPROMISSO CRISTÃO NA ADOLESCÊNCIA

De acordo com o documento da Conferência Episcopal Portuguesa "*Para que acreditem e tenham vida - Orientações para a catequese actual*"; o quarto momento do itinerário da catequese da infância e adolescência está centrado no "compromisso cristão" (cf *ATV - Orientações* 6). Assim, estes dois últimos anos do itinerário pretendem preparar o adolescente para assumir o compromisso cristão, entendendo este como: o compromisso na transformação das realidades sociais, o compromisso eclesial e o compromisso missionário.

O compromisso transformador diz respeito à presença dos cristãos na sociedade. Pede-se-lhes que actuem como fermento na massa, isto é, orientados para "procurar o Reino de Deus ocupando-se das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus" (LG 31), pela "acção em favor da justiça e pela participação na transformação do mundo" (Sínodos dos Bispos, 1971), fazendo uma opção clara pelos pobres (DGC 104) e pela defesa dos direitos humanos (cf DGC 19). Para se ajudar os catequizandos adolescentes a comprometer-se cristãmente na transformação da realidade, terá de se utilizar uma pedagogia catequética que inicie "numa leitura teológica dos problemas modernos" (DGC 16) e segundo os seguintes critérios: a) constatação da bondade intrínseca da criação; b) reconhecimento da força negativa do pecado; c) abertura ao dinamismo libertador da Páscoa (cf GS 2). Esta metodologia exige uma grande atenção à vida, aos acontecimentos do quotidiano, às situações concretas com as suas causas e conseqüências. Esta iniciação ao compromisso, como refere João Paulo II, tem de promover uma transformação positiva da vida do catequizando nos seguintes campos: a família, a solidariedade, a política, o trabalho e a cultura (cf ChL 40-44). A catequese há-de ajudar o adolescente a contribuir para uma sociedade mais solidária e fraterna, a lutar pela justiça e a edificar a paz (cf CT 29).

O compromisso eclesial vive-se na assunção de tarefas dentro da comunidade cristã, em corresponsabilidade e segundo a vocação e os carismas próprios de cada um. É preciso educar para a vida comunitária, pois a vida em comunidade não se improvisa (cf DGC 86). Esta dimensão da fé é essencial, já que não é possível uma fé cristã que seja analfabeta no sentido comunitário. Torna-se, por isso, essencial educar para a simplicidade de relacionamento, a compreensão recíproca, um verdadeiro ecumenismo, um amor fraterno efectivamente vivido. A catequese tem de ajudar à "renovação da Igreja na perspectiva de comunhão e de participação" (*ATV - Orientações* 5). As nossas comunidades cristãs "devem esforçar-se por *ser um verdadeiro espaço e instrumento de comunhão* de todo o povo de Deus na fé e no amor. Por isso, cultivem um clima de caridade fraterna, vivida na sua radicalidade evangélica, em nome de Jesus e no seu amor; criem um ambiente impregnado de relações amigas, intercomunicação, corresponsabilidade, solidariedade, consciência missionária, atenção e serviço..." (E.Eur 28). As nossas comunidades estão chamadas a ser "*verdadeiras escolas de comunhão*" (E.Eur 85). A catequese, concretamente no 9º e 10º anos, deve "treinar" os valores que possibilitam um espírito comunitário e de comunhão.

Sendo um desses valores o serviço concreto, sugere-se que cada adolescente faça uma opção de serviço comunitário, ligando-se a uma actividade ou movimento paroquial, por exemplo: grupo dos leitores dominicais, equipa de acólitos, membro do grupo coral, membro da Cáritas ou grupo de acção social, grupo de Jovens, Escuteiros ou outro movimento e actividade eclesial. O importante é que, ligando-se a um grupo, mais facilmente viva a ligação a toda a comunidade. Ao mesmo tempo, este compromisso concreto não deve ser apenas para passivamente receber, mas para participar com a sua criatividade e generosidade.

O compromisso missionário diz respeito ao testemunho e anúncio explícito de Jesus Cristo e do seu Evangelho. Este compromisso faz, do catequizando adolescente, um evangelizador de outros adolescentes. Pela catequese, os que recebem o anúncio de Jesus Cristo convertem-se em suas testemunhas. A fé que amadurece é como uma luz imensa que não se pode guardar apenas para si; torna-se uma fé vivida, partilhada e anunciada. O cristão deve ser uma "*transparência real do Ressuscitado*, vivendo em comunhão íntima com Ele" (E.Eur 27) e em comunhão com toda a comunidade. Isto porque "o êxito da evangelização está estreitamente relacionado com o testemunho de unidade que todos os discípulos de Cristo conseguirem dar" (E.Eur 54).

Pretende-se uma catequese que "**edueque no amor a Deus e aos outros e conduza ao compromisso** de ser fermento do Reino de Deus no mundo" (ATV – Orientações 4). A partir deste grande eixo que é o compromisso cristão, esta fase do itinerário catequético pretende contribuir para a construção de uma nova síntese entre a fé e a vida, retomando algumas dimensões essenciais do ser cristão. Essa nova síntese situa-se agora no âmbito da adolescência, vivida numa cultura em rápida mudança. Estes dois anos de catequese têm também em conta que toda a catequese é "um elemento fundamental da iniciação cristã e está estreitamente ligada aos sacramentos da iniciação cristã" (DGC 66). Estes dois anos (que podem ainda ser reforçados com um tempo específico de formação) têm como horizonte – em muitos casos – a celebração do sacramento da Confirmação, que completa o processo de iniciação começado no Baptismo e aprofundado pela Eucaristia.

II. DESTINATÁRIOS

Os destinatários desta etapa (9º e 10º anos) são geralmente adolescentes entre os 14 e os 16 anos de idade. A maior parte chega a esta fase com um itinerário catequético anterior que foi vivido com regularidade. Outros haverá que não tenham feito o itinerário de modo continuado. A diversidade de condições pessoais e catequéticas é uma característica central da catequese de adolescentes. A todos os catequizandos se propõe a mesma caminhada, alertando o catequista para a necessidade de investir num esforço de maior atenção e acompanhamento das diversas situações, de modo que todos os adolescentes possam encontrar as necessárias oportunidades de interiorização, conversão e de elaboração de uma sólida síntese de fé. O catequista, ao mesmo tempo que é o animador de um grupo, é também aquele que acompanha o catequizando na sua caminhada de fé, respeitando o seu ritmo próprio.

Nesta idade, os adolescentes desenvolvem-se em vários níveis:

a) Desenvolvimento emocional e social

- Os catequizandos adolescentes encontram-se numa fase importante de **estruturação da sua personalidade**. Há uma redução significativa do seu egocentrismo e estão num processo progressivo de acalmia. Cedem com maior facilidade e conseguem aceitar as opiniões dos outros, considerando que, embora diferentes, podem ser igualmente válidas.

- **Aprendem a pensar por si mesmos** e tomam as suas próprias decisões. Aceitam com grande relutância a interferência externa na sua vida (amigos e namorado/a), mostrando-se menos ansiosos com a integração no grupo. Revelam-se mais selectivos na escolha das suas companhias.
- Fazem experiências constantes para **encontrar a imagem de si mesmos**, que corresponda ao seu desejo e a um sentimento de pertença: vestuário, penteado, atitudes e opiniões variam com alguma frequência.
- **Desejam novas experiências, testar os limites e correr riscos.** Querem conhecer situações limite, interessam-se por desportos radicais, pisam o risco no cumprimento das regras da escola, podendo experimentar fumar, consumir álcool e provar drogas leves. Apreciam ser desafiados, alimentando a auto-estima com pequenos sucessos perante os amigos. Algumas façanhas cometidas podem implicar o quebrar de regras estabelecidas na família, na escola ou na rua, mas esse inconveniente é visto como um incentivo. Tornam-se aventureiros, frequentando locais mais desafiadores e, frequentemente, ignorando as regras de higiene e segurança. Querem viajar sozinhos, dedicar-se a actividades radicais. "O mal só acontece aos outros". Agem como se se julgassem imortais.
- A insegurança que sentem é proporcional à intensidade com que **procuram situações mais excêntricas ou invulgares**, fazendo planos megalómanos e frequentemente irrealizáveis. Devaneiam regularmente sobre isso, experimentando mentalmente novos "eu", hipotéticos, que possam satisfazer as suas necessidades de estima, sucesso e aceitação.
- Observando, questionando e negando **valores e conceitos** transmitidos pela família e pela escola, ensaiam progressivamente a criação de um conjunto de valores que constituirá a base de uma moralidade pessoal e autónoma.
- **As amizades** tornam-se mais íntimas e duradouras e querem sair mais para se encontrar com os amigos.

b) Desenvolvimento da afectividade e sexualidade

- O desporto e as dietas podem tornar-se uma obsessão de controlo do corpo e sublimação da curiosidade sexual. Os estereótipos sociais sublinham estas tentativas de fuga, que podem colocá-los em perigo.
- **Aceitam progressivamente a própria sexualidade**, começando pelas alterações sofridas pelo corpo. Segue-se a aceitação do desejo sexual e a consciência de que estão a entrar num longo período de fertilidade. A maioria não sente dúvidas relativamente à sua orientação sexual, mas uma pequena minoria pode-se questionar, em silêncio e com preocupação, sobre a harmonia entre o seu género fisiológico e psicológico. Uma ajuda atempada (e totalmente discreta) pode ajudar a resolver a situação sem traumas. É normal que se apaixonem e comecem a namorar, mas os relacionamentos são tendencialmente de curta duração.
- **Prezam a privacidade** e parecem misteriosos, embora possam procurar algum adulto para desabafar ou colocar questões. Esta necessidade é mais intensa quando sentem insegurança, pressão ou dificuldades.

c) Desenvolvimento intelectual

- Observa-se um “alargamento” intelectual, com **interesses mais amplos** e uma maior curiosidade pelo mundo que os rodeia. O interesse pelas matérias escolares aumenta progressivamente, mas precisa de ser suportado por um projecto de vida (embora em formação).
- **Compreendem a relação entre símbolos e conceitos** e reconhecem a variedade das possibilidades existentes. Deste modo, não se limitam aquilo que é, mas discutem “o que poderá ser”, indo para além das aparências e dos significados imediatos.
- **Testam hipóteses**, examinando cuidadosamente os dados dos problemas, de um ponto de vista lógico, antes de chegar a uma conclusão. Essa capacidade evidencia-se, também, na forma mais sistemática como colocam perguntas. A imaginação alarga-se e tomam consciência da variedade de estratégias de aprendizagem que podem ser utilizadas. Uma vez que são capazes de pensar em termos abstractos (e de lidar com questões hipotéticas), começam a questionar coisas até então dadas como certas.
- Sentem um interesse intenso em **analisar e debater assuntos**. As aulas são frequentemente desviadas para temas do seu interesse, sobre os quais desejam conversar enérgica e acaloradamente. Por vezes, desejam conhecer a opinião dos adultos, estando muito atentos às justificações por estes apresentadas. Apreciam, ao mesmo tempo, a convicção e a tolerância.
- Surgem **interesses artísticos** intensos, como a música, a escrita ou a pintura. Estes novos interesses são uma experiência intelectual e social enriquecedora e que, muitas vezes, contribui para o seu discernimento vocacional. Também alimentam a sua auto-estima e promovem o auto-conhecimento.

d) Desenvolvimento vocacional

- O desenvolvimento intelectual, **as preocupações sociais** e a maior confiança em si levam-nos a pensar que podem, efectivamente, lidar com problemas graves: ajudar um amigo a sair da droga, salvar um potencial suicida, resolver os problemas amorosos dos colegas, entre outros.
- A adolescência é, também, a idade da **vontade de se comprometer**, de activamente fazer parte da vida da sociedade e da Igreja. Isto pode parecer paradoxal, porque está em contradição com o egocentrismo. Porém, está em conformidade com o interesse em construir um projecto vocacional. Note-se, entretanto, que o compromisso do adolescente é uma questão de ideal: nesta fase, dá primazia ao pensamento sobre a conduta. O sentido de compromisso deriva do facto de sentir que começa a ter ideias sobre “as coisas”, a pensar por si próprio e a desejar idealizar soluções. Estas ideias acompanham, com frequência, a preocupação de se demarcar dos outros, para afirmar a especificidade da sua identidade. Daqui, a identificação com diversos modelos de vida e a escolha, algo imitativa, dos primeiros compromissos, que tendem a variar significativamente com o contexto sócio-cultural e suas oportunidades.

III. OBJECTIVOS DA FASE

Os objectivos desta fase relacionam-se com os objectivos gerais do itinerário catequético. Mas estes dois anos, sendo os últimos do itinerário da Catequese da Infância e Adolescência e na medida em que se pretende atingir uma completa iniciação à vida da fé, exigem e supõem:

- Um conhecimento sistemático e profundo da **Mensagem de Cristo** e uma adesão global à sua pessoa e ao seu projecto de vida;
- Uma **conversão aos valores do Reino** e o amadurecimento das atitudes próprias da vida cristã – a fé, a esperança e a caridade;
- Um **compromisso** com Deus (na oração), com a vida (por uma opção vocacional), com a comunidade cristã (nos diversos ministérios e serviços) e com o mundo (no compromisso pela justiça e na solidariedade com os mais necessitados).

São, também, os objectivos gerais do itinerário que configuram e determinam o grande objectivo desta fase: **o compromisso cristão**. Trata-se de capacitar os adolescentes para dar razões da sua fé, perante os problemas de hoje.

Deste modo, os objectivos específicos desta fase são:

- Encontrar, em Jesus e no seu projecto de vida, a chave para a resolução das grandes questões da vida e do mundo;
- Comprometer-se com o mundo, como missão de todo o cristão;
- Descobrir a comunidade cristã como o lugar onde se vive em Igreja, na fidelidade ao Espírito Santo.

No 9º ano, em concreto, pretende-se:

- Descobrir e dar sentido à vida;
- Ser capaz de dar razões da sua fé;
- Viver os mandamentos como proposta de felicidade (bem-aventurança);
- Viver o sentido comunitário como opção crente;
- Celebrar a fé e rezar, acompanhando os grandes tempos litúrgicos;
- Despertar para o compromisso na transformação evangélica da realidade.

IV. CONTEÚDOS

O programa de catequese da Infância e Adolescência, à semelhança do que já acontecia antes, propõe que esta última fase seja uma segunda síntese da fé cristã. Por referência ao Catecismo da Igreja Católica, esta síntese abarcará a fé que se professa (o credo), a fé que se celebra (os sacramentos), a fé que se vive (os mandamentos e bem-aventuranças) e a fé que se reza (a oração).

9º Ano

Durante o 9º ano, a síntese da fé centrar-se-á na *fé que se vive*, por dois motivos:

- Primeiro, porque, para se chegar a um compromisso cristão, é necessário uma interpretação cristã da vida;
- Segundo, porque esta é uma etapa de crescimento marcada pela construção da identidade e pelo discernimento vocacional, que exige este género de conteúdos.

O sentido de viver

No primeiro bloco de catequeses, os catequizandos são convidados a descobrir o sentido da vida como um desafio que se tem de vencer no amor, situando-se no mundo e reconhecendo a sua liberdade na opção por Jesus Cristo, que se exprime também através de um modo cristão de celebrar o Natal.

Viver a radicalidade do evangelho

No segundo bloco de catequeses, os catequizandos são desafiados a compreender e a viver as questões da vida moral, segundo uma proposta radical de felicidade. As questões morais abordadas centram-se no valor dos mandamentos e das bem-aventuranças como proposta de vida, como rumo para uma experiência de vida nova e feliz, fundamentada no amor a Deus, aos outros (nomeadamente aos pais), no amor à vida e na vivência madura da sexualidade.

Viver a esperança

No terceiro bloco de catequeses, em tempo de experiência pascal, o desafio é o de viver a esperança no futuro do mundo. Trata-se de, conscientemente, escolher a esperança como estilo de vida. Esta fundamenta-se na descoberta de que Jesus é o único salvador e a Igreja, instrumento e sacramento de salvação. Este percurso conduzirá à alegria de viver no Espírito.

10º Ano

No 10º ano, a síntese da fé centrar-se-á na *fé que se professa e na fé que se celebra e reza*. Trata-se de aprofundar o Credo e de descobrir a celebração dos Sacramentos como dimensões essenciais da fé.

Creio em Jesus Cristo

O primeiro bloco de catequeses centra-se na pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que habitou entre nós e passou fazendo o bem. A sua vida e os seus gestos configuram um novo projecto de existência, marcada pelo amor a Deus e a todos os homens, na sua totalidade de pessoas. A fé em Jesus possibilita uma vida diferente, marcada pela novidade do amor verdadeiro.

Celebro a fé

O segundo bloco de catequeses apresenta os sacramentos como encontros vitais com Cristo ressuscitado. Os sacramentos agrupam-se habitualmente em sacramentos de iniciação, sacramentos de cura e sacramentos de serviço.

Vivo em Igreja

O terceiro bloco de catequeses procura introduzir o catequizando no dinamismo do compromisso eclesial, capacitando-o a acolher a Igreja como povo de Deus em comunhão, povo carismático, povo orante, congregado e animado pela força renovadora do Espírito.

Os catecismos (e guias) do 9º e 10º anos contêm 15 catequeses, cada um, incluindo o Natal, a Páscoa e o Pentecostes, com as respectivas celebrações. Cada ano tem ainda propostas de Encontros de Pais. Cada catequese inclui a proposta de realização de algumas actividades extra encontro semanal. São elas: uma personagem a descobrir (um santo, um modelo de vida), um filme a ver e discutir, um compromisso de realização em grupo (visitas a instituições, grupos paroquiais ou outros) etc.

Sugere-se ainda a realização de acantonamentos, retiros e acampamentos, como actividades complementares da catequese.

V. ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

A pedagogia catequética tem de estar ao serviço do encontro do ser humano com Deus. Como diz o Directório Geral da Catequese, *"a tarefa do catequista é proporcionar o verdadeiro encontro da pessoa com Deus, o que significa proporcionar-lhe que ela faça da sua relação com Deus uma relação central e pessoal, para se deixar guiar por Ele"* (DGC 139).

A pedagogia catequética, inspirada e modelada pela pedagogia de Deus, "consiste essencialmente em ligar o homem a este caminho da história do povo de Deus e educá-lo no seguimento de Cristo. A Pedagogia divina – a pedagogia do dom, a pedagogia da encarnação e a pedagogia do sinal – é fonte inspiradora da Pedagogia da Fé (cf. DGC 143).

Segundo esta pedagogia, parte-se dos acontecimentos para se entender o significado e o sentido da vida cristã, num percurso da realidade para o mistério, da experiência humana para a Palavra de Deus. Este método (indutivo) assume particular relevo na catequese da adolescência, onde se procura (re)ligar a vida e a fé. Assim, para aprofundar a vida e, conseqüentemente, abrir-se à fé, cada catequese está dividida em duas partes ou dois encontros:

1º Encontro – Experiência humana

O primeiro encontro estrutura-se a partir de experiências humanas verdadeiramente significativas para os adolescentes desta idade: a amizade, a alegria de viver, a atracção para os grandes valores, a sensibilidade frente às injustiças, a família, a criação, o futuro, a morte, a esperança, a vida em grupo.

O Evangelho (a Mensagem cristã) é, antes de mais, uma resposta ao mistério do homem, que necessita de um sentido para a vida, que busca a felicidade. Mas, é inútil dar uma resposta quando não existe uma pergunta. Se, em vez de uma pergunta existencial, existe apenas cepticismo e indiferença, a mensagem perde-se num mero exercício intelectual, incapaz de transformar a vida. Neste sentido, o catequista deve tomar a sério a experiência humana. Todo o homem, imagem de Deus, está aberto ao mistério. É precisamente quando aprofunda a sua experiência, a compreende complexa e limitada, que sente que tem sede de algo mais. E a Mensagem é a resposta a apresentar como esse mais, que dá sentido e aprofunda a visão que cada catequizando tem da sua vida e da realidade.

Contudo, como muitas vezes é preciso um espaço intermédio entre a experiência humana e a radicalidade do Evangelho, o primeiro encontro contém já uma abertura explícita à mensagem, procurando concluir com um pequeno momento de interiorização.

E, como se trata de uma proposta de catequese activa, na qual o adolescente é protagonista do seu próprio crescimento, sugere-se actividades variadas que atraiam e o envolvam. Geralmente, apresentam-se duas opções de dinâmicas (chamadas alternativas), procurando incentivar o catequista a escolher a mais adequada a cada grupo e apenas uma. Se o catequista sentir dificuldade em concretizar alguma proposta do guia, procurará realizar algo de semelhante, atendendo sempre aos objectivos e adaptando às circunstâncias.

Se alguma vez houvesse necessidade de realizar as duas partes da catequese apenas num encontro, omitir-se-ia o momento "PARA INTERIORIZAR", no final do primeiro encontro.

2º Encontro – Palavra de Deus e Expressão de Fé

No segundo encontro, a Palavra de Deus, que geralmente é do Novo Testamento, vem iluminar a experiência humana. Cristo é o Verbo de Deus. A catequese "deve estar totalmente impregnada pelo pensamento, o espírito e as atitudes bíblicas e evangélicas, através de um contacto assíduo com os próprios textos" (CT 27). Os adolescentes entram em contacto com o Evangelho para se deixarem interpelar por ele, para o conhecerem em profundidade e para o viverem no seu quotidiano. E as catequeses procuram que eles adquiram uma visão global e orgânica da mensagem cristã e da vida evangélica.

Este segundo encontro termina com a expressão da fé. Nesta expressão, englobam-se os seguintes elementos: profissão de fé, oração e compromisso. Quando o catequizando é capaz de confessar a fé, com toda a sua vida, em Igreja, com a sua memória, inteligência e coração, o processo catequético atingiu o seu cume.

As notas psicológicas anteriormente apresentadas indiciam a necessidade de uma pedagogia activa, participativa e dinâmica, onde se desenvolvem as competências interpretativas e literárias; as estratégias lógicas, racionais e abstractas; os significados simbólicos, as metáforas e as analogias; as dinâmicas de grupo; o uso do audiovisual; as actividades artísticas (a pintura, o drama, a dança e a música).

Nesta fase, fazer e construir é mais eficaz do que ver ou assistir, porque se trata de catequizandos já bastante conscientes do seu próprio processo de construção. Escrever poemas é mais eficaz do que ler poemas; fazer filmes é mais importante do que ver filmes; participar numa dramatização de improvisado é mais eficaz do que assistir. É este o sentido que damos ao que se designa por "Pedagogia Activa".

VI. PERFIL DO CATEQUISTA

O Catequista da adolescência cumpre uma missão concreta: anunciar Jesus Ressuscitado e o plano de Deus para todos os homens. É, pois, porta-voz duma mensagem de Deus para os adolescentes.

A presença do catequista num grupo de adolescentes há-de ser um convite a cada um, para que, a partir da sua situação pessoal, se comprometa no processo de amadurecimento da sua fé, inserindo-se, sempre mais, na comunidade cristã.

a) Fidelidade a Deus e ao grupo

O catequista da adolescência deve tornar presente no grupo a mensagem de Deus e fazê-lo de modo fiel, ainda que adaptado. A adaptação na comunicação da Palavra revelada "deve permanecer a lei de toda evangelização" (DGC 169). O catequista actuará, partilhará a sua fé, aprenderá e deixar-se-á transformar, sem deixar de ser fiel ao Evangelho que anuncia. Esta fidelidade vive-se respeitando o sentido original e mais profundo da Palavra, como ela é entendida pela Igreja. A Palavra não pode estar sujeita a interpretações particulares, modas passageiras ou preferências subjectivas.

O catequista é também fiel ao grupo. A sua presença é de acolhimento e de escuta a cada um dos adolescentes que lhe está confiado. O catequista é um adulto amigo, que valoriza as descobertas e atitudes de cada um, ainda que estas por vezes sejam incompletas e ambíguas.

Ser fiel ao grupo exige levar a sério as suas experiências de vida, esforçar-se por chegar ao adolescente concreto, com as suas interrogações, recusas e anseios. Ser fiel supõe respeitar a liberdade do adolescente e as etapas por que passam a sua vida e a sua fé.

Ser fiel ao grupo supõe o respeito por todas as opiniões dos elementos do grupo e a capacidade de não se constituir em juiz. As falhas, cansaços e desilusões não-de ser vistos pelo catequista como passos necessários dentro do longo processo de amadurecimento dos adolescentes. Desta forma, a maturidade do catequista ajudará a lidar com os erros dos catequizandos e a integrar, adequada e sensatamente, as suas opiniões. O catequista é, sobretudo, a alguém que testemunha a sua fé com clareza e convicção.

b) A atitude do catequista da adolescência: espontaneidade ou directividade?

A forma de actuar do catequista da adolescência – a sua atitude no grupo, a sua maneira de estar e de se relacionar, o modo como apresenta a mensagem – é absolutamente fundamental para a educação da fé. Há duas posturas antagónicas e que podem caracterizar-se pelo “deixar fazer” ou pelo dirigismo. Qual escolher? Qual o estilo de relação próprio do catequista da adolescência?

Em catequese, a atitude pedagógica correcta não pode ser a do simples “deixar correr”. Favorecer ao máximo a expressão individual e grupal significa criar um ambiente de confiança e liberdade; fazer com que cada membro do grupo se sinta reconhecido e aceite e possa participar de acordo com as suas capacidades. Há que desenvolver um clima que convide à criatividade e à participação empenhada.

A educação na fé precisa de um rumo definido e objectivos claros. A atitude do “deixar correr”, da pura espontaneidade, do “entretar”, é um perigo para o equilíbrio dos catequizandos e um risco para o amadurecimento das atitudes cristãs fundamentais, podendo parecer uma desinteressante perda de tempo.

Por outro lado, a atitude dirigista provoca um tipo de relação onde tudo está pensado, feito e dirigido pelo catequista e em que a opinião e postura do grupo é secundarizada. Há uma excessiva submissão e paternalismo. Esta atitude não educa. Gera ressentimentos, além de ser extremamente desmotivadora.

Há que reconhecer que é difícil atingir e manter o equilíbrio. O catequista deve conservar a sua autoridade, através de uma presença discreta, mas activa e dinâmica, orientada em favor do grupo. Esta autoridade cria as condições para se poder propor com clareza os objectivos a alcançar, apresentar os temas a desenvolver as dinâmicas de trabalho mais adequadas.

Os adolescentes preferem sempre a clareza nos planos de trabalho e nos programas a desenvolver. Isto não significa que as propostas e os projectos lhes sejam apresentados como definitivos e irrevogáveis, mas a clareza não só autoriza quem propõe, como incentiva à participação e personalização. É sabido como os adolescentes apreciam ter espaço para opinar e condições para pôr em prática as suas ideias. São os catequizandos os verdadeiros protagonistas da catequese e os autores fundamentais do seu processo de amadurecimento na fé. Tal exige a mestria pedagógica do catequista e uma grande sensibilidade face aos sujeitos do grupo de catequese.

c) Um novo estilo de relação

O catequista da adolescência, liberto das tentações do “deixar fazer” e do “dirigismo”, terá que ensaiar um novo estilo de relação, uma atitude que seja criadora de comunidade, que suscite, em todos os membros do grupo, a vontade de participação. Trata-se de realizar um trabalho comum, dentro duma relação de sadia convivência, ciente de que a pessoa se constrói na relação e que a fé amadurece num clima comunitário autêntico.

Para tal, é necessário:

- **Superar as dependências infantis.** Os membros do grupo movem-se entre formas de relação infantis e outras mais maduras. O catequista saberá distingui-las e ajudar a superar as que não indiciam crescimento. Sinal da dependência infantil, é a excessiva identificação do adolescente com o catequista, que se converte em ídolo, que sabe tudo, decide tudo e concretiza tudo. Uma postura dogmática e autoritária, por parte do catequista, ou uma atitude paternalista manifestam-se na dificuldade, que alguns adolescentes experimentam, em assumir as responsabilidades relativas às suas escolhas, o que não ajuda a crescer. Em consequência, o adolescente é impedido de ser a pessoa que é e de mostrar a sua maneira própria de ver as coisas. A identidade que assume não é a sua, mas resulta de um "empréstimo" feito pelo adulto (o catequista, neste caso).

O catequista realiza verdadeiramente a sua missão, se, por um lado, aprende a "desaparecer", continuando presente e próximo do grupo e de cada um. Fá-lo quando procura que, no grupo, cada um construa a sua própria personalidade.

A pedagogia de Deus, revelada em Jesus (pedagogia do dom, da proposta, do respeito pela pessoa e seus dinamismos), é o caminho da pedagogia com adolescentes.

- **Criar uma relação libertadora.** O estilo de relação em que apostamos é aquele que permite aos membros do grupo ser actores principais da sua própria educação. Trata-se duma educação na fé libertadora, de promoção humana dentro do plano de Deus (cf EN 30-39). Isto supõe que o catequista deve:

- Convidar à acção e à necessária reflexão. Motivar os adolescentes a descobrirem as coisas por si mesmos, a desenvolverem atitudes e capacidades, a criarem formas originais de expressão de fé, perdendo o medo de se relacionarem e de comunicar. Mas a acção perde-se no momento se não é interiorizada pela reflexão. Os adolescentes necessitam de aprender a pôr questões e, sobretudo, a questionar-se a si mesmos. Para tal, também necessitam de aprender a fazer silêncio e a deixar-se interpelar pela Palavra. O catequista procurará estar a tento a esta dimensão fundamental da catequese.
- Estar ao lado de cada adolescente e atento a cada um é uma atitude fundamental. O catequista tem de estar disponível para partilhar a vida e animar quando há dificuldades.
- Ser autêntico. Na sua actuação, deve manifestar a consciência da sua identidade de adulto na fé, que cumpre uma missão específica, com entusiasmo, sentindo-se testemunha e profeta, em nome da Igreja.
- As atitudes do catequista que constroem um relacionamento libertador são: alegria de viver; exigência e, simultaneamente, compreensão; justiça com todos; aceitação de si como é e ajuda aos outros.
Esta relação libertadora exige, no campo da fé, aceitar o seu nível de maturidade cristã e deixar-se interpelar pelo grupo, como sinal da voz do Espírito.

d) Atitudes básicas do catequista dos adolescentes

O catequista da adolescência deve, pois, desenvolver algumas atitudes básicas:

* **Confiar:**

Quem confia verdadeiramente reconhece os valores pessoais do adolescente, ainda que estejam envolvidos por muitos defeitos. Os adolescentes intuem com facilidade esta confiança.

A confiança não se diz, manifesta-se. O catequista saberá dar um apoio especial nos momentos críticos.

O catequista saberá valorizar o desejo de descobrir, a capacidade de iniciativa, o sentido crítico, o desejo de mudar o mundo...

*** Respeitar:**

O catequista da adolescência não pode cair na tentação de manipular as pessoas, de impor saberes, maneiras de ver, critérios de actuar, mesmo que lhe pareça o mais adequado.

O catequista deve esforçar-se por aceitar o adolescente como é: não cai na facilidade de julgar e condenar, evita rotular os outros, pois acredita no poder salvador de Cristo. E, como Ele, opta por uma atenção personalizada.

*** Criar um clima propício à comunicação:**

O grupo avançará quando os membros se sentirem bem e experimentarem liberdade para expressar o seu mundo interior, as suas ideias, sentimentos, projectos, dúvidas e interrogações, o que são e o que vivem.

Por isso, é necessário encarar os adolescentes com seriedade, mesmo que pareçam infantis ou inconsequentes; valorizar as suas experiências, ainda que pareçam ambíguas ou demasiado simples; interessar-se pela pessoa, em todas as dimensões da sua personalidade e comportamento.

Isto exige: um clima de comunicação, sinceridade, atenção aos pequenos detalhes; dar importância a cada um, captando o momento que está a viver; não ter medo de "perder tempo", escutando e partilhando. O catequista da adolescência não se impacienta, cultiva a serenidade e tem um coração grande onde cabem todos os catequizandos que lhe estão confiados.

*** Ser testemunha da fé:**

O catequista é um homem ou mulher de experiência de fé, capaz de a comunicar e de a partilhar com o grupo. Educa pela sua presença. Contagia pelo testemunho alegre da sua própria vida. É alguém que vive em comunidade e educa para o sentido comunitário da fé e da vida.

e) Em síntese...

O catequista da adolescência cumpre uma missão: testemunhar o amor de Deus e ser portador da sua Mensagem para o adolescente concreto, neste momento histórico. Aceita o papel de educador autêntico, com o que isto significa de risco, de desafio, de esforço e de compromisso.

O catequista, liberto das tentações do "deixar fazer" e do "dirigismo", tenta, de forma criativa, novos estilos de relação e atitudes geradoras de comunidade. Por isso, é alguém com uma experiência profunda e completa de fé e que é capaz de a partilhar, como algo imprescindível e valioso.

VII. O "CATECISMO" (DO CATEQUIZANDO) E OS MATERIAIS DE APOIO

O catecismo ou livro do adolescente é indispensável no encontro catequético, pois contém os textos principais que serão utilizados nos momentos de reflexão individual ou de grupo, tanto no primeiro como no segundo encontro. Também regista salmos, orações, cânticos e outros documentos para a

expressão de fé; integra breves sínteses de fé e apresenta um conjunto de fotografias e imagens que servem para motivar e até dinamizar o encontro catequético. O catecismo contém, também, uma página destinada ao trabalho individual ou de grupo.

Os materiais de apoio deverão ser abundantes e adequados. As músicas, em CD, têm especial atractivo, sublinhando a dimensão estética do crer. As imagens e os dísticos, em suporte informático ou outro, favorecem a interiorização do essencial da mensagem. As músicas devem ser adequadas, em estilo, ritmo e letra, à idade e ao conteúdo da catequese. É de toda a conveniência que os materiais de apoio sejam regularmente actualizados.

CATEQUESE 0

OS PRÓXIMOS DOIS ANOS DE CATEQUESE

OBJECTIVOS

O primeiro encontro com o grupo de adolescentes que me foi confiado tem como objectivos:

- Fazer um acolhimento humano e cristão significativos;
- Possibilitar uma breve apresentação de todos (no caso de haver elementos novos);
- Examinar as metas que deverão alcançar nos próximos dois anos;
- Fazer a entrega do catecismo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

Esta primeira catequese é importante porque permite, por um lado, afirmar claramente que o encontro semanal de catequese é um encontro em redor da pessoa e mensagem de Jesus, e por outro, reconhecer o largo espaço de criatividade e decisão próprios do grupo, sobretudo no que toca a regras, critérios de organização e trabalho, programação de "tempos", assuntos novos a introduzir, formas de trabalho e actividades extra-encontros.

É importante clarificar que a catequese não se resume ao encontro semanal. Ela prolonga-se durante a semana, pondo em prática o compromisso assumido no grupo. Ao mesmo tempo, atinge o seu ponto mais alto na celebração da Eucaristia Dominical.

MATERIAIS

- Catecismos (um para cada um);
- Leitor de CD's;
- O documento «Projecto para os próximos dois anos» ou "É isto que eu quero";
- Lápis e/ou canetas;
- Bíblias;
- Máquina fotográfica (para tirar uma fotografia ao grupo).

MÚSICAS

- Agarra a vida.

DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

OS PRÓXIMOS DOIS ANOS DE CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O catequista, depois de saudar os adolescentes e de fazer alguma dinâmica de apresentação (se for necessário), propõe que se oiça e cante o cântico: Agarra a vida.*

(Findo o cântico, diz com estas ou outras palavras semelhantes): Os próximos dois anos são os últimos da nossa caminhada de catequese básica. É muito importante que, ao começarmos esta fase, pensemos um pouco sobre o que queremos dos nossos encontros de catequese.

1ª

Alternativa

Para conseguirmos isso, podemos projectar uma meta futura e programar a sua realização de modo calmo e reflectido.

(O catequista distribui a cada um o Doc. 1)

Preencheremos individualmente este questionário em 15 minutos.

(No final do trabalho individual:) Juntemo-nos a um colega com o qual trocar impressões: vamos ver se nos agradou e se julgamos útil este modo de analisar os objectivos de vida.

Se quisermos, podemos ler um ao outro o que anotámos. Temos uns 10 minutos à nossa disposição.

Agora vamos avaliar este exercício todos juntos...

Quem quer falar da sua própria meta?

Nesta avaliação, o catequista pode introduzir algumas das seguintes questões:

Gostei do jogo? Que partes desta análise me pareceram mais fáceis? E mais difíceis? Foi fácil determinar uma meta? Levo uma vida de maneira mais ou menos programada ou espontânea? É fácil para mim pedir ajuda a outras pessoas? Que perguntas, para além destas, poderiam incluir-se numa análise deste tipo? Que pontos gostaria de propor ao grupo como elementos de discussão?

2ª

Alternativa

Para trabalharmos bem juntos, é importante que cada um assuma a sua responsabilidade.

O objectivo principal é que, neste ano de catequese, todos crescamos na fé e no compromisso, em Igreja, pela transformação do mundo.

A minha responsabilidade consiste, sobretudo, em caminhar convosco, ajudando-vos a descobrir a riqueza da fé e a alegria de a viver em Igreja.

Para isso, vamos trabalhar os temas, que nos são propostos pelo catecismo, do modo mais criativo de que formos capazes.

Cada um pode entrar nesta aventura de descoberta e decidir como a realizar. Aliás, todos devemos contribuir para o desenvolvimento de cada membro do grupo e procurar que nos sintamos um grupo unido, forte e feliz.

Para definirmos com clareza o que queremos realmente da nossa catequese, vamos responder a um questionário.

Depois, discutiremos as conclusões e veremos juntos o que é que podemos fazer. Também eu responderei ao questionário, a partir do meu ponto de vista. Temos 15 minutos.

E distribui o Doc. 2.

(A pergunta 3 converter-se-á para o catequista em «Que espero dos meus catequizandos?» e a 8 em «Como qualifico o meu modo de transmitir e testemunhar a fé?»)

Findo o tempo, faz-se um pequeno plenário, em que cada um pode dizer o que julgar oportuno. Nesta partilha, o catequista pode introduzir algumas das seguintes questões: Que efeitos (positivos e negativos) tem a participação de cada um de nós na organização do ano de catequese? Que me parece especialmente importante? Como harmonizar as expectativas de todos: catequizandos, catequistas, Igreja? Qual deve ser a nossa principal atitude?

2. Programar a vida e o trabalho é absolutamente fundamental para se viver mais feliz, atingindo as metas desejadas. Quem quer dar sentido ao que faz, programa e perspectiva a vida.

É o que fazem as pessoas que levam a vida a sério, as pessoas que assumem com-promissos com os outros e as que querem atingir objectivos concretos.

Programar é uma forma de não andar perdido, à deriva.

Programar é também uma forma de respeito profundo e sincero pelo outro.

Esta síntese pode ser feita com a ajuda de dísticos:

Dístico 1 – PROGRAMAR; **Dístico 2** – Para viver mais feliz; **Dístico 3** – Não andar perdido;

Dístico 4 – Respeitar a vida.

3. Programar, planificar e projectar são acções tão importantes e significativas que o próprio Jesus, antes de começar a sua vida pública e o anúncio do Reino de Deus, fez uma pausa, retirando-se para o deserto.

O deserto, segundo a simbologia da Bíblia, é um lugar de dificuldade (onde não há nada a não ser areia, com muito frio, de noite; com muitíssimo calor, de dia...). É, por isso, um bom lugar para pensar a vida; é um lugar que possibilita grandes opções.

Jesus teve também de fazer escolhas.

II. PALAVRA

A proclamação da Palavra deve ser feita geralmente pela Bíblia. Esta deve estar em lugar de destaque (numa estante, sobre uma almofada, etc.). Pode-se acender uma vela ou círio durante a leitura. A atitude de escuta deve ser indicada, regra geral, estando de pé.

Jesus foi conduzido ao deserto para pensar a sua vida, as suas opções fundamentais e para decidir o caminho a seguir.

O Evangelho utiliza uma linguagem cheia de simbolismo para narrar este acontecimento da vida de Jesus. Querem escutar?

1. Proclamação de Mt 4, 1-11.

«Então, o Espírito conduziu Jesus ao deserto, a fim de ser tentado pelo diabo. Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome. O tentador aproximou-se e disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pães.» Respondeu-lhe Jesus: «Está escrito: Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.» Então, o diabo conduziu-o à cidade santa e, colocando-o sobre o pináculo do templo, disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito: Dará a teu respeito ordens aos seus anjos; eles suster-te-ão nas suas mãos para que os teus pés não se firam nalguma pedra.»

Disse-lhe Jesus: «Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus!»
Em seguida, o diabo conduziu-o a um monte muito alto e, mostrando-lhe todos os reinos do mundo com a sua glória, disse-lhe: «Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares.» Respondeu-lhe Jesus: «Vai-te, Satanás, pois está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto.» Então, o diabo deixou-o e chegaram os anjos e serviram-no”.

2. *Terminada a proclamação da Palavra, fazer grupos (dois a dois ou de outra forma mais conveniente) e distribuir o Doc. 3, para trabalho.*

No final, fazer um plenário e anotar as respostas dadas, podendo usar o quadro ampliado.

O catequista fará uma síntese, orientando-se pelas seguintes afirmações:

Jesus recusa o poder – Jesus opta por viver e fazer a vontade do Pai (expressa na Palavra).

Jesus recusa a fama – Jesus opta pela vida humilde e simples.

Jesus recusa a riqueza – Jesus escolhe a vida pobre.

As opções de Jesus são opções radicais. Diante da tentação de exercer domínio sobre os outros, de dar nas vistas e de ter muito dinheiro e muitas coisas, Jesus escolhe o caminho inverso: Jesus escolhe o caminho estreito e difícil de viver uma vida centrada no essencial: o amor ao Pai e a cada pessoa.

3. Nós, ao começarmos esta última etapa da nossa caminhada catequética (de dez anos), que caminho escolhemos? Que opções fazemos? Somos capazes de opções radicais, como Jesus? Somos capazes de remar contra a maré, de ser diferentes, de viver um estilo de vida centrado nos valores que não passam?

O nosso programa de catequese, para os próximos dois anos, é:

DESAFIO A VIVER,

VIVER A ESPERANÇA,

CRER EM JESUS CRISTO, EM IGREJA,

CELEBRAR A FÉ,

COMPROMETER-SE NO AMOR.

(Esta síntese pode ser afixada em dísticos ou projectada...).

Estamos verdadeiramente dispostos a aceitar este desafio?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Apresentar ao grupo uma placa de barro ainda mole e convidar cada um a escrever o seu nome com um estilete de ferro.*

Na impossibilidade de se obter o barro, pode escrever-se numa cartolina ou pano devidamente preparado.

Em qualquer dos materiais utilizados, tenha-se em conta que será para colocar e ter sempre na sala do encontro, a servir de sinal e chamada de atenção ao compromisso constante.

Enquanto se assina, pode colocar-se uma melodia (serena) de fundo.

Esta placa (pergaminho/cartolina) irá acompanhar-nos ao longo destes dois anos e servirá de testemunho do nosso compromisso com a opção pela vida e da nossa aceitação do *desafio de viver*. Outro sinal desta nossa escolha é o nosso catecismo. Será ele que nos ajudará na descoberta do que verdadeiramente importa viver. Ele será como o nosso pedaço de deserto, o “instrumento” que podemos usar para desbravar os caminhos da vida e da fé.

Agora cada um receberá o catecismo (das mãos do catequista, quando for chamado).

Depois de todos terem recebido o catecismo, canta-se o refrão do cântico "Agarra a vida" e reza-se o salmo 119, que vem no catecismo, através do qual pedimos luz para a caminhada. No final, pode-se voltar a cantar o refrão.

SALMO 119, 33-36.105-106

Ensina-me, Senhor, o caminho das tuas leis
e eu hei-de cumpri-las com fidelidade.
Dá-me entendimento para cumprir a tua lei;
hei-de obedecer-lhe de todo o coração.
Conduz-me pela senda dos teus mandamentos,
porque neles estão as minhas delícias.
Inclina o meu coração para as tuas ordens,
e não para a cobiça.
A tua palavra é farol para os meus passos
e luz para os meus caminhos.
Jurei e vou cumprir:
hei-de guardar os teus justos decretos.

2. Em síntese, podemos dizer que, nestes dois últimos anos da nossa caminhada de fé, os objectivos dos nossos encontros de catequese são:

Para guardar na memória e no coração

Comprometer-se com a vida
E comprometer-se com a Igreja de Jesus Cristo,
Celebrando a fé
E vivendo no amor.

(Esta síntese pode ser dita simplesmente, ou afixada em dístico, ou projectada em slide ou powerpoint ou entregue devidamente escrita num cartão preparado segundo a criatividade dos catequistas, podendo adicionar-se ainda a data, hora e local dos encontros de catequese, o contacto do(s) catequista(s) e demais informações úteis).

3. Como compromisso para esta primeira semana da catequese, vamos fazer os exercícios que nos são apresentados no nosso catecismo.

Pode terminar-se cantando um cântico de animação ou fazer um pequeno lanche.

DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

PROJECTO PARA OS PRÓXIMOS DOIS ANOS

Esta ficha ajuda-te a «pôr à prova» a meta que queres conseguir nos próximos dois anos. Escolhe um objectivo não muito difícil de conseguir e tenta, por todos os meios, trabalhar para o alcançar.

Que meta queres alcançar nos próximos dois anos?

Descreve-a o melhor que possas:

Porque é tão importante esta meta para ti? Queres alcançá-la por formar parte de um plano «já estabelecido»? A perspectiva de conseguir esta meta estimula-te de alguma maneira? O que é que te fascina nesta meta?

Que passos pensas dar para a alcançares?

Que dificuldades interiores terás que superar para a conseguires?

Que dificuldades exteriores terás que superar para a alcançares?

Que probabilidade tens de a atingir?

Que consequências deves ter presentes no caso de fracassares?

Quem ou o quê te pode ajudar a alcançá-la?

Qual será a tua recompensa uma vez alcançada esta meta?

Examina agora novamente todos os dados e responde a esta pergunta: *Quanta «energia» prevês que vais ter de empregar para a alcançares?*

Nenhuma / 0 100 toda a minha energia.

Assinala nesta escala (de 0 a 100) a quantidade de «energia» que calculas ter de utilizar para conseguir esta meta.

DOCUMENTO 2

É ISTO QUE EU QUERO!

As tuas respostas às perguntas que se seguem servirão para orientar e organizar o trabalho deste ano de catequese segundo as vossas exigências, os objectivos fixados pela Igreja e as possibilidades dos catequistas.

Responde com verdade:

1. *Porque vens à Catequese?*

2. *Que importância dás à Catequese?*

3. *Que esperas do(s) catequista(s)?*

4. *Que esperas de ti mesmo?*

5. *Que esperas dos outros colegas do grupo?*

6. *Que interesses especiais, temas ou problemática achas que se deveriam abordar neste ano?*

7. *O que é que não querias tratar de modo nenhum?*

8. *Como desejarias que fossem tratados os temas da catequese?*

9. *Comentário livre:*

DOCUMENTO 3 (ver catecismo)

Do Evangelho de S. Mateus (Mt 4, 1-11)

"Então, o Espírito conduziu Jesus ao deserto, a fim de ser tentado pelo diabo. Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome. O tentador aproximou-se e disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pães.» Respondeu-lhe Jesus: «Está escrito: Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.» Então, o diabo conduziu-o à cidade santa e, colocando-o sobre o pináculo do templo, disse-lhe: «Se Tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito: Dará a teu respeito ordens aos seus anjos; eles sustenter-te-ão nas suas mãos para que os teus pés não se firam nalguma pedra.»

Disse-lhe Jesus: «Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus!»

Em seguida, o diabo conduziu-o a um monte muito alto e, mostrando-lhe todos os reinos do mundo com a sua glória, disse-lhe: «Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares.» Respondeu-lhe Jesus: «Vai-te, Satanás, pois está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a Ele prestarás culto.» Então, o diabo deixou-o e chegaram os anjos e serviram-no".

AS OPÇÕES DE JESUS

| AS PROPOSTAS QUE JESUS RECUSOU: | AS OPÇÕES QUE JESUS ASSUMIU: |
|---------------------------------|------------------------------|
| 1 - | 1 - |
| 2 - | 2 - |
| 3 - | 3 - |

CATEQUESE 1

VIVER, PARA QUÊ?

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. As questões existenciais

O ser humano é um ser que se interroga, que pergunta pelas razões de viver. A questão sobre o sentido da vida é inerente ao ser humano. Em todos os tempos, em todos os lugares, as questões brotam naturalmente: Quem sou eu? Qual o sentido da minha vida? De onde venho? Para onde vou? Na adolescência, estas questões surgem ainda de modo mais profundo e angustiante.

Na nossa sociedade, as mudanças sucedem-se a um ritmo rápido e vertiginoso. A ânsia de felicidade e de sucesso, a competição e a instabilidade social, se por um lado, tornam urgente esta busca e a definição de um rumo para a vida, por outro lado, dificultam a busca das respostas. Os adolescentes vivem permanentemente confrontados com esta ambiguidade: a sociedade exige-lhes decisões rápidas, aponta uma diversidade de caminhos para a felicidade mas, ao mesmo tempo, não cria condições para que estas questões sejam colocadas de modo sério e profundo.

Vivemos num mundo "pronto a ...": pronto-a-vestir, pronto-a-comer, pronto-a-consumir, onde o mais cómodo é não pensar, ser indiferente, deixar que outros pensem, que outros decidam. A felicidade é, para muitos, o ter coisas, em vez de ser conquista diária e busca pessoal. Assim, as pessoas do nosso tempo vivem *cheias de...* mas permanentemente vazias e insaciadas. "A riqueza é a grande divindade deste tempo; é a ela que a multidão, toda a massa dos homens, presta instintiva homenagem. Mede-se a felicidade pela fortuna, como pela fortuna se mede a honorabilidade. Tudo provém desta convicção: com a riqueza tudo se pode. A riqueza é, pois, um dos ídolos actuais; outro é a notoriedade" (CIC 1723).

2. Só Deus preenche o coração humano

O desejo de felicidade é de origem divina; Deus pô-lo no coração do homem para o atrair a Si, pois Deus é o único que pode preencher o coração humano.

Todos nós, sem dúvida, queremos ser felizes, mesmo antes de sermos capazes de o dizer (por palavras). De facto, "quando Te procuro, ó meu Deus, é a vida feliz que eu procuro. Faz com que Te procure, para que a minha alma viva!" Só Deus basta, "só Deus sacia" (CIC 1718).

Deus chama cada um de nós à felicidade: *à sua própria felicidade*. É, na resposta a esse chamamento, que entram as grandes opções de vida.

A bem-aventurança prometida coloca-nos perante as opções morais decisivas. Convida-nos a purificar o nosso coração de tudo o que é egoísmo e a procurar o amor de Deus acima de tudo. A fé faz-nos ver que a verdadeira felicidade não reside nem na riqueza ou no bem-estar, nem na glória humana ou no poder, nem em qualquer obra humana, por muito útil que seja, como as ciências, as técnicas e as artes, nem em qualquer criatura, mas só em Deus, fonte de todo o bem e de todo o amor.

3. O segredo da felicidade

Ao jovem rico, que o questionou sobre a felicidade, Jesus respondeu: "Vem e segue-me". Nesta coragem de deixar tudo o que nos enche mas não nos sacia, reside o segredo da felicidade. Ter consciência que podemos sempre ir mais longe, superar-nos a nós próprios, amanhã ser mais do que hoje, viver em permanente crescimento interior e entrega aos outros - aí reside o segredo da felicidade.

Richard Ryan (psicólogo), a propósito de um estudo sobre a felicidade, diz que "a importância da valorização pessoal e da qualidade das relações prevalece sobre a necessidade de acumular riqueza e exibir um estatuto".

Tu podes dar-te. Tu podes olhar para ti e descobrir que és dom e podes transformar o mundo se te deres aos outros, se a tua vida for uma entrega permanente e quotidiana a Deus nos irmãos. Olhar a vida, a escola, a família, o mundo em que vives e perguntar: onde faz falta o meu contributo? Que posso fazer pelos outros?

OBJECTIVOS

- Constatar a procura do sentido da vida;
- Compreender que o sentido da vida passa pelo encontro com Deus;
- Comprometer-se na doação como sentido para a vida.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Como forma de se partir da vida, propõe-se o Disco-forum, com músicas da sensibilidade dos adolescentes (1ª alternativa) e o "Historiograma" (2ª alternativa). Convirá que cada uma destas alternativas seja actualizada progressivamente: 1ª alternativa - com a introdução de músicas novas (as perguntas da grelha podem manter-se); 2ª alternativa - com a introdução de perguntas actualizadas e mais significativas.
2. O segundo encontro tem como objectivo pedagógico a apresentação de testemunhos / modelos bíblicos e extra-bíblicos de pessoas que viveram com projecto de vida. Promova-se uma interiorização cuidada da Palavra e da conversão.
3. A partir do compromisso pessoal de cada um, poderia escolher-se um compromisso comum a todo o grupo.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos necessários (para cada um);
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Dísticos com a pergunta: "ONDE ENCONTRAR A REFERÊNCIA PARA QUE A MINHA VIDA CRESÇA DE ACORDO COM UM PROJECTO ESTIMULANTE?"
- Fotografia do Grupo;
- Imagem de Moisés;
- Imagem de Jesus;
- Dístico com a síntese (opcional).

MÚSICAS

- A vida quando é vida (Silvino Lopes);
- Um sentido (Juventude Dehoniana);
- Senhor, tu me conheces (Mãe d'água).

1º Encontro – A VIDA COM SENTIDO

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Começar o encontro por ouvir e, se possível, cantar a canção "A vida quando é vida" e que se encontra no catecismo (anexo):

A VIDA QUANDO É VIDA

A vida quando é vida
Podes tê-la em tua mão
Apertá-la com força
Ou tocá-la com paixão.

A vida quando é vida
Faz-te livre de verdade
Agarra-se à tua vida
E já mais te deixa só.

Queres apostar
Que descobrimos o mistério
Se nos fecharem o caminho
Existe outra saída
Juntos vamos encontrar (...).

Se se julgar oportuno, pode-se fazer uma ressonância em ordem a aprofundar o sentido da canção. Pode, também, cada um simplesmente repetir a frase de que gostou mais.

2. "A vida quando é vida", "Não fiques à margem", "Digo não", "E digo sim, digo sim... Quero viver e viverei"...

Dizer sim à vida implica descobrir sentidos para a vida, ou melhor, descobrir o sentido da vida; implica saber, com a inteligência e o coração, para quê viver.

1ª

Alternativa

Qualquer Grupo

Esta canção que cantámos era um convite a reflectir sobre o sentido da vida. À nossa volta, são muitas as pessoas que pensam, escrevem e cantam sobre o sentido da vida.

Hoje, gostaria de propor-vos algumas músicas, porventura vossas conhecidas, em que se canta e se procura o sentido da vida.

São elas:

- **125 Azul, dos Trovante** (*procurar descobrir se sabem quem foram os Trovante. Em caso negativo dizer que foram um grupo de música popular que apareceu nos anos 80 e era composto por cantores como Luís Represas, João Gil e outros*).

Vamos escutar e seguir com atenção a letra. (Doc. 1)

- **Restolho, de Mafalda Veiga** (*saber se conhecem Mafalda Veiga e, em caso negativo, informar que é uma cantora alentejana, com letras muito bonitas e que esta canção é uma das que mais a celebrou*);

Vamos escutar.

- **Syliness of heart, de Lenny Kravitz** (cantor negro norte-americano, muito conhecido no mundo da música pop-rock).
Escutemos...

(Podem apresentar-se outras músicas e letras, desde que devidamente enquadradas e situadas no tema).

Terminada a audição das músicas, entregar a grelha de análise, em que se analisa e interpreta cada um dos temas musicais. Este trabalho pode ser realizado individualmente ou em grupo (Doc.2).

Em plenário, importará destacar as ideias fundamentais sublinhadas por cada um ou por cada grupo.

2ª

Alternativa

Grupo grande

Esta canção inicial diz "a vida é a tua vida". Ora, a história da nossa vida manifesta muitas das razões pelas quais cada um de nós vive. Propunha então que fizéssemos um "gráfico da nossa vida", que vamos chamar de "Historiograma".

O catequista apresenta o "Historiograma". Esta dinâmica tem como objectivo situar, por ordem cronológica, as datas mais significativas da própria vida e projectar as opções mais importantes para o futuro. Assim, o catequista propõe o seguinte processo:

- No meio duma folha (distribuída a todos), cada um traça uma linha horizontal, que representa o tempo da vida de cada um. No início da linha, na parte esquerda da folha, escreve-se a data de nascimento. (Estas indicações devem ser dadas pausadamente e à medida que as vão concretizando!).
- A seguir, divide-se a linha em três partes iguais. A cada parte, correspondem 10 anos de vida. Deste modo, no final da linha, na parte direita da folha, assinala-se o ano 30 da vida de cada um. Depois, divide-se cada parte em dez sectores e escrevem-se os anos correspondentes.
- Agora, cada um, durante 15 minutos, recorda os factos, acontecimentos, êxitos, sonhos, mudanças mais importantes da própria vida e situa-os esquematicamente no espaço e ano correspondente. Podem utilizar-se, para isso, palavras, desenhos, símbolos ou cores.
- De igual modo e durante 10 minutos, vamos pensar nas grandes decisões e actividades que teremos de enfrentar nos próximos dez anos, seja de tipo profissional, familiar ou vocacional. Escreveremos, no ano que nos pareça mais conveniente, utilizando o mesmo processo.
- No lugar que nos pareça mais adequado, vamos agora acrescentar o nome das pessoas que nos ajudaram a ser como somos e a atingir os objectivos que alcançámos até ao momento e também o nome daqueles que nos poderão ajudar a tomar as decisões e a concretizar as opções dos próximos dez anos.

No final deste trabalho, seguir-se-á um tempo de partilha. O catequista procurará que participem todos os catequizandos. Convirá apontar, num quadro ou placard, as ideias mais relevantes e comuns. O animador moderará o diálogo, colocando estas ou outras questões semelhantes:

- Que descobrimos?
- A partir do gráfico, podemos dizer que a nossa vida tem um fio condutor ou caminhamos aos saltos?

- Em que temas nos centrámos mais (e a que assuntos demos menos importância)?
- Que valores representam para nós as pessoas que escolhemos?
- Prevemos que os nossos próximos anos vão ser fáceis ou complicados?
- Temos metas claras para o futuro?
- O que de mais importante precisamos para viver (além de alimentação e saúde)?

3. A síntese do encontro (a partir de qualquer uma das alternativas) pode fazer-se como segue:

- O mistério da vida vai-se decifrando à medida que cada pessoa vai respondendo a estas perguntas: Porquê viver? Para quê viver?

A resposta a estas questões é fundamental para nos construirmos como pessoas e "caminharmos" com vontade de viver. Já cantámos, no início, que, para isso, é preciso dizer "sim" a uma vida com projecto e dizer "não" a uma vida sem projecto.

A verdade é que nós podemos viver a partir de vários motivos.

Podemos construir a nossa vida:

- a partir da vontade de **poder** (de querer dominar os outros, de não olhar a meios para atingir certos fins, de querer ter "fama" e estar acima de todos);
- a partir da vontade de **prazer** (procurando tirar proveito de cada momento, tomando atitudes sem medir as consequências, não dando importância às coisas fundamentais da vida); também o desejo de **ter**, consumir e gastar está relacionado com este falso alicerce da vida;
- a partir da vontade de **viver com sentido**, com responsabilidade pela minha vida e pela vida dos outros, com uma alegria profunda, assumindo os compromissos importantes da vida; sendo fiéis a nós mesmos e aos valores decisivos da vida.

PARA INTERIORIZAR:

Leitor 1: Concede-nos, Senhor, viver cada momento em estreita ligação contigo.

Todos: **Nós queremos viver...**

Leitor 2: Ajuda-nos a ver a luz que nos chega através das tuas palavras.

Todos: **Nós queremos viver projectados...**

Leitor 1: Nós queremos caminhar na escola do teu Evangelho.

Todos: **Nós queremos viver projectados em Ti.**

Leitor 2: Dá-nos a alegria de viver, que brota da tua presença.

Todos: **Nós queremos viver projectados em Ti. Fica connosco, Senhor!**

O encontro pode terminar cantando a canção inicial: "A vida quando é vida..."

2º Encontro – A VIDA COMO PROJECTO

Iniciar o encontro com o cântico "Um sentido" (Juventude Dehoniana).

Reflectir sobre as questões do Doc.3 (afixando-o) e aprofundar as respostas dadas.

Feito este aprofundamento de modo suficiente e esclarecido, afixar a pergunta:

**ONDE ENCONTRAR A REFERÊNCIA
PARA QUE A MINHA VIDA CRESCA
DE ACORDO COM UM PROJECTO ESTIMULANTE?**

O catequista exporá o que se segue:

EM NÓS MESMOS (afixar uma fotografia do grupo), nas nossas capacidades de:

- aspirar a... (vontade);
- decidirmo-nos por... (decisão);
- agir em conformidade com o que pensamos (coerência).

II. PALAVRA

1. EM MOISÉS (afixar uma imagem de Moisés).

Moisés, esse grande profeta que nós já conhecemos, é alguém que procura e constrói o seu projecto de vida através dum processo, duma caminhada. Vejamos como foi, através do Livro do Êxodo.

Um catequista (ou catequizando) proclama Ex 2, 15.

"O faraó ouviu falar deste assunto e procurou matar Moisés. Mas Moisés fugiu da presença do faraó, foi residir na terra de Madian e sentou-se junto do poço..."

O catequista (orientador) explica: Moisés está em movimento, em caminhada. Neste caso, está a fugir do Egito. Porém, todas as circunstâncias, que parecem banais e sem importância, vão servir para ele se colocar à procura do seu futuro. O que é que Deus quererá dele?

Outro elemento do grupo proclama Ex. 2, 22.

"Ela deu à luz um filho, e ele deu-lhe o nome de Gérson, porque disse: «Sou um estrangeiro residente numa terra alheia.»

O catequista explica: Começa então a dura experiência da solidão, a incerteza, a insegurança, os perigos e os conflitos.

Outro leitor proclama Ex 3, 9-12.

"E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e vi também a tirania que os egípcios exercem sobre eles. E agora, vai; Eu te envio ao faraó, e faz sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel.» Moisés disse a Deus: «Quem sou eu para ir ter com o faraó e fazer sair os filhos de Israel do Egito?» Ele disse: «Eu estarei contigo».

O catequista explica: É no deserto que se ouve a voz de Deus e a voz dos oprimidos. Também, no nosso caso, muitas vezes Deus fala-nos no silêncio.

Outro catequizando proclama Ex. 4, 18.

"Moisés partiu dali, e voltou para Jetro, seu sogro, e disse-lhe: «Vou ter de partir e voltar para os meus irmãos que estão no Egito, para ver se estão ainda vivos.» Jetro disse a Moisés: «Vai em paz!»".

O catequista explica: Moisés tem de voltar atrás, para se encontrar com a tarefa que lhe foi confiada. Podemos descobrir, no projecto de vida de Moisés, quatro fases ou passos: **1º** Insatisfação; **2º** Reflexão (aventurou-se no deserto); **3º** Descoberta de algo novo; **4º** Aceitação da missão e de um sentido novo para a sua vida.

2. EM JESUS DE NAZARÉ (afixar uma imagem de Jesus).

Diz o Evangelho de S. Lucas que, no início da sua missão de anunciar a Boa Nova do Reino, Jesus apresentou, na Sinagoga de Nazaré, o seu programa de vida e de acção. Vamos escutar, de pé, este texto?

Proclamação de Lc 4, 14-21.

"Impelido pelo Espírito, Jesus voltou para a Galileia e a sua fama propagou-se por toda a região. Ensinava nas sinagogas e todos o elogiavam.

Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito:

«O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,
a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.»

Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele.

Começou, então, a dizer-lhes: «Cumriu-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir».

Na Sinagoga de Nazaré, Jesus identifica-se como sendo o Messias de Deus, anunciado pelo profeta Isaías, e está consciente da sua missão.

Ele reconhece-se enviado, para realizar algo de concreto: "anunciar a Boa Nova aos pobres", "sara os corações tristes e feridos", "anunciar a liberdade aos prisioneiros", "dar a vista aos cegos", "oferecer a graça do Senhor".

Jesus abraça este projecto como seu: "Cumriu-se hoje mesmo o que acabais de ouvir".

Ele tem consciência dos riscos que corre ao comprometer-se com este projecto radicalmente novo. O projecto de vida de Jesus é um plano de libertação (vem revelar a salvação que vem de Deus). Jesus traz uma proposta de mudança de vida, para toda a gente, e tem consciência de que o seu projecto comporta o risco da incompreensão, da perseguição e do sofrimento.

Vejamos atentamente o quadro do projecto de vida de Jesus que está no nosso catecismo.

Alguns catequizandos podem ler em voz alta os vários pontos do projecto de Jesus.

À LUZ DO PROJECTO DE VIDA DE JESUS...

- O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra (Jo 4, 34).
- «Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. No entanto, não seja como Eu quero, mas como Tu queres» (Mt 26, 39).
- Eu estou no Pai e o Pai está em mim (Jo 14, 11).
- «Eu sou a ressurreição e a **vida**» (Jo 11, 25).
- «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10).
- Também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida (Mt 20, 28).

- [Ninguém me tira a vida], "sou Eu que a ofereço livremente" (Jo 10,18).
- «Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós... que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei (Jo 15, 9. 12).
- «Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida» (Jo 8, 12).
- «Eu sou o **Caminho**... Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim (Jo 14, 6).
- Dei-Te a conhecer aos homens que, do meio do mundo, me deste... e reconheceram verdadeiramente que Eu vim de ti, e creram que Tu me enviaste (Jo 17, 6.8).

3. Depois de descobrirmos vários aspectos do projecto de vida de Jesus e a importância de o tomarmos como referência para a construção do nosso próprio projecto, vamos fazer, individualmente, um exercício que nos pode ajudar nessa meta.

Distribui-se o Doc.4 e explica-se que a ideia é qualificar, de 1 a 10, cada afirmação da coluna da esquerda, segundo se aplica ou não a cada um. Se parecer oportuno, pode-se trocar impressões sobre as respostas.

Terminado o tempo julgado oportuno, o catequista apresentará um brevíssimo resumo da conversão de S. Francisco de Xavier:

No séc. XVI, na Universidade de Paris, um jovem professor, com carreira de sucesso, chamado Francisco Xavier, tinha como projecto de vida ser um importante professor universitário e um eclesiástico famoso. Todavia, este seu projecto foi interrompido pela acção e palavra de Santo Inácio de Loyola. Este, num dia em que discutiam sobre o que é verdadeiramente essencial na vida e sobre o que nos faz viver verdadeiramente felizes, citou esta frase do Evangelho: "De que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua vida?" (Mt 16,26). Esta palavra do Evangelho mudou o rumo da vida de Francisco Xavier e tornou-se mesmo o lema da sua vida. Deixou a universidade, entrou na Companhia de Jesus (jesuítas) e, a 7 de Abril de 1541, zarpava de Lisboa, para Goa, na Índia, como missionário.

Hoje, seremos nós capazes de nos deixar seduzir por um projecto de vida segundo o estilo de Jesus?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Porque queremos viver a vida com projecto, segundo o estilo de Jesus, vamos pedir ao Senhor - Ele que nos conhece, nos envolve e nos protege - que nos ajude a não ter medo de viver!

(Pode ser lido por cinco pessoas diferentes. Se o grupo for muito grande, pode dividir-se em cinco pequenos grupos).

Jogral: Não tenhas medo de viver (cf catecismo).

1. Não tenhas medo de viver!
 2. O primeiro a saltar o muro foi Deus.
Foi Ele que lançou a pedra da liberdade
contra as vitrinas do futuro.
 3. Portanto, não tenhas medo de viver.
 4. A partir de hoje, o primeiro homem
é o próprio Deus.
 5. Não tenhas, pois, medo de viver!
-
2. Não tenhas medo!
 1. Foi Deus o primeiro a passar a noite,
esteve de vigia à claridade
quando o túnel saía do seu poço.
 4. Não tenhas medo de viver!
 5. A partir de hoje, o primeiro homem
é o próprio Deus.
 3. Não tenhas, pois, medo de viver!

4. Não tenhas medo!
5. Foi Deus o primeiro a vencer a morte,
a cantar o túmulo, contendo o seu corpo.
1. Não tenhas, pois, medo de viver!
2. A partir de hoje, o primeiro homem
é o próprio Deus.
3. Não tenhas, pois, medo de viver!

1. Não tenhas medo!
2. Deus já matou o medo.
3. Chegou a altura
em que as portas do cárcere
4. se abrem de manhã como as flores.
5. Não tenhas medo.

Todos – Que, a partir de hoje,
O primeiro homem é o próprio Deus.
Não tenhas, pois, medo de viver!

J. Debruyne - *Viver*.

No final do jogral (se for oportuno), pode cantar-se o cântico "Senhor, tu me conheces" (Salmo 139).

2. Terminado o cântico apresente-se a seguinte síntese:

O tema que hoje terminamos iluminou a nossa inteligência e o nosso coração sobre o sentido da vida.

Assim como Jesus encontrou, na libertação que veio oferecer a todos, o sentido mais profundo do seu viver, assim também nós podemos viver uma vida com sentido, isto é, com um projecto.

Em vez de nos deixarmos ir para onde nos levar o vento da moda e do "todos fazem assim", queremos construir uma vida, à maneira do projecto de Jesus.

Assim como Jesus anunciou o Reino, também nós queremos levar o amor fraterno.

Assim como Jesus se sentiu chamado a abraçar a missão salvadora que o Pai Lhe deu, também nós queremos ser presença libertadora para todos, a começar pelos que mais sofrem.

Na verdade o segredo mais profundo da nossa vida encontra-se em Deus.

Para guardar na memória e no coração

"A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus" (GS 19).

3. Ao longo desta semana, vamos experimentar o nosso compromisso por uma vida cheia de sentido. Para exercitarmos este nosso compromisso, proponho-vos que façais os exercícios que vos são apresentados no catecismo, na secção "realizamos".

Se houver a possibilidade de propor alguma actividade intercalar, será oportuno fazer aqui a proposta

DOCUMENTO 1

Músicas (1ª Alternativa)

125 AZUL

Foi sem mais nem menos
Que um dia selei a 125 azul
Foi sem mais nem menos
Que me deu para arrancar sem destino nenhum

Foi sem graça, nem pensando na desgraça
Que entrei pelo calor
Sem pendura, que a vida já me foi dura
Para insistir na companhia

O tempo não me diz nada
Nem o homem da portagem na entrada da autoestrada
A ponte ficou deserta, nem sei mesmo se Lisboa
Não partiu para parte incerta
Viva o espaço que me fica pela frente e não me deixa recuar
Sem paredes, sem ter portas nem janelas
Nem muros para derrubar

Talvez um dia me encontre
Assim, talvez me encontre

Curiosamente, dou por mim pensando onde isto me vai levar
De uma forma ou de outra há-de haver uma hora para a vontade de parar
Só que à frente, o bailado do calor vai-me arrastando para o vazio
E com o ar na cara, vou sentindo desafios que nunca ninguém sentiu

Talvez um dia me encontre
Assim, talvez me encontre

Entre as dúvidas do que sou e onde quero chegar
Um ponto preto quebra-me a solidão do olhar
Será que existe em mim um passaporte para sonhar
E a fúria de viver, é mesmo fúria de acabar

Foi sem mais nem menos
Que selou a 125 azul foi sem mais nem menos que partiu sem destino nenhum
Foi com esperança, sem ligar muita importância àquilo que a vida quer
Foi com força, acabar por se encontrar naquilo que ninguém quer

Mas Deus, leva os que ama
Só Deus, tem os que mais ama.

RESTOLHO

Geme o restolho triste e solitário
A embalar a noite escura e fria

E a perder-se no olhar da ventania
Que canta ao tom do velho campanário.

Geme o restolho preso de saudade
Esquecido, enlouquecido, dominado
Escondido entre as sombras do montado
sem forças e sem cor e sem vontade.

Geme o restolho a transpirar de chuva
Nos campos que a ceifeira mutilou
Dormindo em velhos sonhos que sonhou
Na alma a mágoa enorme, intensa, aguda.

Mas, é preciso morrer e nascer de novo
Semear no pó e voltar a colher
Há que ser trigo, depois ser restolho,
Há que penar p'ra aprender a viver
E a vida não é existir sem mais nada,
A vida não é dia sim, dia não,
É feita em cada entrega alucinada
A receber daquilo que aumenta o coração.

STILLNESS OF HEART

PAZ NO CORAÇÃO

I'm out here on the street

Estou aqui na rua

there's no one left to meet

Não há ninguém para encontrar

the things that were so sweet

Aquilo que era tão doce

no longer move my feet

já não me faz mexer

but I keep trying

Mas continuo a tentar

I keep on trying

Continuo a tentar

I've got more than I can eat

Tenho mais do que posso comer

a life that can't be beat

Uma vida que não pode ser melhor

yet still i feel this heat

Mas sinto este calor

i'm feeling incomplete

Sinto-me incompleto

what am I buying?

O que compro?

My soul is crying

A minha alma chora

All that I want

Tudo o que quero

is stillness of heart

é paz no coração

so I can start

para que possa começar

to find my way

a encontrar o meu caminho

out of the dark

para longe desta escuridão

and into your heart

e para perto do coração

Where's the love?

Onde está o amor?

What is this world we live in?

Que mundo é este onde vivemos?

Where's the love?

Onde está o amor?

We've got to keep on giving

Temos de continuar a dar

where's the love?

Onde está o amor?

What happened to forgiving? Anyone?

O que aconteceu ao perdão? Alguém?

DOCUMENTO 2 (1ª Alternativa)

| QUESTÕES | CANÇÃO 1 | CANÇÃO 2 | CANÇÃO 3 |
|--|----------|----------|----------|
| Impressão geral: | | | |
| Como se descreve a vida? Positiva ou negativamente? | | | |
| Aponta caminhos para viver de modo novo? | | | |
| A que nos desafia a canção? | | | |
| A que é que nos compromete? | | | |

DOCUMENTO 3**VIVER A VIDA COMO PROJECTO,
QUE QUER DIZER?**

Viver sem mais, ao sabor da corrente, deixar-se levar...?

Cumprir um programa mecanicamente, com regras duras, sem o interiorizar e assumir...?

Encontrar um dinamismo ou força que motive, oriente e impulsione a realização pessoal...?

DOCUMENTO 4

PENSANDO NO TEU PROJECTO DE VIDA

1. Depois de descobrirmos tantas coisas sobre o projecto de vida de Jesus e a importância de o tomar como referência para a construção do nosso próprio projecto de vida, qualifica, de 1 a 10, cada aspecto apresentado, segundo se aplica à tua situação.

| O PROJECTO DE VIDA DE JESUS É O MEU PROJECTO DE VIDA QUANDO: | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
|--|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|
| <i>Acredito que as pessoas são um sinal de Deus.</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Creio que Deus me ama apaixonadamente, apesar de...</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Descubro o rosto de Deus, principalmente nos pobres e marginalizados.</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Creio que vale a pena entregar a vida pelos outros de forma desinteressada.</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Deixo que o projecto de Jesus esteja presente nos meus planos e projectos.</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Creio que Deus nos fala através dos acontecimentos da história.</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Tenho uma atitude crítica perante tudo aquilo que desumaniza ou escraviza as pessoas.</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Colaboro para que o Reino de Deus cresça no meu ambiente familiar, amigos, estudo, trabalho, etc.</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Tenho esperança no futuro da humanidade.</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Assumo compromissos estáveis e graduais a favor dos pobres e marginalizados.</i> | | | | | | | | | | |
| <i>Sinto-me membro responsável, dentro da comunidade cristã, onde celebro e partilho a fé.</i> | | | | | | | | | | |
| ... | | | | | | | | | | |

2. Agora observa o quadro e analisa as respostas. Procura algumas motivações de fundo, que expliquem o resultado que obtiveste.
3. Tira algumas conclusões que possas incorporar no teu projecto pessoal de vida.

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

É de toda a conveniência que o grupo procure, pelo menos de vez em quando, reunir-se fora dos encontros normais de catequese. Esses encontros extra podem ajudar a crescer os relacionamentos interpessoais entre os membros do grupo e deste com o catequista. Podem servir para aumentar a motivação pelos encontros de catequese (semanais). Importa que seja um tempo construtivo. Das sugestões, aqui apresentadas, o(s) catequista(s) verão o que se poderá ou não aplicar a cada grupo concreto. Se estas sugestões não se puderem aplicar, pode ser que, pelo menos, inspirem algo de semelhante.

Qualquer audiovisual que seja utilizado, deverá ser sempre trabalhado com um bom diálogo orientado. Importa ainda que se procure sempre alguma ligação com a temática dos encontros catequéticos.

FILMES

- **Era uma vez um rapaz** (About a Boy), de Chris Weitz e Paul Weitz, do ano 2002, duração de 101 minutos, Comédia/Drama, distribuído pela Lusomundo, EUA/Reino Unido, com Hugh Grant, Toni Collette, Rachel Weisz e Nicolas Hoult.

DIAPORAMAS

- **As rãs** – o sentido da vida (Edições Diamart).

OUTRAS CANÇÕES

- **O Princípio do Fim** – Kyrios (Album: Filhos de um Deus Maior).

ACTIVIDADES

Nas paróquias que tenham S. Francisco Xavier como Padroeiro ou onde ele seja conhecido (ou onde se vir como possível), pode aprofundar-se a sua biografia e apresentar-se até, em celebração comunitária (dominical) uma breve encenação, onde se destaque a sua opção por uma vida com projecto.

O ESSENCIAL É AMAR...

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Amor: palavra repetida...

Vivemos incessantemente buscando o amor, porque sabemos que só ele dá sentido à vida. Crescemos ouvindo histórias de amor, no mito do *"foram felizes para sempre"*. Ligamos o rádio e as canções falam de amor, vemos uma telenovela e a palavra amor é repetida vezes sem conta. Vamos ao cinema e o enredo trata do tema do amor. Festeja-se S. Valentim e as montras enchem-se de corações. Banalizamos o amor. Reduzimos geralmente o amor ao erótico, ao desejo, ao sexo. O amor é moeda de troca, objecto de comércio, fonte de lucros incalculáveis. Já mais adultos, experimentamos o contrário. Olhamos à nossa volta e vemos o divórcio e a separação, o vazio e a solidão.

Há, ainda, uma outra espécie de amor: o amor solidariedade, caridade, serviço aos outros, fraternidade (também chamado com a palavra grega: *ágape*). No nosso mundo, felizmente, vão aparecendo muitos sinais e expressões positivas desse amor: o esforço de tantos voluntários (missionários ou simplesmente pessoas de boa vontade) que teimam em tornar o mundo mais humano; alguma preocupação com os mais pobres; a defesa dos direitos humanos; a defesa da natureza como "casa de todos"; alguma resposta às campanhas de solidariedade motivadas por catástrofes.

2. Ser cristão é amar

Jesus, voltando-se para certa mulher, conhecida naquela cidade como pecadora, disse a Simão, escandalizado: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me deste água para os pés; ela porém, banhou-me os pés com as suas lágrimas e enxugou-os com os seus cabelos; não me deste um ósculo; mas ela desde que entrou, não deixou de beijar-me os pés. Não me ungiste a cabeça com óleo, e ela ungiu-me os pés com perfume. Por isso, digo-te que lhe são perdoados os seus muitos pecados, porque muito amou; mas àquele a quem pouco se perdoa pouco ama". Depois disse à mulher: "Os teus pecados estão perdoados" (cf Lc 7, 36-48).

Jesus Cristo revela-nos que "Deus é amor" (1 Jo 4, 8) e, ao mesmo tempo, ensina-nos que a lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o mandamento novo do amor (cf GS 38).

Em Jesus Cristo, o amor deixa de ser um conceito meramente teórico para se encarnar, isto é, ter uma expressão, um rosto, para se tornar concreto. Ele revela a gratuidade plena do amor de Deus, o amor por excelência. Contemplar este amor de Deus, revelado em Jesus, permite-nos entender o amor humano como imagem e participação do amor gratuito de Deus. Em Jesus, todos somos chamados a viver o amor, nas suas várias dimensões (o amor de serviço e ajuda, o amor afectivo), com esta grandeza. Assim, para o cristão, amar à maneira de Jesus não é facultativo, não depende

da disposição, mas é absolutamente necessário, é condição sem a qual não se é cristão (cf I Cor 13, 1-13).

3. Amar é dar-se

O amor é exigente. Amar é um exercício permanente de atenção e de dedicação aos outros. Quem ama cuida, acarinha, "cura as feridas". Quem ama está atento: não deixa passar as pequenas alegrias e tristezas do quotidiano. Quem ama respeita: sabe que há um tempo para tudo.

O amor exige o respeito pelo outro, pelo seu projecto de vida, pelas suas opções fundamentais. Amar é gerir distâncias. Suficientemente próximo para que o amor ajude o outro a crescer, a personalizar-se; suficientemente distante para não absorver e escravizar. O amor transforma-nos, gera em nós vida e alegria (cf Act 20, 35). Mas, para que esta vida nova surja, é preciso saber morrer. Amar é morrer para o egoísmo, para o ódio, para a soberba, para a ingratidão, para o individualismo..., sabendo que vale a pena. Amar é dar-se.

OBJECTIVOS

- Constatar que o amor é, hoje, mais falado do que vivido;
- Compreender que, na vida, o essencial é amar com amor verdadeiro;
- Assumir a partilha e a solidariedade como experiência específica do cristianismo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta fase da vida dos adolescentes, o amor, seja qual for a ideia que dele se faça, é uma realidade muito presente. Assim, há que trabalhar os conteúdos no sentido de ir mais além: fazer descobrir que amar ao jeito de Jesus, isto é, amar sendo para os outros, é algo constitutivo da pessoa humana.
2. A 2ª alternativa do 1º encontro, porque implica cooperação e contacto físico, só deve realizar-se num grupo bem estruturado e se o catequista tem grande domínio do grupo.
3. O texto da Palavra, apesar de bastante conhecido, deve ser expressa e claramente proclamado; pela mesma razão, deve investir-se bastante no trabalho de interiorização do mesmo, de modo a que não pareça algo de abstracto, mas concreto e concretizável na vida.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos 1, 2, 3 e 4;
- Folhas de Papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Dístico: "O ESSENCIAL É AMAR. SE ME FALTA O AMOR NADA SOU"; amor gratuito; amor sem limites; amor concreto; amor aos inimigos;
- Imagem de Jesus Cristo.

MÚSICAS

- Só no amor (Grupos Corais da Portelinha);
- Flores do Tempo (Juventude Dehoniana).

1º Encontro – O AMOR ACIMA DE TUDO

Pode-se iniciar o encontro com o cântico: "Só no amor".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

Grande grupo

1. Hoje, gostaria que fizéssemos um jogo; um jogo em que vamos concentrar a nossa atenção nas qualidades dos verdadeiros amigos.

Vamos fazer primeiro uma lista de todas as qualidades (positivas) que apreciamos nos outros e que nos fazem sentir bem quando estamos com essas pessoas. (Temos 10 minutos à nossa disposição).

Olhando agora atentamente para a nossa lista, podemos escolher as dez qualidades mais importantes. Que qualidades apreciamos tanto que nos fazem sentir realmente bem quando nos encontramos junto a uma pessoa que as possui? Podemos assinalar com uma cruz as referidas qualidades. (Temos 5 minutos).

Façamos agora uma classificação, de 1 a 10, destas qualidades (sendo a 10 a mais importante). Em seguida, coloquemo-las por ordem, numerando-as. A que pusemos em primeiro lugar será obviamente a qualidade que consideramos mais importante. (Temos outros 5 minutos).

De modo a organizarmos o que até agora descobrimos, preenchemos esta grelha. *Distribui-se o Doc. 1 e dá-se um tempo de 15 minutos.*

(Fim do tempo) Vamos agora dividir-nos em grupos de quatro (ou dois a dois). Discutamos sobre aquilo que escrevemos, reflectindo sobretudo acerca das seguintes perguntas: - Até que ponto os amigos que temos possuem as qualidades que apreciamos? Como nos comportamos quando queremos conquistar um amigo?

Temos à nossa disposição 15 minutos.

2ª

Alternativa

Jogo de cooperação com o corpo
(para grupo pequeno)

Hoje, gostaria que nos empenhássemos num jogo em que temos que resolver um problema todos juntos. Só poderemos consegui-lo se nos pusermos em «sintonia» uns com os outros e actuarmos com calma e concentração.

Formemos grupos de quatro ou seis (*tem de ser necessariamente um número par*).

Coloquemo-nos em círculo, ombro com ombro, e estendamos os braços para a frente, para o centro do círculo.

Peguemos agora em duas mãos, que não sejam as do vizinho (nem as nossas, obviamente) e que não sejam também as duas mãos da mesma pessoa.

Desta maneira, formamos um nó bem forte.

A regra do jogo é esta: não podemos soltar as mãos que agarrámos antes.

Há duas possibilidades: cada um pode tentar desfazer o nó mudando a própria posição. Também podemos procurar, todos juntos, uma solução. Como vamos fazer?

Temos cinco minutos para desfazer o nó. *(O catequista pode e deve participar no jogo)*

Sentemo-nos e dialoguemos sobre o modo como vivemos este jogo.

Como procedemos? Como nos entendemos? Alguém tomou a orientação do grupo? Foi dirigido por várias pessoas? Alguém tentou resolver o problema sozinho? Até que ponto conseguimos, nesses cinco minutos disponíveis, desfazer o nó? O nosso comportamento era parecido com o utilizado noutras situações em trabalho de grupo? Dei alguma ideia para resolver o problema? Fiz o que me diziam os outros? Como nos sentimos? *(Dialogar até 10 minutos)*.

2. *(Síntese adaptável a ambas as alternativas)*: Para desatar os nós da vida, é muito importante a ajuda dos nossos amigos. A verdade é que a vida exige, às vezes, que colaboremos e trabalhemos com pessoas com quem até nem simpatizamos.

Ter de conviver com pessoas de quem não gostamos ou com quem não simpatizamos é algo que pode acontecer com facilidade: na escola, no trabalho, no tempo livre, em todos os ambientes. É nestas ocasiões que percebemos que precisamos de ir mais além, isto é, que temos de superar os nossos gostos com atitudes positivas, de abertura, de ajuda e entrega relativamente aos outros. É a isto que chamamos amor.

Amar é muito diferente de gostar. Gostar é simpatizar com o outro. Amar é sintonizar com o outro ainda que isso seja difícil. Só assim se percebe o mandamento de Jesus: "Amai os vossos inimigos". E a explicação do mesmo mandamento: "Se amardes aqueles que vos amam, que merecimento tereis. Também os pagãos fazem o mesmo" (cf Mt 5, 46).

Amar é uma atitude positiva – é uma iniciativa da minha vontade que exige uma opção clara. O amor ao jeito de Jesus é algo que se escolhe, é uma opção fundamental.

3. No próximo encontro, aprofundaremos o sentido deste amor segundo o estilo de Jesus. Por hoje, podemos terminar com a leitura de um texto muito bonito e significativo que vem no nosso catecismo:

O texto pode ser lido em conjunto ou por frases, em jeito de jogral (conforme assinalado)...

PARA INTERIORIZAR:

- 1 – Ainda que possa dar cem vezes a volta ao mundo e aprender o Hebraico na perfeição;
- 2 – ainda que possa falar de tudo e possua a verdade de muitos mistérios e da própria eternidade,
- 3 – se não tiver o amor, o amor e a sua confiança; se não tiver o amor, o amor que é paciente;
- 4 – se não tiver o amor, não serei nada.
- 5 – Ainda que seja fiel à lei e a todos os seus ensinamentos e cumpra à letra todos os mandamentos.
- 6 – Ainda que a minha fé grite às areias do deserto ou plante árvores no meio do oceano,
- 7 – se não tiver o amor, o amor e as suas feridas; se não tiver o amor, o amor que transfigura;
- 8 – se não tiver o amor, não serei nada.
- 9 – Ainda que entregue o meu tempo e até toda a minha vida e partilhe tudo segundo o meu desejo...
- 10 – Ainda que creia num amanhã sempre possível em qualquer lugar;

- 11 – ainda que, sem perder tempo,
caminhe para um mundo melhor,
- 12 – se não tiver o amor, o amor e a sua justiça;
se não tiver o amor, o amor que é serviço;
- 13 – se não tiver o amor, não serei nada (cf 1 Cor 13, 1-13).

2º Encontro – “COMO EU VOS AMEI...”

O encontro pode iniciar-se com o cântico: "Flores do tempo".

Ainda nos lembramos do modo como terminámos o nosso último encontro? Exactamente... Com um texto sobre o amor. Um texto que nos dizia que o amor é fundamental para sermos felizes.

Esse texto é uma adaptação de um texto da Bíblia, escrito pelo apóstolo S. Paulo aos cristãos da cidade grega de Corinto... Os cristãos dessa comunidade tinham muita dificuldade em se amar. Tardavam em descobrir que só vivendo no amor poderiam ser um sinal concreto de Deus que nos ama. É por isso que S. Paulo lhes escreve este belo hino...

Vamos proclamá-lo e escutá-lo com atenção?

II. PALAVRA

1. Proclamação da Palavra (1 Cor 13, 1-10.13).

O texto pode ser proclamado pausadamente por três adolescentes, com a divisão que a seguir se indica. Esta divisão de tarefas deverá ser feita previamente, durante o acolhimento:

- 1 – ¹ Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos,
se não tiver amor, sou como um bronze que soa
ou um címbalo que retine.
Ainda que eu tenha o dom da profecia
e conheça todos os mistérios e toda a ciência,
ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas,
se não tiver amor, nada sou.
² Ainda que eu distribua todos os meus bens
e entregue o meu corpo para ser queimado,
se não tiver amor, de nada me aproveita.
- 2 – O amor é paciente,
o amor é prestável,
não é invejoso,
não é arrogante nem orgulhoso,
nada faz de inconveniente,
não procura o seu próprio interesse,
não se irrita nem guarda ressentimento.
Não se alegra com a injustiça,
mas rejubila com a verdade.
Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.
- 3 – O amor jamais passará.
Agora permanecem estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor;
mas a maior de todas é o amor.

2. Este texto apresenta o amor como o mais profundo mistério da vida. Na verdade, aquilo que dá sentido à vida e nos faz felizes é o amor.

Mas vejamos atentamente o texto de S. Paulo:

Vamos dividir-nos em grupos de trabalho e cada grupo vai analisar um aspecto deste texto.

Um grupo (ou metade dos grupos) irá tentar captar as qualidades que o apóstolo atribui ao amor (*distribui-se o Doc.2*).

O segundo grupo (ou a outra metade) irá descobrir como e quando se concretiza este amor (*distribui-se o Doc.3*).

No final do trabalho de grupos, faça-se um breve plenário, relacionando as duas grelhas de análise. Depois, sublinhe-se os seguintes aspectos:

- **Jesus Cristo é a manifestação visível do amor infinito de Deus pelos homens.** O amor de Jesus é muito mais forte do que os amores que florescem na terra. O amor de Jesus é um amor único, original; tão original que os seus discípulos tiveram que inventar uma palavra para o qualificar: é a palavra ágape, caridade.
O amor de Jesus é um amor que rompe todos os limites e que tem a sua origem no próprio coração de Deus Pai e se alimenta do Espírito Santo.
- **A paixão, morte e ressurreição de Jesus na cruz é o acontecimento que revela, na totalidade, o sentido e a profundidade do amor de Deus...** Na verdade, Deus ama de tal modo o mundo que enviou o seu Filho ao mundo e O entregou à morte... para que, n'Ele e por Ele, tivéssemos a vida em abundância, profundamente enxertados no seu amor.
- **O amor (caridade) é o valor supremo da vida cristã.** Amar, com este amor, é ter: misericórdia, paciência, generosidade, entrega, ajuda e gratuidade. Este amor é, ao mesmo tempo, um amor humano e divino.
O amor-caridade é, aliás, o valor que sustenta todos os outros valores. Sem amor, nada valem a fé, o conhecimento, os milagres; sem o amor, nada tem valor.
- **O amor é o que realmente distingue os discípulos de Jesus:** "que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos" (Jo 13,34; cf Jo 15,12). Ser cristão é viver a caridade de Jesus Cristo. Só em Jesus o nosso amor é verdadeiramente caridade. Precisamos como que de uma transfusão de amor – do coração de Jesus para o nosso coração: "o amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5, 5).

3. É assim o amor de Deus: com um rosto humano – o de Jesus Cristo (*afixar imagem de Jesus Cristo*), amor gratuito (*dístico*), amor sem limites (*dístico*), amor concreto (*dístico*), amor aos inimigos (*dístico*)...

Seremos nós capazes de amar assim, ao jeito de Jesus? Estamos dispostos a treinar esta arte de amar?

Vamos então, experimentar o amor concreto. Para isso, sugere-se que se esclareça cada uma das frases do catecismo, sobre o amor.

Exemplos:

AMAR-NOS UNS AOS OUTROS – Significa reciprocidade no amor;

VER JESUS NO OUTRO – O que fizermos a qualquer pessoa é a Jesus que o fazemos;

SER O PRIMEIRO A AMAR – Tomar a iniciativa e ir ao encontro do outro;

COMO EU VOS AMEI – Indica a medida do amor: até dar a vida;

AMAR A TODOS – Não escolher as pessoas que devemos encontrar e aceitar aquelas que mais nos custa...;

FAZER-SE UM – Estar triste com quem sofre, alegrar-se com quem se alegra... Se o catequista tiver dúvidas, poderá ir ver o texto bíblico, que lhe serve de suporte, e que está indicado no catecismo; AMAR OS INIMIGOS – Aceitar todos aqueles de quem não gostamos.

| Amarmo-nos uns aos outros | “AMAI-VOS UNS AOS OUTROS...” | Amar a todos |
|---------------------------|------------------------------|-----------------------------|
| Ver Jesus no outro | <i>Imagem de Jesus</i> | “Fazer-se” um com os outros |
| Ser o primeiro a amar | “COMO EU VOS AMEI...” | Amar os inimigos |

Enquanto cada um preenche o seu quadro, pode colocar-se uma suave música de fundo...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- Há pessoas que vivem o desafio de amar e amar até ao fim. Uma dessas pessoas é Raul Follereau, cidadão francês, falecido em 1977, e conhecido como o apóstolo dos leprosos dos tempos modernos, sobretudo por causa da obra magnífica desenvolvida em benefício dos leprosos de todo o mundo. Foi o grande lutador na “batalha contra a lepra e todas as lepras do nosso tempo”. Escreveu vários livros em que denuncia os enormes gastos com armamento, quando o dinheiro de um bombardeiro chegaria para eliminar a lepra existente no mundo, sobretudo em países africanos e orientais. Visitou Portugal em 1968. No nosso país, continua a deixar “marcas” através da “Associação Portuguesa Amigos de Raoul Follereau”. Na medida das nossas possibilidades, também nós queremos ser um testemunho vivo desta convicção: o essencial, o fundamental, o decisivo para a vida é amar. Proponho-vos, por isso, que hoje rezemos a Deus com palavras de Raoul Follereau. Pode ser? **SÚPLICA** (*Ler em conjunto*).

- Concede-me, Senhor, o dom do amor.
O dom de amar todo o mundo,
de amar tudo em toda a terra
e, sobretudo, os homens nossos irmãos,
que são, por vezes, tão infelizes.
De amar também as pessoas felizes,
que tantas vezes são pobres fantoches.
- Dá-nos, Senhor, a força de amar sobretudo os que não nos amam,
antes de tudo os que não amam ninguém,
para os quais, quando a Hora soar, tudo acaba para sempre.
- Que a nossa vida seja o reflexo do Teu amor!
Amar o próximo que está no cabo do mundo;
amar o estrangeiro que vive ao nosso lado;
consolar, perdoar, abençoar, estender os braços.
- Amar aqueles que se esgotam
em correrias inúteis em redor de si mesmos:
fazer brotar uma fonte no deserto do coração;
libertar os solitários, erguer os prostrados,
abrir com um sorriso os corações fechados. Amar, amar...

- Então, uma grande Primavera transformará a terra, e tudo em nós re florirá.

Raul Follereau

(Se for oportuno e o tempo o permitir, pode fazer-se uma breve 'ressonância').

2. A partir da Palavra de Deus – palavra de vida que ilumina e dá vida – e também do testemunho vivo de Raoul Follereau, podemos seguramente sintetizar assim a nossa fé no amor:

O ESSENCIAL É AMAR / SE ME FALTA O AMOR NADA SOU...

Esta síntese pode ser afixada num placard, ou entregue num postal, ou escrita numa pedra e entregue a cada um.

Durante a semana, o catequista pode enviá-la para o telemóvel dos catequizandos via sms. Podemos ainda verificar a sintonia com o chamado "acto de caridade" que está no nosso catecismo.

Para guardar na memória e no coração

Acto de caridade:

Meu Deus, amo-Vos de todo o meu coração, porque sois infinitamente bom e, por amor de Vós amo o próximo como a mim mesmo.

3. Durante a semana e para nos ajudar a concretizar um pouco mais o que neste tema descobrimos, podemos aplicar expressões dos nossos dias às "obras de misericórdia" (assim chamadas as OBRAS DO AMOR), conforme se indica no nosso catecismo...

AS OBRAS DE MISERICÓRDIA / OBRAS DE AMOR

| FORMULAÇÃO HABITUAL | FORMULAÇÃO COM A LINGUAGEM DE HOJE |
|--|------------------------------------|
| CORPORAIS | CORPORAIS |
| 1- Dar de comer a quem tem fome | 1- |
| 2 - Dar de beber a quem tem sede | 2 - |
| 3 - Vestir os nus | 3 - |
| 4 - Dar pousada aos peregrinos | 4 - |
| 5 - Assistir os enfermos | 5 - |
| 6 - Visitar os presos | 6 - |
| 7- Enterrar os mortos | 7- |
| ESPIRITUAIS | ESPIRITUAIS |
| 1 - Dar bom conselho | 1- |
| 2 - Ensinar os ignorantes | 2 - |
| 3 - Corrigir os que erram | 3 - |
| 4 - Consolar os tristes | 4 - |
| 5 - Perdoar as injúrias | 5 - |
| 6 - Sofrer com paciência as fraquezas do próximo | 6 - |
| 7 - Pedir a Deus por vivos e defuntos | 7- |

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

OS MEUS AMIGOS

Enumera, na primeira coluna da tabela, as dez qualidades principais que pensas que deve ter um verdadeiro amigo.

A partir de 1 Cor 13, 4-7, descreve as qualidades do amor verdadeiro.

| QUALIDADE | NOME DOS MEUS AMIGOS | | | | |
|-----------|----------------------|---|---|---|---|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1. | | | | | |
| 2. | | | | | |
| 3. | | | | | |
| 4. | | | | | |
| 5. | | | | | |
| 6. | | | | | |
| 7. | | | | | |
| 8. | | | | | |
| 9. | | | | | |
| 10. | | | | | |

Escreve agora debaixo dos números (no mesmo quadrado), os nomes dos teus melhores amigos.

Uma vez feito isto, concentra-te no primeiro amigo, pensa nas qualidades que possui e marca uma cruz nas casas correspondentes...

Faz o mesmo com o resto dos amigos.

DOCUMENTO 2

A partir de 1 Cor 13, 4-7, descreve as qualidades do amor verdadeiro.

| QUALIDADE | DESCRIÇÃO DAS QUALIDADES DO AMOR |
|-----------|----------------------------------|
| 1) | |
| 2) | |
| 3) | |
| 4) | |
| 5) | |
| 6) | |

DOCUMENTO 3

A partir de 1 Cor 13, 8-13, descobre como o amor acompanha todo o processo de crescimento e amadurecimento da pessoa humana...

| ETAPAS | O AMOR E A MATURIDADE HUMANA EM DEUS |
|--------|--------------------------------------|
| a) | |
| b) | |
| c) | |

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

Algumas destas actividades podem ser sugeridas e desenvolvidas, durante a semana, entre o primeiro e o segundo encontro, em hora e local combinar no grupo. O importante é que se situem em ligação com a temática dos encontros catequéticos.

FILMES

- A Cidade da Alegria (The city of joy);
- Alguma biografia de Madre Teresa de Calcutá ou Raoul Follereau (existente no mercado).

DIAPORAMAS

- "Projectar a vida" (Diamart).

OUTRAS CANÇÕES

- "Se eu não tiver amor" – Frei Acílio Mendes;
- "Todos nós" – Kyrios (Álbum – Filhos de um Deus Maior);
- "Sozinho" – Caetano Veloso (Album – Prenda Minha).

ACTIVIDADES

- Fazer um levantamento de todos os SINAIS DE AMOR, ao jeito de Jesus, que se "vejam" na paróquia (ou comunidade).
- Fazer um "trabalho de investigação" sobre a vida de Madre Teresa de Calcutá e/ou de Raul Follereau.
- Contactar a "Associação Portuguesa Amigos de Raoul Follereau" e descobrir como se pode colaborar com esta associação.
- Aprofundar o compromisso sobre as "Obras de Misericórdia" (concretizando alguma em especial).
- Ler alguma bibliografia de Santa Teresinha do Menino Jesus.

CATEQUESE 3

SER PESSOA LIVRE

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Sinais de liberdade

Hoje há diversas formas de encarar a liberdade. Assim, alguns refugiam-se numa atitude impositiva e centrada em si mesmos, manifestada no refrão: "eu quero, posso e mando!". Neste caso, a liberdade é sinónimo de se poder fazer ou dizer o que se quer. Nesta perspectiva, a liberdade chega a ser confundida com libertinagem e vandalismo. Outros, ao contrário, esforçam-se por descobrir caminhos de liberdade onde se realizem como pessoas e, ao mesmo tempo, contribuam para construir um mundo melhor. Exemplo dessa atitude positiva é o próprio voluntariado, que leva jovens a enfrentar todos os perigos na esperança de suavizarem o mar de dor que atinge tantas pessoas nos nossos dias (que padecem a fome, a doença, a falta de água, a guerra com todos os seus males). Do mesmo modo, os missionários e missionárias, que entregam toda a sua vida e deixam tudo por amor das pessoas em dificuldade a que se dedicam.

Entre nós, acontece, muitas vezes, que queremos ser livres, mas deixamo-nos escravizar pelo pensamento dominante. Que liberdade existe em ser-se conduzido, em gritar o que todos gritam, em repetir o que outros dizem? Onde está a liberdade quando, sem questionar, concordamos? Onde está a liberdade quando, sem analisar, consentimos? Onde está a liberdade quando deixamos que outros pensem e decidam por nós chamando *exercício de liberdade* à abstenção? A sociedade ocidental, também apelidada de "mundo livre", vive dependente dos meios de comunicação social, com as suas mensagens e opiniões pré-fabricadas. Que liberdade há, também, em se deixar escravizar pela droga ou pelo álcool? Que liberdade temos se somos irresponsáveis nas nossas atitudes para com os outros?

Sim, se por um lado, é urgente descobrir as falsas liberdades, importa, por outro lado, descobrir os sinais evidentes de verdadeira liberdade no nosso mundo: a luta pela democratização dos povos, pela defesa das liberdades e garantias individuais e colectivas, pela liberdade religiosa, de associação, de imprensa, etc. Há também algumas vozes que proclamam a liberdade interior, essa que não se aliena nem se rende aos dinamismos escravizantes da nossa sociedade: são as vozes dos profetas que, em nome de Cristo, estão ao lado dos oprimidos e lutam pela liberdade profunda e autêntica.

2. Livres em Cristo

O Concílio Vaticano II, a propósito da educação para o exercício da liberdade, refere: "Os homens de hoje estão sujeitos a pressões de toda a ordem e correm o perigo de se verem privados da própria liberdade". Por isso, exorta a que se procure educar homens e mulheres "que julguem as coisas por si mesmos e à luz da verdade, procedam com sentido de responsabilidade e aspirem a tudo o que é verdadeiro e justo, sempre prontos para colaborar com os demais"(DH 8). Saber optar

entre várias possibilidades e saber identificar o que é verdadeiro e bom, assim se constrói a liberdade e se educa para ela.

Como dizia S. Paulo, escrevendo aos cristãos de Corínto: "«Tudo me é permitido», mas nem tudo é conveniente. «Tudo me é permitido», mas eu não me farei escravo de nada" (1Cor 6,12). Ser livre não é, por isso, fazer o que se quiser, mas saber escolher e decidir, com sabedoria, o bem, a verdade, a justiça e o amor.

Jesus, sendo o libertador de todas as escravidões, é também inteiramente livre, no seu pensar e no seu agir. Jesus vive plenamente identificado com a missão que o Pai lhe confiou e comunica a felicidade do Reino, que é liberdade e paz no Espírito Santo. O mesmo S. Paulo, noutra carta exortava: "foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes, e não vos sujeiteis outra vez ao jugo da escravidão" (Gal 5,1). De facto, o próprio Cristo veio para libertar o ser humano, renovando-o interiormente (cf GS 13).

3. Saber decidir e comprometer-se

Ser livre é ser pensante, é questionar-me e questionar o mundo que me rodeia. Ser livre é fazer as minhas opções de vida e saber as razões pelas quais as faço. Ser livre é ver, pensar e agir.

- *A liberdade manifesta-se, pois, na procura da verdade e do bem.* Há uma voz dentro de nós que nos diz: "faz isto, evita aquilo" (cf GS 16).
- *Nessa procura, o cristão segue a própria consciência* rectamente formada, à luz da Palavra de Deus. Não norteia a sua vida pelas "ondas de pensamento" que estão na moda, mas pela verdade que é uma Pessoa, Jesus, que pode dizer: "Eu sou a verdade"(cf Jo 14,6).
- *A pessoa livre é a que está livre para servir.* É a que se sente responsável pelo bem de todos, por isso não cruza os braços, antes intervém na vida social, colabora, procurando transformar a sociedade à sua volta. Sabe que o seu contributo, a sua opinião, são essenciais para a construção de um mundo melhor.

OBJECTIVOS

- Conhecer vários conceitos de liberdade;
- Descobrir como Jesus é livre e libertador de várias escravidões;
- Assumir caminhos de verdadeira liberdade.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Na personalidade do adolescente, está o impulso que sente para a *autonomia* e a *liberdade* como algo necessário para a construção do próprio eu. Contudo, o equilíbrio entre liberdade pessoal e aceitação social não se alcança com facilidade. É fruto de uma certa negociação, de exercícios de acomodação e de distanciamento, pelos quais o adolescente deve necessariamente passar.
2. A constatação das escravidões do mundo é um bom ponto de partida para a descoberta de Jesus como alguém inteiramente livre e libertador, totalmente realizado e identificado com a missão que o Pai lhe confiou.
3. A fé é uma opção livre e não se pode educar a não ser num clima de liberdade.
O cristianismo acredita na liberdade do homem, favorece-a e estimula-a. Esta catequese há-de ajudar cada um a aprofundar a sua liberdade em relação à cultura dominante, aos preconceitos e a si mesmo, chegando a uma liberdade exterior e interior, capaz de escolher o bem.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;

- Quadro ampliado;
- Recipiente para colocar compromissos;
- Compromissos escritos em papeis de cor;
- Imagens/fotografias/cartazes para a foto-montagem da síntese;
- Fotocópias da canção "Cristo dará a liberdade" (ou outro).

MÚSICAS

- Canto à liberdade (Juventude Dehoniana);
- Juventude com valores (Juventude Dehoniana);
- Cristo dará a liberdade.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1º Encontro – SOMOS LIVRES E RESPONSÁVEIS

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

Pode começar-se o encontro cantando: "Cristo dará a liberdade".

1ª

Alternativa

1. Hoje vamos iniciar o nosso encontro com uma actividade de "faz de conta". Vamos imaginar que somos Deus, isto é, que temos todo o poder para fazer o que quisermos e estamos em todo o lado. Temos 10 minutos para completar as afirmações da ficha.

Distribui-se o Doc.1.

Agora, por grupos, vamos confrontar as nossas opiniões. E vamos anotar a frase ou expressão que consideramos como a mais importante de todas. Temos mais 10 minutos.

2. (*Findo o tempo*) Voltemos ao grande grupo. Proponho-vos agora que um a seguir ao outro diga qual é a frase que destaca como a mais importante.

Possibilitar que todos se expressem.

O catequista pode também alargar um pouco mais, lançando para o debate algumas questões como as que se seguem:

- Que valores são para mim os mais importantes?
- Comprometo-me com eles em cada dia? Como?
- Que tipo de Deus seria eu? Que adjectivo me descreveria melhor?
- Como seria o mundo se eu estivesse no lugar de Deus?
- Quais os valores que mais destacámos?

1. *Ler calma e pausadamente a "parábola" do homem das mãos atadas. Esta leitura pode ser feita por um catequizando. Esta história pode também ser encenada.*

"Era uma vez um homem como todos os outros. Um homem normal. Tinha qualidades e defeitos. Não era diferente.

Uma vez bateram de repente à sua porta.

Quando saiu, encontrou-se com os seus amigos. Eram vários e tinham vindo juntos.

Os seus amigos ataram-lhe as mãos.

Depois disseram-lhe que assim era melhor; que assim, com as suas mãos atadas, não podia fazer nada de mal.

Esqueceram-se de lhe dizer que assim também não podia fazer nada de bem.

E foram-se embora, deixando um guarda junto à porta, para que ninguém o pudesse desatar.

Ao princípio, estava desesperado e procurava desatar as amarras.

Quando se convenceu de que eram inúteis todos os esforços, tentou habituar-se a esta nova situação.

Pouco a pouco, conseguiu habituar-se a viver com as mãos atadas. Inicialmente, custava-lhe descalçar os sapatos. Mais tarde, houve um dia em que até conseguiu acender um cigarro. E começou a esquecer-se que antes tinha as mãos livres.

Passaram-se muitos anos. Entretanto, o seu guarda comunicava-lhe, todos os dias, as coisas más que faziam lá fora os homens com as mãos livres. Esquecia-se de lhe dizer as coisas boas que faziam lá fora os homens com as mãos livres.

Passaram-se ainda mais anos. O homem habituou-se completamente às mãos atadas. E quando o seu guarda lhe dizia que era graças àquela noite em que o ataram que ele nada fazia de mal, o homem começou a convencer-se que era melhor viver com as mãos atadas.

Já estava acostumado às ligaduras. Passaram-se muitos, muitíssimos anos.

Um dia, os seus amigos apanharam de surpresa o guarda, entraram na casa e desataram as ligaduras que atavam as mãos do homem.

Porém, tinham chegado demasiado tarde.

As mãos do homem estavam totalmente atrofiadas".

2. *Terminada a apresentação da parábola, pode pedir-se que, a partir de jornais e revistas, descubram e analisem, por grupos, sinais de liberdade e de escravidão. Feita esta investigação e a partir dela, elabore-se um cartaz ou composição que expresse a ideia de liberdade a que cada grupo chegou.*
3. *Finalmente, (e para ambas as alternativas) pode pedir-se que preencham o teste que vem no catecismo:*

Qualifica de *muito / bastante / pouco / nada*,
o teu grau de liberdade
relativamente aos seguintes aspectos da tua vida:

| ASPECTOS DA VIDA | GRAU DE LIBERDADE |
|-----------------------|-------------------|
| Os teus pais... | |
| Os teus irmãos... | |
| Os teus amigos... | |
| A tua turma... | |
| A Paróquia... | |
| Na catequese... | |
| Deus... | |
| O dinheiro... | |
| Aparência exterior... | |
| Preguiça... | |

O catequista pode apresentar uma breve síntese:

- A liberdade é uma aspiração profunda das pessoas. É algo de essencial na nossa vida;
- O ser humano quer ser livre, mas, às vezes, deixa-se escravizar por modos de viver que o amarram;
- Temos que lutar e esforçar-nos por ser livres e não confundir liberdade com capricho;
- A liberdade é a capacidade de fazer o bem...

Terminada esta síntese, pode ler-se conjuntamente o texto que se segue, distribuindo o Doc. 2 (o catequista propõe e os catequizandos completam a frase):

Sou livre quando, depois de ter amado as coisas e os homens,
eles ficam livres e eu menos escravo.

Sou livre quando, preso pela dor, uma voz grita dentro de mim: Ressuscitou!

Sou livre quando creio num Deus que criou tudo com liberdade.

Sou livre quando aceito a liberdade dos outros.

Sou livre quando a minha liberdade está acima do dinheiro, do erotismo ou de outros tiranos.

Sou livre quando a morte não constitui para mim mais que a passagem à plenitude da vida.

Sou livre quando consigo ser Pessoa.

Sou livre quando consigo descobrir o bem que existe em cada criatura.

Sou livre quando aceito que, na minha vida, a consciência esteja em primeiro lugar.

Sou livre quando não existe um preço para a minha liberdade.

Sou livre quando a minha única lei é o AMOR.

Sou livre quando sei dar-me aos outros sem exigir possuí-los.

Sou livre todas as vezes que defendo com convicção a liberdade dos outros.

Sou livre quando, sendo rico, continuo a invejar a liberdade dos pobres.

Sou livre quando, sendo pobre, continuo a preferir a minha liberdade ao dinheiro dos outros.

Sou livre quando creio que o meu Deus é maior que o meu pecado.

Sou livre quando, na hora da prova, creio que Deus, o sol e eu somos novos todos os dias e que posso recomeçar sempre. (...)

De mãos dadas, caminhemos, através da reflexão e do compromisso pessoal e comunitário, para uma Liberdade cada vez mais consciente, verdadeira e livre.

(Marieta e Lúcia Tavares in *Topas outra vez?* p. 58 s).

Para terminarmos o nosso encontro, proponho que façamos juntos a seguinte oração,

PARA INTERIORIZAR:

Senhor,

Não queremos pôr o nosso coração no vil metal

Diante do qual muitos se prostram para o adorar

Não queremos viver obsessionados pela última moda,

Apenas preocupados com o que havemos de vestir.

Senhor,

Queremos procurar primeiro o vosso Reino

Que é Reino de justiça e amor, alegria e paz, Reino de liberdade.

Queremos que sejais Vós a nossa única riqueza,

Porque não seremos defraudados.

Sereis a nossa recompensa perpétua e a nossa verdadeira liberdade.

Repete-se o cântico do início...

2º Encontro – JESUS, O HOMEM LIVRE

0. O encontro pode iniciar-se cantando "Jovens com valores".

Verificámos, no nosso último encontro, que o desejo de liberdade está presente em todo o ser humano. E é um desejo querido por Deus. Deus criou-nos para a liberdade.

Jesus, o Filho de Deus, apresenta-se como pessoa livre, não se deixando limitar pelo que os outros dizem ou pensam. Como terá vivido a sua liberdade? A liberdade de Jesus poderá hoje ser referência para o nosso modo de ser livres?

Escutemos um texto da Bíblia que nos mostra um aspecto da liberdade de Jesus.

II. PALAVRA

1. Proclamação da Palavra:

Já no Livro do Génesis, se diz que, no sétimo dia, "Deus repousou"(Gn 2,2). Porém, é sobretudo com a aliança do Sinai que Deus, através de Moisés, institui o descanso sabático como um acto profundamente religioso. Jesus não está contra as práticas judaicas. O que Ele questiona é uma vivência costumeira e exterior da religião, que se ficava nas aparências e não chegava ao amor do coração. Escutemos:

«Em certa ocasião, Jesus passava, num dia de sábado, através das searas. Os seus discípulos, que tinham fome, começaram a arrancar espigas e a comê-las. Ao verem isso, os fariseus disseram-lhe: «Aí estão os teus discípulos a fazer o que não é permitido ao sábado!» Mas Ele respondeu-lhes:«Não lestes o que fez David, quando sentiu fome, ele e os que estavam com ele? Como entrou na casa de Deus e comeu os pães da oferta, que não lhe era permitido comer, nem aos que estavam com ele, mas unicamente aos sacerdotes? E nunca lestes na Lei que, ao sábado, no templo, os sacerdotes violam o sábado e ficam sem culpa? Ora, Eu digo-vos que aqui está quem é maior que o templo. E, se compreendêsseis o que

significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício, não teríeis condenado estes que não têm culpa. O Filho do Homem até do sábado é Senhor» (Mt 12, 1-8).

2. (Antes da exposição que se segue, o catequista pode sugerir uma ressonância, motivando cada adolescente a partilhar o aspecto que mais lhe chama a atenção... O catequista pode, se julgar oportuno, fazer também a sua "leitura" pessoal).

Este trecho do Evangelho de S. Mateus mostra bem como Jesus está plenamente identificado com a missão que o Pai Lhe confiou e sobretudo como Jesus é livre e libertador.

Em que sentido é que Jesus foi uma Pessoa livre?

- a) Antes de mais, Jesus é livre exteriormente.

No caso da passagem que ouvimos, a proibição de fazer trabalhos ao sábado fazia parte da vivência exterior do sábado, que era o dia santo por excelência. "Jesus, 'Senhor do sábado' (Mc 2,28), devolve o carácter libertador à observância deste dia" (DD 63). Jesus liberta das opressões exteriores (fome, injustiça, doença), mostrando assim que o Reino já chegou e já está em crescimento (cf CIC 549). Ao mesmo tempo, essa libertação é sinal da salvação que Jesus vem oferecer a toda a humanidade.

- b) Esta liberdade exterior é sinal da sua liberdade interior.

- **Jesus vence o medo e ensina-nos a vencê-lo:** no momento em que se aproxima a sua morte, Jesus experimenta o medo do sofrimento e da solidão até suar sangue (cf Lc 22,44). Jesus ganha coragem e ultrapassa esse medo, confiando inteiramente no Pai: "o Pai está comigo" (Jo 16,32).
- **Jesus vence o pecado e a mentira:** frente às prescrições injustas da lei e ao culto alienante, baseado na rotina dos costumes, Jesus constatava com tristeza: "vazio é o culto que me prestam" (Mc 7,7). Este culto vazio era uma forma de mentira. Então, Ele aponta para o verdadeiro culto: o culto em espírito e verdade, em que a misericórdia e o amor estão acima dos sacrifícios de animais. "Prefiro a misericórdia", dizia retomando uma expressão do Antigo Testamento. Jesus não tem pecados, é o Santo por excelência (porque é Deus), mas vence o pecado e a mentira que há no mundo e em cada ser humano. Por isso, repete-nos hoje o que disse aos seus discípulos: "tende confiança, Eu já venci o mundo" (Jo 16, 33). Como diz o Catecismo da Igreja Católica, Jesus "veio para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado, que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas" (CIC 549).
- **Jesus vence a morte com a sua ressurreição:** Jesus amou-nos até ao fim (cf Jo 13,1) e deu livremente a vida por nós. Num primeiro momento, parecia que as forças do mal tinham levado a melhor. Porém, no domingo seguinte à morte cruel de Jesus, algo de único aconteceu. As mulheres que tinham ido ao sepulcro puderam encontrar-se com Ele vivo. Tinha ressuscitado e o sinal disso é que Ele mesmo se apresentou várias vezes ao grupo dos apóstolos. Assim, Jesus vence a sua morte e torna-se a "fonte da nossa ressurreição futura" (CIC 655).

Jesus liberta-nos das opressões exteriores: pressão social, do culto da imagem, da preocupação do "corpo perfeito", da injustiça social. Ao mesmo tempo, livra-nos do pecado, dos vícios, do egoísmo, de tudo o que não nos dá a verdadeira alegria. Qual é o segredo da liberdade de Jesus? Jesus vive a sua liberdade como amor ao Pai, em favor de todos nós. Quer dizer, Jesus é livre porque ama com um amor verdadeiro.

Para libertar, Jesus:

- torna-se inteiramente disponível (por palavras e por obras);
- entrega a sua vida incondicionalmente;
- aproxima-se de todo aquele que sofre.

(Pode utilizar-se o seguinte quadro devidamente ampliado:)

| JESUS HOMEM LIVRE | LIVRES COMO JESUS |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">- Livre das opressões exteriores- Livre da angústia da morte- Livre da solidão e sofrimento | <ul style="list-style-type: none">- Liberta da pressão social e da injustiça- Liberta do pecado e do egoísmo- Liberta do medo e da ansiedade |

- 3.** Jesus é a grande referência para aqueles que desejam sentir-se verdadeiramente livres e projectar a própria vida em liberdade. Jesus é livre e o único libertador: "se o Filho vos libertar, sereis realmente livres" (Jo 8, 36). Nós "fomos chamados à liberdade" (Gal 5, 13) quer exterior (poder decidir e ir para onde se quiser) quer interior (para ser livre é preciso deixar de ser "servo do pecado" - cf Jo 8,34 - e fazer o bem, seguindo a consciência (que, se bem formada, é para nós voz de Deus).

A história humana está cheia de opressores, mas também de muitos exemplos de pessoas que ousaram ser livres como Jesus.

Na década de 70, em El Salvador, o Arcebispo Oscar Romero foi o líder e a voz mais activa da Igreja durante um período de grande violência e turbulência naquele país. A ditadura militar esmagou a oposição. A Igreja, como voz livre, ao lado dos mais desfavorecidos, foi também violentamente perseguida.

D. Oscar Romero foi abatido a tiro, a 24 de Março de 1980, quando celebrava a Missa na Capela do Hospital da Divina Providência.

Alguns dias antes, ele tinha feito um apelo profético ao exército salvadorenho para que parasse com a repressão, pedindo mesmo aos soldados que não obedecessem às ordens injustas que mandavam matar os seus irmãos e irmãs.

O bispo Romero descobriu que só poderia ser feliz, sendo livre à maneira de Jesus. Para isso, tinha de se esquecer de si mesmo e sofrer com quem era maltratado. No nosso tempo, por vezes, procura-se uma liberdade egoísta, que só pensa em fazer o que apetece. Os grandes homens e mulheres da humanidade descobriram, à maneira de Jesus, que a maior opressão que não nos deixa ser felizes é, tantas vezes, o próprio egoísmo, pois estamos preocupados apenas com o nosso bem-estar material. É sendo livres do mal (e pedindo: "livrai-nos do mal"), do pecado, dos vícios e de todas as formas de egoísmo que somos verdadeiramente livres e podemos ajudar os outros a libertar-se.

Quero estar disponível para estar ao serviço dos que sofrem, sendo livre no amor, como Jesus?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

- 1.** Como vemos, ser livre tem consequências, para nós e para os outros. Temos de trabalhar cada dia pelo exercício responsável da nossa liberdade. E temos de lutar cada dia pela liberdade dos outros.

Isso exigirá de nós alguns incômodos, sacrifícios e até, em certos casos, perseguições. Mas a nossa voz, à semelhança de Jesus, tem de ser um grito de liberdade.

Proponha-se agora a escuta do tema musical "Cristo dará a liberdade" (ver catecismo).

Escutado o tema, deixam-se alguns minutos de silêncio em que se convida cada um a sublinhar a frase mais expressiva e a escrever, a partir dela, uma breve oração.

Entre cada uma das orações partilhadas, pode cantar-se o refrão do mesmo cântico ou outro que se julgue oportuno.

2. No fim da oração, sugere-se a seguinte síntese em fotomontagem:

- 1) Se Cristo nos deu a liberdade (*imagem expressiva de Cristo*);
- 2) Seremos realmente livres! (*imagem de adolescente de braços erguidos*);
- 3) Esta liberdade é um dom de Deus, mas é também uma tarefa humana (*imagem retratando situações de libertação*);
- 4) Em Cristo e por Cristo, é possível ser livre e não viver alienado (*imagem-fotografia de cada um dos elementos do grupo, em redor da imagem de Cristo, tendo o globo terrestre como fundo*).

Para guardar na memória e no coração

A liberdade humana é um dos maiores sinais de que somos imagens de Deus (cf GS 17, CIC 1705).

3. O catequista prepara um recipiente para os compromissos, escritos em papel de cor. Cada um escreve o compromisso de ser livre (o que preciso de fazer, em concreto, para ser livre?) e coloca-o o recipiente. As propostas de compromisso a escrever nos papéis de cor podem ser parecidas com as seguintes:

- *Identificar quais os meus comportamentos que implicam um uso "não responsável" da minha liberdade;*
- *Escolher alguma das "amarras" que me atam e romper com elas;*
- *Contribuir para a liberdade de alguém ao meu redor;*
- *Comprometer-me a exercer, na relação com a minha família, a minha liberdade de modo responsável.*

O compromisso para esta semana, tirado à sorte, será um desafio para cada um pôr em prática todos os dias. Vamos, por isso, passar este recipiente onde estão várias propostas e cada um tira uma, guardando-a para si. Cada um pode partilhar o compromisso que lhe coube. Pode-se ainda, de entre todos os compromissos, adoptar um para todo o grupo. No próximo encontro, logo no início, partilhamos o que conseguimos viver e pôr em prática.

O encontro poderá ser concluído cantando "Canto à liberdade" ou outra música usada de que o grupo mais tenha gostado.

DOCUMENTO 1

SE EU FOSSE DEUS

Imagina que és Deus onnipotente e onnisciente.

Completa as frases seguintes:

Se eu fosse Deus...

Aceitaria que _____

renunciaria a _____

respeitaria o facto de que _____

entenderia que _____

esqueceria _____

mudaria _____

substituiria _____

terminaria com _____

excluiria _____

combateria _____

reconheceria _____

amaria _____

defenderia _____

começaria por _____

Depois coloca estas afirmações em ordem de preferência numerando com 1 a que te parece mais importante, com 2 a segunda em ordem de importância, etc.

DOCUMENTO 2

Sou livre quando, depois de ter amado as coisas e os homens, eles ficam livres e eu menos escravo.

Sou livre quando, preso pela dor, uma voz grita dentro de mim: Ressuscitou!

Sou livre quando creio num Deus que criou tudo com liberdade.

Sou livre quando aceito a liberdade dos outros.

Sou livre quando a minha liberdade está acima do dinheiro, do erotismo ou de outros tiranos.

Sou livre quando a morte não constitui para mim mais que a passagem à plenitude da vida.

Sou livre quando consigo ser Pessoa.

Sou livre quando consigo descobrir o bem que existe em cada criatura.

Sou livre quando aceito que, na minha vida, a consciência esteja em primeiro lugar.

Sou livre quando não existe um preço para a minha liberdade.

Sou livre quando a minha única lei é o AMOR.

Sou livre quando sei dar-me aos outros sem exigir possuí-los.

Sou livre todas as vezes que defendo com convicção a liberdade dos outros.

Sou livre quando, sendo rico, continuo a invejar a liberdade dos pobres.

Sou livre quando, sendo pobre, continuo a preferir a minha liberdade ao dinheiro dos outros.

Sou livre quando creio que o meu Deus é maior que o meu pecado.

Sou livre quando, na hora da prova, creio que Deus, o sol e eu somos novos todos os dias e que posso recomeçar sempre. (...)

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

FILMES

- **Liberdade** (Freedom), de *Sharunas Bartas*, do ano 2000, duração de 96 minutos, Drama, distribuído por Atlanta, França/Lituânia/Portugal, com *Valentinas Masalskis* e *Fatima Ennaflaoui*;
- **A lista de Schindler** (Schindler's List), de *Steven Spielberg*, do ano de 1993, duração de 197 minutos, Drama / Guerra, EUA, com *Liam Neeson*, *Ben Kingsley*, *Ralph Fiennes*, *Caroline Goodall*, *Embeth Davidtz*.

OUTRAS CANÇÕES

- Grito à atitude – *Kyrios* (Álbum: "Filhos de um Deus Maior").

ACTIVIDADES

- Nos locais onde houver um estabelecimento prisional, pode tentar-se a possibilidade da visita e conversa com um grupo de reclusos sobre o valor e significado da liberdade.
- Aprofundar a vida e obra de *D. Oscar Romero* (fazendo uma pesquisa na Internet).
- Elaborar um "Programa de Rádio" para emitir na rádio local;
- Escrever um "artigo de opinião grupal" sobre a liberdade cristã.
- Propor uma pesquisa sobre pessoas, instituições ou grupos que promovam a libertação (integral) da pessoa humana e elaborar um breve relatório (a publicar onde for oportuno).
- Analisar as dependências mais habituais e propor alguns caminhos para nos libertarmos delas, em jeito de manifesto.

SER PESSOA CRENTE

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Dificuldades em viver a fé

Crer e ter fé são duas atitudes que nem sempre significam a mesma coisa. A crença está, por vezes, ligada aos actos exteriores da religião, enquanto a fé é algo de pessoal e brota de uma decisão interior. Crer é também aceitar que há um Deus acima de nós, enquanto ter fé é já uma ligação a um Deus concreto, o Deus de Jesus Cristo. Crer, aqui, significa sobretudo adesão a Jesus Cristo e, por Ele, ao Deus Trindade de amor. Usamos, por isso, as expressões crer e viver a fé no mesmo sentido, isto é, como sinónimos.

Se, por um lado, nunca foi fácil viver uma fé verdadeira, fé essa que, no caso dos mártires, chega à oferta da própria vida, hoje é ainda mais difícil. Porquê? O próprio ambiente não facilita essa vivência, criando uma "onda" adversa, que funciona como uma pressão social que afasta (ao contrário de alguns anos atrás, em que essa pressão aproximava). O homem de hoje "vive como se Deus não existisse" (E.Eur 9).

Os nossos adolescentes não escapam a este ambiente. Deste modo, se juntarmos as dificuldades que vêm da cultura ao questionamento e dúvidas próprias da adolescência, temos a impressão, por vezes, que os jovens não se interessam por "estas coisas da religião". Assim, como diz o Directório da Catequese: *"A crise espiritual e cultural afecta de forma especial as jovens gerações, apesar de nelas também se encontrarem as melhores esperanças: é preciso anunciar o Evangelho ao mundo juvenil com decisão e criatividade"* (DGC 181). Às vezes, o que acontece é que confundimos as suas interrogações (que são normais e positivas) com rejeição. Como prova de que há muito de positivo nos adolescentes e jovens, está o empenho de muitos em movimentos cristãos, no serviço na comunidade, na frequência da aula de Educação Moral e, de uma forma mais noticiada, na participação nas Jornadas Mundiais da Juventude. Vemos, assim, que a ideia de que a fé é algo fora de moda é contrariada pelo entusiasmo de tantos jovens, que se manifesta nomeadamente nos encontros com o Papa e em vários encontros de jovens cristãos.

2. Jesus Cristo, centro da nossa fé

Para a tradição judaico-cristã, a fé é sobretudo uma resposta a Deus que se revela à humanidade. Deus comunica-se inicialmente a Abraão, chamado o "pai dos crentes" seja porque iniciou um novo Povo, seja porque continua, para nós hoje, a ser um modelo de fé. Depois Deus continua a sua revelação ao Povo sobretudo através de Moisés e dos profetas.

Assim chegamos a Jesus Cristo, o enviado do Pai para toda a humanidade. Maria tem um papel insubstituível, porque acreditou em tudo o que lhe foi revelado da parte do Senhor (cf Lc 1,45). Ela continua, para nós, como o principal modelo e a realização perfeita da fé (cf CIC 144).

Jesus vem manifestar a salvação a favor de toda a humanidade e de cada ser humano (de todas as raças e de todos os tempos). Jesus é o grande centro da nossa fé. Como dizemos no Credo: "Por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos céus...e se fez homem". Jesus veio para nos introduzir a todos no coração de Deus. Por isso, acreditar em Jesus é ter fé no Deus único e verdadeiro, em Deus Trindade de amor.

O cristão é um crente no Deus de Jesus Cristo. A sua crença não consiste na adesão a ideias, mas em resposta de amor a Jesus Cristo, vida, verdade e caminho para o Pai (cf Jo 14,6). A fé do cristão é confiança no amor de Deus, em todos os momentos e situações da vida.

3. Ser discípulos de Cristo

Viver a fé não é, portanto, acreditar num deus sem rosto, mas descobrir o rosto de Deus manifestado em Jesus Cristo. Jesus é o único que pode dizer: "quem me vê, vê o Pai"(Jo 14,9), pois "a Deus jamais alguém o viu. O filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem O deu a conhecer" (Jo 1,18).

A fé é, antes de mais, uma adesão pessoal do ser humano a Deus, aceitando, livremente, toda a verdade por Ele revelada. Para o cristão, crer em Deus é inseparável de crer n'Aquele que Deus enviou. "Podemos crer em Jesus Cristo, porque Ele próprio é Deus, o Verbo feito carne" (CIC 151). O cristão ama a Deus, confia totalmente n'Ele e, por isso, aceita as verdades reveladas por Cristo e contidas na Sagrada Escritura e no Credo.

O cristão celebra as maravilhas de Deus realizadas na história e na sua própria vida; vive em acção de graças constante e faz tudo para se reunir com os seus irmãos, em Igreja, para celebrar em comunidade a presença de Cristo ressuscitado.

O cristão é alguém que reza. Nesse diálogo íntimo, pede o dom do Espírito Santo, entrega a Deus as necessidades do mundo inteiro (especialmente dos que mais sofrem) e faz-lhe os pedidos que lhe estão mais no coração. Porém, não deixa de louvar o Senhor, como Nossa Senhora no *magnificat*: "a minha glorifica o Senhor" (Lc 1,46).

O cristão sabe que não pode separar o amor a Deus e o amor ao próximo. Por isso, dá testemunho do amor e todos os dias recorda o novo mandamento que Jesus nos dá: "é este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei" (Jo 15,12). É vivendo o amor, ajudando quem precisa, fazendo aos outros o que queremos que nos façam a nós que anunciamos ao mundo que Ele está vivo e ressuscitado, que vai a caminhar connosco. "Não tenhas medo": é este o segredo que Deus murmura ao ouvido de cada um de nós, constantemente.

Como é a minha fé? É uma fé recheada de amor, de confiança e de alegria?

OBJECTIVOS

- Constatar as dificuldades em vivermos a fé nos nossos dias;
- Apresentar Jesus como modelo de pessoa crente;
- Conhecer as exigências que se colocam à vivência da fé;
- Optar pelos valores do Evangelho.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A adolescência tem como tarefa central a construção da identidade: o adolescente, apercebendo-se de todas as possibilidades que o mundo lhe oferece, de tantas possibilidades de ser e de ter, deve fazer escolhas. A fé exige também uma nova opção, uma vez que já não serve a fé da infância, vivida sobretudo como reflexo do ambiente da sua família. Essa escolha da fé há-de levar a uma adopção de atitudes cristãs de vida.
2. Esta catequese quer ajudar a descobrir Jesus como Alguém totalmente realizado, Alguém que vive «totalmente para Deus» e «totalmente para os outros». Compreender Jesus como alguém realizado não é difícil para os adolescentes. O verdadeiro desafio está em motivá-los e impulsioná-los a

percorrer o caminho de realização pessoal pelo qual optou Jesus, o do amor total: do serviço (Mc 10, 45; Lc 22, 27), da disponibilidade (Jo 10, 9.18) e da entrega completa (Lc 22, 19). Os adolescentes que, quase sempre têm grandes planos para si próprios e que, paralelamente, desejam mudar e melhorar o mundo, aceitam Cristo como modelo e desenvolvem por Ele um afecto profundo e sincero.

3. Esta catequese há-de levar o grupo a aceitar as consequências dessa identificação afectiva: amar Jesus é segui-l'O. Segui-l'O supõe o sempre difícil movimento de se pôr a caminho. Segui-l'O supõe abandonar modos infantis. Seguir Jesus é viver as palavras do seu Evangelho, a começar pelas que se referem ao amor a Deus e ao amor ao próximo, como as principais dimensões da própria vida de fé. Seguir Jesus é ser feliz à maneira de Jesus.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos documentos a usar;
- Bíblia ou Novo Testamento (um para cada um);
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Poster ou gravura do rosto de Cristo recortada em pedaços e com a respectiva citação;
- Poster ou gravura do rosto inteiro de Cristo (*igual à anterior*).
- Dísticos:
 - 1) Eu venho do Pai e foi Ele que Me enviou (cf Jo 7, 28).
 - 2) A vida eterna consiste em que te conheçam a Ti, verdadeiro e único Deus, e a Jesus Cristo, o Teu enviado (cf Jo 17, 3).
 - 3) Estes conheceram que Tu me enviaste (cf Jo 17, 25).
 - 4) O Pai que me enviou (cf Jo 5, 23).

MÚSICAS

- Contra a corrente (Cancioneiro);
- Imagens (Gen sem fronteiras).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1º Encontro – SER E/OU TER

Inicie-se o encontro com o cântico "Contra a corrente" ou outro adequado.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Na vida, temos necessidade de nos relacionar com outras pessoas e também de possuir coisas. Mas o que é mais importante? Ser ou ter? Ou ambas as coisas? Neste tema, vamos tentar descobrir que vale a pena uma opção clara pelo ser como caminho de felicidade.

(Esta reflexão deverá preparar os adolescentes para chegar a uma outra conclusão, mais profunda: ser cristão é uma opção de vida, algo que eu escolho ser).

1ª
Alternativa

- Para termos consciência clara da diferença que há entre "ser qualquer coisa" e "ter qualquer coisa", gostaria de vos propor um jogo. Chama-se "Coisas necessárias para mim" e quer chamar a nossa atenção para as coisas que cada um acredita serem mais importantes na sua vida.
- Vou entregar-vos uma folha (*distribuir o Doc.1*) que indica duas pequenas tarefas que vocês devem realizar, depois de lerem bem as instruções. Cada um lê para si e trabalha individualmente, dispondo de 15 minutos para realizar a actividade.

Findo o tempo, convida-se o grupo para a partilha. O catequista orienta-a propondo as seguintes questões:

- Estas tarefas deram-nos uma ideia sobre aquilo que, para nós, é importante ter, em função da nossa ideia pessoal de felicidade. Vamos começar por ouvir quais as três coisas que cada um achou mais importantes. Podemos registá-las, anotando a frequência com que cada coisa é indicada por cada um.

(O catequista faz uma tabela simples para registar as escolhas: numa folha de papel, num quadro ou num acetato). Por exemplo:

| | | |
|----------|-----------------------|----|
| Família | ///IIIIIIIIIIIIIIIIII | 20 |
| Escova | // | 2 |
| Telefone | /////// | 8 |
| Saúde | ////////// | 15 |

- Os resultados foram estes: (*indicar*). Vemos, assim, que as coisas mais escolhidas foram... E isso que significa?

(Naturalmente os adolescentes tenderão a escolher alguns bens materiais que apreciam muito, mas parece provável que indiquem mais frequentemente outro tipo de bens – como a saúde, a família ou, até, a fé. O interessante é discutir a razão destas escolhas, cabendo ao catequista a missão de os levar a distinguir o que é essencial para a felicidade do que não é. Por exemplo, que ter trabalho é mais importante do que ter dinheiro, porque o trabalho dignifica a pessoa, dá-lhe um sentimento de realização...).

- Como seria a vida se cada um só tivesse as três coisas que assinalou como as mais importantes?
- Conhecemos alguma pessoa que seja exemplar, para nós, na forma de viver a necessidade de possuir?
- O que é que, para os nossos pais, mais importa ter? O que é que eles querem para nós? Porquê?

Se não for oportuno distribuir o Doc. 1, pode propor-se um quadro que use foto-linguagem: são apresentadas imagens de vários objectos ou condições de vida necessários para a vida quotidiana. Pede-se a cada adolescente que escolha a foto do objecto que julgue absolutamente necessário e justificando a escolha diante do grupo. A análise das escolhas faz-se como indicado anteriormente.

(O jogo proposto é simples de realizar, divertida e psicologicamente eficaz. Os adolescentes tendem a apontar, nos heróis, as qualidades que eles próprios desejariam ter. É preciso trabalhar as qualidades apontadas. O catequista deverá assegurar que indiquem traços positivos da personalidade e não se fiquem por observações como "porque é rico" ou "porque é muito bonita". Importa chegar à descoberta de que o sucesso e o reconhecimento se obtêm com trabalho e esforço. A escolha situa-se entre duas atitudes: podemos abandonar-nos ao destino e, assim, dificilmente poderemos ser bem sucedidos ou podemos trabalhar para ser aquilo que desejamos ser).

Para esta descoberta, gostaria de propor-vos um jogo chamado «Os meus heróis». Primeiro, vamos saber quais são os nossos heróis, isto é, as pessoas a que dedicamos muita atenção e interesse. Descobriremos também o que significam para nós, porque lhes damos tanto valor e como poderemos, aprender com os seus exemplos. Vamos começar por analisar e preencher esta ficha (*distribui-se o Doc.2*). Podem trabalhar durante 15 minutos.

(Fim do tempo:) Agora juntemo-nos em grupo (grupos de) pessoas e informemos os outros companheiros do que escrevemos (*15 minutos*).

(De regresso ao grande grupo, se for o caso, propõe-se um diálogo orientado pelo catequista. Considerar a oportunidade de algum adolescente indicar Cristo como herói no sentido de um modelo forte e atractivo que o adolescente deseja imitar).

- Que valores admiramos nos nossos heróis?
- O mesmo valor reaparece várias vezes, apesar de vocês admirarem várias pessoas, até, se calhar, muito diferentes umas das outras? O que é que isso quer dizer?
- Então, vocês admiram o quê? As pessoas? O que elas fazem? O que elas são? Os seus valores? Se eu admiro duas pessoas pelo seu sentido de humor, se calhar o sentido de humor é importante para mim! Ou a generosidade ou a capacidade de trabalho.
- Vocês partilham algum herói com os vossos pais (é comum)? Porque é que isso é possível? Será que há qualidades e valores que são importantes, independentemente, da idade, da cultura, ...?
- Os heróis têm importância para a sociedade humana? Servem-nos para quê? (*inspiram-nos, mostram-nos caminhos, são exemplos, dão-nos ideias para o que queremos fazer no futuro...*) São todas pessoas que só conhecemos da televisão, ou descobrimos heróis e exemplos em pessoas com quem nos damos, no dia-a-dia? Alguém indicou Cristo como herói, que presença tem Ele na vossa vida?
- Acham que é difícil imitar um herói? Mas se o que ele faz for, verdadeiramente, importante, estariam dispostos a esforçar-se?

(O catequista também pode partilhar a sua experiência, relativamente, às figuras que o inspiram e como esses exemplos influenciaram a sua vida).

(No fim da partilha, o catequista pode acrescentar:)

Frequentemente, observamos nos nossos heróis qualidades interessantes. Mas todos nós temos qualidades. Alguns pensam que têm muitas qualidades e esforçam-se pouco. Outros estão sempre desanimados, a pensar que não possuem nenhuma qualidade, e também não se aplicam. Mas é preciso ter a coragem de conhecer as próprias qualidades e defeitos. Assim, poderemos desenvolver-nos bem, porque nos esforçamos por vencer as dificuldades. Ao mesmo tempo, não precisamos de

ter sempre uma multidão que nos aplauda, mas, apenas, que aqueles de quem nós gostamos reconheçam que fomos capazes de fazer alguma coisa bem feita. Então, posso tentar fazer uma opção por valores importantes.

2. (*Síntese comum a ambas as alternativas*) O mundo em que vivemos parece só dar importância ao ter e ao consumir. Para muitas pessoas, parece que importante e famoso é apenas quem tem muitas coisas, dinheiro, poder, influência.

Mas essa não é – nem pode ser – a medida pela qual se avaliam as pessoas. Os bens materiais são frágeis e, apesar de poderem desempenhar uma função, não são, só por si, condição de realização, de felicidade. As pessoas são e valem muito mais do que aquilo que têm. As pessoas têm uma dignidade que não depende do ter mas do ser, isto é, da sua condição de pessoas humanas e de filhas de Deus.

A importância da vida e a dignidade das pessoas está acima dos números, dos negócios, dos concursos, da sorte.

Para nos ajudar a interiorizar as ideias que estivemos a discutir, peço-vos que sigamos com atenção o texto que o/a (*dizer o nome*) vai ler:

ACIMA DOS NÚMEROS E DOS NEGÓCIOS

O mundo das máquinas e da pressa gera o individualismo.

A maioria preocupa-se exclusivamente consigo,

E nem quer saber de abrir o coração a alguém. (...)

Concordo que não é fácil descobrir um verdadeiro amigo.

Mas daí ao exagero de te fechares totalmente em ti,

Não parece o mais acertado.

O individualismo gera solidão e esta é,

Muitas vezes, mãe do desânimo e da descrença.

Ainda há, graças a Deus, gente que sabe amar.

Gente que está disposta a partilhar a sua vida com os outros.

Gente que coloca a pessoa acima dos negócios e dos números.

Carlos Schmitt – *Nunca é tarde para amar.*

Proporcionar uns momentos de silêncio. As três últimas linhas podem ser repetidas, lentamente, por todos.

Já vimos que ser é uma condição de realização pessoal, claramente mais importante do que ter muitas coisas. A chave da realização pessoal está aí: saber escolher bem. Ser cristão também é uma opção, uma opção que afecta a nossa vida toda. É algo consciente, pessoal. Por que é que somos cristãos?

Sabem qual é o desafio maior de todos? O maior desafio consiste em sabermos encaminhar as nossas escolhas para A GRANDE ESCOLHA da nossa vida: escolho os estudos como cristão, escolho uma profissão como cristão, escolho ter as ideias que quero ter, apoiado no facto de "eu" ser cristão. Escolho ser e viver como cristão.

Termina-se o encontro em ambiente de reflexão:

PARA INTERIORIZAR:

Muitos dizem: "quem nos dará a felicidade?"

Resplandeça sobre nós, Senhor, a luz da tua face!

Pois Tu dás uma alegria maior ao meu coração
do que a daqueles que têm trigo e vinho em abundância.
Deito-me em paz e logo adormeço,
porque só Tu, Senhor, me fazes viver em segurança.

(Sl 4, 7-9)

2º Encontro – JESUS, MODELO DE PESSOA CRENTE

O encontro começará com o cântico "Imagens" (Gen sem fronteiras).

Lembramo-nos, decerto, que concluímos o nosso encontro passado verificando que as pessoas valem muito mais do que aquilo que têm. As pessoas têm uma dignidade que não depende do ter, mas do ser, isto é, da sua condição de pessoas humanas e de filhas de Deus. A importância da vida e a dignidade de pessoas está acima dos números e dos negócios, como pudemos ler. Concluímos, igualmente, que ser cristão é uma opção, algo que eu escolho ser e que "ilumina" a minha vida.

O Concílio Vaticano II diz-nos o seguinte: "A razão mais sublime da dignidade humana consiste na sua vocação à união com Deus. Desde o começo da sua existência, o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele, por amor, constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e não se entregar ao seu Criador" (GS 19).

Deste pequeno texto, que ideia vos tocou mais? *(O catequista dará oportunidade para se exprimirem, introduzindo, depois, o momento da Palavra:)*

Agora, vamos escutar a Palavra e tentar perceber o que nos diz a este respeito. Quando escolho ser cristão, que implicações é que isso tem na minha vida?

II. PALAVRA

Jesus é alguém preocupado com os outros, atento a que todos os que com Ele se encontrem se sintam mais pessoas, a crescer por dentro.

Totalmente identificado com o Pai e com a sua missão, que d'Ele recebeu, está atento aos pobres e excluídos. Vamos ver como Jesus se identifica:

(O ideal seria que o texto que se segue pudesse ser lido da Bíblia. Para tal, o catequista marcará cada passagem, numerando os respectivos marcadores de acordo com a ordem necessária. Ou então, distribuindo uma cópia da seguinte transcrição, projectando-a ou usando qualquer tipo de placard em que, inclusivamente, use como fundo uma imagem de Cristo).

AUTO-RETRATO de JESUS CRISTO

- 1 - Eu sou o Bom Pastor (Jo 10, 11);
- 2 - Eu sou a Luz do Mundo (Jo 8, 12);
- 3 - Eu sou o Caminho (Jo 14, 6);
- 4 - Eu sou a Verdade (Jo 14, 6);
- 5 - Eu sou a Vida (Jo 14, 6);
- 6 - Eu sou a Ressurreição (Jo 11, 26);
- 7 - Eu sou o Filho de Deus (Jo 10,36).

Adaptado de M. Rito Dias, *As 24 horas da Bíblia*.

(*Depois de uns instantes de silêncio*) Cada um de nós repete a frase que mais lhe tocou... Ao escutarmos estas citações do Evangelho, descobrimos que o ideal de Jesus é vivido na relação com o Pai e na entrega aos irmãos.

Jesus descobre a sua realização não a partir das tentações do materialismo (do ter, da fama, do poder ou do prazer a todo o custo), mas sim em Deus. É em Deus e na sua vontade que Jesus descobre a sua felicidade.

Neste momento, escutemos de novo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por Mim" (Jo 14, 6).

- Vemos que, se **a fé é entrar em relação com Deus**, Jesus é o único que nos pode ajudar a entrar em verdadeiro diálogo com o Pai. Mais ainda, se nos encontramos com Jesus, já nos estamos a encontrar com o Pai, pois como disse Jesus a Filipe: "quem Me vê, vê o Pai" (Jo 14, 9).
- **A fé é confiança em Deus**, em todas as situações da vida. Jesus sabe que foi enviado pelo Pai para ser um caminho que nos introduz no coração de Deus, para realizar a unidade com Deus. Por isso, afirma: "Eu sou o caminho". Caminhando com Ele, de nada podemos ter medo. Nem os imprevistos, nem os sofrimentos, nem as desilusões, nem as dificuldades dos estudos, nem o desemprego, nada nos pode afastar do amor de Deus manifestado em Jesus.
- **A fé é adesão livre à Palavra de Deus**. Se crer é dizer sim a Deus, com total liberdade (cf CIC 150), ao mesmo tempo, é aceitar o que Ele nos diz na sua Palavra. Esta aceitação é também chamada "obediência da fé" (cf Rm 1,5; CIC 143). Jesus não é apenas um mensageiro que traz a Palavra do Pai: Jesus é essa Palavra (cf Jo 1). Por isso, Ele diz: "Eu sou a verdade". Assim, a forma mais fácil de vivermos a fé em Deus é dizermos sim a Jesus. Crer em Deus é aceitar o Seu Enviado. Podemos acreditar em Jesus, porque Ele é Deus com o Pai e o Espírito Santo. Dizer sim a Jesus é viver à maneira de Jesus.
- **A fé vive-se em Igreja**. A fé é um acto pessoal, mas não isolado. Cada crente é como um elo da grande cadeia de fé que une a todos os crentes da história (cf CIC 166 ss). Por isso, a afirmação "creio" exige uma outra: "cremos". Esta dimensão comunitária da fé experimenta-se sobretudo na comunidade reunida para a liturgia e no amor recíproco. É aí, na celebração dos sacramentos, que experimentamos que Jesus é vida ("Eu sou a vida"), que é graça de Deus oferecida a todos nós. É no amor concreto que experimentamos a comunhão, é no amor que reconhecemos que Jesus está entre nós.

Estamos dispostos a seguir Jesus como "caminho, verdade e vida", na nossa vida de todos os dias? Queremos deixar-nos iluminar pelo seu projecto de vida? Então isso quer dizer que decidimos seguir Jesus, ser seus discípulos.

Nos princípios da Igreja, houve um homem culto e inteligente que, apesar de ter perseguido os cristãos, ao encontrar-se com Jesus, escreveu estas palavras: "*Tudo isso, que para mim eram vantagens, considereei como perda por Cristo. Na verdade, julgo como perda todas as coisas, em comparação com este bem supremo que é conhecer Jesus Cristo, meu Senhor. Por Ele tudo desprezei e considero como lixo, a fim de ganhar Cristo e estar com Ele*" (Fl 3, 7-9).

Este homem é S. Paulo. Ele, depois de se converter a Cristo, tornou-se grande discípulo e comunicador da pessoa de Jesus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Aderir à pessoa de Jesus e adotar o seu estilo de vida, viver a fé, colocando o amor acima do desejo de toda a posse, é um desafio para cada um de nós. *(Pode colocar-se uma suave música de fundo).*

Porque não temos medo de confiar a nossa vida a Jesus, professemos juntos a nossa fé n'Ele, recitando em conjunto a oração proposta no nosso catecismo:

Jesus Cristo é o Messias, o Filho de Deus vivo;
É Ele que nos revela Deus invisível,
É Ele o primogénito de toda a criatura e tudo se mantém n'Ele.
É Ele o mestre e redentor dos homens;
Ele nasceu, morreu, ressuscitou por nós.

Senhor Jesus:

Tu és o centro da história e do universo;
Tu conheces-nos e amas-nos,
Companheiro e amigo da nossa vida,
Homem de dor e de esperança;
Tu és o segredo da nossa vida e da nossa felicidade.
Eu nunca me cansaria de falar de Ti.
Tu és a luz, mas também o caminho, a verdade e a vida...
Razão da história humana e do nosso destino.

(Paulo VI, Manila, 1970, adaptado)

2. A partir da pessoa de Jesus Cristo e da nossa relação com Ele, como poderíamos definir o que é ser hoje uma pessoa crente?

Pelo diálogo, o catequista ajudará a que se chegue à seguinte síntese.

Ser pessoa crente, hoje, é confiar em Deus, celebrar a sua presença em Igreja reunida e viver como Jesus:

Para guardar na memória e no coração

A pessoa crente é a que vive as virtudes teológicas:

- A **fé** que nos permite viver a vida como um Sim perfeito a Deus;
- A **esperança** que nos permite ver para lá do presente e esperar de Deus todos os bens;
- O **amor** (ou caridade) que nos faz amar a todos como Jesus, reconhecendo em cada pessoa humana um irmão.

A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE SÃO AS VIRTUDES QUE IDENTIFICAM O CRISTÃO.

3. Agora que aprofundámos todas estas ideias em torno da nossa fé, da nossa escolha de Cristo como a grande referência da nossa vida, precisamos de concretizá-las na nossa vida. Como fazer? Vamos pensar em três possibilidades (podendo escolher apenas uma ou todas):

- Como expressão da nossa fé, vamos **rezar** todos os dias (ao levantar, por exemplo) com as palavras do salmista: "Confio em Ti, Senhor". Podemos repetir esta oração simples ao longo do dia;

- Como manifestação da nossa esperança, vamos pensar em alguém que esteja triste (pode ser um idoso, um doente, alguém que esteja só) e dar-lhe força, optimismo, **partilhar a nossa esperança** em Deus;
- Como sinal do nosso amor, vamos pensar em alguma instituição de apoio a pessoas pobres ou em alguma família necessitada que conheçamos e vamos **organizar uma campanha**, neste tempo em que nos preparamos para viver o Natal. *(Sugere-se que, pedindo ajuda ao pároco, se faça uma campanha bem organizada, movimentando toda a comunidade, com frases apelativas e que ajude a viver de modo diferente esta quadra).*

O encontro pode concluir-se com um dos cânticos utilizados, que mais tenha agradado ou outro que trate uma temática próxima desta catequese.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

COISAS NECESSÁRIAS PARA MIM

Tens aqui uma lista de coisas. Relativamente a algumas, sentes que, realmente, são necessárias à tua felicidade. Sublinha as que tu julgas importantes. Depois, ordena as coisas escolhidas, segundo a importância que lhes atribuis. O número que puseres no quadrado indicará essa ordem.

- | | | |
|--------------------------------------|---|--|
| <input type="checkbox"/> avião | <input type="checkbox"/> raquete de ténis | <input type="checkbox"/> carro |
| <input type="checkbox"/> cama | <input type="checkbox"/> saúde | <input type="checkbox"/> bola |
| <input type="checkbox"/> paz | <input type="checkbox"/> pasta dos dentes | <input type="checkbox"/> relógio |
| <input type="checkbox"/> escova | <input type="checkbox"/> vela | <input type="checkbox"/> família |
| <input type="checkbox"/> moto | <input type="checkbox"/> quadros | <input type="checkbox"/> instrumento musical |
| <input type="checkbox"/> calendário | <input type="checkbox"/> televisão | <input type="checkbox"/> casa própria |
| <input type="checkbox"/> segurança | <input type="checkbox"/> educação | <input type="checkbox"/> rádio |
| <input type="checkbox"/> amigos | <input type="checkbox"/> navalha | <input type="checkbox"/> alimento |
| <input type="checkbox"/> aspirador | <input type="checkbox"/> emprego | <input type="checkbox"/> abrigo |
| <input type="checkbox"/> fé | <input type="checkbox"/> telefone | <input type="checkbox"/> bicicleta |
| <input type="checkbox"/> remédio | <input type="checkbox"/> livros | <input type="checkbox"/> verdade |
| <input type="checkbox"/> estéreo | <input type="checkbox"/> Bíblia | <input type="checkbox"/> jóias |
| <input type="checkbox"/> fotografias | <input type="checkbox"/> secretária | <input type="checkbox"/> lápis |

Agora, concentra-te nas três coisas que te pareçam serem mais importantes, que achas indispensáveis ter, e tenta dizer, em poucas linhas, o que significa para ti possuir cada uma delas.

Anota aqui as três coisas mais importantes que queres possuir e a razão da tua escolha:

1. _____

2. _____

3. _____

DOCUMENTO 2

OS MEUS HERÓIS

| | Desportistas | Cantores | Estrelas do espectáculo | Políticos | Outros |
|---|---------------------|-----------------|--------------------------------|------------------|---------------|
| Actualmente, aprecio sobretudo: | | | | | |
| O que admiro no meu herói é sobretudo: | | | | | |
| Até que ponto posso realizar algumas das conquistas que distinguem o meu herói? | | | | | |

Anotar os heróis de que se trata em cada caso. Escrever, depois, o que se aprecia particularmente em cada herói e como se podem fazer crescer os seus traços positivos na própria vida.

DOCUMENTO 3

SER PESSOA CRENTE HOJE É ACEITAR, CELEBRAR E VIVER JESUS:

- 1) _____
- 2) _____
- 3) _____

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

FILMES

- **Pay it Forward, (Favores em cadeia)**, de Mimi Leder, EUA, 2000, Warner Brothers, 115 minutos. Com Helen Hunt, Kevin Spacey e Haley Joel Osmet. Baseado no best seller de Catherine Ryan Hyde. Conta a história de Trevor, um menino de onze anos, que vive com uma mãe complicada e que apresenta ao professor de estudos sociais um projecto de mobilização social, arrojado e utópico, com o qual pretende mostrar “como todos poderão fazer a diferença e tornar o mundo melhor.” Ao conseguir levar o projecto à prática, torna-se um herói nacional.
- **Fratello Sole, Sorella Luna/Brother Sun, Sister Moon**, de Franco Zeffirelli, Itália/UK, 1973, Paramount, 121 minutos. Com Graham Faulkner, Judi Bowlker. Narra os acontecimentos centrais da vida de S. Francisco de Assis antes da sua experiência de conversão.

ACTIVIDADES

- Fazer uma investigação na Internet sobre pessoas crentes do mundo da canção, do espectáculo, do futebol, da política...que assumem publicamente a sua fé.
- Ler as Cartas de S. Paulo (distribuídas por grupos) e imaginar uma entrevista ao Apóstolo que destaque a sua experiência de conversão e as razões da sua fé. Procurar nos textos as devidas respostas.

TESTEMUNHOS

- Convidar o pároco, um missionário(a), religioso(a), ou um leigo para dar um testemunho subordinado ao tema: “O que é para mim ser pessoa crente?” e organizar um debate com o grupo de catequizandos. Registrar as razões de cada um, que poderão servir para realizar uma exposição, integrar um jornal ou montar um pequeno livro, distribuir na paróquia. O debate pode ter mais do que um convidado e o catequista terá a preocupação de distribuir as tarefas de organização e condução pelo grupo.

UMA PRENDA DE DEUS - A CELEBRAÇÃO DO NATAL...

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Uma festa de consumismo?

A Igreja celebra ainda o Dia de Todos os Santos (1 de Novembro) e já as montras se enfeitam e as cidades se iluminam para festejar o Natal. Rapidamente nos deixamos absorver pelo sem número de tarefas, pelo remoínho de preocupações, pelo apelo irresistível a consumir. A cada ano que passa, garantimos que "para o ano será diferente": faremos tudo com calma, reduziremos os gastos, compraremos menos prendas, comeremos e beberemos menos e encontraremos tempo para ir à igreja.... Oprimidos pelo consumismo desta época festiva, esquecemos, tantas vezes, as circunstâncias simples do nascimento de Jesus e celebramos a opulência. A maior parte das nossas tradições esvaziou-se, deixou há muito, de ser ritual de festa para se tornar tarefa enfadonha e maçadoras que mascaramos com o espírito de Natal. A família, os desprotegidos, os amigos que só revemos nesta época, as mensagens de paz e bem, a árvore, as prendas, o presépio, os concertos e as festas... para tudo e todos temos tempo e lugar, menos para Jesus. Muitas vezes o "aniversariante" é o único que não recebe convite para a festa que, com tanto cuidado, preparamos!

2. Natal é Deus connosco

"No princípio existia o Verbo. E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco. A Deus jamais alguém o Viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer" (Jo 1, 1.14.18).

Jesus Cristo realiza as promessas feitas por Deus, no Antigo Testamento. Na verdade, o nascimento de Jesus – a Encarnação – vem inaugurar um tempo novo, uma nova época. Este é um acontecimento tão marcante para a história da humanidade que se tornou o centro da mesma história, dividindo-a no tempo antes de Cristo e no tempo depois de Cristo.

Deus assume a nossa humanidade, insere-se na nossa vida, caminha connosco. Deus é Deus connosco: Emanuel.

"Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adopção de filhos" (Gl 4, 4-5).

Jesus Cristo vem na plenitude dos tempos. A vinda de Jesus acontece depois de um longo período de espera e preparação. Toda a história da salvação se orienta para Jesus. As diversas etapas do Antigo Testamento (revelação a Abraão, êxodo, aliança do Sinai; a entrada em Canaan; exílio e regresso) preparam a vinda de Jesus. Jesus veio na plenitude dos tempos e trouxe a plenitude da graça e da verdade, tornando definitiva a Revelação de Deus. Assim, Jesus Cristo vem trazer-nos a salvação de Deus, tornando Deus presente entre nós.

O mistério de Jesus Cristo, Filho de Deus e Deus com o Pai, feito homem – assumindo a nossa condição e a nossa história – é o acontecimento que celebramos no Natal. Jesus é a prenda de Deus

para nós: Deus desceu até nós para caminhar conosco e nos conduzir até Si. Ele fez-se pobre para nos enriquecer (cf 2 Cor 8,9), fez-se homem para dignificar e salvar a humanidade e aproximar-nos de Deus (cf Jo 1, 16-18).

3. Coração como presépio

Para o cristão, o Natal é mais do que uma data, um dia do calendário; também não se reduz à festa da família ou a pontuais gestos de atenção. Natal é a novidade de Deus Menino que veio habitar no meio de nós. Uma novidade que não podemos calar e que anunciamos na vida, em cada dia. Natal é acolher; é oferecer amor, atenção, paz e perdão a todos os que estão à nossa volta. Natal é transformar o nosso coração em presépio, para Jesus nele nascer, e dar esta alegria a todos.

OBJECTIVOS

- Descobrir que, pela Encarnação de Jesus, Deus compromete-Se com a humanidade;
- Aprofundar o sentido e significado do Natal como festa especificamente cristã;
- Comprometer-se a anunciar o sentido cristão do Natal;
- Celebrar o Natal do Senhor.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Descobrir o verdadeiro valor e significado do Natal, como festa especificamente cristã, pode constituir hoje uma tarefa difícil na qual teremos que empenhar muitas energias e enfrentar algumas dificuldades.
2. Assim, recomenda-se que se trabalhe bem o primeiro encontro. Se necessário, este pode-se prolongar para além do habitual espaço de tempo dedicado ao encontro da catequese. Pretende-se aprofundar, tanto quanto possível, a riqueza e beleza do Natal do Senhor e da cultura cristã que o propõe.
3. Relativamente à proposta de celebração, recomenda-se que esta não seja feita com demasiada antecedência, relativamente ao dia de Natal. E, naquelas comunidades onde se tiver a ousadia de tomar como critério o calendário litúrgico, proponha-se esta celebração para depois do Dia de Natal. Esta celebração, em algum dos seus momentos, pode ser adaptada para ser desenvolvida na Missa do Dia de Natal ou até na "Missa do Galo".

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos a usar;
- Fotografias de presépios
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Diaporama: "A parábola do fogo";
- Vestes para personagens da encenação;
- Pagelas (com mensagens de Natal);
- Imagem do Menino Jesus.

MÚSICAS

- Deus é amor (Cidade Juvenil);
- Alegrem-se os céus e a terra (Popular);
- Cantai ao Senhor um cântico novo;
- Aleluia, a Palavra é Deus em nós;
- Não adores nunca (Mãe d'água);
- O menino está dormindo (Popular);
- Noite feliz (J. Mohr, F; Gruber, 1816).

1º Encontro – O NATAL CRISTÃO

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

O encontro pode começar cantando-se "Deus é amor". O catequista pode aproveitar este momento para o ensaiar, de modo que todos o cantem convenientemente, no fim.

1. (e 2) Concluimos o encontro da semana passada propondo uma campanha de sensibilização sobre "Como celebrar o Natal de maneira crente". Hoje queremos, também nós, durante este nosso encontro (*quase às portas do Natal*, aprofundar o significado do Natal como festa especificamente cristã, centrando-nos naquilo que é verdadeiramente importante: a Encarnação de Jesus, o Emmanuel, Deus conosco.

1ª

Alternativa

Se fôssemos por aí fora, pelas ruas da nossa terra, perguntar às pessoas o que é que significa para elas o Natal, confrontar-nos-íamos, decerto, com as respostas mais variadas e mais desconcertantes. Querem fazer essa experiência?

Cada grupo entrevista apenas cinco pessoas, procurando que sejam de idades diversas. As perguntas a fazer são, simplesmente, estas duas: Que significado tem para si o Natal? Como o vai viver? Tomaram nota? Registem, também, as respostas.

Temos 20 minutos para este trabalho...

Vamos então para a rua.

Chegados da rua, faz-se um breve plenário, ouvindo e registando, em quadro apropriado, as respostas dadas. Conforme as mesmas, o catequista fará as observações oportunas. Poderão centrar-se nas seguintes questões: As pessoas têm um sentido profundo acerca do acontecimento do Natal? Sabem o que recordamos no Natal? Celebram-no com sentido de fé?

Num número do Jornal Público, saiu um artigo de um padre dominicano, que nos chama a atenção para a necessidade que temos de nos centrar no essencial da celebração do Natal.

Vamos lê-lo e sublinhar as expressões que vos pareçam mais importantes.

Um catequizando lê o texto (Doc. 1).

No final da leitura, pode fazer-se uma ressonância, deixando que cada um diga a todos a frase ou expressão que mais lhe tocou.

Finda a ressonância, o catequista pergunta:

Querem conhecer alguns textos de que fala o artigo? Analisemos alguns, que estão no nosso catecismo e que vamos utilizar no nosso próximo encontro. Assim, poderemos receber melhor a mensagem que contém.

Doc. 2 (Is 9, 1-2.5) e Doc. 3 (Hinos 1 e 2 da Liturgia das Horas)

Vamos ver algumas fotografias do presépio da nossa Paróquia (Igreja, Capela, comunidade,...), tiradas nos últimos anos. (*Podem mostrar-se de outros presépios*). São exemplos das tradições que, anualmente, revivemos, em torno da celebração do nascimento de Jesus. (*Afixar ou projectar essas fotos*).

O catequista aproveita as fotografias para dialogar, com os catequizandos, sobre outras tradições que conheçam, tanto as locais como de outros sítios (quando os catequizandos viajam para a localidade de origem da sua família, quando são oriundos de famílias imigrantes): Concertos de Natal, o Cantar das Janeiras, encenações natalícias, ceias, etc. Se o catequista conhecer antecipadamente a diversidade de circunstâncias em que o Natal é celebrado pelos catequizandos, pode pedir-lhes imagens ou outros registos que estes possuam e mostrá-las ao grupo.

2ª

Alternativa

Neste tempo de Natal, é costume, hoje talvez mais do que nunca, oferecer prendas para demonstrar o nosso afecto ou amor à pessoa a que se destina a prenda. As nossas prendas são particularmente gratas se demonstram à outra pessoa a nossa amizade.

Proponho-vos, agora, um jogo em que poderemos pensar nas pessoas de quem nos sentimos particularmente próximos.

Temos uma ficha que deveremos preencher em 15 minutos.

Distribui-se o Doc. 4.

Durante o trabalho individual, pode colocar-se uma música de fundo. Findo o tempo determinado, o catequista diz:

Escolhamos agora um colega com o qual vamos falar deste jogo.

Cada um pode contar, ao outro, a própria experiência em questão de prendas, sejam recebidas ou oferecidas. Alguma vez tivemos experiências negativas com as prendas? Temos (ou damos) prendas que, de alguma forma, representam um compromisso?

Se quisermos, cada um poderá dizer também ao outro que prendas não materiais desejou receber. Temos 15 minutos à disposição.

Terminada esta partilha em binas, o catequista convida: Formemos agora um círculo único, de modo a que possamos avaliar a experiência todos juntos.

Nesta avaliação, o catequista pode colocar as seguintes questões:

- Que tipo de prenda nos trouxe mais dificuldade?
- Ofereço prendas por ocasião de acontecimentos habituais ou quando?
- Que prenda nos trouxe mais felicidade na vida?

3. (*Síntese conclusiva de ambas as alternativas*).

Deus ama o ser humano de tal modo, com tal profundidade, com tal intensidade, que, para o tornar autenticamente feliz, **foi dando ao homem prenda atrás de prenda**: a primeira delas foi a criação, depois a aliança como pacto de amor, em que Deus dá bênção, amor e exige fidelidade; depois, dada a infidelidade do povo, Deus enviou os profetas como prenda de amor; finalmente, chegada a plenitude dos tempos, Deus deu-nos a sua maior prenda, isto é, deu-se a Si mesmo, na pessoa do Seu Filho Único.

Jesus, feito homem, nascido para nós, é de facto a maior prenda de Deus para a humanidade e para o nosso viver. A partir da Encarnação, Deus é Deus-connosco.

O Evangelho de S. João, logo no seu início, diz que Ele, Jesus, "veio para o que era seu, mas os seus não o receberam"(Jo 1, 11).

Estamos nós dispostos a acolher Jesus, prenda viva de Deus para nós? Queremos de facto, viver o Natal de forma diferente? Que poderemos fazer para que o nosso Natal deste ano seja realmente diferente?

Permiti que nos proponha quatro atitudes essenciais para que possamos viver, de modo diferente, o Natal.

Neste Natal, iremos:

- **PROFESSAR A FÉ em Jesus**, o Filho de Deus, nascido da Virgem Maria (e reconhecer n'Ele o Filho de Deus, feito homem para ser o caminho, a verdade e a vida da nossa vida);
- **CELEBRAR A FÉ** em Jesus, participando na Eucaristia do dia de Natal;
- **VIVER A FÉ, repartindo** alguns dos meus bens, algum do meu tempo para anunciar aos outros, sobretudo aos mais pobres e desfavorecidos, a Boa Nova da vinda de Jesus;
- **REZAR A FÉ**, aproveitando este tempo tão especial para intensificar a minha intimidade com Jesus, através da oração e da meditação.

Estamos dispostos a aceitar estes desafios para viver o Natal como ele deve ser vivido?

PARA INTERIORIZAR:

Hoje a Virgem dá à luz o Eterno

E a Terra oferece uma gruta ao inacessível.

Cantam-n'Os os anjos e os pastores,

E com a estrela, os magos se põem a caminho,

Porque Tu nasceste para nós,

Pequenino, Deus Eterno! (CIC 525)

Entusiasmados pelo desafio de viver o Natal como um Natal cristão, vamos terminar o nosso encontro de hoje cantando, em clima de oração e interioridade, o cântico "Deus é amor".

2º Encontro – CELEBRAÇÃO

Os textos principais desta celebração encontram-se, também, no livro do catequizando. Neste guia, a proposta de celebração não é apresentada de forma completa e terminada, como incentivo para que possa ser adaptada às circunstâncias e especificidades de cada comunidade.

1. Monição inicial

No encontro passado, reflectimos e aprofundámos o significado do Natal. Como vimos, as pessoas revelam atitudes, face ao Natal, que evidenciam ideias muito diversas. No entanto, nós, como cristãos, estamos convidados a viver o Natal de uma forma nova e diferente, uma forma profunda e mais verdadeira.

Por vezes, temos de reconhecer que é difícil: o mundo, em nosso redor, encandeia-nos com as suas luzes e cores e torna difícil que sintamos, com clareza, o Menino Deus que vem e chama por nós. Nesta celebração, vamos procurar descobri-l'Os, nascido para nós.

2. Cântico: "Alegrem-se os céus e a terra".

3. Leitura de Is 9, 1-2.5 (Doc. 2 ou catecismo).

O povo que andava nas trevas viu uma grande luz;
um menino nasceu para nós,
um filho nos foi dado... (Is 9, 1.5)

4. Cânticos

- a modo de Salmo Responsorial: "Cantai ao Senhor um cântico novo"
- a modo de aclamação: "Aleluia, a Palavra é Deus em nós!"

5. Leitura encenada de Lc 1, 26-38; 2, 1-20 (texto adaptado):

Narrador – Há dois mil anos, na pequena aldeia de Nazaré, havia um carpinteiro chamado José, noivo de uma jovem muito bela, chamada Maria. Esta jovem trabalha como todas as outras. Vai à fonte. Limpa a casa, varre, prepara a comida. Às vezes, senta-se e cose.

Um dia aconteceu algo de extraordinário. Um anjo entrou na pequena casa de Maria e saudou-a assim:

Anjo – "Avé, Maria, cheia de graça. O Senhor está contigo".

Narrador – Ao ouvir estas palavras, Maria perturbou-se e perguntou ao anjo o que significava tal saudação. O anjo disse-lhe:

Anjo – "Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Vais ser mãe de um menino, a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande, chamar-se-á Filho do Altíssimo e reinará para sempre. Ele será o salvador que libertará o povo dos seus pecados".

Narrador – Maria disse ao anjo:

Maria – "Eis aqui a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a Tua Palavra".

Narrador – E o anjo deixou-a.

(Música de fundo: Ave Maria de Shubert ou semelhante)

Narrador – Naqueles dias saiu um edital do imperador César Augusto, mandando que todos fossem recensear-se à cidade dos seus antepassados. José, como tinha antepassados em Belém, teve de ir lá, com Maria, sua esposa, que estava para ser mãe. Maria e José andaram, durante muitos dias, por montanhas e caminhos pedregosos. Dirigiam-se para Belém. Iam muito cansados, fazia frio, havia o perigo dos assaltantes e as fontes eram escassas.

Para Belém, dirigia-se muita gente: pastores, comerciantes, vendedores. José chegou a Belém ao anoitecer. José procurou um lugar onde repousar. Estava tudo cheio. Não havia lugar. Indicaram-lhes um curral, às portas da cidade.

Lá se guardavam burros, bois, ovelhas e outros animais.

José e Maria foram até esse curral. E foi aí, numa noite de paz e amor, quando no céu brilhavam as estrelas e já dormiam os pássaros; quando tudo era silêncio e ternura, que nasceu Jesus, o Filho da Virgem Maria. E enquanto Maria olhava os olhos do seu menino e José acendia uma fogueira, os anjos começaram a cantar:

Canto do Glória.

Fora de Belém, havia uns pastores que estavam no campo a guardar os seus rebanhos. Apareceram-lhes então um anjo, que lhes disse:

Anjo – " Não temais. Venho anunciar-vos uma grande notícia. Hoje, na cidade de Belém, nasceu-vos o Messias, o Salvador do Mundo, que trará a paz e a justiça a todos os homens. Ide ao curral de Belém e encontrareis um menino envolto em panos e Maria, sua mãe, e José. Ide adorá-lo".

Narrador – Os pastores foram a toda pressa. Viram o menino e adoraram-no.

Depois de um momento de silêncio, pode-se cantar o cântico: "Não adores nunca ninguém mais que a Deus" (ou outro equivalente).

6. Breve Reflexão (com estas ou outras palavras semelhantes):

- O primeiro choque é vermos Jesus, Ele que é Filho de Deus, nascer de um modo tão pobre: não tem casa, não tem um ambiente acolhedor. O que valeu foi a criatividade de Maria, que mesmo de improviso, soube acolher este dom de Deus e compensar o frio exterior com o calor do seu amor materno.
- Do mesmo modo, só os pobres é que descobrem o tesouro que acaba de ser oferecido á humanidade. Os pobres aparecem representados nos pastores. Os pastores dormiam ao relento, por isso, estavam com os olhos postos no céu, donde esperavam a salvação.
- Nós somos convidados a reviver a atitude de José e de Maria. Maria como mãe, José como "guarda" do tesouro divino, desdobram-se em gestos de ternura e acolhimento.
- Também nós podemos dizer: "Eis-me aqui. Faça-se segundo a Tua Palavra". Se o dissermos de todo o coração, transformaremos o nosso coração, pela Palavra, e acolheremos Jesus que quer nascer, de novo, para nós e para este nosso mundo...

7. Cântico: "O Menino está dormindo".

8. Preces

Celebremos dignamente o Verbo eterno de Deus, que se fez homem por nosso amor, e aclamemo-l'O com alegria, dizendo:

Alegre-se a terra com o vosso nascimento.

1. Cristo, Verbo eterno, que descendo à terra a encheste de alegria, alegrai o nosso coração com a graça da vossa visita.
2. Salvador do mundo, que pelo vosso nascimento mostrastes a fidelidade de Deus à sua aliança, fazei-nos observar fielmente as promessas do nosso Baptismo.
3. Rei do Céu e da terra, que enviastes os Anjos a anunciar a paz aos homens, conservai em paz os dias da nossa vida.
4. Senhor, que viestes para ser a videira que nos dá os frutos da vida, fazei que, unidos a Vós, dêmos fruto abundante de santidade.

9. Hino (Doc. 3 – Hino 1)

10. Diaporama: A Parábola do Fogo...

11. Síntese conclusiva (a partir do Diaporama):

"O Fogo ficou...". É esse fogo que habita em nós, nos incendeia, liberta e despoja.

Nós também vamos partir, incendiados com o fogo e a ternura do Menino Deus, nascido entre nós. Que sejamos capazes de evitar um Natal sem Menino, Ele que é "inseparavelmente verdadeiro Deus e verdadeiro homem"(CIC 469). Que sejamos capazes, entre tantas prendas, de reconhecer a prenda maior: o Menino Deus que nos é dado para sermos filhos de Deus e seres humanos realizados e felizes.

12. Bênção final

(Se a celebração for conduzida pelo(s) catequista(s), pode dar-se a seguinte bênção): Que o Menino Deus, nascido em Belém, nos dê a sua paz. E abençoe-nos Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

13. Distribuição de Pagelas (O objectivo é oferecer a cada catequizando uma pagela que registre uma mensagem de Natal do(s) catequista(s)...) Pode-se organizar, previamente, uma troca de mensagens entre os catequizandos, usando um sistema equivalente ao "Amigo invisível" e que evidencie o desejo de partilha).

14. Cântico: "Noite feliz" – *Durante o cântico, o catequista (ou Celebrante) pode dar o Menino (do presépio) a beijar.*

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

" (...) Deus não se dá independentemente da linguagem em que acontece e se nos oferece. Por isso, os cristãos não deveriam aceitar, sem mais, o progressivo apagamento em Portugal das linguagens da memória, nem das condições para a inovação das expressões da fé no Natal de Deus na fragilidade da nossa condição. Os costumes locais, os presépios, os autos, os contos, a poesia, o teatro, a música, o cinema que exprimem as transformações do Natal e as novas linguagens culturais que o podem recriar devem merecer mais preocupação dos cristãos do que uma referência ao cristianismo na Constituição europeia.

É na elaboração permanente da cultura que o "Deus humanado" deve ser posto em circulação. Por este andar, não tardará muito que já nem se saberá por que razão celebramos o Natal. Teremos as ruas iluminadas e o corpo humano de Deus às escuras.

Os textos bíblicos e litúrgicos que enchem o Missal e o Livro das Horas de uma extraordinária beleza poética ou são ignorados ou estão neutralizados por interpretações convencionais ou moralistas. Têm tudo para provocar um incêndio da imaginação e da inteligência, para suscitar uma palavra nova carregada de humor, de subversão e de alegria, mas continuam em repouso até que Deus possa circular por ali.

(...) O mundo está sempre a fazer-se e a desfazer-se. E a comunicação entre gerações tem de ser reinventada continuamente ou perderemos o fio à meada da nossa história cristã.

O Natal significa que Deus não mora na residência oficial que os homens lhe constroem. Chama-se "Emmanuel", quer dizer, Deus connosco, um Deus que não é propriedade de ninguém, nem de nenhuma religião. Nasceu num curral e encontrou saída quando lhe quiseram impedir a livre circulação" (Frei Bento Domingues, *O.P. – Jornal Público, 7 de Dezembro de 2003*).

SE FOR CONVENIENTE O TEXTO MAIS PEQUENO...

"Deus não se dá independentemente da linguagem em que acontece e se nos oferece. (...) Os costumes locais, os presépios, os autos, os contos, a poesia, o teatro, a música, o cinema, que exprimem as transformações do Natal e as novas linguagens culturais que o podem recriar, devem merecer mais preocupação dos cristãos... (...)

O Natal significa que Deus não mora na residência oficial que os homens lhe constroem. Chama-se "Emmanuel", quer dizer, Deus conosco, um Deus que não é propriedade de ninguém... Nasceu num curral e encontrou saída quando lhe quiseram impedir a livre circulação" (B.Domingues).

DOCUMENTO 2

Is 9, 1-2.5 (ver catecismo)

O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; habitavam numa terra de sombras, mas uma luz brilhou sobre eles.

Multiplicaste a alegria,
aumentaste o júbilo...

Porquanto um menino nasceu para nós,
um filho nos foi dado;
tem a soberania sobre os seus ombros,
e o seu nome é:

Conselheiro-Admirável, Deus herói,
Pai-Eterno, Príncipe da paz.

DOCUMENTO 3

HINOS DA LITURGIA DAS HORAS

Hino 1

Oh admirável noite em que nasceu
Do seio de Maria o Redentor!
Em humildade extrema apareceu
Quem é do Pai celeste resplendor.

Rejubilou a terra de alegria
No santo nascimento de Jesus:
Do seio imaculado de Maria,
Surgiu em noite escura a eterna Luz.

Aquele que deu vida às criaturas
Hoje aparece como nosso irmão:
Quem acendeu os astros nas alturas
Desceu à nossa humana condição.

Nações do mundo inteiro, bendizei,
Louvai o Deus Menino e sua mãe;
Louvai com alegria o vosso Rei,
Nascido na pobreza de Belém.

*Exultemos de alegria,
Adoremos o Senhor:
Da virgem Santa Maria
Nasceu Cristo, o Redentor.*

Hino 2

De Jessé, raiz fecunda,
Cumprindo-se a profecia,
Cheio de graça e perdão
Nasce Jesus de Maria.

Um menino nos foi dado
E um Filho nos nasceu.
Glória a Deus e paz na terra
Cantam os Anjos no Céu.

A lua, o sol, as estrelas
E tudo quanto o Céu cobre
Cantem ao Rei do Universo
Que quis nascer como pobre.

É o Príncipe da paz
Admirável, Conselheiro.
Traz o império sobre os ombros
Salvador do mundo inteiro.

Anjos no céu aparecem
Cantando glória e louvor
E os pastores reconhecem
O Cordeiro do Senhor.

Glória seja dada ao Pai
E ao Espírito também,
Glória seja dada ao Filho
Nos braços da Virgem Mãe.

DOCUMENTO 4

PRENDAS

Escreve, na primeira coluna da tabela, os nomes das 4 pessoas que te estão mais próximas neste período.

Pensa agora naquilo que mais aprecias em cada uma dessas quatro pessoas e naquilo que *recebeste*, em sentido amplo, de cada um deles nos últimos tempos... Depois pensa como podes fazê-los felizes na ocasião do seu aniversário. Tenta escolher prendas que se adaptem à personalidade de cada um deles. Escreve as tuas prendas na segunda coluna, ao lado dos nomes.

Posto isto, escreve que prenda de tipo não material desejas que cada uma dessas pessoas receba, de forma que assim possa ser mais feliz. Por exemplo, podes desejar ânimo para um amigo teu que anda angustiado por qualquer motivo.

Depois de teres terminado, pensa em que prenda não material te daria cada uma delas para te fazer mais feliz. *Do que é que precisas para que a tua vida seja mais vida?* Escreve as prendas que te dariam as quatro pessoas na quarta coluna.

| NOME | Prenda | Prenda não material dada por mim | Prenda não material dada a mim |
|------|--------|----------------------------------|--------------------------------|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

DIAPORAMAS

- Glória a Deus e Paz na terra! (Edições Salesianas);
- O meu Presépio (Edições Carmelo);
- A Parábola do Fogo (Diamart).

ACTIVIDADES

- 1) Organizar uma "Tertúlia do Menino", em que se declamem alguns dos textos tipicamente natalícios e se cantem também alguns cânticos apropriados.
- 2) Preparar uma "encenação" para a "Missa do Galo" ou para a "Missa do Dia" de Natal.

UM PROJECTO DE VIDA: AS 10 PALAVRAS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A ideia de felicidade do mundo

O mundo em que vivemos promove a liberdade. A liberdade é, em si mesma, sinal da dignidade da pessoa humana. A pessoa sente-se chamada a agir e viver de modo consciente, livre e responsável. A par disso, nota-se, contudo, uma tendência para uma moral privada e subjectivista, confeccionada à medida e ao sabor de cada um.

Num contexto assim, as Bem-aventuranças de Jesus são opostas aos projectos humanos e sociais deste mundo. Descobrimo as principais características de oposição do nosso mundo às Bem-aventuranças de Jesus, alguém escreveu estas bem-aventuranças da sociedade ocidental, no início do século XXI:

Felizes os que promovem a guerra e a discórdia, porque fazem fortuna com a desgraça alheia.

Felizes os que insultam, caluniam e sobre o nome dos outros lançam lama, porque jamais serão responsabilizados.

Felizes os que são ricos, porque nada lhes falta.

Felizes os que roubam, fogem aos impostos e não declaram os seus rendimentos, porque jamais serão punidos.

Felizes os maldosos e os mentirosos, porque semeiam a confusão e escapam sempre.

Felizes os que comem e bebem em excesso, porque aproveitam a vida.

Felizes os que perseguem e maltratam, porque são donos e senhores do mundo.

Felizes os que exploram, porque alcançam os seus objectivos.

Felizes os agressivos e brigões, porque a eles ninguém incomoda.

Felizes os que possuem um título académico, porque todos os respeitam.

Felizes os que são importantes e famosos, porque todos os admiram.

Felizes os que matam, porque sabem defender-se.

Felizes os que seguem todos estes preceitos de modo exemplar, porque revelam um profundo desrespeito pela vida.

2. As bem-aventuranças de Jesus

As bem-aventuranças são, para o discípulo de Jesus, um programa de vida e de vida feliz. São evangelho, boa notícia. *"As bem-aventuranças estão no centro da pregação de Jesus"* (CIC 1716). Ao proclamar as Bem-aventuranças, Jesus quer que a humanidade seja feliz em plenitude, por referência a Ele que encarna plenamente os valores que elas expressam. O Catecismo da Igreja Católica sublinha ainda que elas nos ajudam a descobrir a finalidade do que fazemos e o sentido da

própria vida: *"As bem-aventuranças descobrem o fim da existência humana, o fim último dos actos humanos: Deus chama-nos à sua própria felicidade"* (CIC 1719).

Porém, *"seguir Jesus implica cumprir os mandamentos"* (CIC 2053). Ao jovem rico, que deseja seguir o Mestre, Jesus propõe os mandamentos como caminho para a vida: *"Se queres entrar na vida eterna, cumpre os mandamentos"* (Mt 19, 17).

Jesus não anula nem contradiz os mandamentos, antes retoma os mandamentos, revelando a força do Espírito que neles actua (cf CIC 2054). Assim, os mandamentos e as bem-aventuranças devem ser lidos em conjunto, pois embora com formulações diferentes, ambos apontam para um centro: o amor. É o mandamento novo e primordial, que faz entender o sentido profundo de todos os outros mandamentos. Como afirma o Directório Geral da Catequese, *"o amor a Deus e ao próximo que resume o decálogo, se é vivido com o espírito das bem-aventuranças evangélicas, constitui a carta magna da vida cristã que Jesus proclamou no sermão da montanha"* (DGC 115).

3. Os valores das bem-aventuranças

Quais os valores que orientam a minha vida? Como estou a construir o meu projecto de vida? A minha felicidade depende de mim, das minhas escolhas, das prioridades que estabeleço. Aceito os desafios de Jesus Cristo? O projecto de vida que Jesus propõe é radical e implica opções claras. A principal é que a minha vida assente toda no amor a Deus e aos outros. Para segui-l'O, é preciso ter a coragem de ir contra a lógica da sociedade contemporânea: em vez do comodismo, aceitar a cruz para que eu e todos tenham vida, isto é, aceitar as exigências de um amor verdadeiro, capaz do serviço, de querer fazer aos outros o que queremos que nos façam a nós. Isso mesmo diz Jesus: *"o que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles, porque isto é a Lei e os Profetas"* (Mt 7,12), quer dizer, o amor resume tudo o que a Sagrada Escritura manda fazer.

OBJECTIVOS

- Descobrir as Bem-aventuranças como programa de vida;
- Compreender o sentido profundo dos Mandamentos;
- Acolher a perseguição como bem-aventurança;
- Testemunhar a alegria de ter optado por Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Ainda que muitos adolescentes, vistos a partir de fora, pareçam muito felizes, esta idade é, frequentemente, um período de insegurança, tristeza e solidão.
As dinâmicas propostas para a experiência humana podem ajudar os adolescentes a adquirir a convicção de que a felicidade (como o amor) não se produz, em sentido técnico. Não é algo que se deva tanto a condições externas, mas a uma atitude interior.
2. Propor o amor como lei não pode parecer uma atitude que retira a autonomia que o adolescente deseja, mas antes uma atitude radical e ousada, exactamente no sentido de uma liberdade maior. A proclamação e interiorização das bem-aventuranças deve sublinhar este projecto.
3. O amor cristão escolhe-se, opta-se por ele: não é algo que acontece espontaneamente; é algo que se cultiva e pelo qual se luta e trabalha cada dia. O compromisso por um amor verdadeiro é um compromisso com Deus Pai, revelado por Jesus Cristo e comunicado pelo Espírito Santo. Optar pelo amor é optar por Deus.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;

- Um copo com água até meio (1ª alternativa da experiência humana);
- Quadro ampliado;
- 2 cópias do quadro do Guia "costumamos dizer" (para o 2º Encontro);
- Dístico: As Bem-aventuranças – a radicalidade da lei do amor!

MÚSICAS:

- Amar (Cidade Juvenil);
- Escolhas (Sara Tavares).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1º Encontro – UMA PROPOSTA DE FELICIDADE

Começar com o cântico "Amar".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. (e 2)

1ª

Alternativa

(Não aludir ao objectivo do jogo, mas começar logo por mostrar aos catequizandos um copo com água até metade e dizer:)

Temos aqui um copo com água: gostaria de saber como vemos este copo no que respeita à quantidade de água que contém.

Alguns vão definindo o recipiente como «meio cheio» e outros como «meio vazio».

Todos vimos o mesmo copo, mas despertou em nós duas impressões totalmente distintas. Gostaria de propor-vos um pequeno teste para ver quanto vale o nosso coeficiente de felicidade. Se somos verdadeiramente felizes ou quase, o nosso coeficiente de felicidade é 100. Se, pelo contrário, nos sentimos completamente desgraçados, então será 0. Entre 0 e 100, há muitos outros graus de felicidade. Pensemos um momento na pontuação em que se encontra actualmente o nosso barómetro de felicidade e, depois, escrevamos o nosso coeficiente numa folha (*distribuída previamente*)...

Se alguém escreveu 100 ou aproximado e é muito feliz, os nossos parabéns. Quanto aos outros, pensemos se, por acaso, contribuímos de algum modo para esse estado de infelicidade.

Estamos preocupados com o futuro? Sofremos por alguma coisa que nos aconteceu? Comparamo-nos com alguém que é melhor do que nós? Sentimo-nos tratados injustamente ou pouco amados? Perguntamo-nos: "Que sentido tem tudo isto?" ou dizemos: "Nada tem sentido".

Se algum de nós se sente atormentado por perguntas deste género, gostaria de lhe dar um conselho que poderá ajudá-lo a elevar um pouco o seu grau de felicidade.

A todos proponho o seguinte: façamos uma lista de coisas que temos e contribuem para a nossa felicidade. Podemos nomear coisas evidentes como, por exemplo, ter um tecto sobre a cabeça, estar bem alimentados, ter roupa e estar sãos. Dispomos de 15 minutos.

Ao fazer essa lista, penso que poderemos ter descoberto uma base para sermos mais felizes. Efectivamente, apontámos coisas positivas que temos à disposição e que nos fazem sentir bem.

Às vezes, acontece que fazemos o contrário, ou seja, pensamos que somos felizes só com a condição de que aconteçam algumas coisas: «Serei feliz só depois de fazer o exame». A verdade é que não é possível decidir quando se quer ser feliz, dado que a felicidade não se compra nem se ganha. A felicidade é como uma borboleta que, se se apertar muito, morre. Se soubéssemos contentar-nos e sermos felizes com o que temos, então seria mais fácil sentirmos a felicidade. Isto é bastante diferente do que nos diz a "propaganda", que tenta convencer-nos continuamente de que comprando um determinado produto, seremos mais felizes. E não é fácil resistir a essa sedução.

Em grupo (*ou dois a dois*), leiam aos companheiros a lista que escreveram. Se quiserem, falem em grupo sobre o que acabo de dizer. Temos 10 minutos para este nosso diálogo.

Formemos agora um círculo único e analisemos juntos este jogo...

O catequista levantará as questões que julgar oportunas para aprofundar o que foi realizado e vivido, como por exemplo:

- Pensamos frequentemente que estamos bem e esse facto satisfaz-nos?
- Que atitude têm os nossos pais perante a vida? Vivem as alegrias do momento ou trabalham duramente para poderem ser felizes no futuro?
- Qual é a pessoa mais feliz que conhecemos?
- Quem é que é capaz, no grupo, de valorizar o que temos de positivo?

2ª

Alternativa

Começar com a leitura da "parábola" do Doc.1.

A partir desta "parábola", introduzir o diálogo ou um trabalho de grupos, propondo as seguintes questões:

- Para mim, o que é a felicidade? E o que não é a felicidade?
- A felicidade depende da sorte, do que aconteça na vida ou do modo como cada um se confronta com o que lhe acontece?
- Conhecemos muitas pessoas que tenham dito que são felizes?
- Se a felicidade mora dentro do coração do homem, por que é que é tão difícil ser feliz?

Findo o diálogo ou o trabalho de grupos, o catequista introduzirá a dinâmica da Mala, com estas ou outras palavras:

Imaginal que, por qualquer circunstância trágica, teríamos que abandonar este mundo e ir para um mundo novo e começar do zero. Só podemos transportar uma mala e, nessa mala, só podemos levar aquilo que nos faz sentir felizes de verdade e nos enche de alegria interior. Estas coisas podem ser materiais ou não, podem ser pessoas ou grupos de pessoas, podem ser crenças ou convicções.

Dito isto, o catequista entregará o Doc. 2, tendo cada um que escrever, no interior da mala, o que se lhes pediu, durante 10 minutos.

Depois, haverá um plenário, para pôr em comum o que cada um levaria na sua mala.

O catequista ajudará a uma conclusão, do seguinte modo:

Cada um colocou na mala o que para si é o mais valioso e o mais importante, isto é, aquilo que lhe traz mais felicidade. Sem darmos conta, escrevemos a definição do que significa, para nós, a felicidade. No desejo de felicidade, Deus está presente, de uma forma ou de outra.

3. A síntese do encontro (com qualquer uma das alternativas) pode ser a que se segue:

O que Deus mais deseja para o homem é que ele seja verdadeiramente feliz. A verdade é que, muitas vezes, o homem não sabe o que é ser feliz. Vive fechado em si mesmo e longe de Deus.

Ao longo da história, Deus foi propondo sempre, ao homem, caminhos de felicidade e de liberdade. Uma dessas propostas de felicidade é constituída pelos 10 Mandamentos, também chamados "Dez Palavras".

O Povo de Israel teve dificuldade em entender que este projecto, nascido da aliança entre Deus e o povo, era um projecto de felicidade. Foram necessárias muitas chamadas de atenção, sobretudo por parte dos profetas, porta-vozes de Deus, mas também através dos acontecimentos da história e da vida do povo. A dificuldade residia no modo de viver todo o alcance destes preceitos de Deus. Era mais fácil cumpri-los apenas exteriormente. É por isso que o profeta Jeremias e o profeta Ezequiel anunciam uma aliança nova, em que a lei deixará de ser algo exterior à pessoa, para ser interiorizada e vivida por um coração renovado.

Ainda hoje, somos desafiados a viver os Mandamentos da lei de Deus, não de forma ritualista, mas segundo a novidade introduzida por Jesus. Eles continuam a ser um conjunto de critérios para viver feliz.

Alguns salmos da Bíblia cantam a felicidade e a alegria daquele que segue a lei do Senhor. Um deles é o Salmo 119, um hino de louvor aos mandamentos e à Lei do Senhor. Vamos recitá-lo em dois coros alternados:

Felizes os que seguem o caminho da rectidão
e vivem segundo a lei do Senhor.

Felizes os que cumprem os seus preceitos
e o procuram com todo o coração,
que não praticam o mal,
mas andam nos caminhos do Senhor.

Meditarei nos teus preceitos
e prestarei atenção aos teus caminhos.

Hei-de alegrar-me com as tuas leis;
não esquecerei as tuas palavras

(Sl 119, 1-3.15-16).

Repetir o Cântico "Amar".

2º Encontro – UMA PROPOSTA RADICAL

Terminámos o nosso último encontro reconhecendo que os "Mandamentos" são uma proposta de felicidade, que precisamos de assumir e viver em cada dia.

Porque é uma proposta e não uma imposição exterior, precisamos de a assumir, de a escolher. Podemos então começar hoje este nosso encontro por escutar (e cantar) uma canção da Sara Tavares, com um poema lindíssimo que é uma reflexão feita a partir duma citação da Bíblia: «Tudo é permitido» mas nem tudo é conveniente" (1 Cor 10, 23).

Doc. 3 (Do CD "Escolhas").

Finda a audição, o catequista pode promover uma breve ressonância, explorando a letra da música, perguntando, por exemplo: *O que é que acharam? Qual a frase de que mais gostaram?*

II. PALAVRA

(Depois introduz-se a proclamação da Palavra, dizendo): Uma proposta é algo que podemos aceitar e fazer nossa, se nos parecer interessante. Para nós, a proposta de Jesus é uma proposta tão nova, tão diferente que dizemos que é uma proposta radical – radical porque não contempla meias medidas, não é mais ou menos... Diante dela, temos de dizer sim ou não.

Esta proposta não anula os mandamentos, mas vai muito mais além. É uma proposta que eleva os mandamentos à máxima perfeição. Vamos escutar?

1. Proclamação da Palavra (Mt 5, 3-10):

Jesus viu as multidões, subiu à montanha e sentou-Se.

Os discípulos aproximaram-se e Jesus começou a ensiná-los:

«Felizes os pobres em espírito,
porque deles é o Reino do Céu.

Felizes os que choram,
porque serão consolados.

Felizes os mansos,
porque possuirão a terra.

Felizes os que têm fome e sede de justiça,
porque serão saciados.

Felizes os misericordiosos,
porque alcançarão misericórdia.

Felizes os puros de coração,
porque verão a Deus.

Felizes os pacificadores,
porque serão chamados filhos de Deus.

Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça,
porque deles é o Reino do Céu”.

2. Estas palavras de Jesus são verdadeiramente radicais e vêm dar um sentido novo e profundo aos Mandamentos – levando-os à perfeição (cf Mt 5, 17).

Os capítulos 5 a 7 do Evangelho de S. Mateus explicam bem a novidade e radicalidade das bem-aventuranças. Podemos ver essa radicalidade, socorrendo-nos do seguinte esquema comparativo entre o que se afirmava antes de Jesus e a novidade que Jesus introduz:

| "O QUE FOI DITO AOS ANTIGOS..." | "EU DIGO-VOS..." |
|---|--|
| "«Não matarás. Aquele que matar terá de responder em juízo (Mt 5, 21). | "Quem se irritar contra o seu irmão será réu perante o tribunal" (Mt 5, 22). |
| "Não cometerás adultério" (Mt 5, 27). | "Todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração" (Mt 5, 28). |
| "Aquele que se divorciar da sua mulher, dê-lhe documento de divórcio" (Mt 5, 31). | "Aquele que se divorciar da sua mulher... expõe-na a adultério" (Mt 5, 32). |
| "Não perjurarás, mas cumprirás diante do Senhor os teus juramentos" (Mt 5, 33). | "Não jureis de maneira nenhuma. Seja este o vosso modo de falar: Sim, sim; não, não" (Mt 5, 34.37). |
| "Olho por olho e dente por dente" (Mt 5, 38). | "Não oponhais resistência ao mau. Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra" (Mt 5, 39). |
| "Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo" (Mt 5, 43). | "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mt 5, 44). |

Estas palavras de Jesus são, para nós, um desafio a viver de modo novo, remando contra a maré do ambiente que nos rodeia.

Este "projecto fundamental de Jesus" é muito diferente do nosso modo comum de viver. Vamos comparar o pensar do mundo com o de Jesus.

(Este quadro pode ser jogralizado: divide-se o grupo em dois. Alternadamente, um catequizando de um grupo diz sempre "Costumamos dizer" e o seu grupo diz conjuntamente a frase; segue-se outro catequizando do outro grupo que diz sempre "Jesus diz" e o seu grupo proclama a bem-aventurança respectiva).

| COSTUMAMOS DIZER | JESUS DIZ (Mt 5 1,12) |
|---|--|
| O que interessa é ter muito dinheiro... | Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. |
| Vamos viver e gozar a vida enquanto é tempo! | Felizes os que choram, porque serão consolados. |
| Não se pode viver neste mundo sem ser violento! | Felizes os mansos, porque possuirão a terra. |
| É impossível ser justos! Somos devorados pelo sistema! Injustiças sempre as haverá! | Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. |
| Perdoar é coisa de fracos! Fizeste-mas, pagas-mas! | Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. |
| Finge, mente e triunfarás na vida! | Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. |
| As guerras são inevitáveis! A vida é uma luta de interesses! | Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. |
| Não sejas tolo! Poupa-te! Defende-te a ti mesmo! | Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. |

3. As Bem-aventuranças são uma proposta de felicidade que Jesus nos apresenta. Queremos comprometer-nos com esta proposta? Aceitamos este desafio? Assumimos o risco de viver buscando, na pessoa de Jesus e no seu projecto, a nossa felicidade?

No século passado, mais ou menos há 40 anos, um homem, chamado Martin Luther King, pastor evangélico em Montgomery, nos Estados Unidos da América, procurou viver as bem-aventuranças de Jesus, dedicando a sua vida à luta contra a separação racial entre brancos e negros e também em defesa da justiça social. Tudo isto tendo como método a "não-violência". Este homem assumiu, na sua vida, as bem-aventuranças.

Reparemos no discurso que fez em 1964, quando recebeu o prémio Nobel da Paz:

"Acredito que a verdade e o amor sem condições terão efectivamente a última palavra. A vida, mesmo vencida provisoriamente, permanecerá sempre mais forte que a morte.

(...) Acredito igualmente que um dia a humanidade reconhecerá em Deus a fonte de todo o amor humano. Acredito que a bondade salvadora e pacífica se tornará um dia lei".

Foi assassinado a 4 de Abril de 1968.

Teremos nós a coragem de viver assim, procurando ser felizes à maneira de Jesus?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Vamos agora pedir-Lhe que nos dê um coração grande para amar. *(Esta oração pode ser jogralizada. Para tal, deve distribuir-se o texto de cada prece previamente. Pode também ser rezada por dois grupos alternadamente. Pode ainda ser ilustrada com fotografias ou slides).*

Sem amor, ninguém é capaz de viver feliz. O amor é uma experiência radical de felicidade. Quem ama de verdade, não tem medo de nada.

Peçamos ao Senhor que nos ajude a viver no seu amor dizendo: "SENHOR, FAZ-NOS CRESCER NO AMOR!"

- 1 – Quem ama cumpriu toda a lei, porque todos os preceitos se resumem em amar a Deus e ao próximo como Tu, Senhor Jesus, nos amas. Por isso te pedimos:
Todos - "SENHOR, FAZ-NOS CRESCER NO AMOR!"
- 2 – Todos procuramos a felicidade, todos nos lançamos à sua conquista, mas nem todos encontram o lugar onde mora. Senhor, nós sabemos que ela se pode encontrar no serviço, na gratuidade, na generosidade, na entrega... no amor. Por isso te pedimos:
Todos - "SENHOR, FAZ-NOS CRESCER NO AMOR!"
- 3 – Tu és amor; amor entregue por nós. Só quem caminha por esta senda poderá alcançar-Te. Só quem fizer da sua vida um instrumento de amor pelos outros será verdadeiramente feliz. Por isso Te pedimos:
Todos - "SENHOR, FAZ-NOS CRESCER NO AMOR!"
- 4 – Precisamos de viver o teu amor nos nossos corações. Senti-lo é a maior das graças que podemos receber. Quando se experimenta, tudo muda, tudo se vê com olhos diferentes, tudo se torna mais fácil... Por isso Te pedimos:
Todos - "SENHOR, FAZ-NOS CRESCER NO AMOR!"
- 5 – Embora o teu convite ao amor seja universal, embora se não dirija só aos amigos, mas também aos inimigos, àquelas pessoas de quem não gostamos ou que não queremos ver, continua a custar-nos esta exigência tua. Por isso Te pedimos:
Todos - "SENHOR, FAZ-NOS CRESCER NO AMOR!"
- 6 – Queremos seguir-Te; queremos fazer da nossa vida uma entrega aos outros; queremos viver com o coração desprendido, para que apenas estejamos apegados a Ti. Mas, para isso, precisamos de Te amar e Te sentir como Alguém que não podemos deixar. Por isso Te pedimos:
Todos - "SENHOR, FAZ-NOS CRESCER NO AMOR!"

"Pedro Muñoz Peñas – *Orar com Deus.*

(Pode cantar-se o cântico "Amar")

2. Hoje, procuremos guardar no coração e levar para a vida estas palavras (*e afixa-se o dístico*): As Bem-aventuranças – a radicalidade da lei do amor!

E explicita o esquema (que está no catecismo):

AS BEM-AVENTURANÇAS:

- Retomam e aperfeiçoam as promessas de Deus;
- Correspondem ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração do homem;
- Ensinam-nos qual a vocação a que Deus nos chama;
- Colocam-nos perante opções decisivas;
- Purificam o nosso coração, para amarmos a Deus sobre todas as coisas (cf CIC 1725-1729);
- Iluminam a forma de vivermos os mandamentos. Como posso viver cada mandamento, à luz das bem-aventuranças?

- As 10 Palavras ou Mandamentos expressam os deveres fundamentais do homem para com Deus e para com o seu próximo. Ninguém os pode dispensar. Estão gravados por Deus no coração (cf CIC 2072). (*Preencher o quadro no catecismo*).

Para guardar na memória e no coração

Os 10 Mandamentos resumem-se em dois:

- o amar a Deus sobre todas as coisas e
- ao próximo como a nós mesmos.

3. (*Remetendo para o catecismo, o catequista diz*): Nesta semana, vamos viver os mandamentos à luz das bem-aventuranças.

Em casa, **vou dizer** (por exemplo de manhã), **como oração, as Bem-aventuranças**. Os mandamentos podem servir para o meu **exame de consciência** diário, procurando ver quais vivi ou de quais me afastei, ao longo do dia.

Cântico final: "Amar".

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

Um dia, enquanto os outros descansavam, o Homem e a Felicidade decidiram jogar às escondidas. Mas eram tão inseparáveis que não tardavam a encontrar-se imediatamente. Cada vez, era mais difícil encontrar um lugar diferente onde esconder-se. Acontece que, quando tocou a vez de ser a Felicidade a esconder-se, a Mentira, que passeava por ali disfarçada de Verdade, aconselhou-a a que se escondesse dentro do Homem, porque esse seria o último lugar onde lhe ocorreria procurar. A Felicidade assim fez. Aproveitando um descuido do homem, introduziu-se no seu coração.

Quando o Homem se pôs a procurá-la, não havia maneira de a poder encontrar. O tempo passava e começou a crescer nele o medo de que tivesse acontecido algo à Felicidade. O certo é que não podia viver sem ela. A Felicidade gritava desde o coração do Homem, para lhe dizer onde estava, mas o Homem estava tão preocupado em buscá-la por fora que não prestava atenção ao seu interior. E quando isso acontece, as portas do coração fecham-se, deixando nele encerradas todas as suas riquezas. Então a Mentira, disfarçada de Verdade, aproximou-se do Homem para lhe dizer que tinha visto a Felicidade a caminhar pelo caminho que levava ao Reino da Obscuridade. O homem, sem duvidar, correu para esse reino. Mas quanto mais avançava naquela direcção, algo muito forte dentro dele lhe dizia que esse não era o caminho certo. Deteve-se um momento, na sua frenética correria, e logo começou a escutar os gritos desesperados da Felicidade, que o chamava desde a profundidade do seu coração.

A partir de então, decidiram tornar-se inseparáveis e não se perderem de vista, para que a Mentira não os voltasse a enganar. E assim, a Felicidade ficou para sempre a residir no mais profundo do coração humano.

DOCUMENTO 2

Desenho duma Mala,
com uma etiqueta a dizer "Felicidade".



DOCUMENTO 3

Parecia fácil, mas havia confusão;
Já não sabia se dizer "sim" ou "não".
Entrar na onda onde era fácil aguentar,
O que assustava era como ia acabar.

Os pensamentos começaram a correr
E de repente eu já estava sem saber
Se tudo aquilo em que eu sempre acreditara,
No meio de toda esta loucura,
Ia acabar por ser só mais uma mentira.
Foi como ouvir alguém dizer:

**Sei que posso fazer tudo,
Mas nem tudo me convém.
Tenho liberdade para viver
Minha vida, mal ou bem.
Sei que posso fazer tudo,
Mas nem tudo me convém.
O que eu escolho fazer hoje
Vou vivê-lo amanhã.**

Tinha vontade de deixar de lutar
Contra o que sabia que era melhor evitar.
Só por uma vez não iria mudar nada,
Pensar no fim é que ainda me assustava.

Sara Tavares (Escolhas)

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

FILMES

- **Dancer in the Dark**, de Lars von Trier, do ano de 2000, com 140 minutos, Drama/Musical, distribuído por Atalanta, Dinamarca, com Björk, Catherine Deneuve, David Morse.

DIAPORAMAS

- A árvore que sabia dar-se (Edições Diamart).

ACTIVIDADES

- 1) Elaborar as Bem-aventuranças do Grupo. Elaborar um cartaz ilustrando cada uma das Bem-aventuranças.
- 2) Elencar sinais de Bem-aventurança que encontramos à nossa volta (paróquia, escola, família, etc).

TESTEMUNHOS

A VOSSA PALAVRA É LEI PARA OS MEUS CAMINHOS

«Obrigado, Senhor, pela Tua Palavra!
Obrigado, porque esta Palavra,
pronunciada há dois mil anos, continua a ser viva e eficaz.
Reconhecemos a nossa incapacidade
para a compreender e deixar viver em nós!
Ela é mais poderosa e mais forte do que as nossas debilidades,
mais eficaz do que a nossa fragilidade,
mais penetrante do que as nossas resistências.
Por isso te pedimos, que nos ilumines com a Tua Palavra,
para a tomarmos a sério e nos abirmos àquilo que ela nos revela,
para confiarmos nela e a deixarmos actuar em nós
segundo a riqueza do seu poder»!

Cardeal Carlo Maria Martini

CATEQUESE 7

A OUSADIA DE AMAR A DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Gostar ou amar?

O amor é uma dimensão extraordinária na vida do ser humano. Porém, o amor exige compromisso, aceitação total do outro, doação sem limites. Estas atitudes são difíceis no mundo em que vivemos. Muitas vezes, falamos de amor, mas apenas gostamos. Confunde-se amor com "amores" passageiros como nuvens de verão. Gostamos do que nos interessa, do que serve os nossos interesses e nos traz a satisfação no momento. Ninguém é imune à onda de egoísmo que a todos quer arrastar. Este egoísmo manifesta-se, por exemplo, na indiferença com que olhamos o sofrimento alheio e na falta de preocupação pelo bem comum (o que é de todos pode-se destruir...).

Por vezes, até conseguimos gestos de solidariedade, mas falta-nos uma atitude constante.

A verdade é que toda a gente precisa de encontrar sentido para a sua existência, precisa de se reconhecer profundamente amada e precisa de amar de verdade.

2. Responder ao amor

A Bíblia diz-nos que o amor tem uma fonte inesgotável: Deus. Já um salmista narrava assim a sua experiência: "O Senhor está comigo, nada tenho a temer, que mal me poderão fazer os homens?" (Sl 118,6). S. João, na primeira carta, resume a sua descoberta do rosto de Deus mostrado por Jesus: "Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele" (1 Jo 4,16). É diante desta descoberta maravilhosa de que Deus está presente na nossa vida e nos ama com um amor infinito que podemos livremente aceitar esse amor e procurar responder afirmativamente. De facto, a verdadeira resposta só pode ser o amor. Assim se compreende o primeiro mandamento da Aliança do Sinai, o qual mantém ainda hoje toda a actualidade: "*Amarás o Senhor, teu Deus, com o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças*" (Dt 6,5). O primeiro Mandamento é a base de todos os outros e o fundamento de toda a existência cristã. O amor a Deus é a resposta ao amor que Ele nos manifestou primeiramente e por sua livre iniciativa. Esta resposta é ousada porque nos coloca, simples criaturas, em relação de comunhão com Deus, relação merecida por Jesus na sua entrega salvadora. É também ousada porque exige fidelidade ao amor de Deus. Jesus Cristo é a prova mais excelente do amor que Deus nos dedica e a medida do amor que devemos dedicar a Deus. Na verdade, em Jesus, nós podemos aprender a apoiar a nossa vida no Amor de Deus, a conhecer, a confiar e a obedecer à sua vontade.

O amor a Deus desenvolve-se professando, celebrando, vivendo e rezando a própria fé da Igreja. Amar a Deus é dizer-Lhe sim, em cada dia, por Jesus Cristo, no Espírito Santo.

3. Amar a Deus na Eucaristia

Este amor aprofunda-se participando e vivendo o Domingo como *dia do Senhor*, isto é, como dia que o Senhor escolheu para estar presente, de modo particular, entre os seus. Quando nos reunimos em assembleia eucarística, ao Domingo, estamos a responder ao convite do Senhor ressuscitado – estamos a assumir vitalmente a ousadia de amar, louvar e celebrar o nosso Deus. O amor vive do encontro, no encontro, para um encontro sempre novo. Quem ama anseia por esse momento de comunhão profunda com o outro, por poder estar face a face.

A Eucaristia é, para o cristão, esse momento de intimidade com o Amor. É o momento da festa, em que, a alegria de sentir-se amado e de amar transborda em partilha de vida com os irmãos. É o momento da entrega total a quem nos ama, da entrega a Jesus que conosco caminha e transforma a nossa vida, enchendo-a de sentido. É o sim incondicional Àquele que, sem condições, vem ao nosso encontro. Sim esse que leva também a comprometer-nos com os outros, ajudando-os a fazer a mesma descoberta de Deus amor.

OBJECTIVOS

- Descobrir o significado dos três mandamentos relativos ao amor a Deus;
- Compreender que este amor se celebra na liturgia dominical e se vive no dia-a-dia;
- Comprometer-se na vivência da celebração dominical.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A evolução do adolescente e do mundo em que se encontra inserido tem fortes ressonâncias na sua experiência religiosa: na sua maneira de entender a Deus e na maneira de se relacionar com Ele. O adolescente está capacitado para o encontro com Deus, para o viver de forma pessoal. A etapa evolutiva que vive o adolescente pode, em alguns casos, manifestar-se numa relação problematizada com Deus. O adolescente necessita de um Deus amigo para travar uma relação de proximidade. Essa necessidade corresponde inteiramente ao "rosto" de Deus manifestado por Cristo.
2. A proposta deste tema parte do pressuposto de que amar a Deus, embora corresponda a uma atitude natural do ser humano, nesta idade e no actual contexto, implica algo de ousadia, de desafio, de "remar contra a maré". Esta ousadia tem de se expressar em atitudes e compromissos concretos. A celebração eucarística dominical é um desses gestos e compromissos que atestam esta ousadia de amar a Deus, contra a onda de materialismo que nos rodeia e que convida sobretudo ao egoísmo e ao comodismo.
3. Será necessário fundamentar esta ousadia com o sentido, valor e significado do Domingo como *dia do Senhor* e expressão do amor a Deus.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Dísticos:
 - 1) "Eucaristia – coração do Domingo";
 - 2) "Na Eucaristia – somos família unida";
 - 3) "Ama, louva e celebra";
- Material para a Montagem Audiovisual;
- Cartolina com a tabela apresentada no catecismo ampliada.

MÚSICAS:

- Procura de ti;
- Domingo (Mátria);
- Eu sei (Sara Tavares).

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1º Encontro – A EXPERIÊNCIA DO AMOR A DEUS

O encontro pode iniciar-se com o cântico "Procura de ti".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. (e 2) Amar a Deus sobre todas as coisas e com todo o coração, com toda a inteligência e com todas as forças é uma exigência de quem se reconhece amado por Ele.

1ª

Alternativa

O que nos propomos, no início deste encontro, é que avaliemos os lugares, momentos e pessoas em que descobrimos mais ou descobrimos menos a presença de Deus. Temos de avaliar e classificar de 1 a 10. Para isso, vamos preencher o teste que vem no nosso catecismo (*Doc. 1*). Dispomos de 10 minutos.

Findo o tempo, pede-se que observem o quadro e escrevam três conclusões sobre a sua relação com Deus.

As conclusões podem ser postas em comum, num breve plenário. Podem escrever-se num quadro ou placard as três que pareçam mais significativas.

2ª

Alternativa

O catequista pede a todos que observem com atenção os esquemas do catecismo e diz:

Estes dois desenhos fazem referência a duas formas de viver a relação com Deus.

Vamos, todos juntos, interpretar cada um dos desenhos, explicando brevemente como entendemos o encontro com Deus.

*Neste momento, propõe-se a escuta da canção "Eu sei" de Sara Tavares (*Doc.2*). Convém que todos tenham na mão a letra da canção. Finda a escuta, promove-se o diálogo, com estas ou outras questões semelhantes:*

- Esta canção tem algo a ver com os desenhos que interpretámos anteriormente? Em que sentido?
- Como é a nossa relação com Deus? É uma relação de medo e distância ou é uma relação de intimidade amorosa?
- Como reagimos quando nos censuram por amarmos a Deus e celebrarmos a nossa fé?
- Temos consciência de que amar a Deus hoje pode ser uma atitude criticada?

- Amamos a Deus acima de todas as coisas?
- Somos capazes de dizer aos outros como amamos a Deus?

(Se for oportuno, pode propor-se que escrevam, individualmente ou em grupo, uma carta aberta à Comunidade Paroquial ou ao Pároco ou ao Jornal Paroquial contando a própria descoberta e o modo como o grupo procura viver o amor a Deus).

3. A Síntese do encontro (de qualquer uma das alternativas) pode ser a que se segue:

- **Amar e ser amado é absolutamente fundamental para todo o ser humano.** Qualquer pessoa, seja quem for, de qualquer condição, idade ou estado civil, precisa de ser amada, precisa de gestos de ternura e carinho; precisa de uma palavra amiga, de um sorriso, de apoio e alento.
Sem amor, ninguém é capaz de viver feliz. Sem amor tudo se torna obscuro e difícil. O amor tem de estar presente em todos os acontecimentos da nossa vida e ser a raiz de todas as nossas motivações.
- **Os três primeiros mandamentos apresentam-nos a base de todos os outros. O amor a Deus é, na verdade, o fundamento da existência cristã,** caracterizada como comunhão de vida com Deus e com o próximo.
O nosso amor a Deus é a resposta ao amor que Ele nos manifestou em primeiro lugar, tomando a iniciativa de vir ao nosso encontro. O amor a Deus não é uma obrigação que nos é imposta, mas um caminho de amor e de liberdade plena. Na verdade, a palavra *amor* é o termo mais adequado para exprimir a nossa relação com Deus. Deus revelou-nos o seu desejo de ser procurado e amado de todo o coração, porque Ele é, para nós, a fonte de toda a felicidade.
- **Neste tempo, tão cheio de coisas adoradas como deuses (idolatrias), é uma ousadia amar a Deus.** Quem ama a Deus, corre o risco de ser criticado por acolher e manifestar tal amor. Porém, vale a pena desenvolver essa coragem, não se deixar influenciar e **experimentar a beleza desse amor.** Quem ama a Deus, manifesta-o por palavras, por acções e por atitudes. Quem ama a Deus, deseja celebrar esse amor, com a comunidade reunida. Quem ama a Deus, quer encontrar-se, em cada dia, com Deus amor, porque n'Ele há sempre novidade, frescura, uma nova alegria.

No próximo encontro, tentaremos descobrir quais os meios e as atitudes que precisamos de cultivar para corresponder ao amor de Deus. Hoje vamos terminar com um momento que expressa a nossa confiança em Deus.

PARA INTERIORIZAR:

Pode-se fazer-se uma oração espontânea ou cantar o cântico de Santa Teresa de Ávila:

Nada te (per)turbe... (Cânticos de Taizé).

O encontro pode terminar aqui ou retomar ainda o mesmo cântico do início.

2º Encontro – AMAR, LOUVAR E CELEBRAR

Iniciar o encontro ensaiando o refrão do cântico "Domingo".

Terminámos o nosso último encontro dizendo que o amor a Deus tem necessariamente de se manifestar e difundir. Na verdade, o amor não é abstracto. Quando se ama, ama-se alguém e isso traduz-se

em atitudes, palavras, gestos e até em tempo. Quando amamos alguém, não contabilizamos o tempo gasto e estamos sempre disponíveis para um novo encontro ou para dialogar sem olhar para o relógio. O amor é sobretudo dádiva, entrega, dedicação. Amar é sair de si e ir ao encontro do outro. Amar a Deus tem de ter consequências para a vida. Amar a Deus tem de traduzir-se em gestos e atitudes concretas.

Vamos ouvir uma descrição, do Livro dos Actos dos Apóstolos, que mostra como viviam os primeiros cristãos.

II. PALAVRA

Como o título diz, "Actos" significa uma espécie de crónicas acerca da vida e actividade dos apóstolos e da comunidade que, em Jerusalém, se ia formando à sua volta. S. Lucas, que escreveu um dos evangelhos, foi o autor de tal "reportagem". Este texto mostra-nos como os cristãos viviam a luminosa descoberta de serem amados por Deus, em Jesus. A sua resposta era unidade, partilha, escuta da Palavra, Eucaristia e oração, isto é: amor a Deus e aos irmãos vivido em alegria. Vamos escutar (de pé):

1. Proclamação da Palavra (Act 2, 42; 4, 32-33).

Os primeiros cristãos "eram assíduos ao ensino dos apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações".

"A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus e uma grande graça operava em todos eles. (...) Distribuía-se, então, a cada um conforme a necessidade que tivesse".

2. Vamos então ver, de forma esquemática, como correspondiam ao amor de Deus os primeiros cristãos: *(O catequista afixa uma cartolina com a tabela desenhada ou constrói a tabela num quadro, convidando, de seguida, os adolescentes a completarem a coluna da direita.)*

| O AMOR A DEUS MANIFESTADO PELOS PRIMEIROS CRISTÃOS | ATITUDES DE FE |
|--|----------------|
| Eram Assíduos ao ensino dos Apóstolos | |
| Eram assíduos à união fraterna | |
| Eram assíduos à fracção do pão e à oração | |
| Davam testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus | |
| Tinham um só corpo e uma só alma | |
| Tudo entre eles era comum | |
| Não havia necessitados... repartia-se | |

O amor a Deus, manifestado pelos primeiros cristão, era um amor activo e que se traduzia no dia a dia. Os cristãos de Jerusalém tinham encontrado uma forma de concretizar aquele que Jesus chama o primeiro mandamento: "amarás o Senhor teu Deus com todo o coração"(Mc 12,30).

Um amor que se manifestava ao professar a fé em comunidade, fé vivida de modo consciente, participando na catequese ou 'ensino dos apóstolos'.

(O catequista apresenta a Palavra PROFISSÃO DE FÉ. O mesmo pode também ser preenchido no catecismo, perguntando: "Onde devemos colocar esta expressão"?).

Um amor a Deus que se manifestava pela participação na Eucaristia (chamada fracção do pão) e na oração comunitária.

(O catequista acrescenta a Palavra SACRAMENTOS à tabela, perguntando...)

Um amor que se manifestava pela unidade e comunhão de vida, pela partilha e solidariedade. O catequista acrescenta a palavra MANDAMENTOS à tabela.

| O AMOR A DEUS MANIFESTADO PELOS PRIMEIROS CRISTÃOS | ATITUDES DE FÉ |
|--|-----------------|
| Eram Assíduos ao ensino dos Apóstolos | PROFISSÃO DE FÉ |
| Eram assíduos à união fraterna | |
| Eram assíduos à fracção do pão e à oração | SACRAMENTOS |
| Davam testemunho da Ressurreição do Senhor Jesus | |
| Tinham um só corpo e uma só alma | MANDAMENTOS |
| Tudo entre eles era comum | |
| Não havia necessitados... repartia-se | |

Estas atitudes de fé dos primeiros cristãos manifestavam-se todos os dias, mas havia um dia especial para louvar e celebrar este amor: esse dia especial era 'o primeiro dia da semana', o dia da Ressurreição de Jesus, o Domingo – *o Dia do Senhor!*

De facto, desde a primeira comunidade cristã que o domingo é o Dia do Senhor, é o Dia de louvar e de celebrar o amor de Deus. Como sabemos, no Povo de Israel, o dia sagrado é o sábado, por referência à criação. Os cristãos sentem-se "autorizados a transpor o significado do sábado para o dia da ressurreição" (DD 63), o Domingo.

Hoje, nós queremos também:

- **Professar** a fé no amor de Deus,
- **Celebrar** essa fé nos sacramentos e sobretudo na Eucaristia,
- E **viver** essa fé na vida do dia a dia.

O Domingo é um dia especial para exercitar todas estas atitudes de fé e para mostrar o nosso amor a Deus.

Agora, façamos um breve trabalho de grupos para tentar descobrir melhor o significado e o valor do Domingo, como dia especial para amar, louvar e celebrar a Deus. Temos cerca de 15 minutos.

Distribuir o Doc. 3 com a respectiva grelha de leitura.

(Porém, se parecer que este trabalho de grupos torna o encontro demasiado longo, pode sugerir-se como actividade a realizar durante a semana, distribuindo o texto no final e pedindo que cada um descubra "como tornar cristão o seu domingo", a partir do mesmo. Neste caso, preencher-se-ia apenas o quadro que vem no catecismo).

3. Findo o trabalho de grupo (e/ou o preenchimento do quadro que vem no catecismo), faz-se um breve plenário, destacando sobretudo as atitudes que o grupo escolheu para tornar cristão o seu Domingo. Estas atitudes podem ser transcritas para um quadro, para melhor visualização.

A partir das atitudes apontadas, apresentar o testemunho (ver no catecismo):

Clara Badano nasceu em 1971 em Sassello, Itália, filha de Ruggero e Teresa.

Aos nove anos, conhece outras crianças, que já têm como objectivo "escolher Deus" como ideal da sua vida.

À medida que vai crescendo, sobressai nela o olhar límpido e a beleza. Aplica-se-lhe a expressão de S. Agostinho: "o amor torna-nos bonitos". É uma grande desportista e gosta muito de cantar e dançar, vestindo-se com elegância. É muito exigente com os seus sentimentos. Está sempre rodeada de amigos e amigas.

Aos 17 anos, diante de uma reprovação a Matemática, procura amar o rosto abandonado de Jesus nessa contrariedade. Depois, num certo dia, ao jogar ténis, sente uma dor fortíssima nas costas. Algumas recaídas levam a aprofundar os exames médicos e chega o diagnóstico: um tumor dos mais graves e dolorosos. Recebe a notícia em silêncio e sem chorar. Começam os internamentos. No hospital, preocupa-se com os outros e esquece-se do forte sofrimento para ajudar uma rapariga toxicodependente. Depois de duas operações, a quimioterapia faz-lhe cair o cabelo. Diante de cada madeixa de cabelo que perde, repete com intensidade: "por Ti, Jesus". Os pais ajudam-na a intuir que o amor de Deus se esconde nas situações mais incríveis. Ela aceita e coloca-se no amor. Assim, oferece as suas poupanças a um amigo que vai partir para África. A força vem-lhe de Jesus na Eucaristia, que recebe frequentemente e com muita alegria.

Os médicos espantam-se com a sua maturidade. O próprio cardeal de Turim vai visitá-la e pergunta-lhe: "Tens uns olhos estupendos, uma luz maravilhosa. De onde te vem?" Responde: "Procuro amar muito Jesus".

As últimas palavras para a mãe foram: "Sê feliz, porque eu sou feliz". Duas mil pessoas participaram no funeral, experimentando uma serenidade e santidade contagiosas, sentindo-se levadas a escolher Deus como o tudo da sua vida.

(Depois de um momento de silêncio...) Qual vos parece ser o principal segredo de Clara? Era certamente um amor apaixonado a Deus, amor esse vivido na Eucaristia e no encontro com cada pessoa, que ela sabia reconhecer como presença de Jesus.

Que acham? Podemos viver um amor assim com esta decisão e entusiasmo?

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Viver o Domingo de uma forma cristã é um modo de mostrarmos o nosso amor a Deus, de Lhe darmos um pouco do nosso tempo. O Domingo é então um dia diferente, dia de construir a Igreja, de fazer festa, dia de ser família cristã. É o dia da Eucaristia.

Porque agora temos maior consciência do significado e importância do Domingo, como dia específico para manifestar o nosso amor a Deus, louvemos a Deus cantando um cântico que nos fala do "Domingo":

1. Sempre que eu venho aqui,
Sinto esta missão
De construir a Igreja
Ao lado do meu irmão.

*Domingo é um dia diferente,
Porque cada um de nós
Fica em festa
Com o Deus vivo,
Que é nosso porto e nosso abrigo.*

2. Sempre que eu venho aqui,
A Palavra gera vida e acção,
Torno-me pedra viva
nesta nova construção.

3. Sempre que vimos aqui,
Jesus transforma a nossa vida.
Juntos na Eucaristia
Somos família unida.

(Victor Pereira)

2. (Imediatamente depois do cântico, o catequista continua): O Domingo é mesmo um dia diferente – um dia com um coração especial – a Eucaristia.

O catequista afixa um dístico com o texto:

- **"Eucaristia – coração do domingo"** e explícita: Como dizia João Paulo II, "que a **participação na Eucaristia seja verdadeiramente, para cada baptizado, o coração do domingo**" (NMI 36). Esta participação na Eucaristia, para nós, os cristãos, é um preceito; isto quer dizer que o cristão participa na Eucaristia, não porque "apetece", mas antes por fidelidade ao Senhor e à comunidade de irmãos reunidos em nome de Cristo. A Eucaristia é também uma necessidade (cf DD 46) para quem quer viver uma fé verdadeira e completa. É por ser uma grande necessidade que a Igreja considera uma "obrigação grave" a participação na Eucaristia Dominical, da qual nos devemos sentir dispensados apenas "por motivo sério", como doença ou cuidado de crianças pequenas ou outras pessoas dependentes ou ainda a ocorrência de imprevistos (cf CIC 2181). A participação na Eucaristia é um sinal de pertença a Cristo e à Igreja (cf CIC 2182).

O Domingo é o Dia para manifestar, como os primeiros cristãos, o nosso amor e louvor a Deus que nos ama e nos faz seus filhos predilectos:

O catequista afixa um dístico com o texto:

- **"Na Eucaristia – somos família unida"** e explícita: "Ao congregar semanalmente os cristãos como família de Deus à volta da mesa da Palavra e do Pão de vida, a Eucaristia dominical é também o antídoto mais natural contra o isolamento" (NMI 36); é o lugar onde a comunidade é construída.

O Domingo é o dia para dizer, com a vida, que Deus ocupa o primeiro lugar dos nossos amores e das nossas preocupações.

O catequista afixa um dístico com o texto:

- **"Ama, louva, celebra"**.

Assim, entendemos melhor os três primeiros mandamentos:

- **Amar e adorar a Deus sobre todas as coisas;**
- **Não invocar o santo nome de Deus em vão;**
- **Santificar os domingos (e festas de guarda).**

Para guardar na memória e no coração

"A participação na Eucaristia seja verdadeiramente, para cada baptizado, o **coração do domingo**... não só para obedecer a um **preceito**, mas como necessidade para uma vida cristã verdadeiramente consciente e coerente"

(João Paulo II, *NMI* 36).

3. O compromisso que podemos levar desta catequese, para a vida de cada dia, já o dissemos quando, em grupo, vimos como podíamos tornar verdadeiramente cristão o nosso Domingo. Tornar cristão o Domingo é outra maneira de dizer o terceiro mandamento: "**santificar domingos e festas de guarda**". As festas de guarda são os dias santos, equiparados ao Domingo e que se devem guardar ou santificar. Santificar é participar activamente na Eucaristia, evitar trabalhos desnecessários e dedicar o dia à oração, à família, ao convívio, ao descanso, à solidariedade (visitar doentes ou pessoas sozinhas), à alegria e a actividades culturais construtivas (cf E.Eur 82). Os domingos e "dias santos" (de guarda ou de preceito) são os dias em que só um motivo muito grave nos deveria impedir de participar na Eucaristia da comunidade.

Agora seria importante que, durante alguns momentos de silêncio, cada um escolhesse, aquela atitude em que vai apostar e pela qual vai trabalhar. *Também se pode, em conjunto, escolher um compromisso para todos.*

O compromisso pode também ser uma das seguintes sugestões: a) comprometer-se diante de Deus e do grupo a não faltar à Missa de Domingo; b) ir, em grupo, ter com o pároco e disponibilizar-se para ajudar em alguma tarefa litúrgica: ser acólito, ler, cantar, preparar as intenções ou ofertório, etc... Pode ser uma tarefa unicamente para o próximo domingo. Porém, se a experiência for positiva, poderá até tornar-se um serviço estável; c) aprender a seguinte oração, para dizer em silêncio depois da comunhão:

"Adoro-Te, amo-Te, dou-Te graças, peço-Te perdão, peço-Te graças, em nome da Igreja e de toda a humanidade". Pode acrescentar-se: "hoje peço-Te especialmente por..." (e acrescenta-se o nome de alguma pessoa ou comunidade ou país por quem queremos rezar de modo particular). A seguir pode voltar a dizer-se a primeira parte: "Adoro-Te...".

Terminar cantando de novo o cântico: "Domingo".

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

A PRESENÇA DE DEUS NA MINHA VIDA

Avalia (de 1 a 10) os lugares, momentos e pessoas em que descobres mais ou menos a presença de Deus.

| DESCUBRO DEUS... | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
|-------------------------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|----|
| Em mim | | | | | | | | | | |
| Na minha família | | | | | | | | | | |
| Nos meus amigos/as | | | | | | | | | | |
| Nos acontecimentos | | | | | | | | | | |
| No meu estudo/ trabalho | | | | | | | | | | |
| Na minha vida diária | | | | | | | | | | |
| Na minha oração | | | | | | | | | | |
| Nos sacramentos | | | | | | | | | | |
| No meu grupo de fé | | | | | | | | | | |
| Nos pobres | | | | | | | | | | |
| Nos meus problemas | | | | | | | | | | |
| Quando estou só | | | | | | | | | | |
| Quando estou triste | | | | | | | | | | |
| Quando estou alegre | | | | | | | | | | |

Observa o quadro e escreve três conclusões sobre a tua relação com Deus:

DOCUMENTO 2

EU SEI

Se eu voar sem saber onde vou,
Se eu andar sem conhecer quem sou,
Se eu falar e a voz soar como a manhã,
Eu sei...

Se eu beber dessa luz que apaga
A noite em mim
E se eu um dia disser
Que já não quero estar aqui,
Só Deus sabe o que virá,
Só Deus sabe o que será.
Não há outro que conhece
Tudo o que acontece em mim.

Se a tristeza é mais profunda que a dor,
Se estes dia já não tem sabor
E no pensar que tudo isto já pensei
Eu sei...

Se eu beber dessa luz que apaga
A noite em mim
E se eu um dia disser
Que já não quero estar aqui,
Na incerteza de saber
O que fazer, o que querer,
Mesmo sem nunca pensar
Que um dia o vá expressar.
Não há outro que conhece
Tudo o que acontece em mim.

(Sara Tavares, inspirado no salmo 139).

DOCUMENTO 3

O Domingo: Dia para amar, louvar e celebrar o amor de Deus.

O Domingo é, para o cristão, um dia especial. Ele tem, para o cristão, um significado único – é como a sua senha de identidade...

João Paulo II, na Carta Apostólica "O Dia do Senhor", recorda-nos alguns aspectos centrais do que representa e significa o Domingo Cristão.

1 – O DIA DO SENHOR

O que quer que digamos sobre o domingo tem que ter como referência o relato bíblico da Criação. De facto, nesse relato diz-se que Deus, ao terminar o seu trabalho, abençoou o sétimo dia e consagrou-o, "porque nele descansou de toda a sua obra criadora" (cf Gn 2, 2-3).

Este "descanso" de Deus não significa "inactividade", mas sublinha a plenitude da actividade levada a cabo e é como um olhar de gozosa complacência diante do trabalho bem realizado. É o dia do olhar contemplativo.

O dia de descanso constitui-se como tal, antes de mais, porque abençoado e santificado por Deus, ou seja, separado dos outros dias para ser, de entre todos, o "Dia do Senhor" (Ex 20, 8-11).

2 – O DIA DE JESUS RESSUSCITADO

Os cristãos, depois do acontecimento da Ressurreição de Jesus que ocorreu "no primeiro dia da semana" e por este memorial especial, celebram, não já o sábado, mas o domingo, como o "Dia do Senhor".

Os cristãos dos primeiros séculos não tinham o feriado do domingo. Começaram, por isso, a ser reconhecidos pelo seu costume "de reunir-se em dia fixo antes do nascer do sol e de cantar juntos um hino a Cristo como a um deus (Plínio, o Jovem).

O domingo é o dia da "Nova Criação" e da "Páscoa Semanal". Chamou-se-lhe também o "dia do sol" como homenagem a Cristo, verdadeiro sol da humanidade.

O domingo é também o "dia da fé". A Igreja, domingo a domingo, renova a sua fé proclamando o Credo.

João Paulo II afirma que, para a Igreja, o domingo é um dia irrenunciável e portanto deve ser guardado, apesar de todas as dificuldades.

3 – O DIA DA IGREJA

O domingo é o dia da Igreja, da Comunidade, que se congrega em redor de Cristo Ressuscitado, cuja presença reconhece e celebra (cf Mt 28, 20).

Na verdade, o domingo tem na Eucaristia a sua fonte, que nutre e modela a Igreja. "É na Missa dominical que os cristãos revivem de maneira particularmente intensa a experiência que tiveram os Apóstolos na tarde de Páscoa, quando o Ressuscitado lhes apareceu, estando eles reunidos. Naquele pequeno núcleo de discípulos estava, de certo modo, presente o Povo de Deus de todos os tempos. Ao domingo, celebramos a Eucaristia como povo peregrino que somos, esperando a vinda do Senhor. Esta espera não é espera humana, mas virtude essencial radicada em Cristo. Esta esperança não se dilui, mas afirma-se no meio das alegrias e das tristezas de todos os homens, especialmente dos mais pobres e desfavorecidos.

O Domingo é também o Dia da Igreja, porque nela e por ela se participa na mesa da Palavra, na mesa do Corpo de Cristo e na mesa da Fraternidade e nos desafia a ser testemunhas do Ressuscitado.

4 – O DIA DO HOMEM

O domingo é também o dia do homem, isto é, dia de alegria, dia de descanso e dia de solidariedade. No séc. IV, no ano 321, o Imperador Constantino reconheceu o ritmo semanal e com ele o descanso do domingo, ao decretar, que "no dia do sol, os juizes e as populações das cidades e das corporações dos diferentes ofícios deixem de trabalhar". Esta legislação beneficiou muito os cristãos que se alegram de ver assim superados os obstáculos que até então subsistiam para guardar o domingo. O descanso traz-nos harmonia, ajuda-nos a colocar as tarefas diárias na devida dimensão, ajuda-nos ao diálogo sereno com os outros, a admirar as belezas da natureza, põe-nos em paz com Deus e com os homens.

O domingo deve ser também uma ocasião para nos dedicarmos a actividades de misericórdia, caridade e de apostolado. A celebração eucarística introduz-nos numa cultura da partilha e da solidariedade, porque é um acontecimento e projecto de fraternidade.

5 – O DIA DOS DIAS

"Sendo o domingo a Páscoa semanal que evoca e torna presente o dia em que Cristo ressuscitou dos mortos, é também o dia que revela o sentido do tempo. (...) Nascendo da Ressurreição, ele sulca os tempos do homem, os meses, os anos, os séculos, como uma seta que os atravessa, orientando-os para a meta da segunda vinda de Cristo. O domingo prefigura o dia final, o da Parúsia, já antecipada de algum modo pela glória de Cristo no acontecimento da Ressurreição."

GRELHA DE COMPROMISSO:

PARA QUE O MEU DOMINGO SEJA DOMINGO CRISTÃO

A partir do texto do Papa João Paulo II, reflectamos sobre que atitudes devemos desenvolver para tornar verdadeiramente cristão o nosso Domingo.

Apontemos três atitudes (pode reduzir-se para uma ou duas) para cada característica da identidade do Domingo cristão (*ver catecismo*).

| O DOMINGO CRISTÃO | PARA TORNAR CRISTÃO O MEU DOMINGO |
|---------------------------------|-----------------------------------|
| 1 - O DIA DO SENHOR | |
| 2 - O DIA DE JESUS RESSUSCITADO | |
| 3 - O DIA DA IGREJA | |
| 4 - O DIA DO HOMEM | |
| 5 - O DIA DOS DIAS | |

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

Algumas destas actividades podem ser sugeridas e desenvolvidas, durante a semana, entre o primeiro e o segundo encontro.

FILMES

- **O Náufrago** (Cast Away), de Robert Zemeckis, com Tom Hanks, Helen Hunt, Christopher Noth, Nick Searcy, do ano 2000, com a duração de 143 minutos, Aventura / Drama, distribuído por Lusomundo, EUA.
- **Grelha para discussão do Filme:** Os três tempos do protagonista (tempo de trabalho, de naufrágio, de reencontro) podem ser uma parábola da nossa vida. Escreve-a... O tempo para Deus... tempo de Deus?

DIAPORAMAS

- Ideal Man (Edições Carmelo);
- Às vezes, talvez (Edições Carmelo).

ACTIVIDADES

- 1) Aprofundar a biografia de Alexandrina de Balasar.
- 2) Fazer um "historiograma" do Domingo do nosso grupo.
- 3) Fazer propostas concretas para viver o Domingo como "um dia diferente...".

TESTEMUNHOS

1. Jesús Jimenez nasceu em S. Salvador. A este jovem camponês, muito dado à adoração eucarística e à Leitura da Palavra de Deus, foi confiada pelo seu pároco, a responsabilidade duma comunidade eclesial de base em 1973. Mas, nesse ano, o país entrou em guerra civil. O pároco foi assassinado pela Guarda Nacional.

Jesús Jimenez coordenou as comunidades, duramente castigadas pela guerra e pela repressão, levando a todos os lados o consolo do Evangelho e da Eucaristia. Foi assassinado a 1 de Setembro de 1979 quando voltava duma reunião pastoral. Tinha 32 anos e era pai de 5 filhos.

2. Uma mulher norte-americana de Filadélfia, chamada Catarina Drexel, filha de um famoso banqueiro, descobriu na Eucaristia a sua grande riqueza.

Durante uma viagem com a família ao Oeste americano, Catarina, ainda jovem, deu-se conta da miséria em que viviam os indígenas da América. Esta experiência acendeu nela o desejo de fazer qualquer coisa para aliviar as condições da sua vida e sustentar as missões e trabalho dos missionários em favor dos índios.

Quando se encontrou com o Papa Leão XIII e lhe pediu missionários para trabalhar com os índios, o papa sugeriu-lhe que ela mesma se tornasse missionária. Ela assim fez. Tornou-se religiosa e mais tarde fundou as Irmãs do Santíssimo Sacramento com a finalidade de difundir a mensagem do Evangelho e a vida eucarística entre os índios e afro-americanos. Mulher de muita oração, encontrou sempre na Eucaristia a fonte do seu amor pelos pobres.

AMAR OS PAIS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A Família na nossa sociedade

Família, comunidade de vida e de amor, é também chamada "célula" da sociedade. Mas, será hoje a família uma realidade em vias de extinção?

Frequentemente observamos como a unidade estrutural da sociedade humana é ameaçada. Nalgumas circunstâncias, já não é o conjunto dos pais, filhos e avós. O convívio com os mais velhos deixa, lentamente, de existir, sendo visto como um tormento, pois estes são olhados como fardos, gente sem utilidade, ultrapassada pelo progresso. Em muitos lares, os filhos são agora únicos, pois ter filhos é caro e desgastante. Os casais sentem-se, cada vez mais, des apoiados e sozinhos perante a responsabilidade de criar e educar os filhos numa sociedade tão exigente, que substituiu a procura da realização e da felicidade pela procura da riqueza e do sucesso. A estabilidade familiar parece também ameaçada: as pessoas casam-se por amor, mas o amor é de curta duração e ignora, muitas vezes, a necessidade de proteger e acompanhar os filhos: muitos jovens vivem, desde a infância, num corru pio entre a casa da mãe e a do pai, adaptando-se, sucessivamente, a cada tentativa que estes fazem de refazer a sua vida amorosa, encontrando-se na necessidade de aceitar novos 'irmãos', certamente tão confusos e assustados como eles. Já nada é como dantes... e o 'antes' ajudava-nos bem melhor a crescer...

Nas famílias que permanecem unidas, corre-se o risco de o diálogo ser substituído pelo silêncio imposto pela televisão. Os laços que nos unem em família são frágeis, os laços de sangue não são suficientes para nos mantermos unidos. Como fazer?

2. A família cristã

A família é a primeira e fundamental comunidade onde a natureza social da pessoa pode encontrar lugar de realização e felicidade. É a família que permite o desenvolvimento harmonioso e feliz de pais e filhos. Sem o bom entendimento familiar, sem o diálogo e a cooperação entre as várias gerações, presentes na família, a sociedade não terá futuro.

A família é uma comunidade de vida e de amor que exige a cooperação de todos. O Catecismo da Igreja Católica caracteriza bem esta cooperação familiar, ao escrever: "Ao criar o homem e a mulher, Deus instituiu a família humana e dotou-a da sua constituição fundamental. Os seus membros são pessoas iguais em dignidade. Para o bem comum dos seus membros e da sociedade, a família implica uma diversidade de responsabilidades, de direitos e de deveres" (CIC 2203). Assim, a família é uma comunidade de amor onde todos são intervenientes e onde cada qual desempenha a sua função específica: os pais, servindo a vida e desempenhando a sua tarefa educativa; os filhos, amando, respeitando e colaborando com os pais na sua missão, como bem clarifica o Concílio

Vaticano II: "Os filhos, como membros vivos da família, contribuem, a seu modo, para a santificação dos pais. Corresponderão com a sua gratidão, piedade filial e confiança, aos benefícios recebidos de seus pais e assisti-los-ão, como bons filhos, nas dificuldades e na solidão da velhice" (GS 48).

3. Construir a família

Muitas vezes, experimentamos a insatisfação e a dor de ver que a nossa família não é perfeita. Sofremos pela sua falta de alicerces e valores evangélicos. Mas, apesar das dificuldades e defeitos de cada um, amamos os nossos pais e irmãos. Por vezes, não sabemos como expressá-lo e deixamos para amanhã o que deveríamos amar hoje. A família é tarefa de todos: só precisamos que o amor seja verdadeiro e sempre em crescimento. Para isso, alguns aspectos concretos devem merecer a nossa atenção: a importância prioritária da união e do entendimento da família acima de outros valores, como os económicos e de bem-estar; a procura de momentos de encontro e de diálogo entre os diversos membros da família (como as refeições, a oração comum, alguns espaços de lazer); o empenho de todos os membros da família na resolução dos problemas de cada um e dos que são comuns; o exercício efectivo do amor e da ternura entre os seus membros, procurando fazer da família uma comunidade onde (pelo amor) habita Deus, uma pequena "igreja doméstica".

OBJECTIVOS

- Descobrir que a família é o lugar primordial da felicidade e da realização pessoal;
- Entender a família como dom de Deus e expressão do Seu amor;
- Comprometer-se na construção da família, com critérios evangélicos, como tarefa de todos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O afecto e segurança que se recebe na família, o estímulo que nela se procura para fazer frente às dificuldades, o diálogo e a comunicação que nela se estabelece... contribuem bastante para que o adolescente se prepare para mudanças ulteriores. Com as suas potencialidades e limitações, a família é o âmbito adequado para o cultivo do afecto, da segurança e da experiência relacional. A evolução da família é geralmente bem vista pelos jovens, já que, se a família perdeu muito do seu papel "normativo", ganhou também muito no seu papel "acolhedor", permanecendo humanizante e identificadora.

2. O catequista deverá ter em consideração as situações familiares concretas dos seus catequizandos: aqueles que são órfãos; aqueles que viveram uma situação de divórcio e, eventualmente, se integram numa família reconstruída (quando, pelo menos, um dos pais voltou a casar); aqueles cujas famílias atravessam um período de crise; aqueles que vivem numa instituição ou entregues a outros familiares que não os pais.

O catequista deve sublinhar o que o magistério da Igreja, à luz do Evangelho, clarifica como modelo de família, aquela que é constituída pelos esposos, unidos pelo Matrimónio, e os seus filhos. A estes se unem os demais parentes, nomeadamente os avós. A Igreja considera, com sabedoria, que é esta a família que melhor defende a dignidade da pessoa humana e a que melhor proporciona as condições para que os seus membros sejam pessoas equilibradas e felizes. Deverá, entretanto, evitar-se magoar os catequizandos ou culpabilizá-los relativamente a situações sobre as quais não têm qualquer responsabilidade, apesar de muitos pensarem o contrário. O que os adolescentes desejam é mesmo: ser incondicionalmente amados, viver com estabilidade e ter uma família feliz.

3. A Palavra procura clarificar os critérios e perspectivas evangélicas para uma família cristã saudável, onde cada qual assume, de modo consciente e responsável, o seu papel. Também procura mostrar como os pais são um dom de Deus para os seus filhos e os filhos "o mais excelente dom do Matrimónio" (GS 50).

Quanto ao conceito "amor": já tratámos do amor-caridade. No tema da sexualidade (viver n(o) amor) falar-se-á do amor afectivo. Aqui tratamos sobretudo do amor familiar (amor que une as várias pessoas da família). Isto sem esquecer que a caridade tem de estar sempre presente em todas as dimensões do amor.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Cartões com o conteúdo dos papéis a representar.
- Dísticos: "Honra Pai e Mãe";
 - "Os filhos devem aos pais respeito, gratidão, obediência justa e ajuda. O respeito filial favorece a harmonia de toda a vida familiar" (CIC 2251);
 - "Os pais devem respeitar e favorecer a vocação dos seus filhos. Hão-de lembrar-se e hão-de ensinar-lhes que a primeira vocação do cristão é a de seguir Jesus" (CIC 2253).

MÚSICAS

- A história do Manel (final do catecismo);
- Família, torna-te aquilo que és.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1º Encontro – NÓS E OS NOSSOS PAIS

Começar o encontro escutando (cantando) "A história do Manel".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. (e 2) Como podemos verificar pelo texto da canção que cantámos, no nosso encontro de hoje, aprofundaremos o conteúdo e mensagem do 4º Mandamento, que nos pede para honrarmos pai e mãe, assim como todos os legítimos superiores. Esta ideia de "honrar pai e mãe" que significado terá para nós? Honrar, respeitar, são valores importantes na vida de hoje? E o que é que vocês pensam e sentem sobre isso? E a que pessoas estendem este "honrar", quem são, para vocês, os legítimos superiores? Os professores, os catequistas, os governantes?

1ª

Alternativa

Para reflectirmos um pouco sobre a família como lugar de felicidade, apesar dos conflitos e dificuldades que todos nós, muitas vezes, sentimos, proponho-vos um jogo de papéis, em que alguns de vocês vão teatralizar "cenas da vida familiar", enquanto que outros observam e comentam o que viram. Em cada cena, um de vocês assume papel de filho e outro de pai ou mãe. Vamos tentar perceber como funcionam as famílias em geral e como será uma família que funciona bem.

Esta dinâmica pode usar-se recorrendo, também, aos pais, instando-os a participar nesta troca de papéis, seguindo-se um diálogo inter-geracional de reflexão. Esta versão não só é mais rica, mas também mais educativa, pois os adolescentes necessitam, frequentemente, de perceber a perspectiva dos pais.

Definir um conjunto de temas relativos às relações entre pais e filhos na adolescência: querer sair à noite; ter más notas; querer deixar de estudar; ter tido problemas disciplinares na escola; começar a namorar; querer gastar dinheiro; faltar às aulas; ter sido mal-educado com os pais; sentir que os pais não respeitam as nossas ideias; achar que os pais não perceberam que estamos a crescer, e assim por diante. Estes temas podem surgir de uma chuva de ideias previamente realizada com o grupo: "Dificuldades que sentimos na relação com os nossos pais".

Distribuir, a metade dos jovens, os temas que deverão representar, entregando um cartão com a situação a tratar e a indicação: "Tu és o filho e vais ter de resolver este problema com a tua mãe/pai". Aos restantes jovens é atribuído o papel de mãe ou pai ("Vais fazer o papel da mãe do João"), de acordo com a instrução dada anteriormente àqueles que serão os seus pares, mas sem revelar o conflito que vai ser tratado.

As dramatizações começam sem que "pais" e "filhos" tenham tido oportunidade de combinar as cenas, promovendo a maior espontaneidade, mas dando algum tempo ao "filho" para que este possa imaginar como vai iniciar a sua cena. É o "filho" que desencadeia a acção, pois foi quem recebeu a instrução. Os pares actuam um de cada vez.

Não é necessário que todos os jovens entrem na dramatização, pois convém que alguns assumam o papel de observadores, tomando notas sobre o desenrolar das cenas e iniciando os comentários que o grupo fará ao que foi visto durante as cenas. Também convém que cada par tenha tempo suficiente para desenvolver em profundidade a sua cena.

Se houver condições, as cenas podem ser gravadas em vídeo e mostradas durante a discussão, para que os intervenientes em cada cena se possam observar.

A discussão das cenas pode ser feita analisando as várias situações diferentes, registando os pontos fundamentais (pelo catequista ou nomeando um par de secretários).

Pontos a discutir:

- Como representámos as figuras dos filhos?
- Como representámos as figuras dos pais?
- Os que representámos os filhos, sentimos segurança na nossa argumentação?
- Como reagiram os "pais"? Porque é que os pais reagem deste modo?
- Que função desempenham os pais junto de nós, agora que somos adolescentes? Porque precisamos deles? Eles precisam de nós? Como funciona uma família que funciona bem? O que falta a uma família que tem dificuldades? Que responsabilidades têm os filhos adolescentes na família?
- Os pais são capazes de nos entender? Porquê? Que dificuldades de comunicação sentimos?
- Nós entendemos os nossos pais? Percebemos a sua personalidade, as condições da sua vida, os problemas e dificuldades que enfrentam?
- Que podemos fazer para melhorar, na família: a comunicação, o assumir de responsabilidades, a partilha de esforços, a qualidade dos laços afectivos, o respeito mútuo?

Como se verifica pelas questões expostas, pretendemos reflectir, com esta actividade, que as famílias vivem do diálogo que se consegue estabelecer entre os vários membros. Este diálogo pressupõe que nos aceitamos uns aos outros e que aceitamos também os nossos pais, com as suas qualidades e defeitos. Outra condição importante para um bom relacionamento é a capacidade de escuta que temos uns para com os outros.

Uma pergunta interessante é esta: qual o nosso papel na família? Será a de alguém que está ali só para exigir? Ou muita coisa depende de nós? Que vos parece?

Ao mesmo tempo, se tivermos uma ideia mais positiva dos nossos pais (valorizando as suas qualidades), damos conta que o relacionamento se torna mais fácil.

Esta actividade poderia servir para, a partir das filmagens (caso tenham sido possíveis), se fazer um encontro com pais...

2ª

Alternativa

(Esta alternativa também pode ser enriquecida com a participação dos pais, a partir de dado momento, assim como pode ser usada numa Reunião de Pais).

Para nos ajudar a descobrir como funcionam as famílias, proponho-vos o preenchimento da ficha que vem no nosso catecismo: "As palavras que usariam os pais".

Vamos concentrar-nos sobre alguma das orientações ou estímulos que nos dão os nossos pais no dia a dia. Os pais procuram ter, fundamentalmente, dois objectivos: ajudar o seu filho e providenciar a satisfação das suas necessidades.

Cumprir estes objectivos não é fácil, e quando os pais querem de nós uma coisa e nós queremos outra, as complicações surgem. Às vezes reagimos mal quando, de facto, poderíamos pensar: Até que ponto podemos chegar a um entendimento?

Vamos começar por tentar preencher este módulo de trabalho. Temos 15 minutos. *(distribuir o Doc. 1 ou usar o catecismo).*

Terminado o tempo estipulado:

Agora, vamos reflectir um pouco mais sobre o que escreveu cada um *(o catequista orienta o diálogo em torno das seguintes questões):*

- Quem de vocês nos quer dizer a frase que mais lhe tocou?
- De quem deriva a maior parte das afirmações? Do pai ou da mãe?
- São claros os pedidos que me fazem em família?
- Consigo dizer o meu ponto de vista, diante dos meus pais, com respeito e delicadeza?

Para nos podermos colocar no lugar dos nossos pais, vamos agora fazer uma entrevista (Doc. 2). Dividimo-nos por grupos e escolhe-se um elemento para ser o pai ou mãe entrevistado(a). Os outros colocam as questões e anotam as respostas.

3. *(Síntese comum às duas alternativas):* A família não depende apenas da consideração que os filhos dedicam aos pais, nem dos cuidados educativos que os pais proporcionam aos filhos. A família "é a sociedade natural em que **o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida**. A autoridade, a estabilidade e a vida de relação no seio da família constituem os fundamentos da liberdade, da segurança, da fraternidade no seio da sociedade" (CIC 2207). Viver bem em família exige a cooperação de todos os seus elementos, pais e filhos. Construir famílias com estes valores é garantia de uma sociedade nova.

O diálogo e o entendimento exprimem o amor e a atenção com que todos os elementos da família devem viver entre si. Neste sentido, apesar das naturais diferenças de experiência que se observam entre pais e filhos, o diálogo entre todos não só é condição de entendimento familiar, mas uma escola de relação para todos.

O quarto mandamento leva a uma convivência harmoniosa, baseada na interdependência dos diversos membros da família e no amor de cada um por todos. Para tal, pais e filhos devem esforçar-se por entender os pontos de vista uns dos outros e por cumprir honradamente com os seus deveres de pais e de filhos.

E, como diz a Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa (2004), sobre a Família, os principais valores a desenvolver para a construção da comunhão familiar são: "(...) a generosidade, a disponibilidade para partilhar, a compreensão, a tolerância, o perdão, a contínua abertura à reconciliação, a solidariedade na ajuda mútua, a fidelidade às pessoas e ao projecto comum, o respeito pela vida e pela dignidade de cada elemento que integra a comunidade familiar, a intimidade construída na ternura e na doação. Servida por estes valores, a família desempenhará um papel preponderante na realização das pessoas que a integram e na humanização da sociedade" (nº 9).

Se necessário, o catequista pede a um catequizando que leia de novo a passagem da carta da Conferência e cada um diz qual o valor que considera mais importante.

PARA INTERIORIZAR:

Leitor: Que Maria, nossa mãe, nos ajude a construir famílias onde haja amor e alegria!

Todos: Sagrada Família, rogai por nós.

Leitor: Que S. José seja para todos um exemplo de humildade, capacidade de escuta e atenção ao outro!

Todos: Sagrada Família, rogai por nós.

Leitor: Que Jesus, na sua capacidade de obediência, nos ajude a ser bons filhos e bons irmãos, nas nossas famílias.

Todos: Sagrada Família, rogai por nós.

Leitor: Que a Sagrada Família de Nazaré abençoe todas as famílias do mundo, especialmente as que passam mais dificuldades!

Todos: Sagrada Família, rogai por nós.

2º Encontro – ONDE HÁ AMOR; AÍ HABITA DEUS...

Introduzir o encontro com o cântico: "Família, torna-te aquilo que és".

Continuamos, hoje, a aprofundar o significado e o valor do 4º mandamento. Deus, que usou uma pedagogia de proximidade e ternura, também nos revelou quais os seus planos para a família, que instituiu ao criar o homem e a mulher, iguais em dignidade (cf CIC 2203). Tal como nos ensina o magistério da Igreja, a família é uma comunidade de fé, de esperança e de caridade, o que lhe dá uma importância espantosa no contexto da sociedade humana (cf CIC 2204). A sua actividade procriadora e educadora é o reflexo da obra criadora de Deus Pai (cf CIC 2205).

II. PALAVRA

O quarto mandamento aparece claramente no Evangelho. Jesus, por um lado, testemunha a docilidade, respeito e amor para com os pais: "era-lhes submisso" (Lc 2, 51). Por outro, não deixa de exortar à vivência do 4º mandamento: "honra teu pai e tua mãe" (Mc 7, 10). Jesus conhecia também uma passagem do Antigo Testamento e que mantém, hoje, toda a actualidade. Escutemos, então.

1. Leitura de Ben Sirá (Sir 3, 1-6.14), sobre os deveres para com os pais:

"Ouvi, filhos, os conselhos do vosso pai,
procedei em conformidade, para serdes salvos.

Porque o Senhor glorifica o pai acima dos filhos,
e estabelece sobre eles a autoridade da mãe.

O que honra o pai

alcança o perdão dos pecados,
e quem honra a sua mãe
é semelhante ao que acumula tesouros.
Quem honra o pai encontrará alegria nos seus filhos,
e será ouvido no dia da sua oração.
Quem glorifica o pai gozará de longa vida
e quem obedece ao Senhor consolará a sua mãe.
A caridade que exerceres com o teu pai não será esquecida,
e ser-te-á considerada, em reparação de teus pecados”.

2. Terminada a leitura, o catequista convida os catequizandos a reflectir sobre os conselhos do livro de Ben Sirá com as perguntas que se seguem ou outras semelhantes. Estas podem ser registadas numa folha, cartaz, no quadro...

- - “Ouvi, filhos, os conselhos do vosso pai”. Porque é que os pais estão habilitados a dar conselhos aos filhos? Em que ocasiões aprecias os conselhos dos teus pais? Tens uma atitude receptiva quando os pais (professores ou catequistas) te dão conselhos que não pediste?
- “Quem honra o pai encontrará alegria...”. Que significa esta expressão? Será compatível com a ideia de que, muitas vezes, discordamos dos pais?
- “Quem honra os pais será ouvido na oração”. O que significa? Certamente, Deus quer que amemos e respeitemos os pais.

Em resumo, podemos dizer que:

- É suposto que **os pais sejam mais experientes e sábios** do que os filhos e trabalhem responsabilmente para seu sustento e educação. O amor paterno e materno tem a sua fonte no próprio amor infinito de Deus.
- **A autoridade dos pais para com os filhos** ajuda-os a ultrapassar os obstáculos e protege-os dos perigos que encontram ao longo das etapas de crescimento. E, tal como diz o povo, “filho és, pai serás”. A sabedoria popular diz-nos que quem não respeita os pais e as legítimas autoridades, nunca saberá fazer-se respeitar. Jesus, mesmo sabendo que é Filho de Deus, respeita e ama Maria e José, no cumprimento perfeito do quarto mandamento (cf CIC 531).
- **As relações familiares harmoniosas ajudam a vivência da liberdade**, da segurança, da fraternidade, do amor a Deus, do amor aos outros e do próprio amor afectivo. Para isso, é importante cultivar os valores apontados pelos nossos bispos para a construção de famílias felizes: a compreensão, o perdão, a ajuda...
- **O modelo de família que Deus quer de nós** exprime-se através do cumprimento dos deveres dos pais para com os filhos (amar e educar) e dos filhos para com os pais (amar e respeitar).

Para compreendermos melhor a profundidade dos laços que unem pais e filhos, vamos realizar, por grupos, uma tarefa de leitura e análise dos textos de Catecismo da Igreja Católica que referem esta temática.

O catequista distribui cópias dos textos CIC 2214 a 2220 (deveres dos filhos) e dos textos CIC 2221 a 2331 (deveres dos pais). Atendendo à sua relativa extensão, procurará que cada pequeno grupo ou catequizando fique apenas com dois ou três parágrafos. Depois da leitura (em pequeno grupo ou individual) e da respectiva troca de ideias (quando se tratar de trabalho em grupo), os catequizandos preenchem os documentos 3 e 4 (que vêm no catecismo).

Também pode ser o catequista a fornecer a síntese dos textos, quer conversando, quer utilizando alguma forma de suporte escrito (folha com resumo, quadro, cartaz, acetato). No caso da tarefa ter sido realizada pelos catequizandos, as suas conclusões devem ser partilhadas e, se necessário, corrigidas. Os aspectos a destacar são os seguintes:

- Os Deveres dos Filhos exprimem-se através do **respeito pelos pais**. Este respeito traduz-se em (cf CIC 2215-2219):
 - Reconhecimento;
 - Docilidade;
 - Obediência;
 - Ajuda material e moral;
 - Harmonia entre irmãos.

 - Os Deveres dos Pais exprimem-se através do **amor e da educação**, que se traduzem em (cf CIC 2222-2230):
 - Respeitar os filhos em todas as situações;
 - Ser responsável pela sua educação;
 - Iniciar na solidariedade;
 - Evangelizar os filhos ajudando-os a descobrir a sua vocação de filhos de Deus;
 - Atender às suas necessidades físicas e espirituais.
3. Somos capazes de cumprir, com delicadeza e docilidade, os nossos deveres para com os nossos pais, irmãos e restante família? Respeitamos também os legítimos superiores, tais como: autoridades instituídas, governantes, chefe de trabalho, professores, catequistas. Dos superiores, espera-se que sejam justos no exercício da autoridade.

Muitas famílias constroem a sua vida a partir dos critérios do Evangelho. Vivem as dificuldades do dia a dia com espírito de amor e caridade. São famílias em que cada um dos membros se preocupa em trabalhar pela felicidade e paz de todos.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Todos queremos ter uma família feliz. Mas uma família – a que temos ou aquela que desejamos construir no futuro – não nasce do nada. Uma família feliz nasce e desenvolve-se a partir do amor, respeito e alegria que oferecemos aos nossos familiares: aos nossos pais, irmãos, avós, numa palavra, a todos. Também precisamos de ser correspondidos, pois cada um de nós precisa de ser amado. Como sabemos muito bem, por vezes não é fácil, falhamos muitas vezes e aqueles que amamos também falham. Vamos, por isso, pedir ao eterno Pai, fonte de todo o amor, que nos ajude a amar e que ajude todos os que nós amamos.

Pedimos-te, Pai, fonte de amor e de vida:

- Que não falte o vinho bom do amor na nossa família;
- Que, na nossa família, não se acabe o pão do trabalho e do entendimento;*
- Que, na nossa família, não sequem as fontes da vida;
- Que, na nossa família, não se apague a chama da fé;*

Senhor, Deus Pai de todos os homens, ajuda-nos a conseguir:

- Que a nossa família seja, verdadeiramente, uma igreja doméstica;
- Que a nossa família saiba viver e transmitir os valores cristãos;*
- Que a nossa família não se feche em si mesma, mas se abra à solidariedade;

- Que as instituições do Estado protejam as famílias e os governantes entendam a sua importância;*
- Nós queremos aprender a viver em harmonia, nas nossas famílias, e a ajudar aquelas que estão em crise, necessitadas de apoio, orientação ou bens materiais;
- Queremos crescer sabendo ver em todas as pessoas os filhos de Deus Pai e nossos irmãos, em Cristo Jesus...

(Este texto pode ser jogralizado ou lido em conjunto.)

2. Para concluirmos esta reflexão, a síntese do nosso aprofundamento sobre o quarto mandamento poderia ser esta...

(Colocar o dístico) **"Honra Pai e Mãe"**.

Se quisermos precisar um pouco mais o que significa honrar pai e mãe teremos de acrescentar: *(dísticos)*

Para guardar na memória e no coração

"Os filhos devem aos pais: respeito, gratidão, obediência justa e ajuda" (CIC 2251).

"Os pais devem aos filhos: respeitar a vocação dos filhos e ensinar que a primeira vocação do cristão é a de seguir Jesus" (cf CIC 2253).

3. E agora, como vamos levar estas ideias para praticar na nossa vida quotidiana? Que podemos fazer ao longo desta semana para tornar mais feliz o nosso ambiente familiar? Como poderemos respeitar os nossos pais e fazer com que eles nos respeitem?

Vamos escrever no catecismo o que queremos fazer. Depois, partilharemos o que conseguimos viver durante a semana!

No final do encontro, podem cantar o refrão do cântico: "Família, torna-te aquilo que és..."

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

PRESCRIÇÕES

Esta ficha pretende ajudar-te a tomar em consideração alguns dos pontos de vista, dos pedidos, das proibições, dos medos e das esperanças que os teus pais te transmitem cada dia, através das suas orientações educativas.

Completa as seguintes frases com as palavras que usam, habitualmente, os teus pais.

- ⇒ Sê _____
- ⇒ É grave se tu _____
- ⇒ Deves _____
- ⇒ É correcto se tu _____
- ⇒ Deve-se _____
- ⇒ És estúpido se _____
- ⇒ Sê honesto e _____
- ⇒ Deverias estar grato a _____
- ⇒ Estás enganado se _____
- ⇒ A experiência ensina que _____
- ⇒ Ninguém _____
- ⇒ Atenção a _____
- ⇒ És demasiado _____
- ⇒ Se tu _____

Agora relê todas as frases e sublinha aquela que te provoca um sentimento mais forte, a que de certo modo te provoca. Copia essa frase, indicando quem a diz mais vezes:

Que pensas dessa frase? Em que circunstâncias a ouves repetir? Que quer de ti o pai/mãe quando ta diz? Quais as vantagens, se actuares segundo o seu conteúdo? E quais são as desvantagens?

Para terminar, uma última pergunta: coloca-te tanto quanto fores capaz, no lugar dos teus pais e tenta perceber o que é que os leva a fazer-te essa observação ou pedido. O que é que os motiva?

ENTREVISTA AOS PAIS

⇒ De que te orgulhas quando pensas no teu filho?

⇒ Que te preocupa quando pensas nele?

⇒ Qual é o conselho mais importante que gostarias de dar ao teu filho?

⇒ Que deveria fazer o teu filho na vida para que te sentisses feliz?

⇒ Que te deu o teu filho no teu último aniversário e o que é que isso significou para ti?

⇒ Quando foi a última vez que abraçaste o teu filho?

⇒ Quando é que te fez sofrer muitíssimo?

⇒ Qual foi a maior desilusão que deste ao teu filho?

⇒ Onde vês a semelhança interior maior entre o teu filho e tu?

⇒ O que significa para ti o facto de o teu filho se estar a transformar, pouco a pouco, numa pessoa adulta?

DOCUMENTOS 3

Texto do Catecismo da Igreja Católica: 2214 - 2220:

DEVERES DOS FILHOS

A paternidade divina é a fonte da paternidade humana ¹; nela se fundamenta a honra devida aos pais.

O respeito pelos pais (*pietade filial*) é feito de *reconhecimento* àqueles que, pelo dom da vida, pelo seu amor e seu trabalho, deram os filhos ao mundo e lhes permitiram crescer em idade, sabedoria e graça.

O respeito filial revela-se na docilidade e na *obediência* autênticas. «Observa, meu filho, as ordens de teu pai, e não desprezes os ensinamentos da tua mãe(...) servir-te-ão de guia no caminho» (Prov. 6, 2022).

Todo o tempo em que um filho vive em casa de seus pais, deve obedecer a tudo quanto eles lhes pedem, tudo quanto seja motivado pelo seu bem ou pelo bem da família. «Filhos, obededei em tudo aos vossos pais, porque isto agrada ao Senhor» (Col 3, 20) ⁴. As crianças devem também obedecer às prescrições razoáveis dos seus educadores e de todos aqueles a quem os pais as confiaram. Mas se alguém se persuadiu em consciência de que é moralmente mau obedecer a determinada ordem, não o faça.

A obediência aos pais cessa com a emancipação; mas não o respeito que sempre lhes é devido. É que este tem a sua raiz no temor de Deus, que é um dos dons do Espírito Santo.

O *quarto* mandamento lembra aos filhos adultos as suas *responsabilidades para com os pais*. Tanto quanto lhes for possível, devem prestar-lhes ajuda material e moral, nos anos da velhice e no tempo da doença, da solidão ou do desânimo. Jesus lembra este dever de gratidão ⁵.

O respeito filial favorece a harmonia de toda a vida familiar, tendo também a ver com as *relações entre irmãos e irmãs*. O respeito aos pais impregna todo o ambiente familiar.

Para os cristãos, é devida uma especial gratidão àqueles de quem receberam o dom da fé, a graça do Baptismo e a vida na Igreja. Pode tratar-se dos pais, mas também de outros membros da família, dos avós, dos pastores, dos catequistas, dos professores ou amigos.

| DEVERES DOS FILHOS | |
|--------------------|--|
| • | |
| • | |
| • | |
| • | |
| • | |

DOCUMENTO 4

Texto do Catecismo da Igreja Católica: 2221 - 2231:

DEVERES DOS PAIS

A fecundidade do amor conjugal não se reduz apenas à procriação dos filhos. Deve também estender-se à sua educação moral e à sua formação espiritual. O «papel dos pais na educação é de tal importância que é impossível substituí-los» (GE 3). O direito e o dever da educação são prioritários e inalienáveis para os pais ¹.

Os pais devem olhar os seus filhos como *filhos de Deus* e respeitá-los como *peessoas humanas*. Educam os seus filhos a cumprir a lei de Deus, na medida em que eles próprios se mostrem obedientes à vontade do Pai dos Céus.

Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Testemunham esta responsabilidade, primeiro pela *criação dum lar*, onde a ternura, o perdão, o respeito, a fidelidade e o serviço desinteressado são a regra. O lar é um lugar apropriado para a *educação das virtudes*, a qual requer a aprendizagem da abnegação, de *sãos critérios*, do autodomínio, condições da verdadeira liberdade.

Pela graça do sacramento do Matrimónio, os pais receberam a responsabilidade e o privilégio de *evangelizar os filhos*. Desde a primeira idade devem iniciá-los nos mistérios da fé, de que são os «primeiros arautos» (LG 11). Hão-de associá-los, desde a sua mais tenra infância, à vida da Igreja.

A *educação da fé* por parte dos pais deve começar desde a mais tenra infância. Faz-se logo quando os membros da família se ajudam a crescer na fé pelo testemunho duma vida cristã, de acordo com o Evangelho. A catequese familiar precede, acompanha e enriquece as outras formas de ensinamento da fé. Os pais têm a missão de ensinar os filhos a rezar e a descobrir a sua vocação de filhos de Deus. A paróquia é a comunidade eucarística e o coração da vida litúrgica das famílias cristãs; é o lugar privilegiado da catequese dos filhos e dos pais.

Por sua vez, os filhos contribuem para o *crecimento* de seus pais *na santidade*². Todos e cada um dar-se-ão, generosamente e sem fadiga, o perdão mútuo exigido pelas ofensas, querelas, injustiças e abandonos. Assim o sugere o *amor mútuo*. E assim o pede a caridade de Cristo ³.

Durante a infância, o respeito e o carinho dos pais traduzem-se, primeiro, no cuidado e na atenção que consagram à educação dos filhos, para *prover às suas necessidades físicas e espirituais*. À medida que vão crescendo, o mesmo respeito e dedicação levam os pais a educar os filhos no sentido dum uso correcto da sua razão e da sua liberdade.

Como primeiros responsáveis pela educação de seus filhos, os pais têm o direito de, *escolher para eles uma escola* que corresponda às suas próprias convicções.

Ao tomarem-se adultos, os filhos têm o dever e o direito de *escolher a sua profissão e o seu estado de vida*. Devem assumir as novas responsabilidades numa relação de confiança com seus pais, a quem pedirão e de quem de boa vontade receberão opiniões e conselhos. Os pais terão o cuidado de não constranger os filhos, nem na escolha duma profissão, nem na escolha do cônjuge.

| DEVERES DOS PAIS |
|------------------|
| • |
| • |
| • |
| • |
| • |

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

ENCONTRO

Sugere-se um filme (de entre os dois apresentados) que pode ser visto com o grupo e discutido com o catequista:

- **Kramer contra Kramer** (Kramer vs. Kramer), de Robert Benton, com Dustin Hoffman, Meryl Streep, Jane Alexander, Justin Henry, de 1979, com a duração de 105 minutos, Drama, EUA. Retrata a situação de um casal em processo de divórcio e das dificuldades e dores que os membros do casal e o seu filho enfrentam. A mãe, que abandonou o lar, deixando o pai em sérias dificuldades para se adaptar ao seu papel de responsável pelo filho, regressa para reclamar a custódia deste último.
- **Gente vulgar** (Ordinary People), de Robert Redford, com Donald Sutherland, Mary Tyler Moore, Judd Hirsch e Timothy Hutton, de 1980, Drama, EUA, adaptado de uma novela de Judith Guest. Conta a história de desintegração de uma família com filhos adolescentes, após a morte do filho mais velho.

TEXTOS FUNDAMENTAIS

- **Familiaris Consortio**, Exortação Apostólica do Papa João Paulo II, 1981.
- **Carta às Famílias**, do Papa João Paulo II, 1994.
- **A família, esperança da Igreja e do mundo**, Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2004.

ATIVIDADES

- 1) Fazer um levantamento dos principais conflitos entre gerações existentes na paróquia.
- 2) Procurar, em jornais e revistas, exemplos que ilustrem a relação pais / filhos como relação geradora de harmonia e felicidade.

TESTEMUNHOS

- **Daphrose e Cyprien Rugamba**, católicos, leigos. Durante o genocídio do Ruanda, em 1994, Daphrose e Cyprien, um casal cristão, lutam (há já largos anos) pela reconciliação entre hutus e tutsis. Cyprien é um poeta e artista bastante conhecido e ambos viviam com entusiasmo a dimensão missionária da sua vocação familiar cristã. Durante esse conflito, foram abatidos, juntamente com sete dos seus dez filhos, enquanto rezavam diante do Santíssimo Sacramento.

AMAR A VIDA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. "A vida está triste"

A vida está, nos nossos dias, mais do que nunca, ameaçada e atacada. O desrespeito pela vida assume várias formas e contornos na nossa sociedade. Destruímos o ambiente, extinguímos espécies animais e vegetais, transformamos florestas em desertos, poluímos os oceanos, esgotamos reservas de minerais. Nem os nossos semelhantes escapam a esta onda devastadora. O desrespeito pela vida humana assume contornos terríveis. Eutanásia, aborto, genocídio, pedofilia, prostituição, consumo de álcool e drogas. O ser humano trata o seu semelhante de modo infra-humano.

Ao mesmo tempo, desenvolve-se a sensibilidade ecológica, que defende o respeito pela natureza e o seu equilíbrio. Como ideal, defende-se também a qualidade da vida humana, embora com contradições evidentes (há quem chegue a apoiar o aborto e se preocupe imenso com o abate de certos animais...).

2. Toda a vida é um dom

Com efeito, Deus, Senhor da vida, confiou aos homens a insigne missão de proteger a vida, missão que deve ser desempenhada tendo em conta a dignidade do homem (cf GS 51).

Sobretudo nos nossos dias, urge a obrigação de nos fazermos inteiramente próximos de qualquer homem e de o servir activamente, quando a ocasião surgir, quer se trate de um velho abandonado por todos quer de um operário estrangeiro, injustamente desprezado, quer de um exilado quer de uma criança nascida fora do casamento, quer se trate de um faminto que interpela a nossa consciência, recordando-nos a palavra do Senhor: "Todas as vezes que fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequenos foi a Mim que o fizestes" (Mt 25,40; cf GS 27).

Toda a vida é um dom de Deus. A vida humana é o dom por excelência. Onde surge uma vida humana, volta a produzir-se o milagre da primeira criação.

O valor absoluto da vida humana vem da dignidade altíssima de que Deus a revestiu. Por isso, ninguém pode destruir este valor absoluto. A vida é, ao mesmo tempo, uma missão, uma tarefa a realizar, um caminho a construir. É por isso que, nem em relação a nós próprios, podemos dispor da vida a nosso bel-prazer.

3. Somos colaboradores da criação

O cristão é um defensor da vida sob todas as formas. Participa da acção criadora de Deus, de quem recebe a missão de amar e proteger a vida. O cristão denuncia e opõe-se a todas as formas de atentado à vida humana e à natureza criada; assume, na sua vida, atitudes e comportamentos de defesa da vida. Não basta denunciar, é preciso agir.

O cristão é amigo de todos os seres vivos e defensor do ambiente. Age de modo consciente e responsável na gestão de recursos fundamentais como a água; separa o lixo; evita comportamentos que possam provocar fogos e sensibiliza os outros para isso; procura reciclar. O cristão é consciente e responsável e sabe que, só com o contributo de todos, teremos vida. Porém, o primeiro esforço está na defesa da vida humana, sendo responsável e educando para a responsabilidade, respeitando a vida humana desde a concepção até à morte natural e cuidando bem de cada pessoa que lhe está próxima.

OBJECTIVOS

- Descobrir o valor e significado da vida humana como dom de Deus criador;
- Celebrar Deus como Deus da vida;
- Compreender que todos somos responsáveis pela vida humana e pelos seus problemas;
- Comprometer-se em favor da vida, recusando todos os atentados à vida humana.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A Catequese da adolescência tem de levar à fé como opção fundamental da vida. A busca do sentido cristão da vida requer o aspecto ético (moral), que tem que estar presente no caminho da fé. Assim, este tema apresenta o quinto mandamento como proposta de salvaguarda do bem fundamental de cada pessoa e da sociedade: a vida humana. É a proclamação do direito à vida, como primeiro direito da pessoa humana, de que o próprio Deus se faz garante.
2. Procure-se que o desenvolvimento deste tema não caia no tratamento banal, polémico e superficial. Alargue-se o direito à vida, para além do aborto, e sobretudo trate-se o tema por referência à radicalidade da lei do amor e ao projecto contido nas 10 Palavras (os Mandamentos).
3. Na interiorização da Palavra e, designadamente, quando se fala dos atentados à vida, deve haver clareza para que não se dê oportunidade a ambiguidades e possíveis discussões estéreis. É fundamental que os catequizandos compreendam o que Deus pensa sobre a vida e livremente assumam o compromisso de a defender.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Revistas e/ou jornais para recortar (2ª Alternativa);
- Tesoura (2ª Alternativa);
- Cola (2ª Alternativa);
- Cartolina (2ª Alternativa);
- Dístico: "Não matarás".

MÚSICAS

- Grito à atitude (Kyrios);
- Agarra a vida.

1º encontro - O RESPEITO PELA VIDA

O encontro pode começar com o cântico "Grito à atitude".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

1. *Imediatamente depois do cântico, o catequista apresenta a história que se segue:*

"Depois de uma aula sobre o sentido da vida humana, a aluna aproxima-se do professor e pergunta-lhe:

– Professor, quanto vale a vida humana?

O professor ficou pensativo. Naquele momento passaram-lhe pela mente as questões clássicas (Donde venho? O que faço? Para onde vou? A vida humana acaba nesta terra? Existe o transcendente? Quem dá sentido à vida?). Após alguns momentos, retirou o seu anel com uma pérola, que tinha no dedo, entregou-o à aluna e disse-lhe:

– Vai perguntar às pessoas quanto vale o anel. Mas não o vendas. Depois de saberes as respostas, vem ter comigo.

A aluna encontrou uma senhora a vender cerejas e perguntou-lhe:

– Quanto me dá por este anel?

– Dou-te 10 quilos de cerejas, respondeu a senhora.

A seguir encontrou um senhor que vendia uvas:

– Quanto me dá por este anel?

– Dou-te 100 quilos de uvas.

Mais adiante, encontrou uma ourivesaria. Entrou e perguntou:

– Quanto me dá por este anel?

– Fico com ele por 10.000 euros.

Entrou noutra ourivesaria. O ourives ao examinar o anel, olhando por cima dos óculos, com uma expressão enigmática, disse à aluna:

– Este anel vale mesmo muito. Pode ter um valor incalculável.

Depois, a aluna foi ter com o professor. Entregou o anel ao professor. Este interpelou a aluna:

– Entendeste agora quanto vale a vida humana?

– Não. Respondeu a aluna.

2. *Interromper aqui a narração da história e perguntar (individualmente ou em grupo):*

→ / – Quanto vale, para mim, a vida humana?

– Gosto de viver? Porquê?

– Porque é que muitos jovens da nossa idade recorrem à droga para sentir o gosto de viver?

– O valor da vida humana mede-se pela quantidade de anos que se vive? Ou pela beleza física e capacidade de trabalho? Ou a vida humana tem valor em si mesma?

Imaginemos como termina a história... Pensa na resposta que o professor vai dar à aluna e escreve-a...

*Finda a reflexão (individual ou grupal), faz-se um breve plenário.
Terminado este, apresenta-se a conclusão da história.*

- Pois é, disse o professor. Para uns, a vida humana vale 10 quilos de cerejas, para outros 100 quilos de uvas, para outros 10.000 euros.
Mas o valor da vida é incalculável. Não há dinheiro que pague o valor da vida humana. É que a vida humana não é mercadoria, não é material negociável, mas é um dom de Deus dado à própria pessoa. E nenhum dom se negoceia, mas respeita-se, por ser dom, pela ligação à pessoa que no-lo deu e pela marca da sua dignidade”.

2ª

Alternativa

Em grupos ou individualmente, o catequista, depois de distribuir jornais e revistas em abundância, pede que procurem, recortem e cole numa cartolina todas as fotos, notícias ou títulos em que seja atacada a vida humana. Elaborado o cartaz, o catequista pedirá que lhe atribuam um título.

Cada um ou cada grupo apresenta aos outros o seu cartaz, procurando comentar as consequências que derivam destas acções.

De seguida, o catequista fará a síntese dos principais atentados contra a vida (se eles foram já discutidos na apresentação dos cartazes convém fazer agora menção explícita às suas observações):

- a) **O homicídio voluntário** – Ninguém pode atentar contra a vida do outro, suprimindo-a, salvo em caso de legítima defesa (cf CIC 2268 ss);
- b) **O aborto directa e intencionalmente provocado.** É uma forma de homicídio. É um atentado à vida humana em gestação. Como sabemos, com a fecundação do óvulo inicia-se uma vida humana. Do óvulo fecundado (ovo) não se origina uma vida que dê um elefante ou uma rã, mas sim uma pessoa humana. O aborto provocado é, pois, a supressão de uma vida humana no começo ou em desenvolvimento (cf CIC 2270-2275);
- c) **O suicídio.** É a negação explícita da dignidade e do valor da própria vida, diante de Deus, e da responsabilidade em assumi-la, mesmo no meio das dificuldades (cf CIC 2280 ss);
- d) **A eutanásia.** É também uma forma de homicídio. Trata-se duma acção ou omissão directa e intencionalmente realizada para abreviar ou pôr termo à vida de um doente a fim de evitar o sofrimento (cf CIC 2276 s);
- e) **A pena de morte.** Além de ser inútil como meio de dissuasão do crime, é o símbolo duma violência institucionalizada. Corre o risco de condenar inocentes de forma irreversível.
- f) **A tortura e a mutilação.** São violências que atentam contra a dignidade física e psíquica da pessoa humana.
- g) **A droga e o alcoolismo.** Destroem a saúde física, psíquica e espiritual da pessoa, privam-na da liberdade e da responsabilidade. São duas formas de homicídio ou suicídio (cf CIC 2291).
- h) **A irresponsabilidade na condução.** Por excesso de álcool ou desrespeito das regras de trânsito (excesso de velocidade, manobras perigosas, etc.), põe-se em causa a segurança e a vida das pessoas.
- i) **O terrorismo.** É uma forma moderna de homicídio voluntário (cf CIC 2314). Tem a particularidade de matar indistintamente e geralmente tenta atingir o maior número possível de pessoas.
- j) **A destruição de cidades e regiões** (cf CIC 2314), como aconteceu com a bomba atómica ou em zonas do Iraque.
- l) **A corrida aos armamentos** (cf CIC 2315 s), além de ser um incentivo à guerra e à violência, tende a desviar dinheiro que poderia servir para saciar a fome a milhões de pessoas.

O catequista pode ilustrar cada um destes atentados com fotos ou slides ou destacar aqueles que apareçam nos cartazes realizados.

Finda esta breve síntese, o catequista pode propor, individualmente ou em grupo, a resposta às seguintes questões:

- Quais os atentados à vida humana mais frequentes no nosso meio? Quais as causas?
- Que podemos fazer, no nosso meio, para gerar um maior apreço pela vida humana? E para eliminar as causas que podem levar ao desprezo ou destruição da vida humana?

3. (Síntese comum às duas alternativas):

O quinto mandamento é a proclamação mais solene e universal da dignidade da vida humana e do direito à vida. É um direito formalmente reconhecido em todas as constituições dos Estados. Hoje, na nossa cultura, há mesmo um apreço geral pela vida humana e a preocupação por melhorar a qualidade de vida quanto aos cuidados de saúde, higiene, ambiente, etc.

No mais fundo do coração humano, existe um desejo de viver. Apesar deste desejo, há muitos gestos de destruição e de morte, o impulso de destruir, de matar...

De nós, cristãos, espera-se uma consciência muito clara da dignidade da vida humana, bem como a responsabilidade no respeito, na defesa e na promoção da mesma. Façamos, a terminar o encontro de hoje, um momento de interiorização.

PARA INTERIORIZAR:

Defende-me, ó Deus, porque em ti me refugio.

Digo ao Senhor: 'Tu és o meu Deus,

És o meu bem e nada existe acima de Ti'.

Pois Tu não me entregarás à morada dos mortos,

Nem deixarás o teu fiel conhecer a sepultura.

Hás-de ensinar-me o caminho da vida,

Saciar-me de alegria na tua presença,

E de delícias eternas, à tua direita.

(Sl 16, 1-2.11-12)

No próximo encontro veremos o que é a vida humana, que valor tem para Deus ...

Terminar o encontro cantando "Grito à atitude".

2º Encontro - VIVER O DEUS DA VIDA

0. Começar o encontro com o cântico: "Agarra a vida".

A dignidade da vida humana aparece testemunhada desde as primeiras páginas da Bíblia.

II. PALAVRA

- 1.** O Livro do Génesis exprime a origem e a originalidade da vida do homem através duma imagem poética. Diz assim:

"O Senhor formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o espírito da vida e o homem transformou-se num ser vivo" (Gn 2,7).

Mais, para afirmar a dignidade inigualável de todos e cada um dos seres humanos, diz ainda:

"Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus: Ele os criou homem e mulher" (Gn 1, 27).

2. Daqui pode concluir-se que a vida humana aparece como dom de Deus e criação sua. O valor de cada ser humano não assenta na sua beleza física, no êxito ou lugar social ou na sua inteligência, mas, simplesmente no facto de existir como criatura de Deus, por Ele amada. O valor da vida humana não se pode medir ou quantificar. Vale por si. Porque é vida da pessoa. Cada vida vale por si. Não há vidas de primeira e vidas de segunda diante de Deus.

Neste aspecto, é significativa a palavra e a acção de Jesus.

Distribuir, por grupos, as seguintes passagens do Evangelho:

1) Jo 4, 46-56;

2) Mt 9, 23-26;

3) Jo 8, 1-11.

Depois de lerem, em grupo, as passagens respectivas, perguntar:

Qual a atitude de Jesus diante das pessoas com sinais de menos vida?

A palavra e a acção de Jesus é uma opção clara pela vida? Como se nota na passagem analisada?

Jesus não só assume o quinto mandamento (não matarás!), mas vai mais longe – anuncia o amor aos inimigos. Jesus não quer apenas o respeito pela vida, mas que tenhamos uma vida em abundância. Por isso, somos chamados não apenas a respeitar a vida de todos, mas a contribuir para que tenham uma vida com qualidade e com sentido.

Fazer a leitura do testemunho de Joana Beretta, pelo catecismo. Pedir que dialoguem, dois a dois, durante alguns minutos, e digam o que acham...

Depois, permitir que partilhem o que dialogaram.

Houve uma mulher que perdeu a sua vida para que a sua filha sobrevivesse. Chama-se Joana Beretta; nasceu em Itália em 1922, de família numerosa e profundamente cristã; dois dos seus irmãos, um cirurgião e o outro engenheiro, tornaram-se sacerdotes; uma sua irmã, tornou-se também missionária na Índia.

Nos anos difíceis da 2ª Grande Guerra, integra a Acção Católica – movimento cristão que tem por lema "acção, oração e sacrifício".

Era uma apaixonada do esqui e gostava de tocar piano.

Estuda medicina. Em 1952, tira a especialidade em Pediatria com pontuação máxima. Nesse mesmo ano, casa com Pedro Molla, engenheiro e também da Acção Católica. Nasce o primeiro, segundo e terceiro filhos. Na quarta gravidez, aos 39 anos de idade, detecta-se um cancro. Para tratar este cancro, era necessário submetê-la a uma operação que poria em grave risco a vida do feto. Joana diz: "Não quero abortar". Desta sua vontade nasce Joana Manuela, hoje médica, como sua mãe. Mas Joana Beretta morre feliz, para que a sua filha tenha podido viver...

3. Distribuir o Doc. 1, em que são convidados a completar as frases. Pode-se usar também o catecismo.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Rezar todos juntos a oração de S. Francisco, repetindo cada um a frase ou expressão que mais lhe tocou (ressonância):

Senhor, fazei-me instrumento da vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver dúvida, que eu leve a fé.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Pois é dando que se recebe,
É perdoadando que se é perdoado,
E é morrendo que se vive para a vida eterna...

Em alternativa o salmo 8

Ó Senhor, Nosso Deus
Como é admirável o teu nome em toda a terra!
Adorei a tua majestade, mais alta que os céus.
Da boca das crianças e dos pequeninos
Fizeste uma fortaleza contra os teus inimigos,
Para fazer calar os adversários rebeldes.
Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos, a lua e as estrelas que Tu criaste:
Que é o homem para que tu te lembres dele,
O filho do homem para com ele te preocupares?
Quase fizeste dele um ser divino;
De glória e de honra o coroaste.
Deste domínio sobre as obras das tuas mãos,
Tudo submeteste a teus pés:
Rebanhos e gado, sem excepção,
E até mesmo os animais bravios;
As aves do céu e os peixes do mar;
Tudo o que percorre os caminhos do oceano.
Ó Senhor, nosso Deus,
como é admirável o teu nome em toda a terra!

Sl 8,2-10

2. Deste nosso tema tão importante, precisamos de guardar e reter para viver o seguinte:
(afixar o dístico que se segue):

"Não matarás"

Mostrar que a afirmação do quinto mandamento está explicada pela afirmação do Catecismo da Igreja Católica, que se segue:

Para guardar na memória e no coração

"Toda a vida humana, desde o momento da concepção até à morte, é sagrada, porque a pessoa humana foi querida por si mesma e criada à imagem e semelhança de Deus vivo e santo" (CIC 2319).

Deus defende a vida do ser humano.

Toda a vida vem de Deus.

Jesus revela o valor eterno da vida.

Jesus nunca destrói, nunca mata, nunca fere. Jesus cura, acolhe, anima, eleva.

O seu Evangelho é Evangelho de vida.

3. Já elaborámos o nosso compromisso quando escrevemos, no nosso catecismo, o nosso desejo de conversão e compromisso. De facto, nós queremos optar por uma vida mais vida, por uma vida autenticamente vivida. Não esqueçamos o que escrevemos. Vamos procurar levar esse compromisso para a vida, para os gestos de todos os dias.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

POR UMA VIDA MAIS (VI)VIDA

Eu, _____

Compreendendo que Deus quer que todo o ser humano viva,

E que esse desejo foi manifestado em Jesus,

Que perdoou aos seus inimigos e nos ensina a perdoar sempre,

Não matarei

Defenderei a vida,

Não exercerei qualquer tipo de violência

Mas perdoarei sempre

Assinatura

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

FILMES

- **Chocolate** (Chocolat), de Lasse Hallstrom, com Juliette Binoche, Lena Olin, Johnny Depp, Judj Dench, Alfred Molina, do ano 2000, com 121 minutos, Comédia/Romance, distribuído por Castello Lopes, Reino Unido e EUA.

GRELHA PARA DISCUSSÃO

Que aconteceria se eu estivesse mais atento às pessoas que às leis e normas? Imagino que, graças a uma acção minha, muitas pessoas poderiam mudar a sua vida descobrindo uma visão mais positiva da vida e sendo mais felizes? Qual poderia ser esta acção?

DIAPORAMAS

- **A Boneca de Sal** (Edições Carmelo)

ACTIVIDADES

- 1) Que acções concretas pode o nosso grupo desenvolver em favor da vida? Fazer um relatório...
- 2) Organizar uma campanha de sensibilização em favor da vida...
- 3) Promover um Painel / Debate sobre o valor da vida...
- 4) Fazer uma pesquisa na internet sobre pessoas que deram a vida pela vida...
- 5) Debate sobre a questão: "Aparecemos por evolução ou por criação"? (cf texto que se segue).

ORIGENS DO HOMEM: CIÊNCIA CONTRA A BÍBLIA ?

Desde Galileu até aos nossos dias que esta questão tem sido muito debatida. A ciência diz que o universo (e o homem dentro dele) apareceram por evolução. A Bíblia afirma que foi Deus que criou tudo.

Ora o que acontecia era que as pessoas ligadas Bíblia achavam que, se ela era literatura inspirada (quer dizer que o autor tem uma ajuda especial de Deus para transmitir a verdade)], deveria dizer a verdade em tudo. Os homens da ciência analisavam os fósseis e outras descobertas e achavam que eles provavam que o homem vem de um ramo de primatas (seria "primo direito" dos macacos actuais) e que Deus não tinha nada a ver com o assunto.

Hoje já não é assim. Os estudos bíblicos evoluíram muito, nos últimos anos, e descobriu-se que a Bíblia diz a verdade, mas o seu modo de ver não é o mesmo da ciência. Os cientistas também se mostram já muito mais humildes (quanto mais descobrem mais coisas ficam por saber). As descobertas do Mar Morto (arquivos da comunidade de Qumrã) e de certos papiros (Oxyrhinco, etc.) vieram permitir situar os textos bíblicos na sua época e deram novo fôlego ao estudo dos métodos de análise textual (= estudo da Bíblia). Ficámos a saber que a Bíblia não é um livro igual do início ao fim (embora haja um elo que une todo o texto), mas contém diversos livros com múltiplos géneros literários (épico: passagem do Mar Vermelho; lírico: salmos; didáctico: evangelhos e cartas...).

Os textos que se referem à criação datam do século X a.c. (o 2º capítulo do Livro do Génesis) e do século V a.c. (o 1º capítulo). Eles são um poema de escritores do povo que se maravilhavam com a beleza de tudo quanto existe e, a partir da sua experiência de libertação do Egipto (séculos XIII a XII a.c.), do cumprimento das promessas feitas por Deus aos antepassados e especialmente a partir da

libertação do cativo de Babilónia no ano 538 a.c., chegam à fé de que tudo quanto existe só pode ser obra de Deus. O criador é o mesmo que o libertador. A "prová-lo" estão as marcas de Deus e a maior de todas é a pessoa humana, que, ao mesmo tempo, se sente pequena e quer sentir a grandeza do infinito. A fé não se baseia só na razão, mas ela não é contra a razão, pois a razão é que faz a leitura dos sinais que levam à fé. Em Babilónia, numa situação de crise total e em contacto com alguns mitos, o povo judeu descobre que Yavé (nome bíblico de Deus) não é só um Deus mais poderoso do que os dos babilónios, mas que Ele é o único Deus (monoteísmo). Também não falta, nos nossos dias, quem queira "casar" os dados da Bíblia com as descobertas da ciência. De facto, há semelhanças: as águas cobriam inicialmente toda a superfície, no início não havia vida, etc. Entretanto, esta atitude de tentar conciliar tudo, a todo o custo, é tão negativa como a de ver aí uma contradição.

Então, mas teremos ou não contradição? Não esqueçamos que, para haver contradição, é preciso que se façam afirmações contrárias acerca do mesmo objecto, o que, neste caso, não acontece. A Bíblia faz afirmações fundamentais de fé: tudo vem de Deus, o homem e a mulher têm a mesma dignidade (imagem da costela), a sexualidade e a família são queridas por Deus, o homem é fragil (pó da terra), mas é, ao mesmo tempo, imagem e semelhança de Deus (com uma dignidade altíssima) e o homem existe para ser feliz (oásis construído por Deus no meio do deserto). A Bíblia está preocupada sobretudo com as grandes questões existenciais, com o sentido da vida da pessoa humana. A ciência não tem resposta para essas questões (não são do seu âmbito), como também não se interessa em saber a causa de tudo existir. Poderíamos perguntar: quem fez com que houvesse uma matéria inicial e quem a fez explodir, quem fez com que um macaco desse pessoas e hoje não? A ciência dedica-se a estudar o modo como tudo se deu, a partir das descobertas que vão acontecendo. Tenta encontrar datas aproximadas (quando tudo aconteceu). A Bíblia não poderia fazer afirmações dessa natureza, pois a cultura dos escritores sagrados (de há cerca de três mil anos) não lho permitia. Essa cultura usa muito os símbolos. A ciência tenta explicar o "como" e a Bíblia os "porquês" de uma mesma realidade que é a origem da terra e do homem. Em vez de contradição, temos assim perspectivas diferentes e complementares de uma mesma realidade: as origens do universo e do ser humano.

Então, mas Deus pode ter criado o homem através da evolução demorada de um ramo de primatas? E porque não? Isso significa que Deus não faz tudo num abrir e fechar de olhos e que depois abandona o mundo (ideia que pode estar presente na chamada "criação do nada"), mas uma presença de amor constante que tudo cria e renova, porque Ele é criatividade: "no princípio, o Espírito de Deus pairava sobre as águas..." (Gn 1,1-2). A fé diz que Ele continua a estar sempre presente, por isso, também hoje, no nosso mundo e no nosso tempo. Ele hoje também é criador...

VIVER (N)O AMOR

I – INTRODUÇÃO

1. O ideal de beleza corporal

Ter um corpo perfeito é o desejo de homens e mulheres de todas as idades. Pelo corpo, fazem-se enormes sacrifícios, o corpo é cartão de visita, imagem de marca. As empresas que vendem produtos ou serviços para o corpo proliferam: dos cosméticos à alimentação, do desporto à cirurgia estética. Queremos um corpo perfeito e todos os sacrifícios são válidos para o obter. Em nome do corpo, alguns deixam de comer, outros passam horas no ginásio, alguns submetem-se a tratamentos dolorosos. Damos muito importância ao corpo, mas não o verdadeiro valor. Quase nada se vende sem o recurso a uma imagem do corpo. O corpo banalizou-se. Há quem chegue a "vender" o corpo.

2. A sexualidade como dimensão da pessoa

"Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, porque o recebeste de Deus? Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo" (1 Cor 6, 19-20).

A Bíblia diz-nos, desde a primeira página, qual foi a intenção de Deus ao criar o ser humano como homem e mulher, masculino e feminino. Aí descobrimos que a sexualidade humana é um dom com que Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança. Cada um é imagem de Deus no seu ser masculino e feminino. A sexualidade é pois uma dimensão importante da pessoa humana. Ela expressa a vocação à reciprocidade e ao amor, sem se reduzir ao sexo. Assim, a sexualidade humana deve ser orientada pelo e para o amor. A sexualidade não é um acidente infeliz... É um dom que potencia e expressa a reciprocidade, a comunhão e a comunidade. A cada um, compete assumir e integrar a sua sexualidade em ordem à maturidade afectiva no amor.

A dignidade e a beleza da sexualidade humana exigem a higiene moral do olhar, dos pensamentos, dos desejos, das intenções e motivações, das atitudes. As expressões de ternura são uma forma de linguagem do amor e exigem verdade, autenticidade e respeito pelo outro.

O sexto e nono mandamentos reflectem e expressam o valor, sentido e significado profundo do amor humano como expressão e participação no amor de Deus.

O sexto mandamento permite-nos descobrir e identificar a sexualidade humana como uma característica da pessoa toda e como linguagem do amor interpessoal.

O nono mandamento aprofunda e completa o sexto, ao indicar-nos que uma maneira madura e responsável de viver a sexualidade humana não se improvisa. Exige uma cultura de vida e de exercício consciente e responsável da liberdade e do amor.

3. O corpo como pessoa em relação

O corpo é o meio pelo qual nos comunicamos e entramos em relação com os outros. As formas de expressão de afecto passam pelo corpo. Eu sou corpo! Deus precisa dos meus pés para ir ao encontro dos outros, precisa das minhas mãos para tocar o rosto dos que comigo se cruzam, dos

meus lábios para murmurar palavras de bem e de esperança. Nos beijos, nos meus abraços, nos meus gestos de afecto mais profundo, aí deve estar Deus. Para isso, o meu afecto deve ser puro e transparente.

Sinto-me reconciliado/a com o meu corpo, aceitando-me como sou? Procuo purificar o olhar, descobrindo na beleza corporal a dignidade da pessoa? Vivo a afectividade e sexualidade em equilíbrio e verdade, como dons de Deus?

OBJECTIVOS

- Descobrir que a sexualidade é um dom com que Deus criou o ser humano;
- Compreender que a sexualidade, como dimensão da pessoa, é expressão da sua vocação à reciprocidade;
- Assumir critérios para a vivência responsável da sexualidade.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A amizade, na adolescência, merece consideração especial. É a ocasião privilegiada de poder partilhar com os outros a própria vida. Amizade que se reveste, entre outros atributos, de afectividade, confiança, reciprocidade, lealdade, ajuda, aceitação do outro, ideais comuns e partilha.

2. O amor, que desponta precisamente nesses anos, tem um papel determinante. *No princípio trata-se de um amor platónico (ideal). Diz-se que, no começo da adolescência, o amor e a sexualidade aparecem separados e que, ao longo desta etapa da vida, se vão unindo.*

É muito importante ter presente que, neste tema, se não se disser o contrário, tratamos do chamado "amor humano" (em grego, *eros*), isto é do amor afectivo e nupcial. Já falámos do amor caridade. A caridade tem de estar presente também no amor humano, mas é fundamental, para nos entendermos, não confundir os conceitos.

3. Nesta perspectiva, é significativo apresentar Jesus como aquele que viveu **relações abertas e plurais** e que demonstrou a verdadeira *amizade* na partilha sincera (cf Jo 15, 15) e na entrega da própria vida por aqueles a quem ama (cf Jo 10, 18). Este amor de Jesus, embora sendo universal e sem se ligar a uma pessoa concreta, inspira-nos a viver um amor verdadeiro tanto o amor de caridade como o amor da afectividade e sexualidade.

Apresentar os critérios evangélicos, relativos ao amor e à sexualidade, com clareza e sem falsos moralismos, é uma tarefa fundamental para ajudar a viver a sexualidade na adolescência.

Note-se ainda que o comportamento homossexual e masturbatório podem estar presentes, por vezes, no desenvolvimento sexual dos adolescentes. A questão está em ajudar a amadurecer e passar ao amor verdadeiro (que não está centrado em si). O catequista deverá mostrar alguma naturalidade ao enfrentar estas questões. Para isso, não pode apresentar esses comportamentos como amor maduro, mas também não deve dramatizar. A ideia principal é a de que um amor maduro corresponde ao ideal apresentado pelo evangelho e pela doutrina da Igreja.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Dístico: "Felizes os puros de coração".

MÚSICAS

- Amar sem limites;
- Graças, Senhor (Festa).

1º Encontro - SOMOS CORPO E CORPO SEXUADO

Cantar o cântico "Amar sem limites".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

1. Vamos examinar diversas interpretações do amor, fazendo um jogo. Pode ser?

O conceito de amor foi mudando ao longo dos tempos, de acordo com as mudanças da própria cultura. Há, por isso, diversas ideias acerca do amor, provenientes de diferentes épocas culturais, que, em parte, se integram e, em parte, se contradizem.

Proponho, para começarmos, um pequeno trabalho (para ser realizado em 15 minutos) e que nos pode ajudar a clarificar ideias e conceitos sobre o amor. Aceitamos este desafio?... (*Doc. 1*).

2. Por grupos (*se o número dos elementos o permitir*), vamos examinar as frases da ficha, uma a uma, e explicar porque as consideramos correctas ou não. (Dispomos de 10 minutos...).

Agora avaliemos a experiência todos juntos...

O catequista propõe as seguintes questões para ajudar a avaliação:

- Quais os aspectos fundamentais na ideia que temos de amor? O que é amor?
- Onde deriva principalmente esta nossa ideia?
- Sobre que frases há mais desacordo nos pareceres do grupo?
- Que frases obtiveram mais consenso?
- Aprendemos algo de novo?

2ª

Alternativa

(Se, no grupo, a maior parte dos adolescentes já "namora").

1. Vai abordar-se neste jogo o tema da "linguagem do amor".

Quando nos sentimos muito próximos de uma pessoa, dentro de nós, exprimimos o nosso estado de espírito, as nossas intenções e desejos, por exemplo, mediante acções (oferecendo um ramo de flores), através da linguagem corporal (sorrindo para o/a nosso/a amigo/a íntimo/a) ou com palavras (dizendo: "gosto de ti" ou mesmo «amo-te»).

Para compreender, de verdade, o que é que se passa na relação entre duas pessoas, devemos examinar as três formas de expressão que mencionámos anteriormente (acções, linguagem corporal, palavras) e ter em conta que elas se encontram frequentemente relacionadas entre si.

Para ser mais fácil, vamos ocupar-nos somente da comunicação verbal entre namorados, partindo do princípio de que, no namoro, se usa um tipo de linguagem diferente do habitual.

Dividamo-nos agora por grupos (*ou, se o grupo for muito pequeno: dois a dois*)...

Tentemos encontrar juntos as palavras mais importantes que fazem parte da linguagem do amor.

Identifiquemos as palavras que consideramos serem as que absolutamente devem ser pronunciadas numa relação de amor. Cada grupo, portanto, elabora a lista das 10 palavras. (Temos 15 minutos...).

2. Vamos agora avaliar a experiência todos juntos...

O catequista modera o plenário propondo, para análise, as seguintes questões:

- Houve muitas divergências de opinião no nosso grupo?
- Entre as palavras escolhidas quais são as menos usadas?
- Até que ponto as palavras de amor escolhidas têm em conta também outras necessidades que a pessoa tem, como por exemplo permanecer só, dizer não, exprimir a própria opinião, agir de forma autónoma?
- Qual a ligação que estas palavras demonstram entre sexualidade e amor?

3. (*Síntese comum às 2 alternativas*):

Podemos dizer, com o Papa João Paulo II, que "a sexualidade humana é, de facto, uma riqueza da pessoa toda – corpo, sentimento e alma – e manifesta o seu íntimo significado ao levar a pessoa ao dom de si no amor".

A sexualidade deve ser orientada, elevada e integrada pelo amor, o único que a torna verdadeiramente humana (*cf Orientações educativas sobre o amor humano, 6*).

✕ O sexto e o nono mandamentos expressam o valor e o significado profundo do amor humano, como expressão e participação no amor de Deus.

O sexto mandamento permite-nos descobrir e identificar a sexualidade humana como uma característica da pessoa e como linguagem do amor interpessoal.

O nono mandamento aprofunda e completa o sexto, apelando a uma atitude responsável, que começa pelos olhares, pelos desejos. Também na forma como olho as outras pessoas e no modo como admiro um corpo bonito, posso mostrar o meu respeito pelo outro, reconhecendo a sua dignidade. Especialmente evitando desejos desordenados...

Podemos agora ler, em conjunto, o texto que vem no vosso catecismo?

"Por meio do nosso corpo,
Estamos próximos uns dos outros
E encontramos-nos na alegria e no amor.
Sem corpo, não estamos em lugar nenhum...
É uma sorte que a sexualidade
Tenha sido obrigada a sair da estância obscura do segredo.
A sexualidade é uma dimensão profundamente humana
e de grande valor para a realização humana.
E só num clima de verdadeiro amor
Se enche de significado e alegria...
Os maníacos do sexo
São frustrados do amor;
Isto explica por que são insaciáveis
E às vezes agressivos e perigosos".

Phil Bosmans – *A alegria de Viver.*

Qual a ideia principal deste texto? (Depois de cada um dar a sua opinião). O texto fala-nos da relação entre corpo, sexualidade e amor. No próximo dia, continuaremos a aprofundar o nosso tema sobre o amor "humano", o amor entre homem e mulher ou amor esponsal.

Antes disso, podemos fazer a seguinte oração,

PARA INTERIORIZAR:

Obrigado, Senhor, por nos fazeres ver a maravilha do amor humano, tão misterioso quanto a própria vida...

Um amor que nos fala de Ti, quando é capaz de se entregar em oferta...

Um amor parecido com o Teu, quando é capaz de morrer para que o outro viva.

Mulher e homem à tua semelhança, capazes de amar e partilhar.

Obrigado, Senhor Jesus, por nos fazeres descobrir a beleza e a exigência do verdadeiro amor. Um amor de ternura e afecto, mas responsável; que não pensa em si, mas no bem do outro. Um amor maior do que o prazer, causa de alegria e de esperança.

Ajuda-nos, Senhor, a crescer no verdadeiro amor, para que, no casamento ou na consagração, ele seja sempre um amor grande, ao serviço de um mundo melhor. Amen.

Pode terminar-se cantando o cântico inicial.

2º Encontro - AMAR SEM EGOÍSMO

O encontro pode começar com o cântico: "Graças, Senhor".

II. PALAVRA

1. A Bíblia diz-nos, desde a primeira página, qual foi a intenção de Deus ao criar o ser humano como homem e mulher, masculino e feminino. Aí descobrimos o sentido profundo do amor e da sexualidade no projecto criador de Deus.

Vamos então fazer uma "visita" a esses textos...

De preferência, proclamar os textos pela Bíblia.

O primeiro dos textos diz o seguinte:

"Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: «Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra».

O catequista pede que, em grupo e a partir dos três textos que estão no catecismo (1- Gn 1, 27-28; 2 - Gn 2, 18-22; 3 - Gn 2, 23-25), respondam brevemente às seguintes perguntas:

- Que nos ensina este texto sobre o amor e a sexualidade? (*São queridos por Deus*).
- Qual o plano de Deus para o homem e a mulher? (*O grande plano de Deus é a família*).

Findo o trabalho de grupo, segue-se o plenário em que cada grupo preencherá o quadro que consta no seu catecismo e que será ampliado e exposto na sala:

AMOR E SEXUALIDADE NO PROJECTO DA CRIAÇÃO

| | |
|-------------------------|--|
| MENSAGEM DO TEXTO | |
| PLANO DE DEUS | |
| ATTITUDES A DESENVOLVER | |

2. *A partir das respostas dadas no quadro, o catequista desenvolverá os seguintes aspectos:*

- Entre todos os seres vivos, só o homem e a mulher são criados **à imagem e semelhança de Deus** e podem relacionar-se com Ele;
- O homem e a mulher têm a mesma origem e a **mesma dignidade**;
- O homem e a mulher foram criados para o encontro e a ajuda mútua: **a diferença sexual é querida por Deus**;
- Ambos foram criados **com a capacidade de fecundidade e amor**, continuando assim a obra criadora de Deus.
- A sexualidade não só é algo de bom, mas também **algo de santo se for vivida em amor verdadeiro** e comprometido e não se reduzir a um jogo irresponsável e egoísta.

Tendo isto em conta, podemos compreender melhor a resposta que Jesus deu aos fariseus quando estes lhe perguntaram se era lícito ou não o divórcio: "Por causa da dureza do vosso coração, Moisés permitiu que repudiásseis as vossas mulheres; mas, ao princípio, não foi assim" (Mt 19, 8).

Jesus refere-se ao "princípio", quer dizer ao Génesis, ao projecto inicial. Jesus repõe a sexualidade humana no projecto criador de Deus, tal como vimos antes. Jesus vem refazer este projecto, que foi desviado pela dureza de coração, isto é, pelo pecado.

Em outro texto do evangelho – as Bem-aventuranças (que já conhecemos) – Jesus diz: "Felizes os puros de coração" (*afixar dístico ou projectar imagem apropriada*).

Esta expressão programática de Jesus quer indicar-nos que a raiz da felicidade está num coração verdadeiro, recto, íntegro (cf Mt 15, 19-20 e Mt 5, 27-28).

Para aprofundar o que se deve entender por esta expressão de Jesus, convido-vos a analisar o quadro que tendes no vosso catecismo:

FELIZES OS DE CORAÇÃO PURO

| AMOR COM CORAÇÃO PURO | 1-5 | AMOR FALSO OU IMATURO (cf CIC 2357-2400) | 1-5 |
|---|-----|--|-----|
| Relacionamento inter-pessoal de doação e descoberta mútua (Namoro). | | Relações ocasionais ou união de facto. | |
| Assumir a sexualidade como linguagem do amor. | | Relação sexual sem amor, reduzida a objecto de mercadoria (Prostituição). | |
| Olhar a sexualidade como dimensão total da pessoa, com respeito. | | Exploração comercial da genitalidade (Pornografia). | |
| Relacionar-se e entender-se na complementaridade e diferença sexual. | | Relação sexual antes de qualquer compromisso definitivo (Relações pré-matrimoniais). | |
| Viver um amor fiel como doação de si mesmo. | | Falta de fidelidade conjugal (Adultério). | |
| Cultivar uma relação de harmonia e comunhão com o outro. | | Ruptura definitiva da unidade matrimonial (Divórcio). | |
| Escolher a delicadeza como qualidade do amor. | | Desrespeito pela integridade do outro (Violação sexual). | |
| Cultivar a entrega total ao outro, não o usando. | | Relações sexuais com crianças (Pedofilia). | |
| Treinar um olhar puro e santo. | | Desejos desordenados e perversos | |
| Descobrir o casamento heterossexual como o caminho normal de uma sexualidade realizada. | | Desrespeito pelo sentido da complementaridade na diferença (Homossexualidade). | |
| Situar o prazer como serviço ao amor. | | Sexualidade fechada em si mesmo (Auto-erotismo ou masturbação). | |

Agora que já vimos o quadro, podemos valorizar, de 1 a 5, as afirmações feitas, conforme as que consideremos mais ou menos importantes (dando 5 às mais importantes).

3. Findo o preenchimento do quadro, pode sugerir-se, conforme se julgar oportuno, uma breve partilha. O catequista pode ainda colocar as seguintes questões para reflexão individual:

- Quais são as manifestações de amor impuro mais frequentes nas notícias?
- Como quero eu viver o amor e a sexualidade?
- Que atitudes diferentes terei de adoptar para que a minha sexualidade seja fonte de verdadeira alegria para mim e para os outros e se desenvolva responsabilmente?
- Como posso cultivar "um coração puro"?

Ao longo da história da Igreja, foram muitos os homens e mulheres que optaram por viver a sua sexualidade segundo o ideal apresentado pela moral cristã.

De entre muitos, podemos destacar os **casais** que vivem fielmente o seu amor e a sua entrega, tantas vezes com sacrifício e valentia; podemos ainda falar de tantos homens e mulheres **celibatários** por amor do Reino de Deus, pessoas que escolheram dedicar a sua sexualidade na total doação aos outros; podemos certamente lembrar tantos **mártires** (como Sta Maria Goreti) que deram a sua vida pela fidelidade à sua integridade física e moral.

São, de facto, uma multidão de santos que optaram por viver o amor como doação de si aos outros. Nós, hoje, apesar de parecer difícil, podemos também ser fiéis a este projecto amoroso de Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Vamos dar graças a Deus por nos oferecer este novo caminho para viver o amor e a sexualidade; vamos também pedir força e coragem para o assumir.

E vamos fazê-lo escrevendo uma Carta Aberta a Deus Criador do ser humano como homem e mulher (*durante 10 minutos*).

No final, podemos ler, partilhando uns com os outros, as Cartas que escrevemos...

Se se considerar conveniente, pode-se ainda fazer a seguinte oração ou a que vem no final deste tema:

Nós Te louvamos, Deus de bondade,
porque nos criaste como mulheres e homens,
com capacidade para amar e construir família,
ao serviço da vida.

Ajuda-nos a viver sempre em doação de nós mesmos,
de acordo com a própria vocação,
ao serviço do Teu Reino.

Afasta de nós todo o egoísmo.

Que o amor em nós seja sinal de Ti,
tu que vives em cumunhão com o Pai, no Espírito Santo.

Amen.

2. Desta catequese sobre tema tão actual e tão útil para a nossa vida, podemos reter como resumo:

- "O amor é vocação fundamental e inata de todo o ser humano" (CIC 2392).
- A sexualidade humana é um dom com que Deus criou o ser humano. A sexualidade é pois uma dimensão da pessoa humana.
- A sexualidade humana é expressão da vocação da pessoa à reciprocidade e ao amor. Não se reduz à genitalidade.
- A sexualidade tem de ser vivida e assumida responsabilmente.

Para guardar na memória e no coração

A virtude da castidade:

- Consiste na integração da sexualidade na unidade interior da pessoa humana;
- Implica uma constante aprendizagem do domínio de si mesmo;
- Leva-nos a imitar a pureza de Cristo (cf CIC 2337-2350).

3. Durante esta semana e porque se trata do amor a viver com um coração puro, podemos escolher um dos seguintes compromissos:

- Procurar olhar para todas as pessoas, especialmente as de sexo diferente, como imagens de Deus, com a dignidade de filhas de Deus;

E/ou:

- Procurar corrigir algum defeito que me impeça de viver um amor puro.

III – DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1

O QUE É O AMOR?

Lê as frases que a seguir se apresentam e marca, com uma cruz, aquelas que consideras verdadeiras:

- Deus os cria e logo os une.
- O amor é a única coisa necessária numa relação entre duas pessoas.
- Pode-se amar duas pessoas ao mesmo tempo.
- Quem não se ama a si mesmo, não pode amar os outros.
- A sexualidade é o único aspecto importante numa relação de amor.
- Um matrimónio sem filhos é como uma sopa sem sal.
- Numa relação entre duas pessoas, é necessário possuir os mesmos interesses do outro se se quiser que o amor dure.
- Quem ama está disposto a tudo pela outra pessoa.
- Magoa-se sempre uma pessoa que se ama.
- Ser fiel até à morte é uma prova de grande amor.
- Numa relação entre duas pessoas, é preciso saber adaptar-se.
- Quanto mais amares uma pessoa, mais te aborrecerás com ela.
- Amor e sexualidade caminham a um mesmo ritmo.
- Sexualidade e sensualidade (simples busca de prazer) são a mesma coisa.
- O amor muda com o tempo.

Observa, uma depois da outra, as frases que consideras correctas. Qual é, para ti, a mais importante? Explica porquê:

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

FILMES

- **O Piano**, de J. Champion, de 1999, Drama, distribuído por Miramax, Inglaterra, com Holly Hunter, Harvey Keitel, Sam Neil, Anna Paquim.
- **Another Women**, de Woody Allen, de 1988, EUA, com Gena Rowlands, Mia Farrow, Iam Holm, com 84 minutos.

OUTRAS CANÇÕES

- “Cinderela”, Carlos Paião.

ATIVIDADES

- Promover um Painel sobre a “Sexualidade Humana”;
- Elaborar um cartaz com as principais ideias da catequese;
- Investigar a experiência de um casal santo ou com clara experiência cristã;
- Estudar a biografia de uma santa virgem e mártir.

ORAÇÃO

(Para a semana ou em alternativa à que vem no catecismo)

Deus, Pai santo, que pelo vosso infinito poder fizestes do nada todas as coisas e, na harmonia primordial do universo, formastes o homem e a mulher à vossa imagem e semelhança, dando um ao outro como companheiros inseparáveis, para se tornarem como uma só pessoa;

Deus, Pai santo, que no grande mistério do vosso amor consagrastes a aliança matrimonial como símbolo da união de Cristo com a Igreja, dai-nos a graça de crescer no verdadeiro amor, como caminho de realização e de santidade.

Todos: graças a Deus.

(Adaptado da liturgia matrimonial)

PÁSCOA – VIVER A VIDA NOVA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A Páscoa, uma festa tradicional

Páscoa é tempo de férias escolares. Para muitos, ocasião de viajar, de visitar a família. Tempo de pausa no ritmo normal e de encontro, de mergulhar nas zonas de origem. Enfim, há festa no ar. Trocam-se folares, ovos de chocolate e amêndoas. A par de tradições culturais, a Páscoa tem sobretudo um sentido religioso. Mesmo se vivemos numa sociedade com dificuldades em viver o sentido do religioso.

Hoje, encontramos pessoas que duvidam da ressurreição. Outros ainda são seduzidos pela moda da reencarnação (apesar de ser um conceito muito antigo e que vem já do hinduísmo e da filosofia grega, hoje voltou em força). Outros ainda, embora não duvidando, acabam por viver como se, de facto, não houvesse ressurreição.

Para muita gente, a Páscoa não passa, na verdade, de uma tradição, sem qualquer implicação na vida e na vivência da fé.

2. O significado da Ressurreição de Jesus

Para o Novo Testamento, a ressurreição de Jesus não é só um acontecimento importante, mas o acontecimento por excelência. Tendo a grande notícia sido comunicada a Madalena e a outras mulheres que foram ao sepulcro, imediatamente elas se tornam portadoras da grande novidade para o grupo dos apóstolos (cf Mt, 28 5-6). De tal forma as primeiras comunidades compreenderam que a ressurreição de Jesus é o acontecimento iluminador e o centro da fé que S. Paulo chega a firmar:

“Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé e permaneceis ainda nos vossos pecados” ©(cf 1 Cor 15, 12-20.32).

A partir da Sagrada Escritura Escritura, (Jo 20, 19-26; Mc 16, 12; Lc 24, 16.31 s; Jo, 20, 14 s; Mt 28, 10; Lc 24, 39; Jo 20, 20.27; Lc 24, 41-43; Jo 21, 12; Mt 28, 20; Mc 16,17; Lc 24, 49; Jo 20, 22; Fil 1, 21; Gl 2, 20; 2Cor 11, 23-29; 1 Cor 15, 8; 2Cor 4, 6; Rm 3, 21-26; Rm 6, 3-11; Cl 2, 12) podemos resumir assim o significado da nossa fé na ressurreição:

- Deus aprovou toda a vida de Jesus, as suas palavras e atitudes. Deu-lhe razão. Consequentemente, o verdadeiro rosto de Deus é o que Jesus revelou: um Deus cheio de ternura, de perdão e de amor;
- Deus “exaltou” a Jesus, tendo-o feito Senhor. Depois da descida de Jesus até à nossa condição e até à morte na cruz, a ressurreição de Jesus representa o início da subida para a glória de Deus, onde Jesus entra também na sua condição humana (transformada).

- Jesus é o Filho único de Deus, é Deus;
- A morte foi vencida, tornando-se "nascimento" para um modo diferente de viver;
- Cristo continua vivo hoje. É Ele que continua a chamar-nos a segui-l'O. É Ele que nos reúne em Igreja;
- Nós vivemos já (embora não totalmente) a vida eterna. Nós podemos viver já, aqui e agora, a vida de Deus;
- Deus vence toda a espécie de mal. A história do mundo é uma história de salvação. O pecado não terá a última palavra. Virão "uma nova terra e uns novos céus";
- Aqueles a quem chamamos "mortos" estão vivos. Continuam a viver. Estão "em Deus", no mundo de Deus (cf 2 Cor 5, 8). Estão em ressurreição, cuja plenitude se manifestará no fim dos tempos;
- A eternidade (o céu, o Reino de Deus) é dom e tarefa. Só o que é amor transcenderá a morte. Assim, o céu será partilha e entrega de tudo o que na vida foi amor.

3. A Páscoa como celebração da ressurreição

A Páscoa é a festa mais importante para o cristão, é o coração da nossa fé. Ser cristão é acreditar na ressurreição. É anunciar que Cristo está vivo, a morte não tem poder algum. A cruz de Cristo é salvadora e tudo transforma. A esperança e a alegria são as únicas atitudes possíveis como resposta ao maior acontecimento histórico. Ele está vivo, nós somos suas testemunhas.

A Ressurreição de Cristo, que celebramos na Páscoa (e em cada Domingo, a Páscoa Semanal), é um acontecimento que reconcilia o mundo e dá valor, sentido e futuro à humanidade e a cada um de nós.

OBJECTIVOS

- Descobrir como o pecado se opõe à vida nova;
- Compreender que Jesus, pela sua morte e ressurreição, nos libertou do pecado;
- Celebrar a Páscoa como dom da vida nova em Cristo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

- 1.** Descobrir o verdadeiro valor e significado da Páscoa como acontecimento central da história (da salvação) é absolutamente essencial para ajudar à profissão da fé, à sua celebração (nos sacramentos), vivência da fé (pela prática dos Mandamentos) e à oração da fé. Só a ressurreição funda a nossa esperança de também ressuscitarmos e de, na fidelidade ao projecto de Jesus, vivermos de modo diverso a nossa condição de filhos de Deus.
- 2.** Assim, recomenda-se que se trabalhe bem o primeiro encontro, no sentido de fazer descobrir as zonas de vida velha que precisem de ser ressuscitadas; este primeiro encontro funciona como um exame ao coração, no sentido de aferir a qualidade do sim que o adolescente vai dizendo a Deus, na fé cristã.
- 3.** Relativamente à proposta de celebração, recomenda-se que não seja feita (muito) antes da Semana Santa. Uma forma de valorizar o ritmo litúrgico será propor esta celebração para algum dos dias da Semana Santa. Esta celebração deve motivar para a participação na Celebração do Tríduo Pascal.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Corações de papel de várias cores;

- Cruz de madeira;
- Bíblia;
- Toalha branca;
- Círio.

MÚSICAS

- Senhor, quantas estradas;
- Só no amor;
- O Senhor é meu pastor;
- Vida Nova.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1º Encontro - O MISTÉRIO DE "SER" EM CRISTO

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

Pode começar-se com o cântico "Senhor, quantas estradas".

1ª

Alternativa

1. A partir desta canção, podemos dizer que todos fazemos, na vida, coisas das quais depois nos arrependemos, porque tiveram desagradáveis consequências para nós mesmos e para os outros ou porque transgrediram princípios interiores.

Em relação a essa constatação, há duas atitudes que não são construtivas:

- A primeira seria deixar correr. Eu sou assim, está na minha maneira de ser, não adianta esforçar-me...
- A outra, ao contrário, poderia levar-nos a cultivar um sentimento de culpa desproporcionado, que acabaria até por nos levar a nos rejeitarmos a nós próprios.

Com esta actividade, podemos finalmente fazer tranquilamente um balanço interior e analisar os nossos erros, com realismo e naturalidade.

Este é o questionário que completaremos em 20 minutos. Para que possamos trabalhá-lo com liberdade, devemos manter as respostas secretas. Se a alguém parecer difícil, pode pensar apenas nas respostas e não as escrever.

(Distribui-se o Doc.1 e coloca-se uma música de fundo, bonita e suave).

(Terminado o tempo): Agora, cada um vai pensar contra quais mandamentos é que agiu ao praticar essas acções. Como podemos ver, uma má acção está sempre contra algum mandamento e contra a mensagem das bem-aventuranças.

Se Deus nos perdoa (os pecados graves perdoa-os através do sacramento da Reconciliação) nós também devemos perdoar-nos a nós mesmos. *(Se parecer oportuno, podem queimar-se os pecados, num recipiente com álcool, isto se não puser em causa a segurança do edifício).*

2. Todos juntos, vamos aprofundar o que experimentámos.

(O catequista introduz as questões que se seguem, na totalidade ou as que julgar mais oportunas, conforme o desenrolar do diálogo).

- Como reagi emotivamente às perguntas do questionário?
- Que parte do questionário me pareceu difícil?
- Até agora, aprendi a falar claramente dos problemas morais?
- Porque é que é importante aprendermos a perdoar-nos a nós mesmos?

2ª

Alternativa

Quando aceitamos o desafio de viver com intensidade e aceitamos as propostas radicais de Jesus, é importante parar para pensar na vida e a reorientar.

Ao longo dos nossos últimos encontros, fomos descobrindo que necessitamos de dizer sim à vida; descobrimos também que esse sim é progressivo, vamo-lo dizendo à medida que vamos vivendo.

Ao aproximar-se a celebração da Páscoa de Jesus, que é desafio a viver uma vida nova, é altura de nos perguntarmos seriamente a nós próprios: Como estamos a dizer sim à vida? Que passos estamos concretamente a dar? Numa palavra, como estamos a viver? De modo novo, segundo o projecto pascal de Jesus? Ou de modo velho, segundo os nossos critérios egoístas e maus?

Para nos ajudar nesta "revisão de vida", proponho que trabalhemos, durante 20 minutos, o documento que vou entregar-vos...

(Distribui-se o Doc. 2)

(Findo o tempo, o catequista convida): Procuremos um colega com o qual trocar as nossas opiniões (durante 10 minutos). Cada um decide o que quer comunicar ao seu companheiro e o que quer guardar para si.

Terminados os 10 minutos, o catequista convida para um momento de partilha, introduzindo as seguintes questões (ou outras semelhantes):

- Que parte do questionário me pareceu difícil?
- Que passos me parecem mais difíceis de dar?
- Gostei da troca de opiniões com o meu companheiro?
- Porque é que é importante aprendermos a perdoar-nos a nós mesmos?

3. *(Síntese comum a ambas as alternativas)* A Páscoa possibilita-nos a comunhão com Jesus, o homem novo. Esta novidade de Jesus tem a ver com o seu jeito novo de viver. Esta vida nova que Jesus vive e quer oferecer, caracteriza-se pela abertura e entrega a Deus e pela abertura e entrega aos irmãos.

Reparemos no quadro que vem no nosso catecismo ("Eu vim para que tenham vida...").

EU VIM PARA QUE TENHAM VIDA... E VIDA EM ABUNDÂNCIA...

| ABERTURA E ENTREGA A DEUS | ABERTURA E ENTREGA AOS HOMENS |
|---|--|
| Jesus é o enviado do Pai | Jesus revela ao homem o que é ser homem |
| O seu alimento é fazer a vontade do Pai | Jesus revela ao homem a dignidade de ser filho de Deus |
| Jesus vive em intimidade com o Pai | Jesus passou fazendo o bem e socorrendo a todos (Act 10, 38) |
| Cumprir o desígnio de Deus Pai | Não veio para ser servido, mas para servir (Mc 10, 45) |
| Jesus é a VIDA | Jesus dá-nos a sua VIDA |

(O catequista aprofundará cada uma destas alíneas, se achar oportuno e conveniente. Pode-se terminar lendo ambos os textos pela ordem que se apresenta ou só um dos seguintes textos):

Podemos dizer que Jesus, com a sua Páscoa:

1. Onde havia ódio, Ele colocou amor...
2. Onde havia ofensas, Ele colocou perdão...
3. Onde havia discórdias, Ele colocou união...
4. Onde havia erro, Ele colocou a verdade...
5. Onde havia dúvida, Ele colocou a fé...
6. Onde havia desespero, Ele colocou a esperança...
7. Onde havia tristeza, Ele colocou a alegria...
8. Onde havia trevas, Ele colocou luz...

Podemos terminar com a seguinte oração *(pode usar-se a versão do catecismo, com a palavra jovem ou esta com a expressão adolescente)*.

PARA INTERIORIZAR:

Amigo Jesus:

Faz de mim um adolescente "novo":

Que goze do direito de viver em plenitude

A esperança, a coragem, o amor...

E a sorte de me entregar aos outros

Com sincero acolhimento...

Faz de mim um adolescente "novo":

Que ande por sendas da "cultura da vida",

E fundamente a minha personalidade

No convívio, na natureza, na festa,

Na entrega, no grupo e na amizade

Que são sempre caminhos acertados

Para alcançar a maturidade pessoal.

Faz de mim um adolescente "novo":

Que sinta e experimente Deus como Pai

E trate os outros com fraternidade.

Que me relacione com Jesus de Nazaré
Como "o melhor amigo" da humanidade.

Faz de mim um adolescente "novo":
Que seja transmissor de alegria
E instrumento vivo de novidade,
Implantando a civilização da esperança
Nesta sociedade tantas vezes desesperada.
Que ajude a construir um "mundo novo"
Caracterizado pelo serviço e pelo amor gratuito.
E para ser capaz de fazer tudo isto
Dá-me, Jesus, capacidade de entrega e vontade forte.

Pedro Muñoz Peñas – *Orar com Deus.*

2º Encontro – CELEBRAÇÃO

"AO ENCONTRO DA VIDA..."

(Seria conveniente improvisar um pequeno altar com uma toalha branca, onde se colocaria a Bíblia, a cruz e o círio).

1. **Monição inicial**

A vida é o maior dom que Deus nos dá. Ela é um tesouro. Temos de a cuidar e construir. Jesus ama-nos tanto que entrega a sua vida para que nós tenhamos vida. Não apenas a vida biológica, mas a vida do Espírito Santo, que é uma presença de Deus em nós a germinar e a dar fruto. Embora toda a vida terrena de Jesus tenha este grande objectivo, é nos dias grandes da Páscoa que Jesus realiza o seu lema: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10, 10).

Cantemos a alegria da vida nova que nos vem da Páscoa.

Sim, amen, aleluia... O Senhor está connosco. Amen.

2. **Cântico: "Senhor, quantas estradas" (ou outro).**

3. **Saudação inicial**

No caso de a celebração ser presidida pelo catequista, começa simplesmente "em nome do Pai..."

4. **Jogral pascal**

1. Queridos irmãos, tenho de dizer-vos que Deus é bom.

2. A vida renova-se uma vez mais, a primavera surge.

3. A minha alegria e a minha esperança renascem.

4. E, como a natureza, também eu me sinto florir.

Todos – A nossa Páscoa é Cristo ressuscitado.

1. Esta Páscoa será uma nova alegria, uma nova festa.

2. Uma nova certeza de que as nossas pequenas mortes nos trazem já, em semente, uma vida a florir.

3. As nossas encruzilhadas, fracassos e discórdias encontrar-se-ão na grande praça da amizade.

Todos – A nossa Páscoa é Cristo ressuscitado.

1. O nosso coração de cristãos diz-nos que a vida nova não é um sonho mas uma possibilidade.
 2. A primavera pascal renova o nosso coração.
 3. Deus, Senhor da Vida destrói a morte; Ele é a vida que não morre.
 4. Jesus Cristo, seu filho, está vivo.
- Todos** – E viverá em nós e viveremos n'Ele.

5. Aclamação ao Evangelho: cântico "Só no amor".

6. Evangelho: Proclamação de Jo 15, 1-5:

"Eu sou a videira verdadeira e o meu Pai é o agricultor. Ele corta todo o ramo que não dá fruto em Mim e poda o que dá fruto, para que dê mais fruto ainda. Vós já estais purificados pela Palavra que vos tenho anunciado. Permanecei em Mim, que eu permaneço em vós. Tal como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, mas só permanecendo na videira, assim também acontecerá convosco, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira; vós os ramos. Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem Mim, nada podeis fazer" (Jo 15, 1-5).

7. Texto dialogado (podendo também ser encenado):

(O texto pode ser encenado assim: ao centro uma árvore. De costas com costas (ou encostados ao tronco da árvore) Adão e Jesus, ambos quase nus e a dormir). O texto pode também ser ilustrado com a projecção de algumas imagens.

Leitor 1: Um grande silêncio reina hoje sobre a terra; um grande silêncio e uma grande solidão. Um grande silêncio, porque o Rei-Jesus dorme.

Leitor 2: Jesus desceu ao lugar dos mortos, levando em suas mãos a cruz como arma vitoriosa. Jesus disse a Adão e a todos os mortos:

Jesus: "Desperta, tu que dormes; levanta-te de entre os mortos e Deus será a tua luz".

Leitor 1: Adão respondeu:

Adão: Amen!

Leitor 2: Jesus continuou:

Jesus: Ordeno àqueles que estão na prisão: "Saí"; e aos que jazem nas trevas: "Vinde para a luz"; e aos que dormem: "Desperta".

Todos: glória, aleluia!

Jesus: "Eu te ordeno: Desperta, tu que dormes, porque Eu não te criei para que permaneças cativo no reino dos mortos. Levanta-te... Eu sou a vida. Levanta-te, obra das minhas mãos; levanta-te, minha imagem e semelhança. Levanta-te, saiamos daqui: tu em Mim e Eu em ti, somos um só".

Leitor 1: Jesus concluiu:

Jesus: Na criação, foste afastado da árvore, símbolo da vida; mas Eu, que sou a vida, estou agora junto de ti. Eu serei a tua vida.

Todos: Glória, Aleluia, Amen.

Adaptado de uma antiga homilia de Sábado Santo

8. Oração de Graças pela Vida

Num momento de silêncio, cada participante escolhe um coração e escreve uma pequena oração de graças a Deus pelo dom da vida: em si, nos outros e em toda a criação.

A - Gesto de Acção de Graças

Catequista: Porque um dia nos deste a vida.

Todos: Obrigado Senhor!

Catequista: Porque nos queres vivos e vivificantes.

Todos: Obrigado Senhor!

Catequista: Por todas as pessoas que lutam por viver com dignidade.

Todos: Obrigado Senhor!

Catequista: Por todos os que nos ensinam a valorizar a vida.

Todos: Obrigado Senhor!

B - Gesto de oferenda

O catequista convida todos a levantarem-se. Quando todos o fizerem e reinar o silêncio, o catequista convida cada um dos presentes a tomar o coração em que escreveu a oração e a coloca-o sobre a palma da mão direita aberta.

Em seguida, convida a colocar a mão sobre o seu coração e procurar sentir o bater do próprio coração num minuto de silêncio.

Num terceiro momento, convida cada um a elevar a mão até à altura dos olhos e oferecer o coração como gesto de vida a Deus.

Nesta posição, todos são convidados a partilhar a sua oração. Depois de todos terem terminado o catequista convida todos a colocarem o coração sobre a cruz.

Entretanto, pode cantar-se o cântico "O Senhor é meu pastor".

9. Manifesto da Vida

Catequista: A cada pergunta respondemos afirmativamente, dizendo: "sim, quero".

Catequista: Quereis defender sempre a vida em vós e em todos?

Todos: Sim, quero.

Catequista: Quereis difundir a cultura da vida, que respeita o ser humano desde a concepção até à morte natural?

Todos: Sim, quero.

Catequista: Quereis que ninguém morra por maus tratos, terrorismo e violência?

Todos: Sim, quero.

Catequista: Quereis que todos os seres humanos sem distinção de raça, religião ou nacionalidade vivam em plenitude a sua vida?

Todos: Sim, quero.

10. Oração Comum (por todos)

Ó Fonte de Vida, Senhor Jesus,

Tu que, na plenitude do teu amor,

Me libertas de tantas mortes

E me fazes passar não somente da morte à vida,

Mas me conduzes e me fazes passar

Da vida à vida nesta luz vital e vivificante;

Tu que me deste tantas provas maravilhosas
Do Teu amor sem igual por mim,
Tu amas-me tanto, Senhor,
Que reconheço que vivia escravo de tantas mortes,
Mas agora saio dessa situação,
Para em Ti ter vida nova.

E agora, Senhor, abre o meu ser na Tua direcção,
Para que eu receba de Ti uma carga de vida,
Por outras palavras, oro, ó Fonte de Vida,
Pedindo que em Ti eu me aprofunde!

Que as Tuas águas me arrastem
Com a força com que a corrente de um rio
Me arrastaria.

João de Ford (1140-1214)

10. Bênção final

Catequista: Jesus que é a vida nos ensine a amá-la e a respeitá-la.

Todos: Amen.

Catequista: Jesus que amo e que defendeu sempre a vida nos dê uma atitude de tolerância, perdão,
e compreensão com todos.

Todos: Amen.

Catequista: Jesus que morreu para dar a vida nos acompanhe sempre.

Todos: Amen.

Catequista: Que Deus, origem da vida, Jesus, Seu Filho e o Espírito que vivifica nos acompanhem.

Todos: Amen.

Cântico final – “Vida nova”.

DOCUMENTO 1

O MEU CATÁLOGO DE PECADOS

Anota esquematicamente (pode ser por código ou iniciais ou até ficar só no pensamento) a coisa pior que fizeste na tua vida:

Se os teus pais soubessem desta tua acção que diriam?

Que valores desrespeitaste com a tua acção?

Estás disposto a perdoar-te hoje por aquela acção? Em poucas palavras tenta conceder a ti mesmo o perdão.

DOCUMENTO 2

O MEU «SIM» PROGRESSIVO À VIDA

| | PASSOS PROGRESSIVOS DO «SIM» À VIDA | EU ESTOU A DAR ESTES PASSOS... COMO? |
|---|--|--------------------------------------|
| 1 | ACEITO-ME A MIM MESMO NA MINHA EXISTÊNCIA CONCRETA E NO CONTEXTO EM QUE VIVO | |
| 2 | ESTOU CONSCIENTE DE QUE A VIDA QUE VIVO NÃO ME PERTENCE... E NÃO POSSO FAZER COM ELA O QUE QUERO | |
| 3 | ACOLHO A VIDA COMO UM DOM QUE ME RESPONSABILIZA DIANTE DE MIM MESMO E DIANTE DOS OUTROS | |
| 4 | ACEITO UMA VIDA QUE ME FOI DADA E, CONSEQUENTEMENTE, ACEITO AQUELE QUE MA DEU | |
| 5 | PARA MIM VIVER É CRISTO» (Fl 1, 21). RECONHEÇO, EM JESUS DE NAZARÉ, O SEGREDO DA VIDA VERDADEIRA | |
| 6 | UNIDO ÀQUELES QUE VIVEM PELA FÉ, DESCUBRO NA IGREJA A VIDA NOVA DO ESPÍRITO SANTO | |
| 7 | ENTRE OS POSSÍVEIS PROJECTOS PARA A MINHA VIDA OPTO PELO PROJECTO CRISTÃO | |
| 8 | A EXEMPLO DE JESUS, ENTENDO QUE A RAZÃO DO MEU VIVER É SERVIR OS OUTROS E ENTREGAR-ME POR ELES | |
| 9 | CREIO QUE, AO ACEITAR O DIFÍCIL DA VIDA, VOU DANDO PASSOS PARA A VIDA EM PLENITUDE, PORQUE A VIDA NASCE DA MORTE | |

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

FILMES

- **Jesus de Nazaré**, de Franco Zeffirelli, com Robert Powell, Rod Steiger, Olívia Hussey.
- **A Paixão de Cristo**, de Mel Gibson, de 2004.

DIAPORAMAS

- **Morrer e ressuscitar em Cristo** (Edições Salesianas).

VIVER (N)A JUSTIÇA E (N)A VERDADE

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A justiça e a verdade em crise

Algemamos a justiça e manipulamos a verdade. Temos dois pesos e duas medidas. Justiça e verdade são uma coisa quando se trata dos nossos interesses e outra quando se trata do interesse dos outros. Não se admite que se mente, apenas se falta à verdade ou se omitiu parte da verdade. Isso não é considerado mentir. Ninguém é injusto, particularmente em causa própria. Mas quando alguém se sente injustiçado, em contrapartida, talvez considere que pode aplicar a justiça por mãos próprias. Se os tribunais demoram a ditar a sentença, achamos preferível apelar à "justiça popular". Se os tribunais não funcionam como deviam, sentimos que vivemos num clima de impunidade.

Mesmo entre os cristãos, vai-se desvanecendo o compromisso com a justiça e a verdade. Vai-se espalhando a convicção de que "cada um se deve arranjar como puder", que a vida é dura, é competitiva. Não vale a pena dar a mão nem olhar para o outro, pois ninguém o fará por nós.

Todavia, a justiça e a verdade continuam a ser critérios fundamentais para uma vida realizada e feliz.

2. Justiça e verdade – exigências éticas

A pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, é chamada a viver em comunhão com Deus e com os outros. A sua dignidade vem-lhe de Deus, da sua filiação divina, do facto de ter sido criada à imagem e semelhança de Deus.

Daqui deriva que a pessoa é sujeito de direitos "naturais", fundamentais, habitualmente designados de direitos humanos. Estes são exigências éticas e jurídicas que exprimem a dignidade de cada pessoa, em todas as suas dimensões e circunstâncias.

Estes direitos da pessoa humana exigem o respeito pela mesma pessoa e sua dignidade, a promoção do bem comum, o exercício da solidariedade social e da justiça pessoal e social. Estas exigências reivindicam o compromisso com a justiça e com a verdade.

A promoção da justiça não é só uma questão jurídica, a resolver pelos tribunais. É sobretudo o exercício da verdade, interior e exterior, como expressão duma vida justa e honrada.

A verdade é imprescindível no relacionamento entre as pessoas e supõe a renúncia a todas as formas de mentira, que conduzem, inevitavelmente, à injustiça.

Para o cristão, a justiça e a verdade, são exigências de vida bem-aventurada e fonte de realização e comunhão entre as pessoas. O cristão é justo e promove a justiça, por amor a Deus, que é e quer a verdade, e como consequência da sua condição de filho de Deus, enxertado em Cristo e templo do Espírito Santo.

3. O compromisso com a verdade e a justiça

Comprometer-se com a verdade e a justiça é um dever do cristão. O cristão não pactua com falsidades ou meias verdades. É importante reconhecer as situações de injustiça e de mentira existentes no nosso mundo e na nossa vida, para as entendermos como um desafio à conversão e à mudança de vida. É também gratificante poder construir a vida assente nos valores da justiça e da verdade, como valores do Reino, para uma vida autenticamente cristã e feliz.

O cristão luta pela promoção da dignidade da pessoa. Por isso mesmo, se compromete na luta pela justiça, denunciando situações concretas de injustiça e desrespeito pela vida da pessoa. A promoção da justiça social é uma luta de todos os cristãos.

A luta pela justiça inclui, necessariamente, a ajuda aos pobres. Essa ajuda é incompatível com o amor desordenado da riqueza ou o seu uso egoísta. Implica espírito de solidariedade e partilha e a convicção clara de que os bens criados são para todos, têm um destino universal.

Sinto-me uma pessoa justa e verdadeira com todos?

OBJECTIVOS

- Descobrir que a justiça e a verdade são exigência de vida para os discípulos de Jesus;
- Compreender que, como pessoas humanas, só nos realizamos promovendo a justiça e a verdade nas relações inter-pessoais;
- Adoptar critérios para viver (n)a justiça e (n)a verdade, segundo os Mandamentos (7º, 8º e 10º).

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Os adolescentes são muito sensíveis às questões da justiça e da verdade. Sensíveis mas, também, susceptíveis de incorrer em procedimentos injustos e em caminhos de mentira. Ao mesmo tempo, os adolescentes, absorveram a convicção (cultural) de que "cada um deve arranjar-se como puder". Alguém que procura orientar-se por valores e não pela corrupção é apelidado de pouco esperto, pouco integrado nas "novas realidades", "não" é deste mundo e deste tempo". Infelizmente os adolescentes demoram muito tempo até terem uma postura crítica e saberem filtrar o que é correcto e no que não é. Neste contexto, há que questionar a problemática da justiça e da verdade, para as situar como exigências e critérios evangélicos.
2. A Palavra terá de ser trabalhada no sentido de apontar a injustiça e a falta de verdade como ofensas, não apenas aos irmãos, mas também a Deus, enquanto infidelidade ao seu projecto amoroso e libertador. Na interiorização da Palavra, convém sublinhar a importância de ter presente as "diversas formas" de faltar à verdade.
3. Procure-se demonstrar a importância da vida social para a realização da pessoa humana, segundo o projecto de Deus e o valor da justiça e da solidariedade, indispensáveis para a autenticidade das relações inter-pessoais. Que este tema ajude a pôr em prática o Evangelho da justiça, da verdade e da solidariedade, comovendo e convertendo os corações no sentido de um amor amplo e enérgico ao próximo, expressão da vontade de Deus e construtor de um mundo justo.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um;
- Distícos em cartolina, com tonalidades diferentes (para o 2º encontro):
 - DEUS É A FONTE DE TODA A VERDADE. SOMOS CHAMADOS A VIVER NA VERDADE;
 - A VERDADE DE DEUS MANIFESTOU-SE TOTALMENTE EM JESUS CRISTO. SEGUIR JESUS É VIVER A LIBERDADE QUE LIBERTA.

MÚSICAS

- Olhei e vi (Carlos Marques);
- Imagens (Gen sem fronteiras);
- Senhor, tu me conheces.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1º Encontro - VIVER NA JUSTIÇA

Começar por cantar "Olhei e vi".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

1. Hoje vamos reflectir sobre o que pensamos acerca de algumas importantes questões: sobre a forma de organizar a sociedade e sobre que valores gostaríamos de ver triunfar no campo da política. Esta questão é tão importante que o próprio magistério da Igreja emite um juízo relativamente à vida económica e social das nações "quando os direitos fundamentais da pessoa" o exigem (cf GS 76). A Igreja esforça-se por nos inspirar as atitudes justas, que estão de acordo com o Evangelho (cf CIC 2420). O Magistério que trata estes temas designa-se por Doutrina Social da Igreja e desenvolveu-se a partir do século XIX, em resposta ao confronto que teve lugar entre os valores do Evangelho e a sociedade industrial moderna.

Para aprofundarmos esta questão – dos valores do Evangelho e das solicitações que o decurso da história coloca à Palavra de Deus – vamos fazer um jogo. Cada um vai imaginar que é o Presidente dos Estados Unidos da América e que vai ter um dia muito preenchido em matéria de decisões. Ser Presidente dos Estados Unidos significa, na prática, que dispõe de muito poder na administração de recursos, que são gigantescos. Mesmo assim, deve escolher em que investir ou gastar esses recursos.

Observem esta ficha para o nosso trabalho (distribuir o Doc. 1). Cada um vai trabalhar individualmente, durante os 15 minutos que se seguem..

(Retomando o trabalho em grupo:) *Agora, cada um, vai dizer-nos em que investiria mais dinheiro (as suas prioridades) e, por outro lado, onde não investiria tanto. Atenção, porque devem explicar a razão das vossas três primeiras escolhas. (O catequista regista as escolhas e os fundamentos).*

2. Agora, um de vocês vai ter a oportunidade de defender, frente ao grupo, os seus pontos de vista em relação a estas "políticas". Faremos assim:

Um voluntário, que talvez aprecie estes temas, vai submeter-se, durante três minutos, a uma "entrevista política". Os outros, sempre com ordem, fazem as perguntas ao entrevistado. Reparem que estas perguntas devem dirigir-se à clarificação dos valores que movem este "político".

Interessam, portanto, as perguntas que o levam a explicar porque é que vai investir mais num ponto e menos noutra, a razão das suas opções. Para podermos ir um pouco mais longe, também faremos perguntas sobre as consequências que pode ter tal escala de interesses e valores. Assim, alguém poderia perguntar: «Queres gastar muito dinheiro para ajudar os países em vias de desenvolvimento

e defendes que te importas sobre-tudo com a responsabilidade dos ricos em relação aos pobres. Queres dizer-me desde quando é que tens esse tipo de preocupação?» (A pergunta alude ao motivo pessoa, que está na base da escolha "valorizar a ajuda aos países em desenvolvimento".)

Outro até poderia perguntar: «Pensaste nas consequências que se seguiriam para as nações industrializadas se, na verdade, gastassem tanto dinheiro para ajudar o Terceiro Mundo? Que efeitos ou consequências teriam de enfrentar?». Reparem, com atenção: não se pretende que vocês critiquem o ponto de vista político do entrevistado e muito menos que ironizem a esse respeito; as perguntas devem ser orientadas apenas para conhecer, com maior precisão, quais as linhas do seu pensamento, os valores que o norteiam.

(Convém nomear um ou dois secretários, que tentarão registar as respostas dadas pelo entrevistado, pois estas notas poderão apoiar a discussão de grupo; também é útil dar alguns minutos para que os entrevistadores façam um breve rascunho das suas perguntas, evitando impasses ou perguntas superficiais).

Quem está disposto a ser entrevistado? *(Convém que o catequista, conhecendo o grupo, preveja qual o catequizando que melhor se adapta a esta "função", para o solicitar, caso se dê um impasse, em que ninguém se oferece).*

(Entrevista com a duração de 20 minutos).

3. *No fim da entrevista, fazer uma síntese. Este plenário deve envolver as motivações de todos os catequizandos, não se centrando apenas no resultado das entrevistas, cujo objectivo é, essencialmente, estimular as ideias de todos. As questões a colocar serão:*

- Foi difícil determinar a que objectivos políticos conceder prioridade e depois descobrir os valores correspondentes?
- Que valores estiveram presentes na nossa discussão?
- Que importância têm na vida quotidiana as decisões que tomamos e os correspondentes valores?
- Como é que os valores influenciam as escolhas que as pessoas fazem?

Animar a discussão até chegar à questão central:

- **Como escolhemos os valores que estão na base das nossas decisões? Qual é o nosso quadro de referência?** *(O catequista procurará conduzir a reflexão para os Mandamentos e, sobretudo, para aqueles que estão, hoje, a ser tratados: o 7º, 8º e 10º).*

- Será que poderemos, no futuro, assumir responsabilidades que possam influenciar o curso das decisões que se prendem com a procura da justiça e o fomento da verdade? Que "ideal" iluminará as nossas escolhas?

Se não for oportuno distribuir o Doc. 1, pode-se propor um quadro que use foto-linguagem: são apresentadas imagens de vários objectos ou condições de vida necessários para a vida quotidiana. Pede-se a cada adolescente (ou apenas a um pequeno grupo) que escolha a foto do objecto/ condição que julgue absolutamente necessário e que justifique diante do grupo a sua escolha. A análise das escolhas faz-se como indicado anteriormente.

2ª
Alternativa

(Esta alternativa só deve utilizar-se no caso de não se ter escolhido a dinâmica "As coisas necessárias para mim", na catequese nº 4, pois a base de trabalho (Doc.) é a mesma, embora o seu tratamento obedeça a objectivos diferentes).

1. (e 2) Na vida, temos necessidade de escolher: aquilo que queremos fazer, aquilo que queremos ter, aquilo que queremos ser. Vamos tentar descobrir qual é a nossa base de reflexão quando tomamos decisões, isto é, que valores iluminam as nossas escolhas.

Gostaria de vos propor um jogo. Chama-se "Coisas necessárias para mim" e quer chamar a nossa atenção para as coisas que cada um acredita ser importante possuir e qual o significado de tais coisas, para a sua vida.

Vou entregar-vos uma ficha (*distribuir o Doc. 2*) que indica duas pequenas tarefas que vocês devem realizar, depois de lerem bem as instruções. Cada um lê, para si, e trabalha individualmente, dispondo de 15 minutos para realizar a actividade.

Findo o tempo, convidam-se os catequizandos para o plenário. O catequista orienta-o propondo as seguintes questões:

- Estas tarefas deram-nos uma ideia sobre aquilo que, para nós, é importante possuir, em função da nossa ideia pessoal de felicidade. Vamos começar por ouvir quais as três coisas que cada um achou mais importantes. Podemos registá-las e contar a frequência com que cada coisa é indicada.

(O catequista faz uma tabela simples para registar as escolhas: numa folha de papel, num quadro, num acetato,...).

| | | |
|----------|------------------|----|
| Família | //// | 20 |
| Escova | // | 2 |
| Telefone | //////// | 8 |
| Saúde | //////////////// | 15 |

Os resultados foram estes: (indicar). Agora, digam-me lá que tipo de coisas foram mais escolhidas por vocês? Ter um telefone ou ter saúde? Acho que foi... E isso que significa? *(Naturalmente os adolescentes tenderão a escolher alguns bens materiais que apreciam muito, mas parece provável que indiquem mais frequentemente outro tipo de bens – como a saúde, a família ou, até, a fé. O interessante é discutir a razão destas escolhas, cabendo ao catequista a missão de os levar a distinguir o que é essencial para a felicidade e o que não é. Por exemplo, que ter trabalho é mais importante do que ter dinheiro, porque o trabalho dignifica a pessoa, dá-lhe um sentimento de realização).*

- Como seria a vida se cada um só tivesse as três coisas que assinalou como as mais importantes? *(Distinguir entre a escolha de objectos – insuficientes – e a escolha de bens imateriais: Se escolhermos ter saúde, família, fé e trabalho, não escolhemos o necessário?)*
- Em que é que vocês se inspiraram para fazer as vossas escolhas?

- **Como escolhemos os valores que estão na base das nossas decisões? Qual é o nosso quadro de referência?** (O catequista procurará conduzir a reflexão para os Mandamentos e, sobretudo, para aqueles que estão, hoje, a ser tratados: 7º, 8º e 10º).
- Imaginamo-nos, no futuro, a assumir responsabilidades que possam influenciar as escolhas de outras pessoas (na família, no trabalho, na vida política)? Que "ideário" iluminará as escolhas que vamos propor-lhes?

3. (Síntese comum às 2 alternativas:)

Hoje, vivemos numa civilização em que o dinheiro e a riqueza exercem um poder fascinante e sedutor. Tende-se a medir e avaliar as relações entre as pessoas em função do que se ganha e perde. Facilmente as pessoas se deixam levar e possuir pela ambição do dinheiro, do lucro, da produtividade e do consumo, acima de tudo e de todos.

E, mesmo entre os cristãos, pensa-se que não há lugar para a moral em questões económicas e sociais: é frequente ouvir-se dizer "negócios são negócios", "amigos, amigos, negócios à parte". Deste modo, enquanto alguns acumulam ganhos e gerem a maior parte dos recursos do planeta, outros empobrecem continuamente e vivem num nível infra-humano de satisfação das necessidades mais básicas (a maioria da população mundial vive com menos de um euro por dia).

O sétimo e o décimo mandamento tratam das virtudes da justiça e da solidariedade, que estão na base das relações entre as pessoas e do respeito pela dignidade de cada um.

Ao analisar as questões relativas à justiça e à verdade, precisamos de ter presente que **Deus confiou a gestão comum dos recursos da terra à humanidade**. A terra foi repartida entre os homens para garantir a segurança da sua vida, como meio de evitar a pobreza e a violência que dela decorre. Neste sentido, a apropriação dos bens é legítima se garante a liberdade e a dignidade das pessoas, mas deve permitir uma solidariedade natural entre os homens, pois **o destino de todos os bens, que têm origem em Deus, nosso Pai e Criador, é o bem comum**. Os bens criados são para todos. Daí a urgência da partilha com quem não tem.

Neste contexto, viver na justiça significa, entre outras coisas (*Cada uma destas afirmações pode ser ilustrada com imagens, fotografias, slides*):

- Considerar o **outro como uma pessoa** e, nunca, como um objecto, que se pode explorar, usar e deitar fora;
- **Não causar dano ao próximo**, na sua dignidade e nos seus bens;
- **Não roubar** (furtar);
- **Partilhar** os bens com quem passa necessidades, sendo solidário;
- **Trabalhar** conforme o dever, com dedicação, competência e sentido de serviço, e cumprindo a obrigação própria do seu cargo;
- **Pagar o salário justo** a quem trabalha, sem qualquer discriminação;
- **Não se aproveitar da miséria** privada ou da escassez pública para enriquecer com injustas subidas de preços;
- **Lutar contra a pobreza**;
- **Não enganar o próximo** no comércio, com pesos, medidas ou moedas falsas ou com mercadorias estragadas;
- **Não falsificar escrituras** ou outros documentos;
- **Não subornar** e corromper;
- **Não colaborar com a exploração** iniciada por outros;

- **Pagar os impostos** devidos e respeitar os bens que pertencem à comunidade;
- **Não explorar** o trabalho de menores;
- Dar e exigir **condições justas de trabalho**;
- Contribuir para a **elaboração de leis justas**.

Na base das situações de injustiça, pobreza e miséria e dramática ausência de solidariedade, está a avareza, o egoísmo e a falta de respeito pelos outros. Devemos recordar sempre (*mostrar um dístico ou projectar*):

"A vida cristã esforça-se por ordenar para Deus e para a caridade fraterna os bens deste mundo" (CIC 2401)."

A propriedade dum bem faz do seu detentor um administrador da providência de Deus, com a obrigação de o fazer frutificar e de comunicar os seus frutos aos outros, a começar pelos mais próximos" (CIC 2405).

Vamos recitar (*em conjunto, em jogral ou alternadamente*) um poema que nos interpela sobre a vivência da justiça:

POEMA - ENCONTREI UM DIA UM HOMEM

1. Encontrei um dia um homem com fome.
E eu, que tinha cinco pães,
não lhe dei um.
2. Encontrei um dia um homem com sede de água.
E eu, que era irmão da Samaritana,
disse que não tinha balde.
3. Encontrei um dia um homem carregando com uma cruz.
E eu, que também me chamava Simão,
não fiz de Cireneu.
4. Encontrei um dia um homem nu.
E eu, que tinha duas túnicas,
não lhe dei uma.
5. Encontrei um dia um homem cego de nascimento.
E eu, que era professor,
não lhe dei a luz.
6. Encontrei um dia um homem a vender política no templo.
E eu, que era sacerdote,
não peguei no azorrague.
7. Encontrei um dia um homem sentado no último lugar,
no banquete dos meus anos.
E eu, que era o dono da festa,
não o convidei para vir mais para cima.
8. Encontrei um dia um homem que não ia à Missa.
E eu que era praticante,
chamei-lhe "publicano".

9. Encontrei um dia um homem paralítico.
E eu, que tinha os dois pés,
não o ajudei a caminhar.
10. Encontrei um dia um homem que era mulher adúltera.
E eu, que também era pecador,
peguei em pedras para lhe atirar.
11. Encontrei um dia um homem na praça da vida,
à espera de trabalho.
E eu, que era latifundiário,
não lhe dei emprego.
12. Encontrei um dia um homem que dizia:
"arrependei-vos, endireitai os caminhos".
E eu, que não gostava de sermões,
mandei cortar-lhe a cabeça.
13. Encontrei um dia um homem que regressava
andrajoso à casa paterna.
E eu, que era cristão cumpridor,
fiz o papel do irmão mais velho.
14. Encontrei um dia um homem a caminhar
na estrada da minha vida.
E eu, que também ia para Emaús,
não vi que era Cristo.

Frei Manuel Rito – *Deserto Sul*.

Ao terminarmos este nosso encontro, proponho:

PARA INTERIORIZAR:

Faz-me justiça, ó Deus
E defende a minha causa contra
A gente sem piedade!
Livra-me do homem mentiroso e perverso.
Envia a tua luz e a tua verdade,
Para que elas me guiem e me conduzam
À tua montanha santa, à tua morada... (Sl 43, 1.3)

2º Encontro - VIVER NA VERDADE

Pode começar-se o encontro com o cântico "Imagens". Colocar, desde o início do encontro, um cartaz/projecção com a seguinte mensagem:

"A verdade vos tornará livres"

Jo 8, 32

II. PALAVRA

1. Entre a justiça e a verdade, existe uma relação muito íntima. De facto, o oitavo mandamento, ao orientar para a verdade, procura eliminar da vida dos homens o engano, a mentira e a falsidade, ou seja, em última instância, eliminar a injustiça. A verdade é uma condição para realizar o amor, a justiça e a liberdade.

"O Antigo Testamento declara: *Deus é a fonte de toda a verdade*. A sua Palavra é verdade. A sua lei é verdade. «A sua fidelidade mantém-se de geração em geração» (Sl 119, 90; Lc 1, 46). Uma vez que Deus é o «Verdadeiro» (Rm 3,4), os membros do seu povo são chamados a viver na verdade" (CIC 2465).

Colocar, junto do cartaz, um Dístico, (1ª parte de um puzzle, usando uma cartolina de cor):

Deus é a fonte de toda a verdade.
Somos chamados a viver na verdade.

Em Jesus Cristo, a verdade de Deus manifestou-se na sua totalidade. «Cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14), Ele é a «luz do mundo» (Jo 8, 12), Ele *é a verdade*. ...O discípulo de Jesus «permanece na sua palavra» para conhecer «a verdade que liberta» (Jo 8, 32) e que santifica. Seguir Jesus é viver do «Espírito de verdade» (Jo 14, 17) que o Pai envia e que conduz «à verdade total» (Jo 14, 17; 16, 13).

Dístico (2ª parte do puzzle, usando uma cartolina, num tom diferente, da mesma cor):

A verdade de Deus manifestou-se totalmente em Jesus Cristo.
Seguir Jesus é viver a verdade que liberta.

2. Vamos aprofundar o nosso conhecimento sobre a perspectiva cristã da verdade. Precisamos, sobretudo, de nos deixar interpelar pela Palavra, decidindo-nos a ser verdadeiros. Se o nosso coração se abre à verdade que é Jesus Cristo, amaremos a verdade, não poderemos mais viver sem ela. "A verdade te salvará".

Se o grupo for grande, divida-se em quatro sub-grupos e distribuam-se os textos que se seguem, para serem lidos e interpretados durante 20 minutos:

a) Jer 9, 1-5

"Quem me dera ter no deserto
um albergue de viajantes!
Abandonaria o meu povo,
e afastar-me-ia para longe dele,
pois são todos uma legião de adúlteros,
um bando de traidores.
Retesam a língua como um arco,
dominam o país com a mentira
e não com a verdade.
Vão de mal a pior;
e a mim já não me conhecem
- oráculo do SENHOR.
Não há verdade nas suas palavras;
habituarão a língua à mentira.
É gente corrompida, incapaz de converter-se.
Fraude e mais fraude,
falsidade e mais falsidade!
Recusam conhecer-me
- oráculo do SENHOR.

b) Mt 21, 28-31

«Que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: "Filho, vai hoje trabalhar na vinha." Mas ele respondeu: "Não quero". Mais tarde, porém, arrependeu-se e foi. Dirigindo-se ao segundo, falou-lhe do mesmo modo e ele respondeu: "Vou sim, senhor!" Mas não foi. Qual dos dois fez a vontade do pai?» Responderam eles: «O primeiro.»

c) Mt 7, 1-5

"Não julgueis, para não serdes julgados; pois, conforme o juízo com que julgardes, assim sereis julgados; e, com a medida com que medirdes, assim sereis medidos. Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão e não vês a trave que está na tua vista? Como ousas dizer ao teu irmão: 'Deixa-me tirar o argueiro da tua vista' tendo tu uma trave na tua? Hipócrita, tira primeiro a trave da tua vista e, então, verás melhor para tirar o argueiro da vista do teu irmão".

d) Mt 23, 25-26

"Ai de vós, doutores da Lei e fariseus hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, quando por dentro estão cheios de rapina e de iniquidade! Fariseu cego! Limpa antes o interior do copo, para que o exterior também fique limpo".

Se o grupo for muito grande e se achar conveniente usar outros textos, pode o catequista socorrer-se dos que se seguem:

- Jo 17, 17-19

"(Pai!) Consagra-os na Verdade; a Verdade é a tua palavra. Assim como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo e por eles totalmente me consagro, para que também eles sejam consagrados, por meio da Verdade".

- Dignitatis Humanae 2 (Concílio Vaticano II)

"O homem tende naturalmente para a verdade. É obrigado a honrá-la e a testemunhá-la: «Em virtude da sua dignidade, todos os homens, porque pessoas... são impelidos por sua própria natureza e obrigados por exigência moral a procurar a verdade, em primeiro lugar aquela que diz respeito à religião. São obrigados também a aderir à verdade, desde que a conheçam, e a regular toda a sua vida segundo as exigências da verdade".

- S. Tomás de Aquino

"Os homens não seriam capazes de viver juntos, se não tivessem confiança uns nos outros, isto é, se não dissessem a verdade" (*Summa Theol.* 2-2, 109, 3, ad 1).

A análise e interpretação destes textos pode ser mais produtiva recorrendo a uma grelha de análise (Doc.3.1.). Se o grupo de catequizandos for pequeno, analisem-se apenas os textos a) e c), usando a respectiva grelha de leitura (Doc. 3.2.).

Findo o trabalho de grupo, segue-se o plenário, em que cada grupo partilhará o que descobriu.

2. O catequista fará a síntese do que foi referido por cada grupo e destacará, no fim, os seguintes aspectos, sublinhando os já apontados:

- A verdade não está só nas palavras, mas está, também, nas acções de justiça e do amor;
- O cristão deve deixar-se guiar pela solidariedade e compreensão para com o próximo;
- Jesus condena energicamente aqueles que aparentam ser aquilo que não são. A autenticidade cristã exige-nos que deixemos cair as "máscaras" que nos fazem ter várias caras.

3. Há pouco, descrevemos algumas situações em que podemos exercitar a justiça e a verdade na vida concreta. Estamos mesmo dispostos a viver a verdade? Então, renunciemos a:

- Mentira;
- Difamação;

- Maledicência;
- Juízo temerário (julgamento fácil);
- Insinuação;
- Calúnia;
- Hipocrisia;
- Falso Testemunho.

O Catequista pode ilustrar cada uma destas alíneas fazendo uso do Doc. 4 (que também consta do catecismo).

Comprometer-se com a justiça e a verdade não é tarefa fácil. Exige coragem e entrega. Defender a justiça, a verdade e a paz custa, por vezes, a própria vida.

Foi o que aconteceu, a 9 de agosto de 1991, aos padres Tomasek (de 32 anos) e Stralkowski (de 34), missionários entre os índios do Perú. Depois duma celebração da Eucaristia com os responsáveis da Paróquia, são cercados pelos guerrilheiros do "Sendero Luminoso".

Sem ilusões quanto ao seu destino, um dos padres disse aos camponeses índios: "Os que procuram a verdade e trabalham pela justiça não têm que ter medo deste tipo de gente".

Os missionários foram julgados diante dos camponeses. Os crimes de que são acusados: trair o Evangelho, pregar a reconciliação, ajudar os camponeses a organizar-se e apoiar um programa da Cáritas do Peru. Condenados à morte, ambos os missionários e o presidente da junta, são executados. Os assassinos deixaram junto dos corpos dos missionários a seguinte inscrição: "Assim morrem os que falam de paz".

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. A justiça e a verdade são dois valores que nos interpelam e desafiam a viver de modo diferente. Certamente que precisamos da força e auxílio de Deus para assumir estas atitudes no dia-a-dia. Vamos recitar um poema que nos inspira a viver a vida em verdade:

Pode recitar-se em conjunto, com a dinâmica própria de uma oração que deve motivar para agir:

"Especializa-te

em tentar descobrir
em toda e qualquer criatura
o lado bom que ela possui
- ninguém é maldade concentrada.

Especializa-te

em tentar descobrir
em toda e qualquer ideologia
a alma de verdade
que ela carrega no seu seio
- a inteligência é incapaz
de aderir ao erro total.

Não temas a verdade

por mais dura que te pareça,
por mais que te fira,
é autêntica.
Nascestes para ela.
Se fores ao seu encontro,

se dialogares com ela,
se a amares,
ninguém será mais amiga
e mais irmã.

Até ao fim

Não, não pares.
É graça divina
começar bem.
Graça maior,
Persistir na caminhada certa
manter o ritmo...
Mas a graça das graças
é não desistir.
Podendo ou não podendo,
caindo, embora, aos pedaços,
chegar até ao fim.

Não temas a verdade".

D. Hélder Câmara

(Se for oportuno deve cantar-se neste momento uma adaptação do salmo 139):

Cântico - SENHOR, TU ME CONHECES

Senhor, Tu me perscrutas e me conheces,
Conheces quando me sento e me levanto.
De longe conheces os meus pensamentos.
Todos os meus passos te são familiares.

Ainda a palavra não me chegou à boca
E Tu, Senhor já a conheces toda.
Abraças-me por trás e por diante,
E cobres-me com Tua mão.
Todos os meus passos te são familiares.

Para onde posso ir longe de Ti
Se quando subo à imensidão
E quando entro no segredo, estás aí.
Se peço asas ao amanhecer,
Para ir ao outro lado do mar
Também me encontro aí, na Tua mão.

Senhor, eu Te dou graças por tuas maravilhas,
Pois Tu, Senhor me formaste em cada detalhe
E porque me escolheste gratuitamente
E segues passo a passo a minha vida.
Todos os meus passos te são familiares.

Se eu contar os Teus pensamentos
São abundantes, ó Deus, como as estrelas;
E quando estou cansado ainda estou contigo,
Não deixes que me perca por mau caminho.
Todos os meus passos te são familiares.

2. Vamos recordar as **palavras fundamentais** deste tema que precisamos de guardar no coração e transportar para a vida:

- O 7º Mandamento **proíbe-nos de roubar, isto é, reter ou tomar injustamente os bens do próximo ou, de alguma forma, prejudicá-lo nos seus bens**. O 10º mandamento, **desafia-nos a uma atitude de coração: não cobiçar os bens do próximo**. Esta cobiça é a raiz do roubo e da fraude, conduzindo à violência e à injustiça.
- **Ambos (o 7º e o 10º mandamentos) nos indicam o caminho da justiça e da caridade**, na gestão dos bens terrenos. Jesus convida-nos a concretizar o "não roubarás" do Antigo Testamento no "partilharás" do Evangelho.
- **O 8º Mandamento indica-nos a beleza da verdade**. Diz-nos que não devemos levantar falsos testemunhos. De facto, **proíbe a falsificação da verdade nas nossas relações com as outras pessoas**. Esta proibição radica na obrigação de sermos testemunhas de Deus, que é e quer a verdade.
- O Novo Testamento recolhe o Antigo e completa-o quando diz "Não julgarás, perdoarás", "caminharás na verdade com simplicidade, sem hipocrisia", que a tua linguagem seja: "sim, sim, não, não"... (cf Mt 5, 37).

Para guardar na memória e no coração

O 7º e o 10º mandamentos exigem a prática da justiça e da solidariedade no uso dos bens terrenos e dos frutos do trabalho humano (cf CIC 2451). Opõem-se ao 7º mandamento, o roubo (cf CIC 2450,2453) e, ao 10º, a inveja (cf CIC 2552).

O 8º mandamento indica-nos o caminho da verdade, por palavras e acções, evitando: a duplicidade, a simulação e a hipocrisia (cf CIC2505).

3. Justiça e verdade. Pode ser este o lema para a nossa semana? Para a nossa vida? Vamo-nos esforçar, corajosamente, nesse sentido? Então, cada um, vai escolher uma circunstância concreta para praticar a justiça e a verdade. Propunha que, durante a semana, fizessemos um diário que registasse os nossos esforços. Pode ser do género: "1º dia, custa-me ser verdadeiro quando a minha mãe pergunta se já estudei. 2º dia – hoje, disse a verdade e tive de..."

Pode terminar-se cantado o cântico "Todo o que luta..." ou outro adequado.

DOCUMENTO 1

Como PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS...

... gostaria de gerir os recursos nacionais gastando mais dinheiro nas seguintes áreas:

(Pensa na importância de cada um destes pontos e ordena-os segundo a tua ordem de prioridades. Numera-os de 1 a 10.)

() *Ajuda aos países em vias de desenvolvimento*

() *Defesa*

() *Urbanização de subúrbios*

() *Protecção do ambiente natural*

() *Educação*

() *Rede de comunicações*

() *Ajuda à agricultura*

() *Ajuda à indústria*

() *Astronáutica*

() *Luta contra a pobreza*

Pensa agora nos valores e convicções que, a teu ver, estão na base de cada gasto e anota-os junto a cada ponto. (Por exemplo: Educação: *Toda a pessoa tem o direito de desenvolver o mais possível as suas capacidades. O saber intelectual e emocional ajuda o ser humano a sobreviver.*)

Empenha-te nas três primeiras escolhas e anota os motivos da tua preferência.

COISAS NECESSÁRIAS PARA MIM

Tens aqui uma lista de coisas. Relativamente a algumas, sentes que, realmente, são necessárias à tua felicidade. Sublinha as que tu julgas importantes. Depois, ordena as coisas escolhidas, segundo a importância que lhes atribuis. O número que puseres no quadrado indicará essa ordem.

- | | | |
|--------------------------------------|---|--|
| <input type="checkbox"/> avião | <input type="checkbox"/> raquete de ténis | <input type="checkbox"/> carro |
| <input type="checkbox"/> cama | <input type="checkbox"/> saúde | <input type="checkbox"/> bola |
| <input type="checkbox"/> paz | <input type="checkbox"/> pasta dos dentes | <input type="checkbox"/> relógio |
| <input type="checkbox"/> escova | <input type="checkbox"/> vela | <input type="checkbox"/> família |
| <input type="checkbox"/> moto | <input type="checkbox"/> quadros | <input type="checkbox"/> instrumento musical |
| <input type="checkbox"/> calendário | <input type="checkbox"/> televisão | <input type="checkbox"/> casa própria |
| <input type="checkbox"/> segurança | <input type="checkbox"/> educação | <input type="checkbox"/> rádio |
| <input type="checkbox"/> amigos | <input type="checkbox"/> navalha | <input type="checkbox"/> alimento |
| <input type="checkbox"/> aspirador | <input type="checkbox"/> emprego | <input type="checkbox"/> abrigo |
| <input type="checkbox"/> fé | <input type="checkbox"/> telefone | <input type="checkbox"/> bicicleta |
| <input type="checkbox"/> remédio | <input type="checkbox"/> livros | <input type="checkbox"/> verdade |
| <input type="checkbox"/> estéreo | <input type="checkbox"/> Bíblia | <input type="checkbox"/> jóias |
| <input type="checkbox"/> fotografias | <input type="checkbox"/> secretária | <input type="checkbox"/> lápis |

Agora, concentra-te nas três coisas que te pareçam serem mais importantes, que achas indispensáveis ter, e tenta dizer, em poucas linhas, o que significa para ti ser cada uma delas.

Anota aqui as três coisas mais importantes que gostarias de ter e a razão da tua escolha:

1. _____

2. _____

3. _____

DOCUMENTO 3.1**A JUSTIÇA E A VERDADE NA BÍBLIA**

| | Jer 9, 1-5.9 | Mt 21, 28-31 | Mt 7, 1-5 | Mt 23, 25-26 |
|---|---------------------|---------------------|------------------|---------------------|
| Qual a mensagem central do texto? | | | | |
| Parece-te muito difícil de concretizar na vida do dia a dia? | | | | |
| Escreve situações concretas da tua vida nas quais podes exercitar estes ensinamentos. | | | | |

DOCUMENTO 3.2**A JUSTIÇA E A VERDADE NA BÍBLIA**

| | Jer 9, 1-5.9 | Mt 7, 1-5 |
|---|---------------------|------------------|
| Qual a mensagem central do texto? | | |
| Parece-te muito difícil de concretizar na vida do dia a dia? | | |
| Escreve situações concretas da tua vida nas quais podes exercitar estes ensinamentos. | | |

DOCUMENTO 4

RENUNCIAR À MENTIRA PARA VIVER NA VERDADE

| | |
|------------------|--|
| MENTIRA | Contradição consciente entre as palavras que proferimos e o que pensamos. |
| DIFAMAÇÃO | Publicação das faltas ocultas do próximo, prejudicando o seu bom nome. |
| MALEDICÊNCIA | Gosto de dizer mal de tudo e de todos como se os outros tivessem todos os defeitos. |
| JULGAMENTO FÁCIL | Crítica fácil que leva a classificar os outros levemente, sem motivos suficientes. |
| INSINUAÇÃO | Forma refinada de pôr em cheque a fama (bom nome) dos outros, através de meias verdades ou meias mentiras. |
| CALÚNIA | Difamação dos outros através de mentiras inventadas para os prejudicar. |
| HIPOCRISIA | Desejo de parecer melhor do que se é na realidade. |
| FALSO TESTEMUNHO | Calúnia pública perante um tribunal. |

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

FILMES

- **O Carteiro de Pablo Neruda**, de Michael Radford, com Massimo Troisi, Philippe Noiret e Maria Grazia Cucinotta.
- **Ridicule**, de Patrice Leconte (1996), com Fanny Ardant, Jean Rochefort, Judith Godreche, Charles Berling, Comédia / Drama, distribuído por Miramax.
- **A lista de Schindler** (já proposto);
- **A vida é bela** (já proposto).

OUTRAS CANÇÕES

- Algumas do Repertório de Sérgio Godinho e de José Afonso.

ACTIVIDADES

- Fazer uma busca na Internet sobre "Ghandi";
- Escrever pequenos contos sobre a "verdade";
- Fazer um levantamento das "injustiças" locais (da paróquia ou freguesia);
- Redigir um "manifesto pela justiça";
- Investigar a pobreza no mundo e suas causas.

ESCOLHER A ESPERANÇA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Entre o passado e o futuro

A existência humana vive-se no hoje (presente), com raízes no ontem (passado), projectada num amanhã (futuro), que se sonha como eterno. Assim, diante dum mundo cheio de evasões e de fugas não se sabe bem para onde, não é mau cultivar a memória do passado, sobretudo quando se guarda como herança uma promessa. É bom sonhar o futuro, antecipá-lo. É bom esperar. Esta experiência nasce da alegria de esperar algo de imprevisível e radicalmente novo.

2. Deus – a fonte da esperança

Nenhum ser humano pode viver sem futuro. Menos ainda a Igreja, que vive na expectativa do Reino que chega e já está presente neste mundo. A fonte da esperança, para o mundo inteiro, é Cristo. E a Igreja é o canal pelo qual passa e se difunde a onda de graça que brotou do Coração trespassado do Redentor.

Jesus Cristo é a nossa esperança, porque Ele, o Verbo eterno de Deus que está desde sempre no seio do Pai (cf *Jó 1, 18*), amou-nos até ao ponto de assumir a nossa natureza humana, tornando-Se participante da nossa vida, para nos salvar. A confissão desta verdade encontra-se mesmo no âmago da nossa fé.

Jesus Cristo é a nossa esperança, porque *Ele revela o mistério da Santíssima Trindade*. Este constitui o centro da fé cristã. Neste centro, deve assentar a edificação de estruturas que, inspirando-se nos grandes valores evangélicos promovam a vida, a história e a cultura (cf *A Igreja na Europa, 18 - 22*). Na vida da Igreja, há *sinais indicadores de esperança, tais como: os mártires, a santidade de muitos homens e mulheres do nosso tempo, a paróquia e os movimentos eclesiais que ajudam os cristãos a viverem mais radicalmente segundo o Evangelho, as diversas vocações e as novas formas de consagração, sobretudo a vocação dos leigos, e os progressos do caminho ecuménico*.

Estes sinais, aliados à confissão da fé em Cristo, desafiam-nos a "mostrar" a alegria de crer e a desenvolver atitudes de jubilosa esperança enquanto esperamos a vinda gloriosa do Senhor.

A esperança é uma virtude teologal, ou seja, é um dom de Deus a que corresponde a tarefa do homem. A esperança, a par da fé e da caridade, é uma das notas distintivas e absolutamente típicas da identidade do cristão, enquanto ser em Cristo.

3. A esperança, luz da história

A nossa esperança manifesta-se na luta de cada dia pela paz e pela justiça, no combate contra o poder da morte e o egoísmo, presentes no coração do homem e instalados em muitas estruturas do nosso mundo. Porque esperamos, vigiamos e trabalhamos, a esperança é o motor da vida e da história.

OBJECTIVOS

- Descobrir os sinais de ofuscamento da esperança presentes no nosso mundo;
- Compreender que a esperança é algo conatural ao ser cristão e à vivência da fé;
- Tomar consciência que a esperança se funda na fidelidade a Jesus Cristo e se vive em contexto eclesial;
- Assumir o compromisso de anunciar e celebrar a esperança.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Precise-se bem o que se entende por esperança, do ponto de vista humano e das experiências quotidianas. Será este trabalho que possibilitará que se fale da esperança cristã como uma esperança distinta, porque assente, não numa simples aspiração humana, mas na pessoa de Jesus Cristo.
2. Na interiorização, saliente-se bem as quatro realidades que, na perspectiva de fé, são como que "os frutos da esperança": 1) A CONFIANÇA; 2) A EXPECTATIVA; 3) A PACIÊNCIA; 4) O COMPROMISSO.
3. Releve-se também o quadro apresentado como compromisso; que a escolha proposta a cada um seja previamente discutida em grupo de modo a ser o mais consciente e comprometida possível.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópia dos Documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um.

MÚSICAS

- Creio em Jesus;
- O Senhor é meu pastor.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1º Encontro - A ALEGRIA DE ESPERAR

Começar o encontro com o cântico "Creio em Jesus".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª

Alternativa

1. *O catequista pode apresentar esta história ou o filme do material de apoio que a retrata.*

Há muitos, muitos anos, um tambor percorria as ruas daquela cidade gritando: "Comecemos uma vida nova! Vamos para outro país! Os cidadãos daquela cidade, preocupados, decidiram meter o tambor na prisão, a pão e água. Mas, na manhã seguinte, as pessoas ouviram de novo o tambor nas ruas. E assim todas as manhãs. Um dia, eram já muitos os que percorriam com os seus tambores as ruas da cidade gritando: "Comecemos uma vida nova! Vamos para outro país! Em todas as casas ressoava o seu grito.

Um Domingo, abriram a porta da grande muralha e puseram-se a caminho, para começar uma vida nova. Todos levavam no bolso um punhado de trigo. Na primeira cidade a que chegaram disseram-

-lhes que não havia lugar, mas, quando se iam embora, pelas colinas, quatrocentos homens dessa cidade seguiram-nos com os seus tambores. Depois de seis semanas encontraram terra dura. Andaram muitas semanas sobre montanhas de pedra. Chegaram a um vale onde não havia nenhuma árvore. Então os tambores gritaram: construíamos cabanas e semeamos o trigo. Mas não havia água. Os tambores sentaram-se no chão e estavam tristes... foram para outro lugar, onde a chuva caía e o trigo cresceu. Alguns disseram: "Que ninguém passe fome, alegremo-nos, bailemos e cantemos". Um gritou em sonhos: "Aqui não cresce nenhuma flor!". Outro disse: "Aqui não canta nenhum pássaro! Uma vez mais todos se puseram em marcha"...

Chegaram a uma terra cheia de ouro. Comiam em pratos de ouro, com talheres de ouro... e como todos queriam ser reis não havia ninguém para cultivar os campos... e veio a fome... até que uma manhã alguém atirou o seu ouro ao rio, tocou o tambor e gritou: "Em pé, irmãos, isto já não é o paraíso, melhor é viver em farrapos que estar morto em tumbas de ouro". E de novo se puseram todos em marcha...

Entretanto, tinham-se esquecido que a terra é redonda. Um dia apareceu diante deles uma cidade maravilhosa, com a sua muralha e a sua bonita catedral. Perguntaram: "Podemos entrar?". As sentinelas responderam: "Podem entrar os comerciantes e os agricultores; não há lugar para os avarentos e para os tambores". Então, pela primeira vez, os tambores voltaram para trás. Os guardas desfaziam-se de riso. Um deles disse: "Há uma lenda na nossa cidade que conta que há muitos anos atrás uns homens saíram pela muralha em busca duma nova vida. Todos levavam tambores iguais a esses... Ah! Ah! Ah!".

Entretanto os tambores tinham desaparecido por detrás das colinas e nunca mais se voltou a saber nada acerca deles. Mas a mais jovem das sentinelas esteve um bom bocado seguindo com o olhar o caminho por onde seguiram. Na manhã seguinte, pegou num tambor e percorreu as ruas da cidade gritando: "Começemos uma vida nova! Vamos para outro país"...

Reiner Zimnik, *Los tambores*.

Terminada a leitura da história (ou o filme) podem levantar-se as seguintes questões que serão respondidas em pequenos grupos de trabalho (cada grupo pode analisar uma das questões). A resposta pode ser dada elaborando um cartaz com as ideias fundamentais a destacar.

- 1) Tem utilidade alguma esperar o que quer que seja? Não voltamos sempre ao mesmo sítio? A vida é um estar sempre a dar voltas sobre si mesmo?
- 2) Na história, o tambor é um chamamento à esperança ou à espera activa? Metemos o tambor na prisão? Ouvem-se tambores nas nossas ruas? Ou aumentam os decibéis dos altifalantes publicitários para calar a voz do tambor?
- 3) A esperança é uma ilusão, uma maneira de nos enganarmos a nós próprios? Pode-se viver sem esperança? A esperança tem algo a ver com a fé e com o amor?

No plenário, cada grupo apresenta o seu cartaz, explicando-o e ilustrando o fundamental que se discutiu e reflectiu no grupo.

2º

Alternativa

Se o grupo não for muito numeroso, o catequista distribuirá um artigo do "Manifesto da Esperança" a cada catequizando. Todos juntos farão a proclamação do mesmo a modo de jogral (Doc. 1).

No fim da leitura, pedirá a cada um que medite nele durante 5 minutos e que a seguir o reescreva a partir da sua realidade, dos seus sonhos e projectos e com a sua maneira de dizer (durante 15 minutos).

2. *Seguir-se-á um momento de partilha em que cada um lerá a sua versão do artigo do manifesto da esperança e justificará o seu texto.*

O catequista pode ajudar, lançando para o debate as seguintes questões:

- Qual a ideia de esperança comum ao nosso grupo?
- Qual o objecto da nossa esperança? Apenas um mundo melhor?
- A esperança faz parte da nossa vida?
- A esperança é apenas uma ilusão ou é algo mais?

3. (*Síntese comum às duas alternativas*): O Dicionário define a esperança assim: "confiança de alcançar alguma coisa, confiança de que a coisa desejada se realize". Do verbo esperar diz-se isto: "desejar ardentemente o que não se tem quando se capta a possibilidade de chegar a atingi-lo".

O "não ter" pode ser uma forma de arranque para esperar. Quem tem não espera. E quem não espera talvez não viva.

A esperança está muito enraizada na pessoa. O ser humano, normalmente, vive na esperança, ainda que muitas vezes esta esteja reduzida à expectativa de um futuro imediato melhor. A esperança arranca das primeiras experiências de confiança, nos primeiros momentos da vida. Quando a pessoa nasce, sente a sua pobreza e fragilidade e experimenta a ajuda e o cuidado dos que o rodeiam. Aí se situa a sua experiência primeira de confiança e aí nasce a sua vivência básica da esperança. O desespero aparece quando, por algum acontecimento, se deteriora aquela confiança básica, com a conseqüente frustração e desilusão.

A esperança está como que semeada no coração humano; é uma semente universal, é como o oxigénio que permite respirar.

A esperança é o respirar da vida humana; pertence ao seu ser: viver é esperar.

A esperança determina o nosso modo de pensar, de conhecer, de ser e de viver.

O encontro pode terminar assim:

a) Se se utilizou a alternativa 1, pode-se ler, ou simplesmente distribuir os seguintes textos:

PASSOS DA ESPERANÇA

Põe o ouvido no chão

E interpreta os rumores em volta.

Predominam

Passos inquietos e agitados,

Passos medrosos na sombra,

Passos de amargura e de revolta...

Nem começaram ainda

Os primeiros passos da esperança.

Cola mais o teu ouvido à terra.,

Prende a respiração.

Solta as antenas interiores

- O Mestre anda circulando.

É mais fácil que falte

Nas horas felizes

Do que nas duras horas

Dos passos incertos e difíceis.

D. Helder Câmara, In: +VIDA+

ESPERANÇA

A esperança anda semeada entre as pétalas que o florista
Descuidado foi deixando cair entre os abrolhos da estrada.
A esperança é tensão de vida por entre as lajes
Da calçada não percorrida há já muito.
A esperança é botão viçoso rebentando entre as cinzas
Do último incêndio do verão passado.
A esperança é o olhar do jovem...
Bem vestido ou mal trajado
Do campo, da escola ou da fábrica
Rapaz ou rapariga inclinado,
Para línguas ou para matemática
Coração-língua-de-mel ou intelectual dos que não pestanejam
Do que dança bem e do meio trôpego
Do todo "às nove horas" e do que fala sem palavras caras ...
do jovem que sabe amar a vida.

In Topas outra vez? SDPJC, Coimbra.

- b)** se se utilizou a alternativa 2, pode ler-se a versão do Manifesto da Esperança elaborado pelo grupo.

Podemos terminar com um excerto do salmo 16,

PARA INTERIORIZAR:

Digo ao Senhor:

Tu és o meu Deus, és o meu bem e nada existe acima de Ti.

Tenho sempre o Senhor diante dos meus olhos;

Com ele a meu lado, jamais vacilarei.

Por isso, o meu coração se alegra

E a minha alma exulta

E o meu corpo repousará em segurança (Sl 16, 2.8-9).

Pode cantar-se um cântico já sabido que este encontro nos tenha recordado.

2º Encontro - VIGILANTES

Pode começar-se o encontro com o cântico "O Senhor é meu pastor".

II. PALAVRA

1. *Findo o cântico, distribuir a cada um ou a cada pequeno grupo o Doc 2. O objectivo é que, a partir de citações da Bíblia, cada um ou cada pequeno grupo complete a frase apresentada. Dê-se 15 minutos para a realização deste trabalho.*

Terminado este trabalho, o catequista introduzirá o texto do Catecismo da Igreja Católica do seguinte modo:

A esperança, dentro da mensagem cristã, não é algo marginal, mas central; não é uma virtude passiva, mas activa. Não tem só uma projecção de futuro, mas vive-se no presente com raízes no passado, é memória e promessa.

O Catecismo da Igreja Católica oferece-nos um resumo bastante exacto sobre o sentido cristão da esperança. Proponho-vos que o escutemos.

Um dos catequizando pode ler do Catecismo da Igreja Católica (os outros podem acompanhar pelo seu catecismo):

"A virtude da esperança corresponde ao desejo de felicidade posto por Deus no coração de todo o homem; assume as esperanças que inspiram as actividades dos homens; purifica-as para as ordenar ao Reino dos céus; protege do desalento; sustém em todo o desfalecimento; dilata o coração na espera da bem-aventurança eterna. O impulso da esperança preserva do egoísmo e conduz ao exercício da caridade" (CIC 1818).

2. *O catequista diz:* Se continuássemos a leitura do Catecismo da Igreja Católica, veríamos como a esperança cristã recolhe e aperfeiçoa a esperança do povo de Israel, que tem o seu modelo na esperança de Abraão. E, como é lógico, relaciona-a com a mensagem e a vida de Cristo. Na verdade, a razão e o suporte da esperança cristã está em **Jesus Cristo: Ele é a nossa esperança:**

- porque Ele amou-nos até ao ponto de assumir a nossa natureza humana tornando-se **participante da nossa vida para nos salvar;**
- porque **revela o mistério da Santíssima Trindade** como centro da fé cristã e como fonte de autêntica esperança;
- porque **dá a vida eterna** e mostra que o verdadeiro sentido da vida não está confinado ao horizonte terreno, mas abre-se para a eternidade;
- porque está presente, **vive e actua na Igreja;**
- porque está presente **na vida de cada um** e na sua história;
- porque cuida de cada um de nós, oferecendo-nos o seu amor e a sua graça (*cf João Paulo II, A Igreja na Europa, 20-22*).

Assim, proponho que procuremos descobrir qual a possível relação entre as afirmações do Catecismo da Igreja Católica e as citações que completámos no início. Podemos (*individualmente ou em grupo*) preencher a grelha que se segue?

JESUS CRISTO É A NOSSA ESPERANÇA

| CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (nº 1818 - 1820) | CITAÇÕES DA BÍBLIA |
|---|--------------------|
| Desejo de felicidade posto por Deus no coração de todo o homem; | |
| Assume as esperanças que inspiram as actividades dos homens; | |
| Purifica-as para as ordenar ao Reino dos céus; | |
| Sustém em todo o desfalecimento; | |
| Dilata o coração na espera da bem-aventurança eterna; | |
| Preserva do egoísmo; | |
| Conduz ao exercício da caridade. | |

Este quadro ajuda-nos a perceber que a esperança de que nos fala a Sagrada Escritura não é algo utópico, inalcançável, mas esta esperança tem um rosto: Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, ela faz parte da nossa vida, é mesmo indispensável.

A esperança em Cristo inclui quatro realidades fundamentais:

- 1) A CONFIANÇA** – A esperança cristã é basicamente confiança no Deus das promessas realizadas em Jesus Cristo;
- 2) A EXPECTATIVA** – Espera-se ardentemente, como salvação e libertação, a vinda sempre nova de Alguém: Jesus Cristo;
- 3) A PACIÊNCIA** – A esperança não esconde o poder do mal; quem espera sofre; mas a paciência não é passividade nem fatalismo; é espera serena;
- 4) O COMPROMISSO** – A esperança cristã inclui também o compromisso de lutar por um mundo melhor.

3. A esperança cristã nada tem a ver com a atitude de cruzar os braços e esperar que os problemas se resolvam. O cristão não pode dizer: "não me importa este mundo, eu espero outra coisa; espero que tudo isto acabe para que comece o Reino de Deus".

- Como vivemos nós, no nosso dia a dia, a esperança?
- Em quem colocamos as nossas esperanças e sonhos? Em Jesus Cristo ou nas coisas do mundo?
- A esperança é para nós resignação ou optimismo e espera activa de libertação e acção de Deus?
- Apesar do mal e dos sofrimentos, espero um mundo melhor? Acredito que a última palavra será de Deus?
- Como trabalho pela esperança?

De entre as figuras bíblicas que fizeram da esperança o seu "pão de cada dia", destaca-se Maria, mãe de Jesus e nossa mãe, (*que tanto recordamos no mês de Maio*) e que podemos invocar como Senhora da Esperança.

Ela é, para nós, um modelo de como viver a esperança cristã.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Porque queremos cultivar em nós a esperança como virtude teologal, isto é, como virtude sem a qual a nossa identidade cristã fica desfigurada, vamos proclamar um jogral (ver catecismo) com expressões dos salmos que falam da esperança. Maria rezou muitas vezes os salmos, já que eles eram e continuam a ser orações do Povo de Deus.

Em união com ela, a Senhora da Esperança, digamos:

(Pode colocar-se uma música de fundo)

OS SALMOS DA ESPERANÇA

1. O Senhor será o refúgio do oprimido (SI 9, 10).
2. Guarda-me como à menina dos teus olhos (SI 16, 8).
3. Senhor, tu és a minha lâmpada, alumias as minhas trevas (SI 17, 29).
4. Deus meu, esperança de Israel (SI 21, 4).
5. Senhor, a tua ternura e a tua misericórdia são eternas (SI 24,6).

Refrão: O Senhor fez em mim maravilhas, santo é o seu nome.

1. O Senhor é a minha luz e salvação (SI 26,1).
2. Senhor, defendes o débil do poderoso, o pobre e o humilde do explorador (SI 34,10).
3. Em ti está a fonte viva (SI 35, 10).
4. Confia no Senhor e seja Ele a tua delícia (SI 36, 3-4).
5. Se tropeçar não cairá, porque o Senhor tem-no na mão (SI 36, 24).

Refrão: O Senhor fez em mim maravilhas, santo é o seu nome.

1. Tu és o meu auxílio e a minha libertação (SI 39, 18).
2. A minha alma procura-te, tem sede de Deus, do Deus vivo (SI 41, 2-3).
3. Ele é a minha rocha e salvação, não vacilarei (SI 61,3).
4. Descansa só em Deus, alma minha, porque Ele é a minha esperança (SI 61,6).
5. Dá-me um sinal favorável, Senhor, porque Tu me ajudas e me consolas (SI 85, 17).

Refrão: O Senhor fez em mim maravilhas, santo é o seu nome.

1. O Senhor é compassivo e misericordioso (SI 102, 8).
2. Como um pai é terno para com os seus filhos, assim o Senhor é terno para os seus fiéis (SI 102, 13).
3. A tua promessa é mais doce ao paladar que o mel na boca (SI 118, 103).
4. Como uma criança ao colo da mãe (SI 130, 3).
5. Tu és o meu refúgio e o meu lote no país da vida (SI 141, 6).

Todos – Os olhos de todos aguardam a tua vinda (SI 144,15).

Refrão: O Senhor fez em mim maravilhas, santo é o seu nome.

Adaptado de DEMETRIO GONZÁLEZ CORDERO... -*Qué es... La Esperanza.*

2. Creio que podemos fazer a síntese deste nossa reflexão sobre a esperança:

a) Com as palavras de um teólogo:

"O Cristianismo... é esperança, perspectiva e orientação para diante e também, por si mesmo, abertura e transformação do presente.

(A esperança) Não é algo ao lado do cristianismo, mas é simplesmente, o centro da fé cristã, o tom com que tudo se harmoniza nela, a cor da aurora de um novo dia esperado, com com a qual tudo aqui está banhado"

J. Moltmann - *Teologia de la Esperanza*.

b) Recordando o essencial do que descobrimos sobre a esperança, a partir do Catecismo da Igreja Católica, procuremos

Para guardar na memória e no coração

"A virtude da esperança responde ao desejo da felicidade...; protege contra o desânimo; sustenta no abatimento; dilata o coração na expectativa da bem-aventurança eterna".

(CIC 1818).

3. Nós fazemos a experiência de que Jesus Cristo é a nossa esperança. A esperança é uma escolha decidida, que nos enche de sentido.

Queremos dizer aos outros a nossa esperança e alegria de viver? Vamos anunciar o evangelho da esperança.

Em jeito de compromisso de vida para esta semana e a partir do quadro que está no nosso catecismo, cada um escolha apenas um modo de anunciar o Evangelho da Esperança que tenha a ver consigo mesmo e com a sua experiência de vida. Será bom que a frase escolhida se consiga traduzir em gestos concretos.

COMPROMISSO COM O ANÚNCIO DO EVANGELHO DA ESPERANÇA

| | |
|--|--|
| PROCLAMAR Jesus e a fé nele, em todas as circunstâncias; | |
| ATRAIR os outros à fé, adoptando modos de vida pessoal, familiar, profissional e comunitária conformes ao evangelho; | |
| IRRADIAR alegria, amor e esperança ao seu redor, para que muitos, vendo as nossas boas obras, glorifiquem o Pai que está nos Céus (Cf Mt 5, 16); | |
| TORNAR-SE FERMENTO que transforma e anima, a partir de dentro, toda a expressão cultural. | |

(João Paulo II, *A Igreja na Europa* nº 48)

DOCUMENTO 1

MANIFESTO DA ESPERANÇA

(Este Manifesto deve ser apresentado de forma criativa, quer seja lido, encenado, ilustrado ou de qualquer outra forma).

Preâmbulo

A partir deste instante e em toda a terra, com a força que me vem de Cristo e com a minha juventude, decido proclamar, com todas as forças, que aqui reina a esperança.

Artigo 1

Neste reino, o sol nunca se porá. Será sempre amanhecer. Viveremos na manhã para sempre. Enterraremos as trevas para sempre.

Artigo 2

A partir deste momento, fica abolido o uso do dinheiro, os dólares, os euros, a bolsa e a banca, porque neles vive aninhado o vírus do desespero e da ruína.

Artigo 3

De agora em diante, eliminaremos, das nossas terras e casas, a mentira e a maledicência, porque está provado que são as mentiras que matam a esperança nos corações.

Artigo 4

Neste reino, todos têm direito e todos os dias receberão o pão necessário e um camião carregado de carinho, ternura e amor. Porque aí está a raiz da esperança.

Artigo 5

Os quatro cavaleiros da liberdade, da igualdade, da fraternidade e da solidariedade levarão a esperança a todos os cantos da nossa terra.

Artigo 6

Hoje será o dia da esperança. E este ano será o ano da esperança. E este milénio será conhecido como o milénio da esperança. E a primeira criança que nascer chamar-se-á Esperança.

Artigo 7

Recomenda-se a todos que semeiem a esperança, que cultivem a esperança, que colham a esperança às mãos cheias.

Artigo 8

Será obrigatória em todas as escolas e universidades a disciplina da esperança. Não pode haver catequese sem que se fale da esperança. E nas escolas de condução far-se-á ver que a esperança é o essencial no Código da Estrada.

Artigo 9

Nas primeiras páginas dos jornais, deverá estar presente a esperança. E a esperança dará na televisão e nos anúncios publicitários, mas sem abusar, para não cansar.

Artigo 10

Todos têm direito a viver numa rua, numa praça, num bairro, numa aldeia ou numa cidade que se chame esperança.

Adaptado de DEMETRIO GONZÁLEZ CORDERO... -Qué es... La Esperanza.

DOCUMENTO 2

FRASES PARA COMPLETAR

I

... sede alegres na esperança... **Romanos 12, 12**

... aguardando a bem-aventurada esperança... **Tito 2, 13**

... a fim de que a vossa fé e a vossa esperança estejam postas em Deus... **1ª Pedro 1, 21**

II

... não serão confundidos os que confiam em mim... **Isaías 49, 23**

... foi com uma esperança, para além do que se podia esperar.. **Romanos 4, 18**

... e deste a teus filhos uma boa esperança... **Sabedoria 12, 19**

III

... tristes como os outros que não têm esperança... **1ª Tessalonicenses 4, 13**

... por isso, mantenho a esperança... **Lamentações 3, 21**

... dar a razão da vossa esperança... **1ª Pedro 3, 15**

Adaptado de DEMETRIO GONZÁLEZ CORDERO ... -Qué es... La Esperanza.

IV – PROPOSTAS ENTRE-CATEQUESES

FILME

- **Billy Elliot**, de Stephen Daldry, com Jamie Bell, Gary Lewis, Julie Walters e Jamie Draven, ano 2000, Universal Studios e Universal Focus, Inglaterra, Drama, 1,51 Min.

DIAPORAMAS

- A Sentinela (Telos Editora);

ATIVIDADES

- Fazer um levantamento de todos os sinais de esperança existentes no nosso mundo;
- Recolher todas as canções que falem da esperança e promover um disco-forum aberto à comunidade paroquial.

CONTO

- “Não há longe nem distância”, de Richard Bach.

CREIO NA VIDA ETERNA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O tema do além comercializou-se

Hoje, muitos cristãos afirmam não acreditar na Ressurreição, sem aferir da incongruência de tal afirmação. Outros dizem acreditar na reencarnação sem encontrar nisso qualquer incompatibilidade com a fé cristã.

Entretanto e apesar destas posturas, nunca tanto como hoje se falou de 'espíritos' e 'almas do outro mundo', de 'espiritismos' e contactos com o além. Talvez nunca como hoje o 'além', a 'vida depois da morte' foi tão exposta, explorada e vendida como solução para as fobias e enfermidades do presente.

Num contexto assim, importa precisar com clareza em que consiste a esperança cristã; o que entendemos e como vivemos a vida eterna e a reflexão que fazemos acerca de assuntos relacionados, como o céu, o inferno, o purgatório e o juízo final.

2. Jesus ressuscitado é a porta para a eternidade

Para os crentes, Jesus Cristo é a esperança da humanidade, porque *dá a vida eterna*. Ele é «o Verbo da vida» (1 Jo 1, 1), que veio ao mundo para que os homens «tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10). Deste modo, Ele mostra-nos como o verdadeiro sentido da vida do homem não está confinado ao horizonte terreno, mas se abre para a eternidade. É missão da Igreja ter em conta a sede de verdade das pessoas e a necessidade de valores autênticos. Com renovada energia, ela deve propor a novidade que a anima. É necessário que os crentes saibam devolver à esperança a sua fundamental componente escatológica, isto é, a componente de futuro feliz a que todos estamos chamados e que designamos por "vida eterna". De facto, a verdadeira esperança cristã é teologal e escatológica, fundada sobre Jesus ressuscitado, que de novo há-de vir como Redentor e Juiz e nos chama à ressurreição e ao prémio eterno.

O céu, o inferno, o purgatório não são lugares geográficos, temporais ou espaciais, mas são lugares teológicos, isto é, lugares de comunhão e de comunicação com Deus (céu) ou, fruto de uma escolha livre, de não comunhão e não comunicação com Deus (inferno). A comunhão e intimidade com Deus (o ver 'face a face', segundo o cap.13, da 1ª Carta aos Coríntios) exige uma purificação de tudo o que impeça esta intimidade vital com Deus (purgatório). Este processo de aceder à comunhão (ou não) com Deus exige uma instância de juízo misericordioso, que coloca cada pessoa diante das suas opções.

3. Pelo Baptismo já ressuscitámos com Cristo

A Ressurreição é o centro da nossa fé. Não teria sentido professar, celebrar, viver e rezar a fé, se Jesus Cristo não tivesse ressuscitado e não permanecesse vivo no meio de nós.

Nós, os que acreditamos na vida eterna, professamos que vimos de Deus Pai e para Ele voltamos, seguindo Jesus Cristo, ajudados pela graça do Espírito Santo, no Seu amor. A ressurreição de Cristo é uma promessa que nos faz caminhar seguros na fé, como se víssemos o invisível.

Esta fé na ressurreição e confiança na presença de Cristo faz-nos viver de modo novo, isto é, como gente (já) ressuscitada, porque, pelo baptismo, enxertada em Cristo vivo e ressuscitado. Este novo modo de viver caracteriza-se pela certeza de que o nada, o mal, a violência não terão a última palavra, e por conseguinte, vale a pena viver segundo o projecto de Jesus e a vida nova recebida no Baptismo.

OBJECTIVOS

- Descobrir o valor e significado dos "novíssimos";
- Compreender que a fé na Ressurreição é o coração da fé cristã;
- Acolher a salvação de Deus e preparar-se, durante a vida, para a viver em plenitude.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Este tema toca um aspecto essencial da fé cristã. Deve ser realizado com muita serenidade de modo a que não persistam confusões e se ajude a clarificar aspectos duvidosos.
2. O catequista terá de ter em conta o ambiente cultural actual que não faz grande distinção entre ressurreição e encarnação e que tende a conduzir a uma fé fraca na vida depois da morte.
3. Assim, deve ficar claro que a ressurreição de Cristo é uma das principais afirmações do credo cristão e é também a grande luz que ilumina a vida presente e futura. *(Se necessário, o catequista deve pedir ajuda ao pároco ou a algum catequista mais experiente).*

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Cópias dos Documentos a usar;
- Folhas de papel;
- Canetas ou lápis para cada um.

MÚSICAS

- Momentos;
- Vida Nova.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

1º Encontro - A AVENTURA DA VIDA ETERNA

O encontro pode começar com o cântico "Momentos".

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Depois do cântico pode ler-se ou projectar-se a "parábola" que se segue:*

O JARDINEIRO E O ANJO

Era uma vez um santo que tivera uma vida longa e feliz. Um dia veio visitá-lo um anjo do Senhor, que o encontrou na cozinha do mosteiro a esfregar panelas e sertãs.

- Deus enviou-me – disse. – Chegou a hora de te levar para a vida eterna.

O bom homem respondeu:

- Agradeço ao Todo-poderoso a sua bondade mas, como estás a ver, não posso deixar todos estes pratos sujos. Não me quero mostrar ingrato, mas não seria possível adiar a minha viagem para o outro mundo, para quando acabar esta tarefa?

O anjo fitou-o com ar bondoso.

- Veremos o que se pode arranjar – disse. E desapareceu.

O santo continuou atarefado com os seus muitos afazeres.

Um dia em que andava a sarchar no quintal, o mensageiro de Deus apareceu-lhe novamente. O virtuoso varão apontou-lhe, com a enxada, os sulcos semeados.

- Olha quanta erva tenho de arrancar – disse. Não achas que havíamos de diferir ainda um pouco a viagem para a eternidade?

E sorrindo novamente, o anjo desapareceu.

O santo continuou a trabalhar com a enxada e o trigo foi ficando loiro. Entre uma e outra tarefa, o tempo foi passando até que um dia o incansável monge andava no hospital a atender os doentes. Acabava de levar água para dar de beber a um deles, que estava com febre e, ao erguer os olhos, viu novamente o anjo do Senhor.

Desta vez o santo limitou-se a abrir os braços num gesto de resignação. Com o olhar, indicou ao anjo a sala onde tanta gente sofria. Sem dizer palavra, o anjo sumiu-se.

Mas naquela noite, ao voltar para a cela do mosteiro, o bom homem sentiu-se velho e cansado. Então exclamou:

- Senhor, se quiseres mandar-me agora o teu mensageiro, já estou disposto a recebê-lo.

Mal acabou de dizer isto, o anjo apareceu-lhe outra vez.

- Se me quiseres levar – declarou o santo – estou pronto para fixar no céu a minha morada.

Então, olhando para o santo com ares entendidos, o anjo respondeu:

- Fixar no céu a tua morada? E onde pensas que tens estado até agora?

- 2.** *Terminada a projecção (ou leitura da parábola), fazer uma chuva de ideias em que se procure encontrar respostas para estas duas questões: 1) Que pensam as pessoas que conhecemos sobre a vida eterna? 2) E nós, que pensamos da vida eterna? À medida que forem sendo apresentadas as ideias ou palavras-chave, o catequista ou algum catequizando vai fazendo o seu registo em quadro visível por todos.*

Quando não houver mais ideias novas ou relevantes a partilhar, o catequista apresentará 3 imagens (fotos ou cartazes ou outra alternativa) relativas ao céu, ao inferno e ao purgatório, respectivamente, e pedirá aos adolescentes que transfiram (escrevendo) as palavras da chuva de ideias para junto da imagem que lhes pareça mais ajustada.

- 3.** As realidades últimas colocam-nos sempre diante do problema do sentido da vida. Por quê e para quê trabalhamos, lutamos e sofremos? A morte aparece-nos sempre como uma fronteira, como um limite humano. E como todas as fronteiras, supõe uma passagem para uma outra realidade. "Que realidade?", perguntamos.

Sabemos que é uma vida de comunhão ou não comunhão com Deus. Se é comunhão, chamamos-lhe céu. Se é não comunhão, chamamos-lhe inferno.

Qualquer destas realidades implica um juízo, um julgamento diante de Deus misericordioso, mas tremendamente respeitador das nossas escolhas livres e conscientes.

A entrada na comunhão com Deus exige sempre um processo de purificação que designamos de purgatório.

O "como" de cada uma destas realidades é algo que não é muito relevante. Isto porque o essencial é a responsabilidade do ser humano diante de si mesmo, diante de Deus e dos outros.

No nosso próximo encontro, continuaremos esta aventura da vida eterna aprofundando conceitos doutrinários em ordem a uma consciência mais clara do que queremos dizer quando professamos "Creio na vida eterna".

Podemos terminar lendo um texto significativo (*o catequista distribui uma pagela com o poema impresso*):

O ENCONTRO

Tantas palavras, tantas!
E no final, estou certo,
Vai tudo ser bem simples

Como um abrir de porta:
Olá, filho!, um sorriso:
Viva, Pai!

Entra, entra.
E começar
A festa.

LOPES MORGADO - Ao encontro do Sol.

Pode ainda cantar-se ou simplesmente declamar-se o texto da canção (dirigida a Jesus ressuscitado) que se segue,

PARA INTERIORIZAR:

Onde tu estás, torna a vida.
Por onde passas, floresce o deserto.
O teu olhar faz brilhar o céu
E, ao coração, volta a paz.
Onde Tu estás...

2º Encontro - O SENTIDO DE MORRER E VIVER EM CRISTO

II. PALAVRA

1. (e 2) Quando proclamamos o Credo, dizemos "*espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há-de vir*". Esta esperança, sem a qual o homem não pode viver, é muito mais que simples optimismo: é a certeza teológica de que a monotonia da vida diária, a desigualdade e injustiça do mundo, a realidade do mal e do sofrimento não serão a última e definitiva palavra. Darão lugar a uma palavra de consolação e de alegria, de felicidade e plenitude de vida com Deus.

Vamos hoje meditar alguns textos bíblicos para avaliarmos as consequências da nossa profissão de fé na vida eterna:

Cada um dos pontos que se segue, pode ser trabalhado assim: o catequista enuncia o tema (dizendo ou afixando-o – por ex: "A morte em perspectiva cristã"), tece algumas considerações sobre o mesmo e, a terminar, convida um catequizando a ler o texto respectivo (distribuído previamente). Convém que as considerações ao tema sejam breves e claras. Podem ser devidamente ilustradas.

I. MORTE E RESSURREIÇÃO

A morte em perspectiva cristã

A morte, numa perspectiva cristã, é muito mais que a morte física ou biológica.

Vida e morte implicam-se e compenetram-se mutuamente. Quando se oculta ou silencia a morte fazendo dela um tabu, ataca-se e esconde-se o cerne da vida humana autêntica.

À Bíblia, não importa a vida e a morte biológica, mas a experiência pessoal e concreta que o homem faz da morte – a morte como ruptura desoladora e absurda, a morte dolorosa e terrível, contra a qual se revolta a vontade de viver do homem. *Esta* é a morte que Deus não quis e não quer.

Em Jesus Cristo, a morte readquire um novo significado. Jesus venceu o poder da morte. Assim, para quem segue Jesus, a morte é passagem – Páscoa – da morte para a vida. Essa passagem pode ser vivida como a realização do desígnio amoroso de Deus. Neste contexto e num sentido muito profundo, a morte e a vida constituem um todo.

A união com Deus é a única realidade que a morte não pode destruir. Em nenhum lugar, se descreve em concreto *o como (tudo acontecerá)*, apenas se afirma que a vida eterna é o próprio Deus e o amor eterno que Ele nos dá.

O Novo Testamento afirma que Deus não é Deus de mortos, mas de vivos (cf Mc 12, 27; Lc 20,38). A vida de Deus apareceu definitivamente em Jesus Cristo. Ele mesmo é a ressurreição e a vida (cf Jo 11, 25; 14, 6). No Evangelho de João, Jesus promete-nos que estaremos no lugar onde Ele está (cf Jo 14, 3). Em S. Paulo, a vida eterna com Deus é a esperança de viver com Cristo para sempre (cf Fl 1, 23). Segundo o Novo Testamento, a vida eterna é viver definitiva e plenamente em Cristo, por Cristo e com Cristo no Pai.

Um catequizando proclama Rm 14, 8-9:

“Se vivemos, vivemos para o Senhor, e se morremos, morremos para o Senhor. Assim, pois, quer vivamos quer morramos, somos do Senhor, pois para isso Cristo morreu e voltou à vida para se constituir como Senhor da vida e da morte”.

O fundamento e critério da nossa esperança

O centro da fé, a convicção fundamental é que Jesus Cristo foi o primeiro a quem Deus ressuscitou de entre os mortos. O fundamento e o critério permanente da nossa esperança é, por conseguinte, a ressurreição de Jesus Cristo. Tudo o que, como cristãos, podemos dizer sobre a nossa ressurreição para a vida eterna não é senão o desenvolvimento e prolongamento da afirmação fundamental da nossa fé sobre Jesus Cristo, a sua ressurreição e a sua ascensão. Quer dizer, pela fé e pelo baptismo, unimo-nos a Jesus Cristo e à sua morte e, por esta razão, podemos esperar unirmo-nos no futuro à sua gloriosa ressurreição.

Isto mesmo nos é transmitido por S. Paulo, na sua 1ª Carta aos Coríntios:

Um adolescente proclama 1 Cor 15, 13-14; 18-23.26:

“Se Cristo não ressuscitou é vã a nossa pregação e vã a nossa fé... E também aqueles que morreram em Cristo pereceram.

Se só nesta vida esperamos em Cristo, somos os mais miseráveis de todos os homens.

Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque assim como todos morrem em Adão, assim também em Cristo todos serão vivificados...

O último inimigo a ser destruído será a morte”.

O juízo final

No fim, manifestar-se-á que Jesus Cristo é, desde o princípio, o fundamento e o centro que dá sentido a toda a realidade e à história inteira; é o alfa e o ómega, o primeiro e o último, o começo e o fim.

Como Jesus Cristo é a norma original e definitiva, no fim todas as coisas serão medidas por Ele e n'Ele. Ele foi constituído por Deus *juiz dos vivos e dos mortos* (cf Act 10, 42). Este juízo do último dia significa que, no fim dos tempos, se evidenciará a verdade definitiva sobre Deus e os homens, a verdade que é Jesus Cristo em pessoa.

A vinda do Senhor e o juízo final são também uma exortação à conversão e ao seguimento de Cristo aqui e agora. São um apelo ao compromisso neste mundo e uma prevenção contra qualquer falso salvador. E dizem-nos que só Deus é o Senhor da história, por Jesus Cristo e no Espírito Santo.

Um catequizando proclama Gaudium et Spes, nº 45:

"O próprio Verbo de Deus, por quem tudo foi feito, fez-se homem para, como homem perfeito, salvar todos e tudo recapitular. O Senhor é o fim da história humana, o ponto para onde tendem os desejos da história e da civilização, o centro do género humano, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações. Foi Ele que o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à Sua direita, estabelecendo-O juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e reunidos no Seu Espírito, caminhamos em direcção à consumação da história humana, a qual corresponde plenamente ao Seu desígnio de amor: "*Recapitular todas as coisas em Cristo, tanto as dos Céus como as da Terra*" (Ef 1, 10).

O próprio Senhor o diz: "*Eis que venho em breve, trazendo comigo a Minha recompensa, para dar a cada um segundo as suas obras. Eu sou o alfa e o ómega, o primeiro e o último, o começo e o fim*" (Ap 22, 12-13)".

II. A VIDA ETERNA

Depois do que até aqui dissemos e com todo o cuidado e prudência que o tema requer, teremos de responder às seguintes questões: "O que é o céu, o inferno e o purgatório?".

Divididos por grupos, vamos agora ler e analisar um texto que, a partir da Bíblia e da mensagem da Igreja, define e caracteriza cada uma destas realidades.

Distribuir os Documentos 1, 2, 3 e 4 e dar 20 minutos para a realização desse trabalho...

Depois desse primeiro trabalho de leitura e análise, proponho que escrevamos uma carta aberta a um colega nosso que não acredite na vida eterna. Temos naturalmente de ser claros e convincentes...

3. (*Findo o tempo, o catequista diz*): A história da Igreja está carregada de homens e mulheres que deram a sua vida até ao sangue – chamamos-lhe mártires – confiantes de que a morte não era a palavra última e definitiva, mas era apenas uma Páscoa, uma Passagem para a vida nova e eterna em Deus.

Podíamos citar aqui tantos (se for mártir pode lembrar-se o padroeiro da paróquia ou orago do lugar). Mas permiti que hoje vos fale de Inácio de Antioquia. Em Janeiro do ano 107, um grupo de soldados levava este bispo preso para Roma, onde devia ser morto pelo único motivo de ser cristão. Inácio escreve à comunidade de Roma uma carta em que professa a sua fé e esperança na vida eterna.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Quereis escutar esta carta?

Um catequizando pode ler:

"A vós, comunidade muito amada por Deus, eu desejo em Cristo a maior alegria.

Estou acorrentado por causa de Jesus e com grande desejo de vos conhecer, quando chegar a Roma.

Sei que serei imolado e estou feliz, pois vou ter a sorte de alcançar a Deus. A minha vida é como um radiante sol, a ocultar-se no poente, saindo deste mundo ao encontro do Senhor. Nele eu vou amanhecer.

Uma só coisa quero pedir ao vosso amor de irmãos: fortaleza para chegar até ao fim, sendo fiel a Jesus Cristo. Sou trigo de Deus, triturado pelos dentes das feras, a fim de ser apresentado como puro pão de Cristo. As feras são o meu sepulcro e não deixarão nada de mim. Desse modo, quando o mundo já não puder ver o meu corpo, então serei verdadeiramente discípulo de Cristo.

Irmãos queridos, ajudai-me a ser alimento das feras, pois é por elas que vou alcançar a Deus. Que o vosso amor por mim não me impeça de morrer por Cristo. Eu sou pouca coisa, mas, se morrer por Cristo serei livre e ressuscitarei com Cristo".

Convidar agora os catequizandos a lerem a carta aberta que escreveram.

No fim, se for oportuno, pode-se ler, em conjunto e alternadamente, o poema do Doc. 5 (que está no catecismo).

2. O que até aqui dissemos pode ser sintetizado assim:

"Vimos de Deus Pai e para Ele voltamos, seguindo Jesus Cristo, ajudados pela graça do Espírito Santo, no Seu amor. Assim, a vida eterna é:

- JUÍZO, porque a nossa identidade define-se em relação a Deus;
- PURIFICAÇÃO, porque Ele completa a nossa conversão e torna-nos dignos de si;
- RESSURREIÇÃO, porque leva o homem à perfeição em todas as suas dimensões;
- PERDIÇÃO para quem O recusa definitivamente;
- PARAÍSO, porque dá-se e dá toda a felicidade.

A sua promessa faz-nos caminhar seguros na fé, como se víssemos o invisível".

Para guardar na memória e no coração

"O cristão, que une a sua própria morte à de Jesus, encara a morte como uma chegada até junto d'Ele, como uma entrada na vida eterna" (CIC 1020).

3. Como viver e testemunhar a esperança na vida eterna no teu ambiente? Como é que a fé na vida eterna pode ser, para o cristão, motivo de empenhamento no bem e na construção dum mundo melhor?

Concluir cantando "Vida Nova".

DOCUMENTO 1

O CÉU

Na Sagrada Escritura, a vida eterna descreve-se por meio de muitas imagens: como banquete de bodas celestial, como vida, luz e paz. Estas imagens profundamente ricas e sugestivas querem afirmar a *união eterna do homem com Deus como um estado de felicidade perfeita e de realização total do desígnio de Deus*.

O Livro do Apocalipse descreve a bem-aventurança do céu com imagens muito sugestivas: "*Por isso, estão diante do trono de Deus e servem-no, noite e dia, no seu santuário e o que está sentado no trono abrigá-los-á na sua tenda. Nunca mais passarão fome nem sede; nem o sol nem o calor ardente cairão sobre eles, porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e conduzirá às fontes de água viva; e Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos*" (Ap 7, 15-17).

Ainda segundo a Sagrada Escritura, a bem-aventurança do céu consiste na *visão de Deus "face a face"* (1 Cor 13, 12; 1 Jo 3, 2) e num *conhecimento pessoal peculiar*: "*Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e ao teu enviado, Jesus Cristo*" (Jo 17, 3).

Neste sentido, podemos dizer que *o céu é a participação consumada da vida trinitária de Deus*. Esta participação implicará um enxerto na comunhão amorosa do próprio Deus. Mas a questão de como e em que moldes se efectiva esta comunhão escapa a qualquer conceptualização. A participação da vida de Deus é tão excessiva e profunda que se constitui como inefável.

DOCUMENTO 2

O INFERNO

A fé em Deus, clemente e compassivo, é compatível com a existência do inferno? Como articular o inferno com a mensagem gozosa e libertadora do Evangelho? Afirmar o inferno não significa negar a solidariedade com todos os homens?

São pertinentes estas perguntas. Mas não há lugar aqui para ambiguidades. O Antigo Testamento e o próprio Jesus colocam diante dos malvados, dos ímpios e dos pecadores a possibilidade da condenação eterna (cf Mt 5, 29-30; 10, 28; 23, 15.33). Também aqui são usadas imagens e metáforas para falar da essência do inferno: as do fogo eterno (cf Mt 3, 12; 25, 41), as das penas eternas (cf Mt 25, 46) as das trevas (cf Mt 8, 12) do choro e ranger de dentes (cf Mt 13, 42.50).

O inferno consiste, pois, na *exclusão definitiva da união com Deus* por culpa própria. "E como só Deus é a plenitude definitiva do sentido do homem, o inferno significa também a experiência do fracasso total da existência, dor e desespero sem limites". (CONFERÊNCIA EPISCOPAL ALEMÃ – Catecismo Católico para Adultos).

Nunca a Sagrada Escritura ou o Magistério da Igreja disse de alguém que estava no inferno. O inferno é sempre apresentado como uma possibilidade real, a par da oferta da conversão e da vida eterna. Entendido assim, o inferno recorda-nos a seriedade e dignidade da liberdade humana. Deus respeita a nossa liberdade e a ninguém impõe a sua bem-aventurança.

A Escritura afirma ainda, de modo taxativo, que há pecados que excluem do reino de Deus (cf 1 Cor 6, 9-10; Gl 5, 20-21; Ef 5, 5; Ap 21, 8).

DOCUMENTO 3

O PURGATÓRIO

A doutrina do purgatório encontra as suas primeiras raízes no Judaísmo e no Novo Testamento que faz algumas alusões à mesma (cf Mt 12,32; 5, 26; 1 Cor 3, 15). A Igreja formula a doutrina acerbado

Purgatório sobretudo nos concílios de Florença e de Trento. Todavia, o conceito de purgatório encontra grande eco na práxis de oração e de penitência da Igreja.

A oração pelos defuntos supõe a fé numa vida para além da morte e, também, que o homem tem ainda uma possibilidade de purificar-se no além. Claro que depois da vida terrena o homem nada mais pode fazer pela sua santificação, mas pode purificar-se e limpar-se mediante o sofrimento. Daqui a prática da oração e sacrifício pelos defuntos. Posterior e progressivamente, esta prática plasmou-se na doutrina dum estado intermédio.

A palavra "purgatório" significa lugar ou estado de purificação. E aparece associada à imagem do fogo *como a força purificadora e santificadora da santidade e a misericórdia de Deus*. Para o ser humano que optou radicalmente por Deus, mas que não realizou todas as consequências desta opção e ficou longe do ideal, o encontro com o fogo de Deus, depois da morte, tem uma força purificadora e transformadora que ordena, limpa, cura e completa o que era imperfeito. Assim, *o purgatório é o próprio Deus como poder purificador e santificador do homem*.

DOCUMENTO 4

NOVOS CÉUS E NOVA TERRA

Nós, os cristãos, esperamos o Reino de Deus já inaugurado por Jesus Cristo no Espírito Santo, feito realidade na Igreja e nos Sacramentos, mas ainda não consumado em plenitude. Vivemos, por conseguinte, entre dois tempos: entre o já e o ainda não, *"porque na esperança fomos salvos"* (Rm 8, 24; cf 1 Pd 1, 3). Esperamos a consumação, o momento em que Deus seja tudo para todos (cf. 1 Cor 15, 28), momento de toda a justiça e da manifestação da total liberdade dos filhos de Deus (cf Rm 8, 19.21), momento no qual também a Igreja se apresentará santa e imaculada "sem mancha nem ruga nem nada semelhante" (Ef 5, 27). Esperamos um novo céu e uma nova terra (cf Is 65, 17; 66, 22; 2 Pd 3, 13; Ap 21, 2): *"porque sabemos que até hoje a criação inteira está gemendo com dores de parto"* (Rm 8, 22).

A vida eterna – vida do nosso futuro em Deus – não tem portanto a ver só com o cumprimento da esperança individual de cada um, mas também da Igreja e da humanidade, e inclusive da criação inteira. A consumação do homem não será possível sem a consumação do mundo e vice-versa. Assim, são inseparavelmente unidas, *num grande acontecimento universal, a plenitude da pessoa humana e a plenitude da humanidade e do cosmos*.

A Sagrada Escritura, quando fala desta consumação fá-lo, mais uma vez, através de imagens e parábolas. Os profetas falam deste acontecimento como o da instauração duma *grande paz*, em que os homens e o universo são colocados na presença de Deus (cf Is 2, 4; Is 11, 6.8-9; Mq 4, 3). Jesus usa a imagem do *banquete nupcial* para expressar a união íntima, gozosa e festiva da vida e do amor em Deus. S. João, no Apocalipse, fala da grandiosa imagem da nova Jerusalém: *"Vi um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido"* (Ap 21, 1; cf 21,2-7). Há ainda muitas imagens que falam do *fim do mundo*. Estes textos têm sobretudo uma função pedagógica – a de recordar que o homem não encontra neste mundo a segurança e realização definitiva e a de alimentar a esperança na recriação do mundo, não como ruptura ou fim, mas como plenitude e consumação do mundo.

"A esperança cristã aguarda a consumação da humanidade e do mundo pelo poder criador de Deus, como facto escatológico cuja realidade começou já, para nós, irrevogavelmente, em Jesus Cristo. Não podemos edificar o mundo novo nem por via de evolução nem de revolução, nem pelos caminhos do conservadorismo nem do progressismo. Nem sequer podemos prepará-lo tentando construir – partindo duma falsa interpretação de Ap 20, 4-6 – o "reino dos mil anos". O reino de Deus, como obra divina, não é a utopia dum futuro intramundano" (CONFERÊNCIA EPISCOPAL ALEMÃ – *Catecismo Católico para Adultos*, p. 473).

DOCUMENTO 5

CRISTO JESUS, VOLTA MAIS UMA VEZ!

Precisamos de Ti, só de Ti e de nenhum outro.
Unicamente Tu, que nos amas,
podes compreender o nosso sofrimento,
a piedade que cada um de nós sente por si mesmo.
Só Tu podes perceber quanto é grande, imensuravelmente grande,
a necessidade que temos de Ti nesta hora do mundo.

Nenhum outro, nenhum de todos os que vivem,
nenhum dos que dormem na lama da glória
pode dar aos homens necessitados, caídos em tão cruel penúria,
na miséria mais terrível de todas - a da alma -,
o bem que salva!

Todos têm necessidade de Ti, mesmo aqueles que o não sabem,
e aqueles que o não sabem, mais ainda do que aqueles que o sabem.
O faminto pensa que procura pão, e tem fome de Ti,
o sedento julga querer água, e tem sede de Ti,
o doente ilude-se com ansiar pela saúde
e o seu mal é a ausência de Ti.

Quem procura a beleza do mundo, procura, sem se aperceber,
a Ti que és a beleza completa e perfeita;
o que busca, nos pensamentos, a verdade, deseja, sem querer,
a Ti que és a única verdade digna de ser conhecida;
quem se afadiga no encalço da paz, a Ti procura,
a única paz em quem podem repousar os corações mais inquietos.

Todos esses chamam por Ti, sem saber que te chamam,
e o seu grito é inexprimível, mais doloroso do que o nosso...

Nós Te pedimos, Cristo, nós que ainda nos recordamos de Ti,
nós Te pedimos que voltes mais uma vez
ao meio dos homens que Te mataram,
ao meio dos homens que Te continuam a matar,
para dar, a esses assassinos nas trevas, a luz da vida verdadeira...

Nós esperamos-Te, Cristo Jesus, esperar-Te-emos todos os dias,
a despeito da nossa indignidade e de todos os impossíveis.

PENTECOSTES – O DOM DO ESPÍRITO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Adultos e responsáveis

Ser adulto e responsável é um desejo reivindicado por quase toda a gente. Queremos ser adultos quando isso significa ser livre e ter autonomia, não ser dependente de outros, sobretudo dos pais ou superiores. Já não queremos ser adultos no que toca a assumir responsabilidades, honrar compromissos, manter fidelidades, fazer opções sérias, etc...

A única hipótese que temos para aferir da infantilidade ou adultez duma pessoa é a de verificar as suas obras, atitudes e opções – «pelos frutos se conhece a árvore» (Mt 7,20).

2. Os dons do Espírito produzem frutos

O Espírito Santo é a "alma" da Igreja. O Espírito Santo desenvolve a acção de Jesus confirmando os apóstolos na verdade (cf Jo 16, 7-14). O Espírito Santo é a origem da força e da sabedoria dos apóstolos, transformando-os e capacitando-os para a missão (cf Act 1, 8; 2, 1-13). O Espírito Santo é fonte de vitalidade das comunidades cristãs, infundindo nos crentes os diversos dons para o serviço eclesial.

O Espírito Santo, manifestado no Pentecostes, é dom total e comunica-nos a vida de Deus, fazendo da nossa vida dom para os outros.

O Espírito Santo é o principal protagonista da vida e missão da Igreja. Ele conduz a Igreja e enriquece-a com os Seus dons. Estes dons não devem ser entendidos como privilégios pessoais: são dados para o serviço da comunidade.

Por outro lado, aos dons do Espírito, devem corresponder os frutos do mesmo Espírito na nossa vida.

A autenticidade e maturidade da vida cristã conhece-se pelos frutos que o Espírito produz no crente: "O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, bondade, generosidade, lealdade, simplicidade, domínio de si" (Gl 5, 22-23). Outros textos de S. Paulo alongam e completam esta lista.

Todos os frutos se resumem num só – o amor – já que todas as manifestações ou "frutos do Espírito" se referem ao amor como expressão plena de maturidade e como resumo de todas as virtudes.

3. Deixar-se conduzir pelo Espírito Santo

O Espírito Santo encaminha-nos para uma renovação interior, para uma vida segundo o Espírito e não segundo os apetites da "carne" (No NT, "carne" significa a dimensão corporal ou frágil da pessoa humana). Cheios de Espírito, porque o Espírito de Deus habita em nós, reconhecemos a sua força e acção, deixamo-nos conduzir por Ele e testemunhamos, na vida quotidiana, a nossa fé em

Jesus (cf Act 1, 5; 2,4). Deixar-se conduzir pelo Espírito (cf Rm 8, 14) supõe orientar a vida para o que é bom, recto, justo, sincero (cf Gl 5, 22-23; Ef 5, 8-9; Fl 1, 10-11) e deixar-se encaminhar para os outros, sobretudo os mais pobres e necessitados de Deus.

O Espírito Santo age em nós quando nos abrimos à graça de Deus, sendo templos do Espírito Santo; quando vivemos na graça e comunhão com Deus, participando de alma e coração nos Sacramentos, especialmente na Penitência (ou Reconciliação) e Eucaristia; quando nos tornamos dóceis às suas inspirações.

Só o Espírito Santo de Deus fará de nós homens novos e maduros, à medida da estatura de Cristo.

OBJECTIVOS

- Descobrir os momentos de crise e fragilidade da nossa própria vida;
- Compreender que os Apóstolos viveram uma experiência de crise depois da morte de Jesus e superaram-na;
- Celebrar a presença do Espírito como dom de Deus que nos faz capazes de superar as crises e desalentos;
- Fazer crescer os frutos do Espírito Santo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Mais do que dizer quem é o Espírito Santo, trata-se de fazer compreender e experimentar como o Espírito de Deus age em nosso favor, possibilitando-nos crescimento humano e espiritual. Esforcemo-nos para que, na experiência humana proposta, em qualquer das alternativas, seja suficientemente sublinhado que é o Espírito que nos sustenta na vida da fé.
2. O ofertório dos frutos do Espírito seja bem preparado, quer no que toca aos frutos como aos respectivos textos. Evite-se que este momento seja apenas um momento de "folclore". Valorize-se ao máximo o significado de cada fruto, pela leitura do texto.
3. A celebração, assinalando o fim do percurso catequético, quer lembrar que todo o percurso feito aconteceu pela acção e "na força do Espírito". Sublinhe-se a encenação do Evangelho e a renovação das promessas baptismais como experiência celebrativa forte.

MATERIAIS

- Leitor de CD's;
- Quadro do Documento 1 (ampliado);
- Dísticos com afirmações (1ª alternativa);
- Dísticos com afirmações do Documento 1;
- Dísticos: "Imaturidade – frutos do pecado", "Maturidade – frutos do Espírito";
- Frutos;
- Texto do ofertório dos frutos;
- Materiais para o lanche final.

MÚSICAS

- Espírito do amor I ;
- Espírito do Amor II;
- Glória a Deus;
- Só no amor (ou "Esta é a nossa fé");
- Festa.

1º Encontro - OS FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO EM NÓS

Começar com o cântico "Espírito de Amor I"

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. (e 2) Todos gostamos de ser tratados como adultos, isto é, gostamos de ser livres e exercer essa liberdade; de ser tidos em conta; de dar a nossa opinião; de assumir responsabilidades e cumprir-las, etc, etc...

1ª

Alternativa

(Grupo pequeno)

De entre as afirmações que se seguem, pedir que escolham aquela que mais costumam utilizar diariamente. As afirmações podem constar em dísticos e cada um escolher a frase que mais o identifica.

"Os meus pais pensam que ainda sou uma criança".

"Estou ansioso por atingir a maioridade para decidir por mim".

"Estou farto de ser controlado pelos adultos".

"Os adultos raramente põem em prática as nossas opiniões".

"Nós também temos os nossos direitos".

"Os adultos pensam que sozinhos não conseguimos".

"Para os mais velhos tudo é mal".

"Os adultos só nos dizem 'porque sim, porque sim'".

"Já sei o que quero da vida. Sei viver sozinho".

Finda a escolha, pedir a cada um que a justifique. O catequista pode aprofundar as justificações de cada um acrescentando outras questões, como:

- Que razões temos para afirmar isto?
- Porque temos tanto desejo de ser adultos?
- Que sinais de maturidade vamos descobrindo na nossa vida?
- Como crescer em maturidade?

2ª

Alternativa

(Grupo numeroso)

Uma pessoa adulta deveria ser uma pessoa madura, em contraste com a imaturidade, mais característica de atitudes infantis.

Tentemos preencher o quadro que se segue colocando as afirmações na coluna respectiva. As afirmações relativas à pessoa adulta na coluna da direita e as afirmações relativas à pessoa imatura na coluna da esquerda.

As afirmações podem estar escritas em dísticos. A ideia seria que distribuíssem e afixassem cada dístico no lugar respectivo do quadro maior (Doc. 1).

Findo o trabalho ou durante o mesmo, incentive-se o diálogo no sentido de os ajudar a justificar a escolha das afirmações. Algumas questões podem ir sendo progressivamente introduzidas pelo catequista:

- Que atitudes de imaturidade nos são mais comuns?
- Que atitudes de maturidade já estão presentes em nós?
- Como eliminar os infantilismos?
- Como crescer em maturidade?

- 3. (Síntese comum a ambas as alternativas):** Em nós, os sinais de imaturidade são fruto do infantilismo, da preguiça em crescer, em assumir a vida e os compromissos sérios. Os sinais da maturidade são frutos do Espírito.

O catequista destacará esta ideia chave utilizando os seguintes dísticos, criativamente elaborados: 1) Imaturidade – frutos do pecado; 2) Maturidade – frutos do Espírito.

Na verdade, "Os frutos do Espírito Santo são perfeições que o Espírito Santo forma em nós, como primícias da glória eterna. A Tradição da Igreja, [inspirada num excerto da Carta aos Gálatas (Gl 5,22-23)] enumera doze: Caridade, alegria, paz, paciência, bondade, longanimidade, benignidade, mansidão, fé ou fidelidade, modéstia, temperança e castidade" (CIC 1832).

Estes frutos do Espírito, quando estão presentes na nossa vida, tornam-nos responsáveis e adultos na fé.

Para "vermos" melhor todos os frutos do Espírito que precisamos de fazer crescer e desenvolver na nossa vida, façamos um breve Ofertório, com alguns frutos da Criação, de modo que eles nos evoquem e recordem os doze frutos do Espírito Santo. Mas para "colher" os frutos do Espírito Santo, aprendamos também a lição dos frutos da terra. Num caso, como noutro, «pelos frutos se conhece a árvore» (Mt 7, 20), disse o Jesus.

Para que este ofertório seja significativo, cuide-se dos seguintes aspectos: a) arranjem-se e preparem-se os frutos previamente, e em cestos ou outros recipientes adequados; b) antes do encontro (no acolhimento), ensaiem-se os catequizandos necessários para mostrar a todos os frutos e outros para ler pausadamente o texto correspondente a cada fruto; c) cuide-se do local onde colocar os frutos, depois de mostrados.

1. Caridade – Morangos

A caridade ou o amor é o fruto primeiro do Espírito Santo. É o vínculo da perfeição e a plenitude da Lei. Trazemos ao altar os morangos: eles são como corações, sinais da cor do amor... do amor de Deus derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo.

2. Alegria – Uvas

A alegria é um fruto semeado e plantado na vinha nosso coração. Oferecemos estas uvas, o precioso fruto do qual se faz o bom vinho, que alegra o coração do homem. O vinho que, quanto mais velho mais guarda as virtudes do sabor e do gosto. O Espírito dá-nos uma tal alegria que resiste ao tempo, é completa e ninguém mais no-la poderá tirar...

3. Paz – Azeitonas

A Paz, anunciada no ramo de oliveira dos tempos de Noé, é o fruto primeiro da Páscoa do Senhor. Oferecemos a azeitona, no ramo pendurada, suspensa no bico da pomba... do Espírito. Lá onde Deus, o homem e a criação repousam juntos. «*Dorme meu menino, que a mãezinha logo vem... Paz é saber que todos se amam e se querem bem*».

4. Paciência – Nozes

A paciência é o fruto mais procurado no mercado da vida diária que tanto e sempre nos consome. Oferecemos as nozes, fruto que dura todo o ano, *dura por fora, doce por dentro, não tem pressa, não tem voz. Espera sempre por nós. Ensina-nos a paciência, a demora, entre a apanha e o seu sabor.*

5. Bondade – Pêssego (peludo)

Bondade. Só um é Bom, disse de Deus o próprio Jesus a um jovem preso ao seu olhar. O pêssego, agora oferecido, tem a ternura de veludo macio. *O pêssego sabe que é preciso; porque o coração do homem anda vazio e a bondade já não mora na nossa face.*

6. Longanimidade – Ananás

Longanimidade. Coração grande, alma cheia. Aí está o ananás. *Veio das terras de longe e traz uma mensagem quente de amor e a mistura viva do sangue da dor... no largo espaço do perdão.*

7. Benignidade – Laranja

Benignidade, que só vê e faz o bem, como o olhar puro da infância. As laranjas, antes de serem fruto, são mistério de perfume. Sol que é sumo de ouro, refrescante no deserto das nossas vidas.

8. Mansidão – Cereja

Mansidão. Manso de coração, o Mestre oferece-se na Ceia e entrega-se em sacrifício na cruz, de braços abertos para o perdão. As Cerejas, de pele lisa, deixam-se comer na generosa partilha dos pardais. Comem-se no sossego dos portais de granito, quando a amizade passa de mão em mão...

9. Fidelidade (Fé): Maçã

Fé e fidelidade, são frutos da mesma raiz. E a maçã, que foi tentação e desvio, volta para ser presença quotidiana e humilde em casa de pobres e ricos. Fidelidade de todas as horas e dias.

10. Modéstia – Amêndoa

Modéstia. Para a dizer e ensinar, quem como a amêndoa? *Dela sabemos o gosto austero e a dura condição. Só a vê quem tem olhos limpos e conhece o valor dos pequenos gestos do coração.*

11. Temperança – Limão

Temperança, doçura que não se desfaz, acidez sem veneno, que não mata. Oferecemos o limão, amargo e doce. *Meu limão, meu limoeiro, minha sombra no jardim, fruto ácido, doce cheiro, és espírito para mim.*

12. Castidade – Castanha

Castidade, olhos puros de água cristalina, desejo de amor, sem vício da posse e do uso. A castanha friorenta, agasalhada em roupas espinhosas e flanelas macias, vem no tempo das primeiras chuvas e traz o cheiro da terra molhada e fecunda. Quer ser dádiva, segredo, certeza de que não estamos sós. Por isso se mantém pura e resguardada para as núpcias da terra com o Céu.

Conclusão

Coisa importante é gostar dos frutos por eles serem o que são: química que não se cansa, transformação, dádiva, promessa de eterno regresso, certeza de que não estamos sós. Vêm todos os anos, como Cristo, agora e sempre e em cada dia, na força do Espírito, no Pão e no Vinho da Eucaristia.

Amaro Gonçalo in +VIDA+

O catequista conclui— Estes frutos do Espírito são um dom do acontecimento do Pentecostes. No dia do Pentecostes, a descida do Espírito, com os seus dons e os seus frutos, estes que acabamos de “ver”, tornou aqueles discípulos cheios de medos em homens e mulheres adultos na fé.

Que o Espírito nos conceda todos os seus dons e que a nossa vida produza os frutos do mesmo Espírito!

Pode cantar-se o cântico inicial.

Promova-se um lanche em que se partilhem, no convívio, os frutos utilizados na catequese.

2º Encontro - CELEBRAÇÃO: “NA FORÇA DO ESPÍRITO”

1. MONIÇÃO INICIAL

Estamos reunidos como os discípulos no Cenáculo... porque esperamos o Espírito... em qualquer dia, em qualquer momento, podemos viver a experiência do Pentecostes. O Espírito é luz, fogo, força e alento. Ele é uma realidade pessoal que afecta a vida de cada um. É uma realidade eclesial que afecta a Igreja. Ele é presença e força cósmica. Vamos fazer silêncio no nosso coração para evocar e reviver o primeiro Pentecostes. O que então aconteceu, hoje é realidade.

2. CÂNTICO: “Espírito do Amor I”.

3. SAUDAÇÃO INICIAL (Em nome do Pai...).

4. ORAÇÃO AO ESPÍRITO DIVINO

Voz 1 – Luz de Deus,

Voz 2 – Dissipa as trevas das minhas dúvidas e guia-me.

Voz 1 – Fogo de Deus,

Voz 2 – Derrete o gelo da minha indiferença e abrasa-me.

Voz 1 – Torrente de Deus,

Voz 2 – Fecunda os desertos da minha vida e renova-me.

Voz 1 – Força de Deus,

Voz 2 – Rompe as cadeias da minha escravidão e liberta-me.

Voz 1 – Alegria de Deus,

Voz 2 – Afasta os fantasmas dos meus medos e pacifica-me.

Voz 1 – Alento de Deus,

Voz 2 – Desata as asas do meu espírito e lança-me.

Voz 1 – Vida de Deus,

Voz 2 – Destrói as sombras da minha morte e ressuscita-me.

Voz 1 e 2 – Vem Espírito Paráclito,

 Espírito criador e santificador,

 Espírito renovador e consolador,

 Espírito curador e pacificador;

Vem e concede hoje à tua Igreja,
Reunida no Cenáculo, com Maria,
A experiência do Pentecostes.

Monitor: Esperamos o Espírito de Deus. Pedimos ao Pai que nos envie o Seu sopro, o Seu alento, que nos ajude a entender, que nos converta e nos dê a sua alegria.

Ángel Sanz Arribas – *El alzar de las manos.*

5. CÂNTICO: "Glória a Deus"

6. JOGRAL

1 - Vem Espírito Santo, há muitos muros para derrubar.

2 - Nem todos falamos a mesma língua.

3 - E são muitas as guerras e atrocidades.

Comunidade: Vem Espírito Santo.

1 - Vem Espírito Santo, porque não somos irmãos.

2 - Não conhecemos o nome dos que vivem ao nosso lado.

3 - E colocamos à distância os pobres e os estrangeiros.

Comunidade: Vem Espírito Santo.

1 - Vem Espírito Santo e ensina-nos a rezar.

2 - A saber dizer Jesus.

3 - E a ser suas testemunhas com a palavra e a vida.

Comunidade: Vem Espírito Santo.

1 - Vem Espírito Santo para gravar em nós a imagem viva de Cristo.

Comunidade: Vem Espírito Santo.

7. LEITURA ENCENADA DOS ACTOS DOS APÓSTOLOS (cf Act 2, 1-12)

Narrador – Quando Jesus voltou para junto do Pai, pediu aos seus discípulos que permanecessem em Jerusalém até que Ele enviasse o Espírito que lhes daria força para que fossem suas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo.

Pedro – Irmãos façamos como Jesus nos ordenou e não tenhamos medo. Rezemos e permaneçamos unidos até que a promessa se cumpra.

Narrador – No dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no Cenáculo. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento forte, e encheu toda a sala onde estavam sentados. Apareceram então uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e pousaram sobre cada um deles.

Pedro – Irmãos, agora entendo tudo o que o Mestre nos ensinou. Esta notícia deve ser anunciada a todos.

Tiago – Deus é Pai e ama-nos, temos de levar esta Boa Nova aos 4 cantos do mundo.

Todos os discípulos – Glória e louvor a Ti, meu Senhor, aleluia. Pelo amor e a alegria que nos dás em cada dia, aleluia!

Narrador – Os discípulos estavam cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas conforme o espírito os inspirava. A cidade estava cheia de judeus piedosos de todas as nações. Todo aquele ruído e agitação reuniu uma multidão. Aquela gente estava espantada e sem saber o que pensar.

Judeu 1 – Como é possível? Estou a ouvi-los na minha própria língua! Estou maravilhado!

Judeu 2 – Mas estes homens não são todos galileus?

Judeu 3 – Como é possível que estes pescadores incultos falem deste modo?

Narrador – Todos estavam profundamente impressionados e manifestavam a sua admiração.

Todos os discípulos – Glória e louvor a Ti, meu Senhor, aleluia. Pelo amor e a alegria que nos dás em cada dia, aleluia!

Narradores – Muitos, espantados, perguntavam uns aos outros

Judeus 4 – Que significam estas coisas?

Narrador – Alguns porém escarneciam e diziam rindo

Judeus 5 – Cá para mim, estão todos bêbados.

Judeus 6 – Concordo contigo. O único mistério aqui é o da quantidade de vinho que beberam para ficarem neste estado.

Pedro – Homens da Judeia e vós todos os que habitais em Jerusalém, nós não estamos embriagados como pensais. Hoje cumpre-se o que Deus disse através do profeta Joel: "*Sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei naqueles dias o meu Espírito e profetizarão.*"

8. BREVE REFLEXÃO, podendo desenvolver os seguintes pontos:

- Embora o Espírito de Deus tenha sempre actuado no mundo, manifesta-se de forma extraordinária e solene no dia de Pentecostes;
- É pelos seus dons que nasce uma nova história cujo fermento é a Igreja, ali a começar na pessoa dos apóstolos e de outros discípulos e discípulas de Jesus;
- O Pentecostes continua hoje, porque o Espírito Santo faz crescer os seus dons na humanidade, e renovando a Igreja, tornando-a sinal de salvação;
- Deixaremos actuar o Espírito abrindo-nos à sua presença, escutando a sua voz dentro de nós e produzindo frutos de vida nova.

9. CÂNTICO: "Espírito de Amor II".

10. RENOVAÇÃO DAS PROMESSAS BAPTISMAIS

Antes da renovação acendem-se as velas e um grupo desloca-se para a pia baptismal e mergulha a mão na água.

P: Estais dispostos a lutar contra o pecado que se manifesta no egoísmo, na inveja e na mentira?

T: Sim, estou.

P: Estais dispostos a perdoar quando forem injustos convosco?

T: Sim, estou.

P: Estais dispostos a amar, mesmos aqueles que não vos querem bem?

T: Sim, estou.

P: Estais dispostos a ajudar todos aqueles que precisam?

T: Sim, estou.

Este grupo regressa ao seu lugar e, para junto da pia baptismal, vem um novo grupo.

P: Acreditais que Deus é nosso Pai e que criou o céu e a terra?

T: Sim, creio.

P: Acreditais que Jesus é o Filho de Deus, que nasceu de Maria, que é nosso irmão e por nós morreu e ressuscitou?

T: Sim, creio.

P: Acreditais no Espírito Santo, Senhor e dador da vida que a nós se comunica, de um modo particular nos sacramentos?

T: Sim, creio.

P: Acreditais na Igreja Católica, na comunhão dos santos e no perdão dos pecados?

T: Sim, creio.

Mudança de grupo na pia.

P: Prometeis confiar em Deus, em todas as circunstâncias da vida, buscar e fazer a sua vontade?

T: Sim, prometo.

P: Prometeis amar todos os homens como irmãos?

T: Sim, prometo.

P: Comprometeis-vos a levar o evangelho a todos os homens e a mostrar-lhes o rosto de Deus?

T: Sim, comprometo-me.

P: Proclamais que esta é a nossa fé e a fé da Igreja.

T: Sim, esta é a nossa fé.

P: Que Deus vos ajude a caminhar pela vida com fé, esperança e amor.

11. CÂNTICO: "Só no amor" (ou "Esta é a nossa fé")

12. GESTO DA PAZ

13. ORAÇÃO AO "ESPÍRITO"

Ó Espírito Santo dai-nos um coração grande,
Aberto à vossa Palavra silenciosa, mas forte e inspiradora,
Fechado a todas as ambições mesquinhas,
Alheio a qualquer desprezível competição humana,
Compenetrado do sentido da Santa Igreja!
Ó Espírito Santo, dai-me um coração grande,
Desejoso de se tornar semelhante
Ao coração do Senhor Jesus.
Dai-me um coração grande e forte
Para amar a todos, para servir a todos, para sofrer por todos!
Um coração grande e forte
Para superar todas as provações,
Todo o tédio, todo o cansaço, toda a desilusão, toda a ofensa!
Um coração grande e forte, constante até ao sacrifício,
Quando este for necessário!
Ó Espírito Santo,
Dai-me um coração cuja felicidade
Seja palpitar com o coração de Cristo
E cumprir humilde, fiel e firmemente a vontade do Pai.
Ámen.

Paulo VI in *+VIDA+*.

14. BÊNÇÃO FINAL (Se for pelo catequista: "Que Deus nos abençoe, nos livre de todo o mal e nos conduza à vida eterna").

15. CÂNTICO: "Festa".

DIAPORAMAS

- Viver segundo o Espírito (Edições Salesianas)

OUTRA(S) PALAVRA(S)

Ó ESPÍRITO SANTO,

Tu, que deste Vida ao mundo informe e vazio,
Tu, que ensinaste os homens a julgarem na Verdade
E lhes abriste os lábios para a Palavra do Amor,
Tu, que falaste pelos Profetas e, por eles,
Nos formaste na esperança da salvação,
Tu, que irrompeste de modo admirável no seio da Virgem Maria
Para dar início à nossa redenção,
Tu, que jorraste da Páscoa do Senhor Jesus
Para animar a esperança dos discípulos,
Tu, que vieste como Dom perfeito
e desceste ao coração da Igreja nascente,

Vem! Vem até nós! E realiza em nós as maravilhas do teu poder,
As graças do teu Amor, a beleza eterna da Tua Vida!
Vem! Grita dentro de nós a alegria de Viver
Gera dentro do peito a paixão de Vos amar,
Sem medo nem vergonha,
Ousando desafiar o futuro com a alegria do Evangelho!
Vem! Espírito Santo!

REUNIÕES DE PAIS

Sugestões para Reuniões de Pais (e familiares)

ESQUEMA DE REUNIÃO (como proposta possível, entre outras):

1. Acolhimento:

- A sala deve estar preparada;
- É bom que haja alguns catequistas a receber os familiares, logo à chegada;
- Pode cantar-se uma canção, distribuindo a letra ou projectando-a.

2. Introdução à reunião:

- Saudação inicial;
- Para que estamos aqui? (Objectivos)
- Como vamos organizar a reunião?
- Apresentação dos participantes (se for oportuna).

3. Apresentação do tema:

- Com recurso a audiovisual ou a um esquema fotocopiado;
- Diálogo sobre o tema ou trabalho de grupos;
- Plenário ou resumo com as principais conclusões.

4. Encontro com os catequistas:

- Se necessário, fazer a apresentação de cada um;
- Dialogar sobre o grupo (como é que se pode ajudar no crescimento da fé);
- Se houver casos delicados, falar em particular (ex. no final).

5. Conclusões

Se for o caso, pode-se ainda voltar ao grande grupo:

- Agradecer a presença;
- Avaliar a reunião, pode ser com esquema (ficha);
- Avisar a próxima, se for o caso;
- Terminar com uma oração ou um cântico.

TEMAS

1. *Característica da Adolescência (cf Introdução do Guia);*
2. *O Compromisso Cristão (cf Introdução do Guia);*
3. *A importância do Domingo (Elementos da catequese 7, no Guia).*

AVALIAÇÃO DO GUIA E CATECISMO DO 9º ANO

1. Escreva uma palavra que melhor resuma a sua avaliação dos materiais do 9º ano: _____
2. De 1 a 10, como classifica a adequação do programa à idade?
3. A linguagem é actual e adequada?
4. A proposta de actividades na Experiência Humana?
5. A escolha dos textos da Palavra parece-lhe a melhor?
6. Acha a interiorização da Palavra bem conseguida?
7. A inserção dos testemunhos parece-lhe interessante?
8. O compromisso está explícito?
9. O que acha do aspecto gráfico do catecismo?
10. Como classifica globalmente o catecismo e guia?

COMENTÁRIO:

Aspectos mais positivos: _____

Aspectos mais negativos: _____

SUGESTÕES: _____

A enviar para o SNEC Campo Mártires da Pátria, 40 - 1150-225 LISBOA
E-mail: educacao-crista@sapo.pt

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- *Bíblia Sagrada – Para o III Milénio da Encarnação* Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica, 2003
- *Catecismo da Igreja Católica*, Coimbra, Gráfica, 2000
- CONCÍLIO VATICANO II, *Documentos Conciliares e pontifícios*, Braga, AO, 1979
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Instrução Pastoral sobre o Catecismo da Igreja Católica e a sua utilização pastoral*, Sec. Geral do Episcopado/Ed. Rei dos Livros, 1994
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *Nota Pastoral sobre o domingo numa sociedade em mudança*. Sec. Geral do Episcopado/Ed. Rei dos Livros, 1993
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *O Espírito Santo, Senhor que dá a vida*, Carta Pastoral, Gráfica de Coimbra, 1997
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, Lisboa, Snec, 1998
- JOÃO PAULO II, Carta apostólica *Dies Domini*, Lisboa, Paulinas, 2002
- JOÃO PAULO II, Exortação pós-sinodal *Ecclesia in Europa*, Lisboa, Paulinas, 2003
- JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Novo Millennio Ineunte*, Braga, AO, 2001
- PAULO VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Braga, AO, 1990
- STILWELL, Peter (coord.), *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja (1891 a 1987)*, Lisboa, Rei dos Livros, 1987

Bibliografia de Apoio

- ÁVILA, Antonio, *La pastoral de adolescentes: vertiente intelectual*. In: *Sal Terrae* (Abril, 2000)
- BASTOS, Ana Paula, *Afectividade na Adolescência, Sexualidade e Educação para os Valores*, Lisboa, Paulinas, 2001
- BASTOS, Ana Paula, *Um sentido para a vida, o equilíbrio no infinito do ser*, Lisboa, Paulinas, 2003
- CNSPJ, *La aventura de caminar*, Madrid, Editorial CCS, 2001; *El desafío de cambiar*, Madrid, Editorial CCS, 2001
- CNSPJ, *El desafío de crecer*, Madrid, Editorial CCS, 2001; *Tarea de ser persona*, Madrid, Editorial CCS, 2000
- CNSPJ, *Tarea de convivir*, Madrid, Editorial CCS, 2001; *Camino para madurar*, Madrid, Editorial CCS, 2001; *Camino para amar*, Madrid, Editorial CCS, 1998; *Camino para comprometerse*, Madrid, Editorial CCS, 2000
- COMISSÃO NACIONAL JUSTIÇA E PAZ, *Caminhos da Paz*, Lisboa, Rei dos Livros, 1992

- CORTÉS, Javier Martínez, *El adolescente, un «navegante» en la posmodernidad*. In: *Sal Terrae*, (Abril, 2000)
- DAURIGNAC, J. M. S., *S. Francisco Xavier, Apóstolo das Índias*, Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 1989
- DEPARTAMENTO DIOCESANO DA CATEQUESE DE SEVILHA, *Siguiendo sus huellas, Preadolescentes I, II e III*, Edelvives, 1996
- DIAS, Manuel Rito, *As 24 horas da Bíblia*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1997
- DUMORTIER, Brigitte, *Atlas des Religions, croyances, pratiques et territoires*, Paris, Éditions Autrement, 2002
- GONZALEZ, D./MESAS, M.A., *Hay que celebrarlo*, Madrid, Paulinas, 2004
- HERBRETEAU, Hubert, *Dieu et les adolescents*, Paris, Éditions de l'Atelier, 1996
- JARDIM, Jacinto, *O método da animação, manual para o formador*, Porto, AVE, 2002
- MERCHÁN, Miguel Ángel Torres, *Actividades para motivar en la clase de religión*, Madrid, PPC, 2000
- MIRANDA, Luís António, *Encontro Marcado*, Lisboa, Edições São Paulo, 1995
- MOVILLA, Secundino, *Señas de identidad de los adolescentes*. In: *Sal Terrae* (Abril, 2000)
- PANGRAZZI, Arnaldo, *El grupo, lugar de crecimiento*, Madrid, San Pablo, 2001
- PELINO, Manuel e MARTO, António – *Caminho para a Vida – Catequese para o Povo de Deus II*, SNEC, Lisboa 1990
- PELINO, Manuel e MARTO, António – *Esta é a nossa fé – Catequese para o Povo de Deus I*, SNEC, Lisboa 1990
- PINTO, Avelino, *Interagir, técnicas de animação*, Porto, Edições Salesianas, 2003
- RIEUF-GARDIN, Inês, *Sur la piste des religions, une enquête de Théophile*, Paris, Editions de l'Atelier, 2002
- SECRETARIADOS DE CATEQUESIS DE GALICIA, *Confirmados en la fe, Catequesis para la confirmacion, I e II*, Madrid, PPC, 1996
- SCHMITT, Carlos, *Nunca é tarde para amar*, Lisboa, Ed. Paulistas, 1980
- SDECIA, + *Vida + Materiais para a catequese com adolescentes*, Porto, SDECIA, 2003
- SOMOZA, Ramos, A. E Grupo Herramientas Nueve, *Quien es... Jesucristo?*, Madrid, Paulinas, 1997
- VOPEL, Klaus W., *Juegos de interacción para adolescentes, jóvenes y adultos (volumes 1-8)*, Madrid, Editorial CCS
- WARLETTA, José A., *La pastoral de adolescentes: vertiente afectiva*. In: *Sal Tέρrea* (Abril, 2000)

INDICE

| | PÁG. |
|---|------|
| Siglas | 3 |
| Apresentação | 5 |
| Itinerário de Catequese de Iniciação da Infância e Adolescência | 7 |
| Introdução | 9 |
| | |
| Catequese 0 – Os próximos dois anos de catequese | 21 |
| Catequese 1 – Viver, para quê? | 29 |
| Catequese 2 – O essencial é amar... | 43 |
| Catequese 3 – Ser pessoa livre | 55 |
| Catequese 4 – Ser pessoa crente | 67 |
| Catequese 5 – Uma prenda de Deus - a celebração do Natal | 79 |
| Catequese 6 – Um projecto de vida: as 10 palavras | 91 |
| Catequese 7 – A ousadia de amar a Deus | 103 |
| Catequese 8 – Amar os pais | 117 |
| Catequese 9 – Amar a vida | 131 |
| Catequese 10 – Viver (n) o amor | 141 |
| Catequese 11 – Páscoa - viver a vida nova | 151 |
| Catequese 12 – Viver (n) a justiça e (n) a verdade | 163 |
| Catequese 13 – Escolher a esperança | 181 |
| Catequese 14 – Creio na vida eterna | 193 |
| Catequese 15 – Pentecostes - o dom do Espírito | 203 |
| | |
| Sugestões para reuniões de Pais | 215 |
| Avaliação do Guia e Catecismo do 9º ano | 217 |
| Bibliografia | 219 |

GRÁFICA ALMONDINA – Zona Industrial - Torres Novas

Telefone 249 830 130 – Fax 249 830 139

Almondina